

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES
SÉRIE A)

CANTIGAS D'AMIGO

DOS
TROVADORES
GALEGO-PORTUGUESES

EDIÇÃO CRÍTICA
ACOMPANHADA DE INTRODUÇÃO,
COMENTÁRIO, VARIANTES, E GLOSSÁRIO

POR
JOSÉ JOAQUIM NUNES

VOL. II
(TEXTO)



COIMBRA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1926

49060

Robt. M.

J. Lucas Siqueira
of the m. t. a. m. Dominator
J. F. V.

CANTIGAS D'AMIGO

DOS

TROVADORES
GALEGO-PORTUGUESES

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES
SÉRIE A)

CANTIGAS D'AMIGO

DOS
TROVADORES
GALEGO-PORTUGUESES

EDIÇÃO CRÍTICA
ACOMPANHADA DE INTRODUÇÃO,
COMENTÁRIO, VARIANTES, E GLOSSÁRIO

POR
JOSÉ JOAQUIM NUNES

VOL. II

(TEXTO)



COIMBRA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1926

23-11-16

Campo (Liv. Artes & Letras)

R 60571

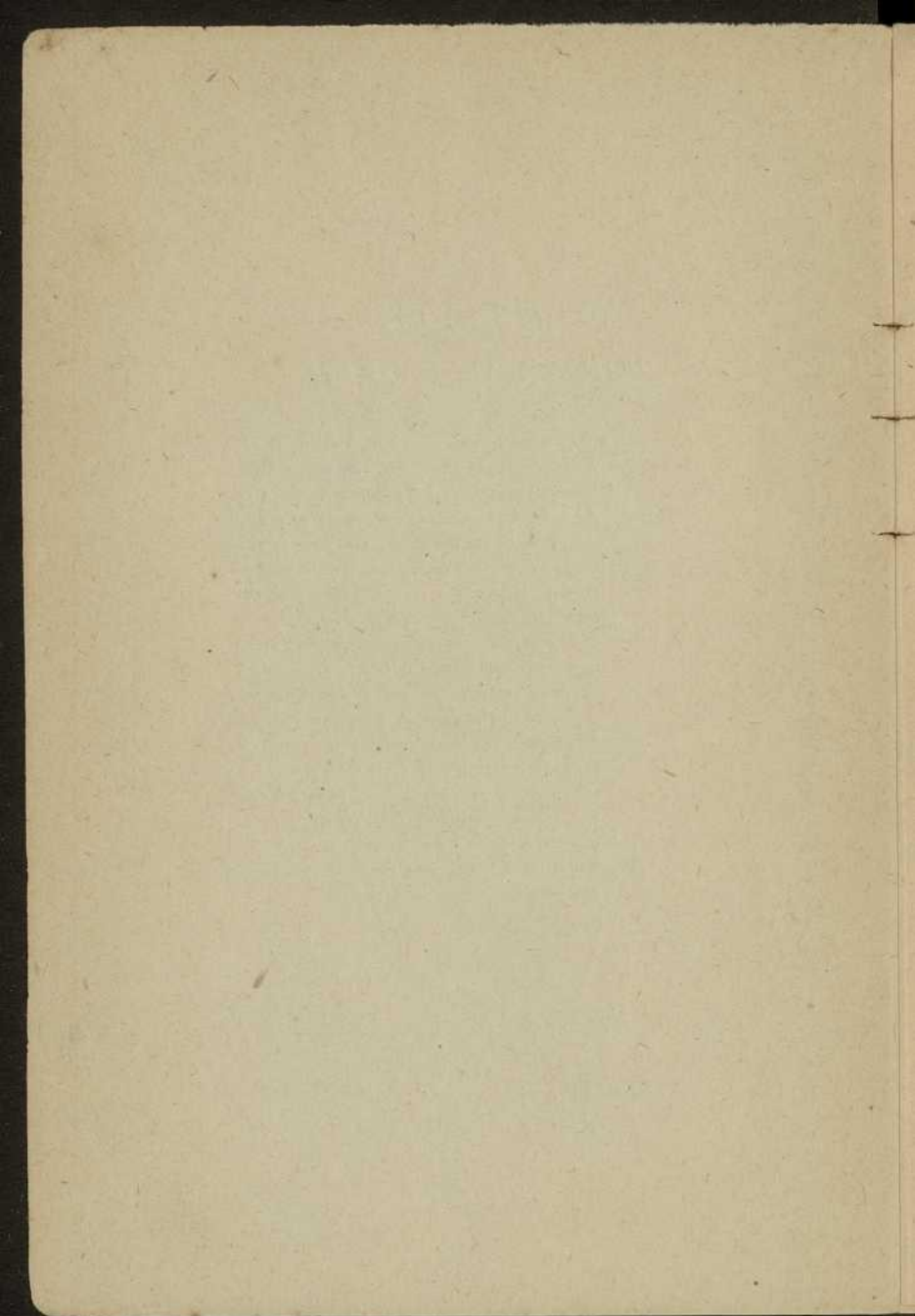


Desta edição
tiraram-se 150 exemplares em papel de linho
numerados e rubricados

ÁS MULHERES DE PORTUGAL E GALIZA

Senhoras. É para vós este livro; pertence-vos de direito, pois, falando-se nêlé a linguagem do coração, ninguém o compreenderá melhor que vós, que, como sucessoras daquelas em cujos lábios são figurados os cantares ai contidos, delas herdastes os extremos de affecto e ternura, tão característicos do povo português e galego; lede-o uma e muitas vezes e vereis que, á parte a expressão, antiquada de seis a sete séculos, os vários sentimentos que transluzem nos seus versos são os mesmos de hoje, como o serão de amanhã, porque o amor, donde todos elles promanam, é também o mesmo em todos os tempos. Nas vossas mãos o deponho, na certeza de que o acolhereis com prazer e encontrareis agrado na sua leitura; se assim fôr, dar-me-ei por suficientemente recompensado do trabalho da sua organização.

J. J. NUNES.



AO LEITOR

Como se sabe, é nos manuscritos pergamínaceo do Colégio dos Nobres ou da Ajuda, e cartáceo, n.º 4803, da Biblioteca do Vaticano (1) que se encontra o que resta da nossa mais antiga poesia. Pouco depois de publicado este último, em 1875, pelo professor E. Monaci em edição diplomática, descobriu o professor Corvisieri em Cagli, na Itália, na biblioteca de Conde Paolo António Brancuti, outro manuscrito, igualmente

(1) Do trovador *Martim Codax* ou *Codaç* descobriu-se um rolo em pergaminho, que continha as sete cantigas, que lhe são atribuídas nos dois Cancioneiros, da Vaticana e Brancuti; publicou-o em 1915 o livreiro madrileno Vindel e dêsse texto occuparam-se, logo a seguir, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na *Revista de Filologia Espanhola* e pouco depois o sr. Oviedo y Arce no *Boletim da Academia Gallega*.

cartáceo, que, como o da Vaticana, pertencera ao humanista Angelo Colocci e, afora as composições insertas no segundo daqueles Cancioneiros, outras continha que este não compreendia e foram dadas a lume em 1880 por H. Molteni, discípulo de Monaci. Esse manuscrito, que veio a pertencer a este filólogo, encontra-se hoje, por compra do Governo Português (1), na posse da Biblioteca Pública de Lisboa.

Em três espécies podem dividir-se as poesias contidas nestes códices — de amor, de amigo e de escárneo e mal-dizer, as duas primeiras de carácter amoroso, apenas divergindo na forma por que o assunto é tratado, ou, como explica a Poética fragmentária, apenas ao Colocci-Brancuti, segundo é o

(1) Nesta aquisição teve parte importantíssima, pelos esforços nesse sentido empregados, o Ex.^{mo} Sr. Abel Dias, dignissimo Chefe dos serviços da 10.^a Repartição de contabilidade, pelo que se tornou crédor da gratidão de quantos se interessam pelo estudo da nossa poesia trovadoresca e da minha em especial, por haver-me proporcionado auxilio grande na elaboração do meu trabalho.

namorado ou a namorada que fala em primeiro lugar, ocupando-se a última em criticar as acções e o proceder de vários indivíduos do tempo. O Cancioneiro da Ajuda compreende quasi que exclusivamente cantigas de amor, os dois restantes umas e outras.

Para a presente collecção aproveitei só as Cantigas de amigo. Na sua escolha ou des-trinça regulei-me pela característica já mencionada na referida poética, pela indicação que uma ou outra traz, nos apógrafos itali-anos, de fazer parte dessa espécie e sobretudo pelo sistema adoptado nas poesias de D. Denis, que nesses códices, únicos que no-las transmi-tiram, se acham nitidamente separadas (1), de harmonia com as três divisões costumadas, d'ele apenas me afastei, inserindo as pasto-relas, que ali figuram entre as cantigas d'amor, e com razão, visto ser em geral o namorado que fala primeiro; se assim pro-cedi, foi por que a sua forma lhes dá lugar

(1) As suas Cantigas de escárneo e mal dizer só no Cancioneiro Brancuti se acham, faltando portanto no da Vaticana

à parte e também por que algumas, como as 1, II e CX (1), são verdadeiros lamentos de mulher apaixonada. Também são rigorosamente cantigas d'amor as n.^{os} CCCXLI e CCCLXXXIII, mas a sua forma popular aproxima-as muito das de amigo. Outras há, porém, que, pertencendo pela forma à última espécie, dela divergem na intenção, tais são as CXLV e CXLVI, que em rigor são de mal-dizer e nessa classe figuram nos Cancioneiros (2), e a n.^o CXCV, que tem aspecto de verdadeiro sirventês. Algumas há ainda que se afastam das cantigas de amigo no que elas têm de característico, isto é, as queixas amorosas de mulher, apresentando antes forma narrativa do que lírica; estão nesse caso, entre outras, as n.^{os} XX, CLV e CCCCXV. Quanto à sua disposição, segui a ordem por que se encontram nos textos, apenas reunindo aquelas, em pequeno número, que, pertencem

(1) Além destas, são também pastorelas os n.^{os} III, CCLVI, CCLXXX e CCCXXX.

(2) A 2.^a destas composições falta em C B, por terem desaparecido as fôlhas em que ela e outras estavam escritas.

centes ao mesmo trovador, se acham separadas.

Direi agora como procedi no meu trabalho. Dei o texto tal qual consta dos respectivos apógrafos ou melhor, como se me afigurou dever ler-se em ambos, cotejando cantiga por cantiga; quando havia entre elles divergência, preferi as lições que me pareceram melhores; só no caso de nenhuma satisfazer e haver evidente deturpação do primitivo original, por não terem os copistas decifrado este, é que tomei a liberdade de me afastar d'ele, já lendo-o como se me afigurou teria sido a primitiva lição (1), já acrescentando ou eliminando palavras que excediam a medida regular, colocando aquellas entre colchetes, mas dando sempre à parte as lições, constantes dos manuscritos. Nestas alterações regulei-me algumas vezes pela rima, outras pelo paralelismo dos ver-

(1) Ainda depois da respectiva impressão ocorreram-me algumas correcções ao texto que evidentemente só pude dar em apêndice, nas erratas; para ellas chamo pois a atenção do leitor,

sos. Na cantiga cclvi, verso 23, indiquei por ' o valor duplo do o de ousar. Por vezes os copistas deixaram de observar a conveniente ordem na transcrição das estrofes, escrevendo num só dois versos ou viceversa; na sua separação guiei-me igualmente pela rima e número de sílabas. Ainda no caso de acrescentamento ou eliminação de palavras nem sempre procedi coerentemente, sobretudo depois que li o excelente livro de P. H. Ureña sobre La Versificación irregular en la poesía castellana; devo contudo dizer que estou convencido de que a ametria só por excepção se encontra nos Cancioneiros trovadorescos.

Da ortografia é que me permiti afastar-me um pouco, no intento apenas de a tornar mais harmónica e regular, estribado, porém, nos próprios apógrafos, que aliás se me afiguram reproduzir não a da época em que primitivamente foram escritos, mas doutra posterior, talvez a usada no século xv. Assim o h eliminei-o por completo, quer fôsse inicial, quer interno, apenas o man-

tive em nê hun, na incerteza se este vocábulo soaria nenhum, como hoje, ou nem um, que se ouve ainda ao povo; quando tinha o valor de i, substituí-o por esta vogal (1); em vez de y, i ou j e u, empreguei i ou j e u ou v, conforme estes sinais valiam de vogal (i, u) ou de consoante (j, v) (2); o n intervocálico raro o conservei, quando representante de ressonância nasal, e em vez dêle, servi-me do til, que é o sinal em tal caso usado (3); dupliquei o s nas mesmas

(1) Cf. hunha, huna, hir, hūu, hun, hū, hūa, hu, des hi, home, mho, mha, mh, sabhades, soberuha, a par de un, ũa, unha, ir, u, des y ou i, ome, mi ou my (em geral mh usava-se antes de vogal, mi, mj ou my antes de consoante), etc.

(2) Cf. uy, assy, oyr, oyo, oy, auja, uyu, uyo, uyuo, enuyaria, enuya, lhy, soby, doy, dya, saydo, uyuede, aguysado, uelyda, seruyu, ay, mays, papagay, uay, trayçõ, ey, farey, treyde, deytou, sey, andarey, a par de achei, preito, dei, tolheito, coita, pois, moiro, etc.

(3) Cf. huna e hūa, bona e bōa, poner e poer, etc. Embora raramente, aparece n com o valor de nh, como em pino (cantiga XIX), que também pode ler-se pñõ, e uma ou outra vez omitiu-se por descuido o til sobre a vogal nasal, assim irmaa, adeuyhades. Natu-

condições, sempre que tinha o valor de surdo, mas simplifiquei-o, se, inicial, tinha idêntico som (1); quando absorvido pela consoante seguinte, geralmente l, indiquei-o ou por apóstrofe ou, como hoje se faz, por travessão; reduzi igualmente a simples qualquer consoante que por acaso apareça dobrada, quer no principio, quer dentro de vocábulo, caso que, excluindo naturalmente o s e r, só se dá com o f (2). A cedilha, que hoje se sotopõe ao c, só quando, interno e antes de a, o ou u, tem o valor de sibilante, omiti-a nos casos em que a encontrei na mesma consoante, seguida de e ou i; o ditongo ascendente e tónico -io encontra-se

ralmente troquei por n o mesmo sinal, sempre que, dentro ou no fim de vocábulo, êle indicava a nasalidade da vogal que o precedia. Se nalguns casos, como louçana, avelanal, etc., deixei persistir o n intervocálico, foi por considerar castelhanismo tais palavras.

(1) Cf. uysem, asy, sse; etc. ao lado de uissem, assy, se, etc.

(2) Cf. ffe, ffiz, ffoy, deffendi, etc., mas também fe, defendi, etc.

grafado também -iu, como -us, a par de -os, isto é, de o final de palavra, seguido de s em posição átona (assim se diferenciam as formas átonas das tónicas dos pronomes pessoais ou sejam, por exemplo, nus, vus e nos, vos); eu preferi em geral a escrita -iu e -os. Os demais sinais gráficos mantive-os: assim os dois sons do g, isto é, o oclusivo e o sibilante, são representados: o 1.º por gu, o 2.º por g, antes de e ou i, ou por j (1); o x parece ter tido valor idêntico ao do z e s final (2).

Nas correções feitas ao texto fui precedido por quantos dêle se tem ocupado, no todo ou em parte (3), entre os quais sobre-

(1) Cf. amigu'é, migu'é, digu'esto, ueg'y, pug'en, pugi ou puj'(antre) etc.

(2) Cf. fiz e fix, prazer e praxer, prix, quix (ao lado de pris, quis) etc.

(3) Por ordem cronológica conheço estes: Lord Stuart, Bellermann, Lopes de Moura, Varnhagen, Wolf, Monaci, T. Braga, Storck, Epiphanyo Dias, H. Lang, Leite de Vasconcellos, Ayres de Sá: cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Canc. d'Ajuda, II, de pág. 5 a 84, e depois d'êles O. Nobiling.

leva D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a eruditissima senhora que há pouco se finou, deixando no campo que tão brilhantemente cultivava uma vaga insubstituível e saúde eterna no coração de todos os seus admiradores, no numero dos quais, e dos que mais o são, me conto. Embora mais feliz do que êles, por ter tido à minha disposição, além da edição impressa do Códice da Vaticana, o manuscrito de Colocci-Brancuti, bem pode ter acontecido e de certo aconteceu que, não obstante a minha boa vontade e esforços, eu, como alguns dêsses correctores, não tenha atingido a verdadeira interpretação em muitos passos; outros virão que, dotados de melhor visão e mais agudeza, corrijam o que de incorrecto me tenha escapado: obras do carácter desta só se aperfeiçoam e depuram com o concurso de muitos.

Janeiro de 1926.

J. J. NUNES.

CANTIGAS D'AMIGO

I

4497 — 925-926

Úa pastor se queixava
muit'estando noutro dia,
e sigo medês falava
e chorava e dizia
com amor que a forçava :
«par Deus, vi-t'en grave dia,
ai amor!»

Ela s' estava queixando,
come molher con gram coita
e que a pesar, des quando
nacera, non fôra doita,
por en dezia chorando!
«Tu non és se non mia coita,
ai, amor!»

Coitas lhi davam amores,
que non lh'eran se non morte,
e deitou-s'antr'úas flores

e disse con coita forte:
«Mal ti venha per u fores,
ca non és se non mia morte,
ai, amor!»

El-rei D. Denis, n.^{os} 102 do *Cancioneiro da Vaticana* e 519 do *Cancioneiro Colocci-Brancuti*.

II

ũa pastor ben talhada
cuidava en seu amigo
e estava, ben vos digo,
per quant'eu vi, mui coitada,
e diss': «Oimais non é nada
de fiar per namorado
nunca molher namorada,
poisque mĩ o meu á errado.»

Ela tragia na mão
um papagai mui fremoso,
cantando mui saboroso,
ca entrava o verão,
e diss': «Amigo loução,
que faria per amores,
pois m'errastes tan en vão?»
E caeu antr'úas flores.

Ūa gran peça do dia
jouv'ali, que non falava,
e a vezes acordava,
e a vezes esmorecia,
e diss' : «Ai santa Maria,
que será de min agora?»
E o papagai dizia :
«Bem, por quant'eu sei, senhora.»

«Se me queres dar guarida»
diss'a pastor, «di verdade,
papagai, por caridade,
ca morte m'é esta vida»
Diss'el : «Senhor [mui] comprida
de ben, e non vos queixedes,
ca o que vos á servida
erged'olho e vee-lo-edes.»

Idem, Ibidem, n.ºs 137 e 534.

III

Vi o'eu cantar d'amor
en un fremoso virgeu
ũa fremosa pastor,
que ao parecer seu
jamais nunca lhi par vi,
e por en dixi-lh'assi.
«Senhor, por vosso vou eu».

Tornou sanhuda enton,
quando m'est'oíu dizer,
e diss': «Ide-vos, varon!
Quem vos foi aqui trager,
pera m'irdes destorvar,
du dig'aqueste cantar
que fez quen sei ben querer?»

«Pois que me mandades ir,»
dixi-lh'eu, «senhor, ir-m'ei,
mais já vos ei de servir
sempr'e por voss'andarei,
ca voss'amor me forçou
assi que por vosso vou,
cujo sempr'eu já serei.»

Dix'ela: «Non vos ten prol
esso que dizedes, nen
mi praz de o oír sol,
ant'ei noj'e pesar en,
ca meu coraçon non é,
nen será, per bõa fé,
se non do [que] quero ben.»

«Nen o meu», dixi-lh'eu, «já,
senhor, non se partirá
de vós, por cujo s'el ten.»

«O meu» diss'ela, «será
u foi sempr' e u está
e de vós non curo ren.»

Idem, Ibidem, n.º 150 e 547.

IV

Ben entendi, meu amigo,
que mui gran pesar ouvestes,
quando falar non podestes
vós noutro día comigo,
mais certo seed'amigo,
que non fui o vosso pesar
que s'ao meu podess'iguar.

Mui ben soub'eu por verdade
que erades tam cuitado
que non avia recado,
mais, amigo, acá tornade;
sabede ben por verdade
que non fui o vosso pesar
que s'ao meu podess'iguar.

Ben soub', amigo, por certo
que o pesar d'aquel dia
vosso que par non avia,
mais pero foi encoberto,
e por en seede certo

que non foi o vosso pesar
que s'ao meu podess'iguar,

Ca o meu non se pod'osmar,
nen eu non o pudi negar.

Idem, Ibidem, n.ºs 156 e 553.

V

Amiga, muit'á gran sazón
que se foi d'aqui con el-rei ,
meu amigo, mais já cuidei
mil vezes no meu coraçon
que algur morreu con pesar,
pois non tornou migo falar.

Porque tarda tan muito lá
e nunca me tornou veer,
amiga, si veja prazer,
mais de mil vezes cuidei já
que algur morreu com pesar,
pois nom tornou migo falar.

Amiga, o coraçom seu
era de tornar ced'aqui,
u visse os meus-olhos em mi,
e poren mil vezes cuid'eu
que algur morreu com pesar,
pois nom tornou migo falar.

Idem, Ibidem, n.ºs 157 e 554.

VI

Que trist'oj'é meu amigo,
amiga, no seu coraçom !
ca nom pôde falar migo
nen veer-m', e faz gram razom
meu amigo de trist'andar
pois m'el non vir e lh'eu nembrar.

Trist'anda, se Deus mi valha,
ca me non viu, e dereit'é,
e por esto faz sen falha
mui gram razom, per bõa fé,
meu amigo de trist'andar,
pois m'el non vir e lh'eu nembrar.

D'andar triste faz guisado,
ca o non vi, nen vio el mi,
nen ar oio meu mandado,
e poren faz gram dereit'i
meu amigo de trist'andar
pois m'el non vir e lh'eu nembrar.

Mais, Deus, como pode durar
que já non morreu con pesar !

VII

Dos que ora son na oste,
amiga, querria saber
se se verran tard'ou toste,
por quanto vos quero dizer:
porque é lá meu amigo

Querria saber mandado.
dos que alá son, ca o non sei,
amiga, par Deus, de grado,
por quanto vos ora direi:
por que é lá meu amigo.

E queredes que vos diga?
Se Deus bon mandado mi dê,
que[r]ria saber, amiga,
d'eles novas, vedes porquê:
por que é lá meu amigo,

Ca por al non, vo-lo digo.

Idem, Ibidem, n.ºs 159 e 556.

* VIII

Que muit'á já que non vejo
mandado do meu amigo,
pero, amiga, pôs migo

ben aqui u mi ora sejo,
que logo m'enviaria
mandad'ou s'ar tornaria.

Muito mi tarda, sen falha,
que non vejo seu mandado,
pero ouve-m'el jurado
ben aqui, se Deus mi valha,
que logo m'enviaria
mandad'ou s'ar tornaria.

E, que vos verdade diga,
el seve muito chorando,
er seve por mi jurando,
u m'agora sej', amiga,
que logo m'enviaria
mandad'ou s'ar tornaria.

Mais, pois non ven, nen envia
mandad', é mort'ou mentia

Idem, Ibidem, n.ºs 160 e 557.

IX

Chegou-m'or'aqui recado,
amiga, do voss'amigo
e aquel que falou migo
diz-mi que é tan cuitado

que per quanta poss'avedes
já o guarir non podedes.

Diz que oje, tercer dia,
ben lhi partirades morte,
mais ouv'el coita tan forte
e tan coitad'er jazia
que per quanta poss'avedes
ja o guarir non podedes,

Con mal que lhi vós fezestes ;
jurou-mi, amiga fremosa,
que, pero vós poderosa
fostes d'el quanto quisestes,
que per quanta poss'avedes
já o guarir nom podedes.

E gran perda per fazedes,
u tal amigo perdedes.

Idem, Ibidem, n.ºs 161 e 558.

X

O meu amig',amiga, non quer'eu
que aja gran pesar, nen gran prazer,
e quer'eu este preit'assi trager,
ca m'atrevo tanto no feito seu:
non o quero guarir, nen o matar,
nen o quero de mi desasperar.

Ca, se lh'eu amor mostrasse, ben sei
que lhi seria end'atan gran ben
que lh'averiam d'entender poren
qual ben mi quer, e poren esto farei:
non o quero guarir, nen o matar,
nen o quero de mi desasperar.

E, se lhi mostrass'algun desamor,
non se podia guardar de morte,
tant'averia en coita forte,
mais, por eu non errar end'o melhor,
non o quero guarir, nen o matar,
nen o quero de mi desasperar.

E assi se pode seu tempo passar,
quando con prazer, quando con pesar.

Idem, Ibidem, n.ºs 162 e 559.

XI

Amiga, bon grad'aja Deus
do meu amigo que a mi ven,
mais podeades creer mui ben,
quando o vir dos olhos meus,
que poss'aquel dia veer
que nunca vi maior prazer.

Aja Deus ende bon grado,
porque o faz viir aqui,

mais podedes creer per mi,
quand'eu vir o namorado,
que poss'aquel dia veer
que nunca vi maior prazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 163 e 560.

XII

Vós, que vos en vossos cantares meu
amigo chamades, creede ben
que non dou eu por tal enfinta ren,
e por aquesto, senhor, vos mand'eu
que, ben quanto quiserdes des aqui
fazer, façades enfinta de mi.

Ca demo lev' essa ren que eu der
por enfinta fazer o mentiral
de min, ca me non monta bem nen mal,
e por aquesto vos mand' eu, senher,
que, ben quanto quiserdes des aqui
fazer, façades enfinta de mi.

Ca mi non tolh'a mi ren, nen mi dá
de s' enfinger de mi mui sen razon
ao que eu nunca fiz se mal non,
e poren, senhor, vos mand' ora já
que, ben quanto quiserdes des aqui
fazer, façades enfinta de mi.

[E] estade com' estades de mi
e enfingede-vos ben des aqui

Idem, Ibidem, n.ºs 164 e 561.

XIII

Roga-m'oje, filha, o voss'amigo
muit'aficado que vos rogasse
que de vos amar non vos pesasse,
e por en vos rogu' e vos castigo
que vos non pês de vos el ben querer,
mais non vos mand'i, filha, mais fazer.

El me estava en vós falando
e m'esto que vos digo rogava;
doí-me d'el, tam muito chorava,
e por en filha, [vos] rogu' e mando
que vos non pês de vos el ben querer,
mais non vos mand'i filha, mais fazer.

Ca de vos el amar de coraçon
non vej'eu ren que vós i perçades,
sen i mais aver, mais guanhades,
e por esto, pola mia beençon,
que vos non pes de vos el ben querer,
mais non vos mand'i, filha, mais fazer

Idem, Ibidem, n.ºs 165 e 562.

XIV

Pesar mi fez meu amigo,
amiga, mais sei eu que non
cuidou el no seu coraçon
de mi pesar, ca vos digo
que ant'el queria morrer
ca mi sol un pesar fazer.

Non cuidou que mi pesasse
do que fez, ca sei eu mui ben
que do que foi non fôra ren,
poren sei, se en cuidasse,
que ant'el queria morrer
ca mi sol un pesar fazer.

Feze-o por encoberta,
ca sei que se fora matar,
ante que a mi fazer pesar,
e por esto sôo certa
que ant'el queria morrer
ca mi sol un pesar fazer.

Ca de morrer ou de viver
sab'el ca x'é no meu poder.

XV

Amiga, sei eu ben d'ũa molher
que se trabalha de vosco buscar
mal a voss'amigo, po-lo matar,
mais tod' aquest', amiga, ela quer,
porque nunca con el pôde poer
que o podesse por amig' aver.

E busca-lhi con vosco quanto mal
ela mais pode, aquesto sei eu;
e tod' aquest' ela faz polo seu,
e por este preit[o] e non por al,
porque nunca con el pôde poer
que o podesse por amig' aver.

Ela trabalha-se, á gram sazon,
de lhi fazer o vosso desamor
aver e á ende mui gran sabor;
e tod' est', amiga, non é senon
porque nunca con el pôde poer
que o podesse por amig' aver.

[E] por esto faz ela seu poder,
pera faze-to con vosco perder.

XVI

Bon dia vi amigo,
pois seu mandad'ei migo,
louçãa.

Bon dia vi amado,
pois migu'ei seu mandado,
louçãa.

Pois seu mandad'ei migo,
rogu'eu a Deus e digo!
louçãa.

Pois migu'ei seu mandado,
rogu'eu a Deus de grado,
louçãa.

Rogu'eu a Deus e digo
por aquel meu amigo,
louçãa.

[Rogu'eu a Deus de grado
por aquel namorado,
louçãa.]

Por aquel meu amigo
que o veja comigo,
louçãa.

Por aquel namorado
que fosse já chegado,
louçãa.

Idem, Ibidem, n.ºs 168 e 563.

XVII

Non chegou, madr', o meu amigo,
e oj' est o prazo saido!
ai, madre, moiro d'amor!

Non chegou, madr', o meu amado
e oj' est o prazo passado!
ai, madre, moiro d'amor!

E oj' est o prazo saido!
Por que mentiu o desmentido?
ai, madre, moiro d'amor!

E oj' est o prazo passado!
Por que mentiu o perjurado?
ai, madre, moiro d'amor!

Por que mentiu o desmentido
pesa-mi, pois per si é falido.
ai, madre, moiro d'amor!

Por que mentiu o perjurado
pesa mi, pois mentiu a seu grado.
ai, madre, moiro d'amor

Idem, Ibiſem, n.º 169 e 566.

XVIII

— De que morredes, filha, a do corpo velido?
— Madre, moiro d'amores que mi deu meu amigo.
Alva e vai liero.

— De que morredes, filha, a do corpo loução?
— Madre, moiro d'amores que mi deu meu amado.
Alva e vai liero.

Madre, moiro d'amores que mi deu meu amigo,
quando vej' esta cinta, que por seu amor cingo.
Alva e vai liero.

Madre, moiro d'amores que mi deu meu amado,
quando vej' esta cinta, que por seu amor trago.
Alva e vai liero.

Quando vej' esta cinta, que por seu amor cingo,
e me nembra, fremosa, como falou comigo.

Alva e vai liero.

Quando vej' esta cinta, que por seu amor trago
e me nembra, fremosa, como falamos ambos.

Alva e vai liero.

Idem, Ibidem, n.ºs 170 e 567.

XIX

— Ai flores, ai, flores do verde pñõ,
se sabedes novas do meu amigo?

ai, Deus, e u é?

Ai, flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?

ai, Deus e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs comigo?

ai, Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado
aquele que mentiu do que mi á jurado?

ai, Deus, e u é?

— Vós me preguntades polo voss' amigo?
E eu ben vos digo que é sã' e vivo:
ai, Deus, e u é?

Vós me preguntades polo voss' amado?
E eu ben vos digo que é viv' e são:
ai, Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é sã' e vivo
e seerá vosc' ant' o prazo saído:
ai, Deus, e u é?

E eu ben vos digo que é viv' e são
e s[e]lerá vosc' ant' o prazo passado:
ai, Deus, e u é?

Idem, Ibidem, n.ºs 171 e 568.

XX

Levantou-s' a velida,
levantou-s' alva
e vai lavar camisas
eno alto:
vai-las lavar alva.

Levantou-s' a louçãa,
levantou-s' alva

e vai lavar delgadas
eno alto:
vai-las lavar alva.

[E] vai lavar camisas;
levantou-s' alva;
o vento lh'as desvia
eno alto:
vai-las lavar alva.

E vai lavar delgadas;
levantou-s' alva;
o vento lh'as levava
eno alto:
vai-las lavar alva.

O vento lh'as desvia;
levantou-s' alva;
meteu-s' alva en ira
eno alto:
vai-las lavar alva.

O vento lh'as levava;
levantou-s' alva;
meteu-s' alva en sanha
eno alto:
vai-las lavar alva

XXI

Amad' e meu amigo,
valha Deus!
vede la frol do pinho
e guisade d'andar.

Amigu' e meu amado,
valha Deus!
vede la frol do ramo
e guisade d'andar.

Vede la frol do pinho,
valha Deus!
selad'o baiozinho
e guisade d'andar.

Vede la frol do ramo,
valha Deus!
selad' o bel cavalo
e guisade d'andar.

Selad' o baiozinho,
valha Deus!
treide-vos, ai amigo,
e guisade d'andar.

[Selad'o bel cavalo,
valha Deus!
treide-vos, ai amado,
e guisade d'andar].

Idem, Ibidem, n.ºs 173 e 570.

XXII

O voss' amigo tan de coração
pon ele en vós seus olhos e tan ben,
par Deus, amiga, que nom sei eu quen
o verá que non entenda que non
pod'el poder aver d'aver prazer
de nulha ren, se non de vos veer.

E quen ben vir com' el seus olhos pon
en vós, amiga, quand' ante vós ven,
se xi non for mui minguado de sen,
entender pode d'el mui ben que non
pod' el poder aver d'aver prazer
de nulha ren, se non de vos veer.

E, quand' el ven u vos sodes, razon
quer el catar que s' encobra e ten
que s'encobre, pero non lhi val ren,
ca nos seus olhos entendem que non

pod' el poder aver d'aver prazer
de nulha ren se non de vos veer.

Idem, Ibidem, n.ºs 174 e 570.

XXIII

Com' ousará parecer ante mi
o meu amig', ai amiga, por Deus,
e com'ousará catar estes meus
olhos, se o Deus trazer per aqui?
pois tan muit' á que non veo veer
mi e meus olhos e meu parecer,

Amiga, ou como s'atreverá
de m' ousar sol dos seus olhos catar,
se os meus olhos vir un pouc' alçar,
ou no coração como o porrá?
pois tan muit'á que non veo veer
mi e meus olhos e meu parecer.

Ca sei que non terrá el por razon,
como quer que m'aja mui grand'amor,
de m'ousar veer, nen chamar senhor,
nen sol non o porrá no coração,
pois tan muit'á que non veo veer
mi e meus olhos e meu parecer.

Idem, Ibidem, n.ºs 175 e 571.

XXIV

— En grave dia, senhor, que vos oí falar e vos viron estes olhos meus!

— Dized', amigo, que poss'eu fazer i, en aqueste feito, se vos valha Deus.

— Faredes mesura contra mi, senhor?

— Farei, amigo, fazend'eu o melhor.

— U vos en tal ponto eu oí falar, senhor, que non pudi depois ben aver.

— Amigo, quero-vos ora preguntar que mi digades o que poss'i fazer.

— Faredes mesura contra mi, senhor?

— Farei, amigo, fazend'eu o melhor.

— Des que vos vi e vos oí falar, [non] vi prazer, senhor, nen dormi, nen folguei.

— Amigo, dizede, se Deus vos perdon, o que eu i faça, ca eu non o sei.

— Faredes mesura contra mi, senhor?

— Farei, amigo, fazend'eu o melhor.

XXV

— Amiga, faço-me maravillhada
como pode meu amigo viver
u os meus olhos non pode veer,
ou como pod'alá fazer tardada,
ca nunca tan gram maravilha vi,
poder meu amigo viver sen mi,
e, par Deus, é cousa mui desguisada.

— Amiga, estad[e] ora calada
un pouco e leixad'a min dizer:
per quant' eu sei cert' e poss' entender,
nunca no mundo foi molher amada
come vós de voss' amigu', e assi,
se el tarda, sol non é culpád' i,
se non, eu quer' en ficar por culpada.

— Ai amiga, eu ando tan coitada
que sol non poss' en mi tomar prazer,
cuidand'en como se pode fazer
que non é já comigo de tornada,
e, par Deus, por que o non vej' aqui,
que é morto gran sospeita tom'i,
e, se mort' é, mal dia eu fui nada.

— Amiga fremosa e mesurada,
non vos digu' eu que non pode seer
voss' amigo, pois om' é, de morrer,
mais, por Deus, non sejades sospeitada
d'outro mal d'el, ca, des quand' eu naci,
nunca d'outr'ome tan leal oi
falar, e quen end'al diz non diz nada.

Idem, Ibidem, n.ºs 177 e 573.

XXVI

O voss' amig', amiga, vi andar
tam coitado que nunca lhi vi par,
que adur mi podia já falar,
pero, quando me viu, disse-mi assi:
« Ai, senhor, id'a mia senhor rogar
por Deus que aja mercee de mi. »

El andava trist'e mui sen sabor,
come quen é tan coitado d' amor
e perdud'á o sen e a color,
pero, quando mi viu, disse-mi assi:
« Ai, senhor, ide rogar mia senhor
por Deus que aja mercee de mi. »

El, amiga, achei eu andar tal
come morto, ca é descomunal
o mal que sofr'e a coita mortal,

pero, quando me vio, disse-mi assi :
« Senhor, rogad' a senhor do meu mal
por Deus, que aja mercee de mi. »

Idem, Ibidem, 178 e 574.

XXVII

— Amigo, queredes-vos ir ?
— Si, mia senhor, ca non poss' al
fazer, ca seria meu mal
e vosso ; por end' a partir
mi conven d'aqueste logar.
— Mais que gran coita d'endurar
me será, pois me sen vós vir,

Amigu', e de min que será ?
— Ben, senhor bõa e de prez ;
e, pois m'eu fôr daquesta vez,
o vosso mui ben se passará,
mais morte m' é de m' alongar
de vós e ir-m' alhur morar.
— Mais, pois é voss' ãa vez já,

Amigu', eu sen vós morrerei.
— Non querrá Deus esso, senhor,
mais, pois, u vós fordes, non for
o que morrerá eu serei ;

mais quer' eu ant'o meu passar
ca assi do voss' aventurar.

— E eu sen vós de morrer ei.

Queredes-mi, amigo, matar?

— Non, mia senhor, mais por guardar
vos, mato-mi, que mi o busquei.

Idem, Ibidem, 179 e 575 e 576.

XXVIII

— Dizede, por Deus, amigo:
tamanho, ben me queredes,
como vós a mi dizedes?

— Si, senhor, e mais vos digo:
non cuido que oj'ome quer
tam gram ben no mund' a molher.

— Non creo que tamanho ben
mí vós podessedes querer
camanh' a mi ides dizer.

— Si, senhor, e mais direi en:
non cuido que oj'ome quer
tam gram ben no mund' a molher.

— Amigu', eu non vos creerei,
fé que dev' a Nostro Senhor,
que m'avedes tam grand'amor.

— Si, senhor, e mais vos direi:

non cuido que o j'ome quer
tam gram ben no mund'a molher.

Idem, Ibidem, 180 e 577.

XXIX

— Non poss' eu, meu amigo,
con vossa soidade
viver, ben vo-lo digo,
e por esto morade,
amigo, u mi possades
falar e me vejades.

Non poss' u vos non vejo
viver, ben o creede,
tan muito vos desejo,
e por esto vive de
amigo, u mi possades
falar e me vejades.

Naci em forte ponto ;
e, amigo, partide
o meu gran mal sen conto,
e por esto guaride,
amigo, u mi possades
falar e mi vejades.

— Guarrei, ben o creades,
senhor, u me mandades.

Idem, Ibidem, 181 e 578.

XXX

Por Deus, amigo, quen cuidaria
que vós nunca ouvessedes poder
de tam longo tempo sen mi viver!
e des oi mais, par Santa Maria,
nunca molher deve, ben vos digo,
muit' a creer per juras d' amigo.

Dissestes-mi, u vos de min quitastes:
«log' aqui serei con vosco, senhor,»
e jurastes-mi polo meu amor,
e des oi mais, pois vos perjurastes,
nunca molher deve, ben vos digo,
muit' a creer per juras d' amigo.

Jurastes-m' enton muit' aficado
que logo logo, sen outro tardar,
vos queriades pera mi tornar,
e des oi mais, ai meu perjurado,
nunca molher deve, ben vos digo,
muit' a creer per juras d' amigo,

E assim farei eu, ben vos digo,
por quanto vós passastes comigo.

XXXI

O meu amigo á de mal assaz,
tant,' amiga, que muito mal per é,
que no mal non á mais, per boa fé,
e tod' aquesto vedes que lho faz :
 porque non cuida de min ben aver,
 viv' en coita, coitado por morrer.

Tanto mal sofre, se Deus mi perdon,
que já eu, amiga, d'el doo ei,
e, per quanto de sa fazenda sei,
tod' este mal é por esta razon :
 porque non cuida de min ben aver,
 viv' en coita, coitado por morrer.

Morrerá d'esta, u non pod' aver al,
que toma en si tamanho pesar
que se non pode de morte guardar ;
e, amiga, ven-lhi tod' este mal :
 porque non cuida de min ben aver,
 viv' en coita, coitado por morrer.

Ca, se cuidasse de min ben aver,
ant' el queria viver ca morrer

XXXII

Meu amigo, non poss' eu guarecer
sen vós, nen vós sen mi; e que será
de vós? mais Deus, que end'o poder á,
lhi rogu' eu que el queira escolher,
por vós, amigo, e des i por mi,
que non moirades vós, nen eu assi

Como morremos, ca non á mester
de tal vida avermos de passar,
ca mais nos valrria de nos matar,
mais Deus escolha, se a el prouguer,
por vós, amigo, e des i por mi,
que non moirades vós, nen eu assi

Como morremos, ca ena maior
coita do mund' ou ena mais mortal
vivemos, amigo, e no maior mal;
mais Deus escolha, come bon senhor,
por vós, amigo, e des i por mi,
que non moirades vós, nen eu assi

Como morremos, ca, per bõa fé,
mui gram temp' á que este mal passou
per nós e passa e muito durou,

mais Deus escolha, come quem ele é,
por vós, amigo, e des i por mi,
que non moirades vós, nen eu assi

Como morremos, e Deus ponha i
conselh,' amigo, a vós e a mi.

Idem, 184 e 581.

XXXIII

Que coita ouvestes, madr' e senhor,
de me guardar, que non possa veer
meu amigu' e meu ben e meu prazer!
mais, se eu posso, par Nostro Senhor,
que o veja e lhi possa falar,
guisar-lho-ei e pês a quen pesar.

Vós fezestes todo vosso poder,
madr'e senhor, de me guardar, que non
visse meu amigu'e meu coraçon,
mais, se eu posso, a todo meu poder,
que o veja e lhi possa falar,
guisar-lho-ei e pês a quen pesar.

Mia morte quisestes, madr', e non al,
quand' aguisastes que per nulha ren
eu non viss' o meu amigu' e meu ben,

mais, se eu posso, u non pod' aver al,
que o veja e lhi possa falar,
guisar-lho-ei e pê's a quen pesar.

E, se eu, madr', esto poss' acabar,
o al passe como poder passar.

Idem, Ibidem, n.º 185 e 582.

XXXIV

Amigo fals' e desleal,
que prol á de vos trabalhar
de na mia mercee cobrar?
ca tanto o trouxestes mal
que non ei de vos ben fazer,
pero m' eu quisesse, poder.

Vos trouxestes o preit' assi
come quen non é sabedor
de ben, nen de prez, nen d'amor,
e por en creede per mi
que non ei de vos ben fazer,
pero m' eu quisesse, poder.

Caestes en tal [o]cajom
que sol conselho non vos sei,
ca já vos eu desemparei

en guisa, se Deus mi perdon,
que non ei de vos ben fazer,
pero m' eu quisesse, poder.

Idem, Ibidem, n.º 186 e 583.

XXXV

Meu amigo ven oj' aqui
e diz que quer migo falar,
e sab' el que mi faz pesar,
madre, pois que lh' eu defendi
que non fosse per nulha ren
per u eu foss' e ora ven

Aqui; e foi pecado seu
de sol pōer no coração,
madre, passar mia defenson,
ca sab' el qui lhi mandei eu
que non fosse per nulha ren
per u eu foss' e ora ven

Aqui, u eu con el falei
per ante vós, madr' e senhor,
e oi mais perde meu amor,
pois lh' eu defendi e mandei
que non fosse per nulha ren
per u eu foss' e ora ven

Aqui, madr' e, pois fez mal sen,
dereit' é que perça meu ben.

Idem, Ibidem, n.º 187 e '84.

XXXVI

Quisera vosco falar de grado,
ai meu amigu'e meu namorado,
mais non ous'oj'eu coh vosc'a falar,
ca ei mui gram medo do irado;
irad'aja Deus quen me lhi foi dar.

En cuidados de mil guisas travo
por vos dizer o con que m'agravo,
mais non ous'oj'eu con vosc'a falar,
ca ei mui gram medo do mal bravo;
mal brav'aja Deus quen me lhi foi dar.

Gran pesar ei, amigo, sofrudo,
por vos dizer meu mál ascondudo,
mais non ous'oj'eu con vosc'a falar,
ca ei mui gram medo do sanhudo;
sanhud'aja Deus quen me lhi foi dar.

Senhor do meu coração, cativo
sodes em eu viver con que vivo,
mais non ous'oj'eu con vosc'a falar,

ca ei mui gram medo do esquivo;
esquiv'aja Deus quen me lhi foi dar.

Idem, Ibidem, n.º 188 e 585.

XXXVII

Vi-vos, madre, con meu amig'aqui
oje falar e ouv'en gran prazer,
porque o vi de cabo'vós erger
led', e tenho que mi faz Deus ben i,
ca, pois que s'el ledo partiu d'aquen,
non pôde seer senon por meu ben.

Ergeu-se ledo e riio já quê
o que mui gram temp'á que el non fez,
mais, pois já esto passou esta vez,
fiqu'end'eu leda, se Deus ben mi dê,
ca, pois que s'el ledo partiu d'aquen,
non pôde seer senon por meu ben.

El pôs os seus olhos nos meus enton,
quando vistes que xi vos espediu,
e tornou contra vós led'e riio,
e por end'ei prazer no coração,
ca, pois que s'el ledo partiu d'aquen,
non pôde seer senon por meu ben.

E, pero m'eu da fala non sei ren,
de quant'eu vi, madr', ei gram prazer en.

Idem, Ibidem, n.º 189 e 586.

XXXVIII

Gran temp'á, meu amigo, que non quis Deus
que vos veer podesse dos olhos meus,
e non pon con tod'esto en mi os seus
olhos mia madr', amigu', e, pois est assi,
guisade de nos irmos, por Deus, d'aqui
e faça mia madr'o que poder des i.

Non vos vi, á gran tempo, nen se guisou,
ca o partiu mia madr[e], a que pesou
d'aqueste preit'e pesa e mi guardou,
que vos non viss', amigu', e, pois est assi,
guisade de nos irmos, por Deus, d'aqui
e faça mia madr'o que poder des i.

Que vos non vi á muito e nulha ren
non vi des aquel tempo de nenhun ben,
ca o partiu mia madr[e] e fez por en
que vos non viss', amigu', e, pois est assi,
guisade de nos irmos, por Deus, d'aqui
e faça mia madr'o que poder des i,

E, se [o] non guisardes mui ced'assi,
matades vós, amigu', e matades mi.

Idem, Ibidem, n.º 190 e 587.

XXXIX

Valer-vos-ia, amigu'e meu ben,
se ousasse, mais vedes quen
me tolhe d'aquest': é non al
mia madre, que vos á mortal
desamor, e con este mal
de morrer non mi pesa[ria]

Valer-vos-ia, par Deus, meu ben,
se eu ousasse, mais vedes quen
me tolhe de vos non valer;
mia madr'é, qu'end'[á] o poder
e vos sabe gran mal querer
e por en mia morte querria,

Idem, Ibidem, n.º 191 e 588.

XL

Pera veer meu amigo,
que talhou preito comigo,
alá vou, madre,

Pera veer meu amado,
que mig'a preito talhado,
alá vou, madre.

Que talhou preito comigo,
é por esto que vos digo:
alá vou, madre.

Que mig'a preito talhado;
é por esto que vos falo:
alá vou, madre.

Idem, Ibidem, n.º 192 e 589.

XLI

Chegou-mi, amiga, recado
d'aquel que quero gram ben:
que, pois que viu meu mandado,
quanto pode viir ven;
e and'eu leda por en
e faço muit'aguisado.

El ven por chegar coitado,
ca sofre gran mal d'amor
e anda muit'alongado
d'aver prazer nen sabor,
se non ali u eu fôr,
u é todo seu cuidado,

Por quanto mal á levado,
amiga, razon farei
de lhi dar end'algun grado,
pois ven, como lh'eu mandei,
e logu'el será, ben sei,
do mal guarid'e cobrado

E das coitas que lh'eu dei,
des que foi meu namorado.

Idem, Ibidem, n.º 193 e 590.

XLII

De morreres por mi gram dereit'ê,
amigo, ca tanto paresqu'eu ben
que d'esto mal grad'ajades vós en
e Deus bon grado, ca, per boa fé,
non é sen guisa de por mi morrer
quem mui ben vir este meu parecer.

De morreres por mi non vos dev'eu
bon grado poer, ca esto fará quen quer
que ben cousir parecer de molher
e, pois mi Deus este parecer deu,
non é sen guisa de por mi morrer
quem mui ben vir este meu parecer.

De vos por mi amor assi matar
nunca vos d'esto bon grado darei,
e, meu amigo, mais vos eu direi,
pois me Deus quis este parecer dar:
non é sen guisa de por mi morrer
quem mui ben vir este meu parecer

Que mi Deus deu, e podedes creer
que non ei ren que vos i agradecer.

Idem, Ibidem, n.º 194 e 591.

LXIII

Ma madre velida,
vou-m'a la bailia
do amor.

Ma madre loada,
vou-m'a la bailada
do amor.

Vou-m'a la bailia,
que fazem en vila
do amor.

[Vou-m'a la bailada,
que fazem en casa
do amor].

Que fazem en vila
do que eu ben queria,
do amor.

Que fazem en casa
do que eu muit'amava,
do amor.

Do que eu ben queria,
chamar-m' an garrida
do amor.

Do que eu muit'amava,
chamar-m' an jurada
do amor.

Idem, Ibidem, n.º 195 e 592.

XLIV

Coitada viv', amigo, porque vos non vejo
e vós vivedes coitad'e con gran desejo
de me veer e mi falar, e por en sejo
sempr'en coita tan forte
que non m'é se non morte,
come quen viv', amigo, en tam gram desejo.

Por vos veer, amigo, vivo tan coitada,
e vós por me veer que oi mais non é nada
a vida que fazemos e maravillhada

são de como vivo,
sofrendo tam esquivo
mal, ca mais mi valrria de non seer nada.

Por vos veer, amigo, non sei quen sofresse
tal coita qual eu sofr'e vós que non morresse;
e con aquestas coitas eu, que non nacesse;
non sei de min que seja
e da mort'ei enveja
a tod'ome ou molher que já morresse.

Idem, Ibidem, n.º 196 e 593.

XLV

O voss'amig', ai amiga,
de que vós muito fiades,
tanto quer'eu que sabiades
que ãa, que Deus maldiga,
vo-lo tem louqu'e tolheito,
e moir'end'eu con despeito.

Non ei ren que vos asconda,
nen vos será encôberto,
mais sabede ben por certo
que ãa, que Deus cofonda,
vo-lo ten louqu'e tolheito
e moir'end'eu con despeito.

Non sei molher que se pague
de lh'outra o seu amigo
filhar e por en vos digo
que ãa, que Deus estrague,
vo-lo ten louqu'e tolheito
e moir'end'eu con despeito.

E faço mui gran dereito,
pois quero vosso proveito.

Idem, Ibidem, n.º 197 e 594.

XLVI

Ai, fals'amigu'e sen lealdade,
ora vej'eu a gram falsidade
com que mi vós á gram temp'andastes,
ca d'outra sei eu já por verdade,
a que vós a tal pedra lançastes.

Amigo fals'e muit'encoberto,
ora vej'eu o gran maldeserto
con qué mi vos á gram temp'andastes,
ca d'outra sei eu já ben por certo,
a que vos a tal pedra lançastes.

Ai, fals'amigu', eu non me temia
do gran mal e da sabedoria

com que mi vós á gran temp'andastes,
ca d'outra sei eu que o ben sabia,
a que vós a tal pedra [lançastes].

E de colherdes razon seria
da falsidade que semeastes.

Idem, Ibidem, n.º 198 e 595.

XLVII

Meu amig', u eu sejo
nunca perço desejo,
se non quando vos vejo,
e por en vivo coitada
con este mal sobejo
que sofr'eu, ben talhada.

U quer que sen vós seja
sempr'o meu cor deseja
vos, atá que vos veja,
e por en vivo coitada
con gram coita sobeja
que sofr'eu, ben talhada.

Non é se non espanto,
u vos non vejo, quanto
eu deseje quebranto,

e por en vivo coitada
con aqueste mal tanto
que sofr'eu, ben talhada.

Idem, Ibidem, n.º 199 e 596.

XLVIII

Por Deus, punhade de veerdes meu
amig', amiga, que aqui chegou
e dizede-lhi, pero me foi greu,
o que m'el já muitas vezes rogou:
que lhi faria end'eu o prazer,
mais tolhe-m'ende mia madr' o poder.

De o veerdes agradecer-vo-lo-ei,
ca sabedes quant'á que me serviu,
e dizede-lhi, pero lh'estranei,
o que m'el rogou cada que me viu:
que lhi faria end'eu o prazer
mais tolh-m'ende mia madr'o poder.

De o veerdes gram prazer ei i,
pois do meu ben desasperad'está,
por end', amiga, dizede-lhi assi:
que o que m'el por vezes rogou já,
que lhi faria end'eu o prazer
mais tolhe-m'ende mia madr'o poder.

E por aquesto non ei eu poder
de fazer a min nen a el prazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 200 e 597.

XLIX

Amiga, quen vos [ama]
[e por] vós é coitado
e se por vosso chama,
des que foi namorado,
non viu prazer, sei-o eu,
[e] por en já morrerá
e por aquesto m'é greu.

Aquel que coita forte
ouve des aquel dia
que vos el vio, que morte
lh'é, par Santa Maria,
nunca viu prazer, nen ben,
[e] por en já morrerá
[e] a min pesa muit'en.

Idem, Ibidem, n.ºs 201 e 598.

L

Amigo, pois vos non vi,
nunca folguei, nen dormi,
mais ora já, des aqui

que vos vejo, folgarei
e veerei prazer de mi,
pois vejo quanto ben ei.

Pois vos non pudi veer,
já mais non ouvi lezer,
e, u vos Deus quis trager,
que vos vejo, folgarei
e veerei de min prazer,
pois vejo quanto ben ei.

Des que vos non vi, de ren
non vi prazer e o sen
perdi, mais, pois que mi aven
que vos vejo, folgarei
e veerei todo meu ben,
pois vejo quanto ben ei.

De vos veer a min praz
tanto que muito e assaz,
mais, u m'este ben Deus faz,
que vos vejo, folgarei
e veerei gran solaz,
pois vejo quanto ben [ei].

LI

Pois que diz meu amigo
que se quer ir comigo,
[e], pois que a el praz,
praz a mi, ben vos digo;
est' é o meu solaz.

Pois diz que todavia
nos imos nossa via,
[e], pois que a el praz,
praz-m'e vej'i bon dia;
est' é o meu solaz.

Pois me de levar vejo
que est' é o seu desejo,
[e], pois que a el praz,
praz-mi muito sobejo;
est' é o meu solaz.

Idem, Ibidem, n.ºs 203 e 600.

LII

Por Deus, amiga, pês-vos do gran mal
que diz andand'aquel meu desleal,
ça diz de mi e de vós outro tal,

andand'a muitos que lhi fiz eu ben,
e que vós soubestes tod'este mal,
de que eu nen vós non soubemos ren.

De vos en pesar é mui gran razon,
ca diz andando mui gran traïçon
de min e de vós, se Deus mi perdon,
u se louva de min que lhi fiz ben
e que vós soubestes end'a razon,
de que eu nen vós nom soubemos ren.

De vos en pesar dereito per é,
ca diz de min gram mal, per bõa fé,
e de vós, amiga, cada u s'é
falando, ca diz que lhi fiz eu ben
e ca vós soubestes todo com'é,
de que eu nen vós non soubemos ren.

Idem, Ibidem, n.ºs 204 e 601.

LIII

Falou-m'oj'o meu amigo
mui ben e muit'omildoso
no meu parecer fremoso,
amiga, que eu ei migo,
mais pero tanto vos digo:
que lhi non tornei recado
ond'el ficasse pagado.

Disse-m'el, amiga, quanto
m'eu melhor ca el sabia:
que de quan ben parecia
que tod'era seu quebranto,
mais pero sabede tanto:
que lhi non tornei recado
ond'el ficasse pagado.

Disse-m'el: Senhor, creede
que a vossa fremosura
mi faz gram mal sen mesura,
por en de mi vos doede;
pero, amiga, sabede:
que lhi non tornei recado
ond'el ficasse pagado

E foi-s'end'el tan coitado
que tom'end'eu já coidado.

Idem, lbi.lem, n.ºs 205 e 602.

LIV

Vai-s'o meu amig'alhur sen mi morar,
e, par Deus, amiga, ei end'eu pesar,
porque s'ora vai, eno meu coraçom,
tamanho que esto non é de falar,
ca lh'o defendi e faço gram razon.

Defendi-lh'eu que se non fosse d'aqui,
ca todo meu ben perderia per i,
e ora vai-s'e faz-mi gran traïçon,
e des oi mais non sei que seja de mi,
nen [eu] vej'i, amiga, se morte non.

Idem, Ibidem, n.º 206 e 603.

LV

Non sei oj', amigo, quen padeçesse
coita qual padesco que non morresse,
se non eu, coitada, que non naçesse,
porque vos non vejo com'eu queria;
e quisesse Deus que m'escaecesse
vós que vi, amigo, en grave dia.

Non sei, amigo, molher que passasse
coita qual eu passo que já durasse
que non morress'ou desasperasse,
porque vos non vejo com'eu queria;
e quisesse Deus que me non nembrasse
• vós que vi, amigo, en grave dia.

Non sei, amigo, quen o mal sentisse
que eu senço que o sol encobrisse
se non eu, coitada, que Deus maldisse,

porque vos non vejo com'eu queria ;
e quisesse Deus que nunca eu visse
vós que vi, amigo, en grave dia.

Idem, Ibidem, n.ºs 107 e 604.

LVI

Estes que agora, madre, aqui som
dizen que é sandeu meu amigo ;
non tenhades que o por al digo,
mais ben creio, se me vissem, que non
terrian meu amigo por sandeu,
madre, e que por mi ensandeceu.

E os que dizen que perdeu o sen
por mi, madre, non me dirian tal,
se soubessem com'é, e sei m'eu al,
pois que me vissem, que nunca por en
terrian meu amigo por sandeu,
madre, e que por mi ensandeceu.

E aqueles que já dizem qu'el é
por mi sandeu, assi Deus mi perdom,
cada un d'eles no seu coração,
se me vissem, nunca, por boa fé
terriam meu amigo por sandeu,
madre, e que por mi ensandeceu.

ESTEVAM FERNANDEZ D'ELVAS, n.ºs 216 e 615.

LVII

O meu amigo, que por min o sen
perdeu, ai madre, tornad'é sandeu,
e, pois Deus quis que me inda non morreu
e a vós pesa de lh'eu querer bem,
que me que[i]ra já mal, mal me farei
pareçer e desensandece-l' ei.

Por Deus vos rogo, mia madre, perdon,
que mi-o leixedes ũa vez veer,
ca lhi quer'eu ũa cousa dizer
per que guarrá, se me vir, e se non,
que me que[i]ra já mal, mal me farei
pareçer e desensandece-l' ei.

E el á perdudo o sem por mi,
que lhi esta coita dei, madr'e senhor,
e guarria, ca mi-á mui grand'amor,
se me visse, e se non, des aqui
que me que[i]ra já mal, mal me farei
pareçer e desensandece-l' ei.

LVIII

— Farei eu, filha, que vos non veja
voss'amigo. — Por quê, madr'e senhor?
— Ca me dizem que é entendedor
voss'. — Ai, mia madre, por Deus non seja:
eu o dev'a lazerar que o fiz
sandeu e el con sandiçe o diz.

— De vós e d'el, filha, ei queixume.
— Por quê, madre? ca non é guisado.
— Lazerar-mi-á esse perjurado.
— Por quê madre, meu ben e meu lume?
eu o dev' a lazerar que o fiz
sandeu e el con sandiçe o diz.

— Matar-m'ei, filha, se mi-o disserdes.
— Por quê vos avedes, madr', a matar?
— Ante que m'eu do falso non vengar.
— Madre, se vos vós vengar quiserdes,
eu o dev'a lazerar que o fiz
sandeu e el con sandiçe o diz.

Idem, Ibidem, n.ºs 683 e 1092.

LIX

- Madre, chegou meu amig' oj' aqui.
- Novas son, filha, con que me non praz.
- Por Deus, mia madre gram torto perfaz.
- Non faz, mia filha, ca perdedes i.
- Mais perderei, madre, se el perder.
- Ben lhe sabedes, mia filha, querer.

Idem, Ibidem, n.ºs 684 e 1073.

LX

Perdud'ei, madre, cuid'eu, meu amigo;
macar m'el viu, sol non quis falar migo,
e mia sobervia mi-o tolheu,
que fiz o que m'el defendeu.

Macar m'el viu, sol non quis falar migo
e eu mi-o fiz, que non prix seu castigo,
e mia sobervia mi-o tolheu,
que fiz o que m'el defendeu.

E eu mi-o fiz que non prix seu castigo
mais que mi val ora, quando o digo?
e mia sobervia mi-o tolheu,
que fiz o que m'el defendeu.

Fiei-m'eu tant'en qual ben m'el queria
que non meti mentes no que fazia,
e mia sobervia mi-o tolheu,
que fiz o que m'el defendeu

Que non meti mentes no que fazia,
e fiz pesar a quen mi-o non faria,
e mia sobervia mi-o tolheu,
que fiz o que m'el defendeu

E fiz pesar a quen mi-o non faria,
e tornou-s' en sobre mi a folia,
e mia sobervia mi-o tolheu,
que fiz o que m'el defendeu.

D. FERNAN RODRIGUEZ DE CALHEIROS (1), n.ºs 227 e 626.

LXI

Que farei agor', amigo?
pois que non queredes migo
viver,
ca non poss'eu al ben querer.

(1) Precede esta cantiga a seguinte rubrica: En esta folha adeante se começan as cantigas d'amigo que fezeron do[u]s cavaleiros e o primeiro é Fernan Rodriguiz de Calheiros.

En gran coita me leixades,
se vós alhur ir cuidades
viver,
ca non poss'eu al ben querer.

Se aquesta ida vossa
fôr, non sei eu como possa
viver,
ca non poss'eu al ben querer,

Matar-m'ei, se mi-o dizedes
que vós ren sen mi podedes
viver,
ca non poss'eu al ben querer

Idem, Ibidem, n.ºs 228 e 627.

LXII

Agora vëo [o] meu amigo
e quer-se logu'ir e non quer migo
estar;
ave-l'ei já sempr'a desejar.

Nunca lho posso tanto dizer
que o comigo possa fazer
estar;
ave-l'ei já sempr'a desejar.

Macar lho rogo, non mi-á' mester,
mais que farei? pois migo non quer
estar;

ave-l'ei já sempr'a desejar.

Idem, Ibidem, n.ºs 229 e 628.

LXIII

Direi-vos agor', amigo,
camanho temp'á passado
que non pudi veer cousa
ond'ouvesse gasalhado,
des que vos de mi partistes
têes ora que me vistes.

Des oi mais andarei leda,
meu amigo, pois vos vejo,
ca muit'á que non vi cousa
que mi tolhesse desejo,
des que vos de mi partiste
têes ora que me vistes.

Des oi mais non vos vaades,
se amor queredes migo,
ca jamais non ar fui ledo
meu coração, meu amigo,
des que vos de mi partistes
têes ora que me vistes.

Idem, Ibidem, n.ºs 230 e 629.

LXIV

Assanhei-m'eu muit'a meu amigo,
por que mi faz el quanto lhi digo:
porque entendo ca mi quer ben,
assanho-me-lhi por em.

E, se m'outren faz ond'ei despeito,
a el m'assanh'e faço dereito;
porque entendo ca mi quer ben,
assanho-me-lhi por em.

E já m'el sabe mui ben mia manha,
ca sobr'el deit'eu toda mia sanha;
porque entendo ca mi quer ben
assanho-me-lhi por em.

Idem, Ibidem, n.ºs 231 e 630.

LXV

Estava meu amig'atenden[d]'e chegou
mia madr'e fez-m'end'ir tal que mal me pesou;
alá me tornarei e i lo atenderei.

Nunca madr[e] a filha bon conselho deu,
nen a min fez a minha, mais que farei eu?
alá me tornarei e i lo atenderei.

Pesar-lh'ia a mia madre quen quer que lh'assi
fezesse, mais direi-vos que farei eu i:
alá me tornarei e i lo atenderei.

Idem, Ibidem, n.ºs 232 e 631.

LXVI

Madre, passou per aqui un cavaleiro
e leixou-me namorad' e com marteiro:

ai, madre, os seus amores ei;
se me los ei,
ca mi-os busquei,
outros me lhe dei;
ai, madre, os seus amores ei.

Madre, passou per aqui un filho d'algo
e leixou-m'assi penada, com'eu ando:

ai, madre, os seus amores ei;
se me los ei,
ca mi-os busquei,
outros me lhe dei;
ai, madre, os seus amores ei.

Madre, passou per aqui quen non passasse
e leixou-m'assi penada, mais leixasse:

ai madre, os seus amores ei;
se me los ei,
ca mi-os busquei,

outros me lhe dei;
ai, madr', os seus amores ei.

Idem, Ibidem, n.ºs 233 e 632.

LXVII

Disse-mi a mi meu amigo,
quando s'ora foi sa via,
que non lh'estevess'eu triste,
e cedo se tornaria,
e sōo maravillhada
por que foi esta tardada.

Disse-mi a mi meu amigo,
quando s'ora foi d'aquen
que non lh'estevess'eu triste,
e tarda e non mi ven,
e sōo maravillhada
porque foi esta tardada

Que non lh'estevess'eu triste,
[e] cedo se tornaria,
e pesa-mi do que tarda,
sabe-o Santa Maria,
e sōo maravillhada
por que foi esta tardada

Que non lh'estevess'eu triste,
[e] tarda e non mi ven,

e pero non é por cousa
que m'el non queira gran ben,
e sôo maravillhada
por que foi esta tardada

Idem, Ibidem, n.ºs 234 e 632.

LXVIII

Sabedes quant á, 'migo,
que m'eu vosco veer
non pud', atant' á oje
que nunca vi prazer:
e, amigo, grado já Deus
que vos veen os olhos meus.

Ouv'eu por vós tal coita
eno meu coraçon
que nunca vos cuidara
veer nulha sazón:
e, amigo, grado já Deus
que vos veem os olhos meus.

E rogu'eu, meu amigo,
aquele Deus que me fez
que nunca eu já viva
sen vós tan[t]' outra vez:
e, amigo, grado já Deus
que vos veen os olhos meus.

E ben assi mi-o quiso
mia ventur' aguisar,
que nunca sen vós ouvi
sabor, ergu' en chorar:
e, amigo, grado já Deus
que vos veem os olhos meus.

VAASCO PRAGA DE SANDIN, *Ibidem*, n.ºs 235 e 633.

LXIX

Cuidades vós, meu amigo,
ca vos non quer' eu mui gram ben,
e a mi nunca ben venha,
se eu vejo no mundo ren
que a ami tolha desejo
de vós, u vos eu non vejo.

E, maca-lo vós cuidades,
eno meu coraçon vos ei
tan grand' amor, meu amigo,
que cousa no mundo non sei
que a mi tolha desejo
de vós, u vos eu non vejo

E nunca mi ben que[i]rades,
que me será de morte par,
se souberdes, meu amigo,

ca poss' eu ren no mund' achar
que a mi tolha desejo
de vós, u vos eu non vejo

Idem, Ibidem, n.ºs 236 e 634.

LXX

Meu amigo, pois vós tan gram pesar
avedes de mi vos eu assanhar,
por Deus, a quen m'assanharei,
amig', ou como viverei?

Se m'eu a vós, meu amigu'e meu ben,
non assanhar, dizede-m' ùa ren:
por Deus, a quen m'assanharei,
amig', ou como viverei?

Se m'eu a vós, que amo mais ca mi,
non assanhar, se sabor ouver i,
por Deus, a quen m'assanharei,
amig', ou como viverei?

Se m'eu a vós d'assanhar non ouver,
si quer dōado, quando m'eu quiser,
por Deus, a quen m'assanharei,
amig', ou como viverei?

Idem, Ibidem, n.ºs 237 e 636.

LXXI

Quando vos eu, meu amigu'e meu ben,
non posso veer, vedes que mi aven:
tenho e vej 'e non posso veer,
meu amigo, que mi possa prazer.

Quando vos eu con estes olhos meus
non posso veer, se mi valha Deus,
tenho e vej 'e non posso veer,
meu amigo, que mi possa prazer:

E non dorm'eu, nen enfinta non é,
u vos eu non vejo, e per boã fé
tenho e vej 'e non posso veer,
meu amigo, que mi possa prazer.

E os meus olhos sen vós que prol mi-am?
pois non dorm'eu con eles, e de pran
tenho e vej 'e non posso veer,
meu amigo, que mi possa prazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 238 e 637

LXXII

O meu amigo que mi dizia
que nunca mais migo viveria,
par Deus, donas, aqui é já.

Que muito m'el avia jurado
que me non visse, mais, a Deus grado,
par Deus, donas, aqui é já.

O que jurava que me non visse,
por non seer todo quant'el disse,
par Deus, donas, aqui é já.

Melhor o fezo ca o non disse:
par Deus, donas, aqui é já

PAY SOAREZ, n.º 239 e 638.

LXXIII

Donas, veeredes a prol que lhi ten
de lhi saberem ca mi quer gram ben.

Par Deus, donas, ben podedes jurar
do meu amigo que mi fez pesar,
mais, Deus! é que cuida mi a gãar
de lhi saberem ca mi quer gram ben

Sofrer-lh'ei eu de me chamar senhor
nos cantares que fazia d'amor,
mais enmentou-me todo con sabor
de lhi saberem ca mi quer gran ben.

Foi-m'el en seus cantares enmentar,
veedes ora se me dev'a queixar,
ca se non quis meu amigo guardar
de lhi saberem ca mi quer gran ben.

Idem, Ibidem, n.ºs 240 e 639.

LXXIV

Quando se foi meu amigo,
jurou que cedo verria,
mais, pois non ven falar migo,
por en, por Santa Maria
nunca me por el rogedes,
ai, donas, fé que devedes.

Quando se foi, fez-me preito
que se verria mui cedo
e mentiu-me, tort'á feito,
e, pois de min non á medo,
nunca me por el rogedes,
ai, donas, fé que devedes.

O que vistes que dizia
ca andava namorado,
pois que non veo o dia

que lh'eu avia mandado,
nunca me por el rogedes,
ai, donas, fé que devedes (1).

Idem, Ibidem, n.ºs 241 e 640

LXXV

Levad', amigo, que dormides as manhãas frias;
todalas aves do mundo d'amor dizian:
leda m' and'eu.

Levad', amigo, que dormide'-las frias manhãas;
todalas aves do mundo d'amor cantavan:
leda m' and'eu.

Toda-las aves do mundo d'amor diziam;
do meu amor e do voss'en ment'avian:
leda m' and'eu.

Toda-las aves do mundo d'amor cantavan;
do meu amor e do voss'i enmentavan:
leda m' and'eu.

Do meu amor e do voss'en ment'avian;
vós lhi tolhestes os ramos en que siian:
leda m' and'eu.

(1) Esta mesma cantiga é, nos n.ºs 413 e 827, atribuída a Afonso Eanes do Coton.

Do meu amor e do voss'i enmentavam ;
vos lhi tolhestes os ramos en que pousavan :
leda m' and'eu.

Vós lhi tolhestes os ramos en que siian
e lhis secastes as fontes en que beviau :
leda m' and'eu.

Vós lhi tolhestes os ramos en que pousavan
e lhis secastes as fontes u se banhanan :
leda m' and'eu.

NUNO FERNADES TORNEOL, *Ibidem*, n.^{os} 242 e 641.

LXXVI

Aqui vej' eu, filha, o voss' amigo,
o por que vós baralhades migo,
delgada.

Aqui vejo, filha, o que amades,
o por que vós migo baralhades,
delgada.

[O] por que vós baralhades migo
quero-lh' eu ben, pois é voss'amigo,
delgada.

O por que vós migo baralhades
quero-lh' eu ben, poi-lo vós amades,
delgada.

Idem, Ibidem, n.º 243 e 642

LXXVII

Ai, madr', o meu amigo, que non vi
á gram sazon, dizen-mi que é 'qui
madre, per bõa fé, led' and'eu.

E sempr'eu punhei de lhi mal fazer,
mais, pois ora vëo por me veer,
madre, per bõa fé, led'and'eu.

Por quanta coita el por mi levou
non lhi poss'al fazer, mais, pois chegou,
madre, per bõa fé, led'and'eu.

Idem, Ibidem, n.º 244 e 643.

LXXVIII

Que coita tamanha ei a sofrer
por amar amigu'e non o veer!
e pousarei so lo avelãl.

Que coita tamanha ei endurar,
por amar amigu'e non lhi falar!
e pousarei so lo avelãal.

Por amar amigu'e non o veer,
nen lh' ousar a coita que ei dizer:
e pousarei so lo avelãal

Por amar amigu'e non lhi falar,
nen lh' ousar a coita que ei mostrar:
e pousarei so lo avelãal

Nen lh' ousar a coita que ei dizer
e non mi dan seus amores lezer:
e pousarei so lo avelãal.

Nen lh' ousar a coita que ei mostrar
e non mi dan seus amores vagar:
e pousarei so lo avelãal.

Idem, Ibidem, n.ºs 245 e 644.

LXXIX

Vi eu, mia madr', andar
as barcas eno mar:
e moiro-me d'amor.

Foi eu, madre, veer
as barcas eno ler:
e moiro-me d'amor.

As barcas [e]no mar
e foi-las aguardar:
e moiro-me d'amor.

As barcas eno ler
e foi-las atender:
e moiro-me d'amor.

E foi-las aguardar
e non o pud' achar:
e moiro-me d'amor

E foi-las atender
e non o pudi veer:
e moiro-me d'amor.

E non o achei i,
[o] que por meu mal vi:
e moiro-me d'amor.

[E non o achei lá,
o que vi por meu mal:
e moiro-me d'amor]

LXXX

Trist' anda, mia madr[e], o meu amigo
e eu triste por el, ben vo-lo digo,
e, se m'el morrer, morrer-vos-ei eu.

E morrerá por min, tant' é coitado,
e vós perderedes meu gasalhado,
e, se m'el morrer, morrer-vos-ei eu

Idem, Ibidem, n.º 247 e 645.

LXXXI

Foi-s' un dia meu amigo d'aqui
e non me viu, e por que o non vi,
madre, ora morrerei.

Quando m'el viu, non foi polo seu ben,
ca morre agora por min, e por en,
madre, ora morrerei.

Foi-s' el d'aqui e non m'ousou falar,
nen eu a el, e por en con pesar,
madre, ora morrerei.

Idem, Ibidem, n.º 248 e 647.

LXXXII

— Dizede-m' ora, filha, por santa Maria :
qual é o voss' amigo que mi vos pedia ?

— Madr', eu amostrar-vo-lo-ei.

— Qual é [o] voss' amigo que mi vos pedia ?
se mi-o vós mostrasedes, gracir-vo-lo-ia.

— Madr', eu amostrar-vo-lo-ei.

— [S]e mi-o vós amostrardes, gracir-vo-lo-ia
e direi-vo-l' eu logo en que s' atrevia

— Madr', eu amostrar-vo-lo-ei.

Idem, Ibidem, n.ºs 249 e 648.

LXXXIII

Ai madre, ben vos digo :
mentiu-mi-o meu amigo :
sanhuda lh' and'eu.

Do que mi ouve jurado ;
pois mentiu per seu grado,
sanhuda lh' and'eu.

Non foi u ir avia,
mais ben des aquel' dia
sanhuda lh' and'eu.

Non é de mi partido,
mais por que mi á mentido,
sanhuda lh' and'eu.

PERO GARCIA BURGALÈS, *Ibidem*, n.ºs 250 e 649.

LXXXIV

Non vos nembra, meu amigo,
o torto que mi fezeistes?
posestes de falar migo,
fui eu e vós non veestes:
e queredes falar migo?
e non querrei eu, amigo.

Jurastes que todavia
verriades de bon grado,
ante que saiss' o dia;
mentistes-mi, ai perjurado!
e queredes falar migo?
e non querrei eu, amigo.

E ainda me rogaredes
que fal'eu algur con vosco?
e por quanto mi fazedes

direi que vos non conhosco:
e queredes falar migo?
e non querrei eu, amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 251 e 650.

LXXXV

— Se eu, mia filha, fôr
voss' amigo yeer,
por que morre d'amor
e non pode viver,
iredes comigu' i?
— Par Deus, mia madr', irei.

— Pois vos quer tan gran ben
que non pode guarir,
dizede-mi ũa ren,
pois eu alá quero ir:
iredes comigu' i?
— Par Deus, mia madr', irei.

— Sempre lh' eu coita vi
por vós e mort' á i;
filha, pois [alá] vou
e mig' outren non vai,
iredes comigu' i?
— Par Deus, mia madr', irei

JOAN NUNEZ, CAMANÊS, Ibidem, n.ºs 252 e 651.

LXXXVI

Vistes, filha, noutro dia
u vos dix' eu que gram prazer
eu avia d'irdes veer
voss' amigo que morria?
non vo-lo dix' eu por seu ben,
mais por que mi dissera quen
no viu que já non guarria.

Por al vos non mandaria
ve[e]-lo, mais oi dizer
a que[n] no viu assi jazer
que tan coitado jazia
que já non guarria per ren;
mandei-vo-lo veer por en,
por mal que vos d'el seria.

E, por que non poderia
falar-vos, nen vos conhocer,
nen de vós gasalhad' aver,
pero vos gran ben queria,
mandei-vo-lo veer enton
por aquesto que por al non,
filha, par santa Maria.

LXXXVII

Par Deus, amigo, muit'á gram sazon
que vos non vi e vedes por que non:
por que vos non quis mia madre veer.

Defendeu-mi que por nen hũa ren
nunca vos visse, nen vos vi por en:
por que vos non quis mia madre veer.

Vira-vos eu, non fezera end' al,
poi-l[h]o roguei, mais estar-m'ia mal:
por que vos non quis mia madre veer.

Roguei-lh' eu que vos viss' e non quis Deus
que vos vissem aquestes olhos meus:
por que vos non quis mia madre veer.

Non mi devedes vós culpa pœr,
amigo, ca vos non ousei veer.

Idem, Ibidem, n.ºs 254 e 653.

LXXXVIII

Id', ai mia madre, vee-lo meu amigo
que é coitado, por que non fala migo,
e irei eu convosco, se vós quiserdes.

Tan coitado que morrerá, se me non vir;
id', ai mia madre, vee-lo, polo guarir,
e irei eu convosco, se vós quiserdes.

Por que de morte me quer ben de coraçon,
ide vee-lo, mia madr', e guarrá enton,
e irei eu convosco, se vós quiserdes

Idem, Ibidem, n.ºs 255 e 654.

LXXXIX

Par Deus, donas, quando veer
meu amigu'e migo falar
nunca no mund', a meu cuidar,
foi outra tan leda molher,
com'eu serei, des que o vir,
mais pero [eu] triste sever.

Idem, Ibidem, n.ºs 256 e 655.

XC

Chegades vós, ai amiga, du é
meu amigo e con ele falastes,
mais eu ben vos digo
que falarei vosco tod'aqueste dia,
pois falastes con quen eu falar queria.

Du é meu amigo [mui] ben sei [eu]
que chegades e con el falastes,
mais per min creades

que falarei vosco tod'aqueste dia,
pois falastes con quen eu falar queria.

Gran ben m'é convos[co], por[que] muit'ei
que vos diga; pois con el falastes,
creades, amiga,
que falarei vosco tod'aqueste dia,
pois falastes con quen eu falar queria.

AIRAS CORPANCHO, *Ibidem*, n.^{os} 257 e 656.

XCI

Tanto sei eu de mi parte
quant'é de meu coraçon,
ca me ten mia madre presa
e, mentr'eu en sa prisom
fôr, non veerei meu amigo.

E por aquest', alongada
querria, per bõa fé,
seer du está mia madre,
ca, mentr'eu, ù ela é,
fôr, non veerei meu amigo.

Por quanto m'outra vegada
sen seu grado con el vi,
guarda-me d'el a perfia
e oimais, en quant'assi
fôr, non veerei meu amigo.

De min, nen de mia fazenda
non poss'eu parte saber,
ca sei [mui] ben de mia madre
que, mentr'eu en seu poder
fôr, non veerei meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 258 e 657.

XCII

Madre velida, meu amigo vi,
non lhi falei e con el me perdi:
e moir'agora, querendo-lhi ben;
non lhi falei, ca o tiv'en desden;
moiro eu, madre, querendo-lhi ben.

Se lh'eu fiz torto, lazerar-mi-o-ei
con gran dereito, ca lhi non falei:
e moir'agora, querendo-lhi ben;
non lhi falei, ca o tive en desden,
moiro eu, madre, querendo-lhi ben.

Madre velida, ide-lhi dizer
que faça ben e me venha veer:
e moir'agora, querendo-lhi ben;
non lhi falei, ca o tiv'en desden;
moiro eu, madre, querendo-lhi ben.

Idem, Ibidem, n.ºs 259 e 658.

XCIII

A maior coita que eu no mund'ei,
[a] meu amigo non lh'ousou falar
e amigo que nunca desejar
soub'outra ren se non mi, eu o sei,
e, se o eu por mi leixar morrer,
será gram tort'e non ei de fazer.

Que lh'eu quisesse ben de coração,
qual a min quer o meu, dés que me viu,
e nulh'amor nunca de min sentiü
e foi coitado por mi dés enton,
e, se o eu por mi leixar morrer,
será gram tort'e non ei de fazer.

Que lhi quisesse ben, qual a mi quer
o meu, que tan muit'á que desejou
meu ben-fazer e nunca lhi prestou
e será morto, se lh'eu non valer,
e, se o eu por mi leixar morrer,
será gram tort'e non ei de fazer,

O maior torto que pode seer:
leixar dona seu amigo morrer

XCIV

— Que me mandades, ai madre, fazer
ao que sei que nunca ben querer
soub'outra ren?

— Par Deus, filha, mando-v[o-l'ir veer
e será ben
e do] que lhi faz [voss'amor sofrer
guarrá por en.

— Que farei madre, por morte partir
ao que de min nunca pôd'oir
nenhũa ren?

— Vaades] vós, filha, polo guarir,
e será ben
[e el que morre por vós, pois vos vir,
guarrá por en.]

— Que lhi direi, se veer u eu fôr
e mi quiser dizer, come a senhor,
algũa ren?

— Diga[des], filha, quant'ouver sabor
e será ben
e el que viv'en gran coita d'amor
guarrá por en.

CXV

Madre, pois vós desamor avedes
a meu amigo, por que sabedes
ca mi quer ben, vee-lo-ei
e, se mi vós algun ben queredes,
loar-mi-o-edes, eu o sei.

Por desamor que lhi sempr'ouvestes,
madre velida, dés que soubestes
ca mi quer ben, vee-lo ei
e, se mi vós algun ben queredes,
loar-mi-o-edes, eu o sei.

Por mui gram coita que á consigo,
madre velida, ben vo-lo digo
ca, se poder, vee-lo-ei,
e, se mi vós algun ben queredes,
loar-mi-o-edes, eu o sei.

Idem, Ibidem, n.ºs 262 e 661.

XCVI

Molher com'eu non vive coi[tada,
trage-me mal mia madre loada,
por vos, amigo].

A mia coita non lhi sei guarida;
trage-me mal mia madre velida,
por vós, amigo.

[Trage-me mal mia madre loada,
trage-me mal e são guardada,
por vós, amigo].

Trage-me mal mia madre velida
[e] pouc[o] á que fui mal ferida,
por vós amigo.

Trage-me mal e são guardada
e pouc[o] á que foi mal julgada,
por vós amigo.

[E pouc[o] á que foi mal ferida
e feriu-me mia madre velida,
por vós amigo].

Idem, ibidem, n.ºs 263 e 264 e 662.

CXVII

De fazer romaria pug'en meu coraçõ
a Sant'Iag'un dia, por fazer oraçõ
e por veer meu amigo logu'i.

E, se fazer [bon] tempo e mia madre non fôr,
querrei andar mui leda e parecer melhor
e por veer meu amigo logu'i.

Quer'eu ora mui cedo provar se poderei
ir queimar mias candeas con gran coita que ei,
e por veer meu amigo logu'i.

Idem, Ibi, n.º 263 e 663.

XCVIII

Irmãa, o meu amigo,
que mi quer ben de coraçon
e que é coitado por mi,
se Nostro Senhor vos perdon,
treide-lo veer comigo,
irmãa, o meu amigo.

Irmãa, o meu amigo
que sei que me quer maior ben
ca si nen ca seu coraçon,
fazed por mi ãa ren :
treide-lo veer comigo
irmãa, o meu amigo

Irmãa, o meu amigo,
que mi quer melhor ca os seus

olhos e que morre por mi,
que vos amostr'o vosso Deus,
treide-lo veer comigo,
irmãa, o meu amigo

VAASCO GIL, *Ibidem*, n.ºs 266 e 664.

XCIX

Quando se foi noutro dia d'aqui
o meu amigo, roguei-lh'eu por Deus,
chorando muito destes olhos meus,
que non tardass'e disse-m'el assi:
que nunca Deus lhi desse de mi ben,
se non veesse mui ced', e non ven.

Quando se foi noutro dia, que non
pud'al fazer, dixi-lh'eu, se tardar
quisesse muito, que nunca falar
podia migu', e disse-m'el enton:
que nunca Deus lhi desse de mi ben,
se non veesse mui ced'e non ven.

Non sei que x'est ou que pode seer,
por que non ven, pois que lho eu roguei,
ca el mi disse, como vos direi,
e sol non meteu i de non poder:
que nunca Deus lhi desse de mi ben,
se non veesse mui ced'e non ven.

Non sei que diga, tanto m'é gran mal,
do meu amigo de como morreu,
ca mi diss'el, u se de mi quitou,
e non sacou ende morte nen al:
que nunca Deus lhi desse de mi ben,
se non veesse mui ced'e non ven.

D. JOAN D'AVOIN, *Ibidem*, n.^{os} 267 e 665.

C

Cuidades vós, meu amigo, ùa ren:
que me non poss'assanhar sen razon
eu contra vós, come vós; porque non?
escontra mi coidades i mal sen,
ca poder ei de m'assanhar assi
eu contra vós, come vós contra mi.

E, se cuidades ca non ei poder,
meu amigo, de mi vos assanhar,
ben como vós a min, ides cuidar
mal sen, ca logo vos farei veer
ca poder ei de m'assanhar assi
eu contra vós, come vós contra mi.

E, [se] cuidades que poder non ei
de me vos assanhar, se m'eu quiser,
ben come vós a min, se vos prouguer,

ben outro si me vos assanharei,
ca poder ei de m'assanhar assi
eu contra vós, come vós contra mi.

Mais, pois me vos Deus por amigo deu
e mi a vós por amiga, muit'á,
quitade-vos vós de cuidardes já
o que cuidades, ca ben vos digu'eu
ca poder ei de m'assanhar assi
eu contra vós, come vós contra mi

Idem, Ibidem, n.ºs 263 e 665.

CI

Vistes, madre, quando meu amigo
pôs que verria falar comigo?
oje dia cuidades que venha?

Vistes, u jurou que non ouvesse
nunca de min ben, se non veesse?
oje dia cuidades que venha?

Viste'las juras que jurou enton,
que verria sen mort'ou sen prison?
oje dia cuidades que venha?

Viste'las juras que jurou ali,
que verria, e jurou-as per mi:
oje dia cuidades que venha?

Idem, Ibidem, n.ºs 269 e 666.

CII

Que boas novas que oj'oirá
o meu amigo, quando lh'eu disser
ca lhi quer'eu maior ben ca m'el quer,
e el enton con ben que lhi será
 non saberá como mi agradecer,
 nen que mi diga con tan gram prazer.

Ca lhi direi ca mui melhor ca mi
lhi quer'eu já, nen ca meu coraçon,
nen ca meus olhos, se Deus mi perdon,
e, pois que lh'eu tod'esto meter i,
 non saberá como mi agradecer,
 nen que mi diga con tan gram prazer.

E outro prazer vos direi maior
que vos eu dixi que lh'oj'eu direi,
que viva migu', assi non morrerei,
e, pois que lh'eu disser tan grand'amor,
 non saberá como mi agradecer,
 nen que mi diga con tan gram prazer.

O que el deseja mais d'outra ren
lhi direi oje, tanto que o vir,

ca lhi direi ca non posso guarir,
tal ben lhi quer', e el enton con ben
non saberá como mi agradecer,
nen que mi diga con tan gran prazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 270 e 667.

CIII

Par Deus, amigo, nunca eu cuidei
que vos perdesse come vos perdi
por quen non parece melhor de mi,
nen ar val mais, e tal queixume end'ei
que direi, amigo, per bõa fé
como parec'e seu nom'e quen é.

Se vos foss'eu por tal dona perder
que me vences's'oj'en parecer ben
ou en al que quer, prazer-m'ia en,
mais tan sen guisa o fostes fazer
que direi, amigo, per bõa fé
como parec'e seu nom'e quen é.

En toda ren que vos possa buscar
mal, buscar-vo-lo-ei, mentr'eu viva fôr,
ca me leixastes por atal senhor
que ben vos digo con este pesar

que direi, amigo, per bõa fé,
como parec'e seu nom'e quen é.

E, poi-lo eu disse[r], per bõa fé,
pesar-vos-á, pois souberem quen é,

Idem, Ibidem, n.ºs 271 e 668.

CIV

Dized', amigu', en que vos mereci
por non queredes comigo viver?
e saberedes que non ei eu poder
de viver, pois vos parti[r]des de mi;
e, pois sen vós viver non poderei,
vivede mig', amig[u]', e viverei.

Vivede migu' e ben vos estará
e averei sempre que vos gracir,
ca, se vos fordes e vos eu non vir,
non viverei, amig', u al non á;
e, pois sen vós viver non poderei,
vivede mig', amig[u]', e viverei.

Se queredes que vos eu faça ben,
aí, meu amigu', en algũa sazón,
vivede migo, se Deos vos perdon,

ca non poss'eu viver per outra ren,
e, pois sen vós viver non poderei,
vivede mig', amig[u]', e viverei.

Pois entendedes, amigo, com'ê
a mia fazenda, por Nostro Senhor,
vivede migo, ca, pois sen vós fôr,
non poderei viver, per bõa fé,
e, pois sen vós viver non poderei,
vivede mig', amig[u]', e viverei.

Idem, Ibidem, n.ºs 272 e 669.

CV

Disseron-mi ora de vós ãa ren,
meu amigo, de que ei gram pesar,
mais eu mi-o cuido mui ben melhorar,
se eu poder, e poderei mui ben,
ca o poder que sempre ouvi m'ei,
e eu vos fiz e eu vos desfarei.

Dizên-mi que filhastes senhor tal
per que vos cuidastes de min partir,
e ben vos é, se vos a ben sair,
mais d'este ben farei-vos end'eu mal,
ca o poder que sempre ouvi m'ei,
e eu vos fiz e eu vos desfarei.

Senhor filhastes, com'oi dizer,
a meu pesar, e perderedes i,
se eu poder, e poderei, assi
como fiz sempr', e posso-me poder,
ca o poder que sempre ouvi m'ei,
e eu vos fiz e eu vos desfarei.

E, pois vos eu tornar qual vos achei,
pesar-mi-á en, mais pero vingar-m'ei.

Idem, Ibidem, n.ºs 273 e 670.

CVI

Pero vos ides, amigo,
sen o meu grad'alhur viver,
non vos ides, ond'ei prazer,
por non falardes comigo,
ca d'aqui o poss'eu guisar,
mais por mi fazerdes pesar.

E, pero vos ides d'aquen,
non vos ides, do que mi praz,
por non fazer eu quanto faz
molher por om'a que quer ben,
ca d'aqui o poss'eu guisar,
mais por mi fazerdes pesar.

Ir-vos podedes, mais ben sei
ca non diredes con razon
que non faç'eu de coraçon
por vós quanto de fazer ei,
ca d'aqui o poss'eu guisar,
mais por mi fazerdes pesar.

E, pero vos ir queredes,
non diredes, per bõa fé,
con dereito que per min é,
ca faç'eu quanto dizedes,
ca d'aqui o poss'eu guisar,
mais por mi fazerdes pesar.

Idem, Ibidem, n.ºs 274 e 672

CVII

Amigo, pois me leixades
e vos ides alhur morar
rogu'eu a Deus, se tornades
aqui por comigo falar,
que non ajades, amigo,
poder de falar comigo.

E, pois vós vos ir queredes
e me non queredes crear,

rog' a Deus, se o fazedes
e tornardes por me veer,
que non ajades, amigo,
poder de falar comigo.

Pois non catades misura,
nen quanto vos eu fiz de ben,
rog' a Deus, se per ventura
tornardes por mi dizer ren,
que non ajades, amigo,
poder de falar comigo.

Pois vos ides sen meu grado
e non dades nada por mi,
rogu'eu a Deus, se coitado
fordes e tornardes aqui,
que non ajades, amigo,
poder de falar comigo.

Idem, Ibidem, n.º 275 e 673.

CVIII

Amig'ouv'eu a que queria ben
tal sazón foi, mais já'migo non ei
a que ben queira, nen o averei,
enquanto viva já per ũa ren:
ca mi mentiu o que mi soia
dizer verdad'e nunca mentia.

E mui pouc' á que lh'eu oí jurar
que non queria ben outra molher
se non mi, e sei eu que lho quer,
e por esto non poss'en ren fiar,
ca mi mentiu o que mi soia
dizer verdad'e nunca mentia.

Mais me fiava per el ca per mi,
nen ca per ren que no mundo viss'al,
e mentiu-m'ora tan sen guisa mal
que non fiarei en ren dés aqui,
ca mi mentiu o que mi soia
dizer verdad'e nunca mentia.

E, se outr'ouvesse, mentir-mi-a,
pois mi mentiu o que non mentia.

Idem Ibidem, n.ºs 276 e 674.

CIX

O porque sempre mia madre roguei,
que vos visse, meu amigo, non quer,
mais pesar-lh'á muito, quando souber
que vos eu digu'esto que vos direi:
cada que migo quiserdes falar,
falade migu'e pês a quen pesar.

Pês a quen quer e mate-se por en
ca post'ê já o que á de seer:
veer-vos-ei, se vos poder veer,
e poderei, ca, meu lum'e meu ben,
cada que migo quiserdes falar,
falade migu'e pês a quen pesar.

Pois entendo que mia mort'e meu mal
quer, pois non quer ren de quant'a mi praz
e, poi'lo ela por aquesto faz,
fazed'aquest'e depois fará-s'al:
cada que migo quiserdes falar,
falade migu'e pês a quen pesar.

Sempr'eu punhei de mia madre servir,
mais por esto ca por outra razon:
por vos veer, amigu', e por al non,
mais, pois mi-o ela non quer consentir,
cada que migo quiserdes falar,
falade migu'e pês a quen pesar.

Idem, Ibidem, n.º 277 e 675.

CX

Cavalgava noutro dia
per o caminho francês
e ùa pastor siia
cantando con outras tres
pastores e non vos pês,

e direi-vos toda via
o que a pastor dizia
aas outras en castigo:

« Nunca molher crêa per amigo,
pois s'ó meu foi e non falou migo.»

« Pastor, non dizedes nada,
diz ãa d'elas enton;
se se foi esta vegada,
ar verrá-s'outra sazón
e dirá-vos por que non
falou vosc', ai ben talhada,
e é cousa mais guisada
de dizerdes, com'eu digo:

Deus, ora veess'ó meu amigo
e averia gram prazer migo ».

Idem, Ibidem, n.ºs 278 e 676

CXI

Per boa fé, mui fremosa, sanhuda
sej'eu e trist'e coitada por en,
por meu amigu'e meu lum'e meu ben,
que ei perdud'e el mi [á] perduda,
por que se foi sen meu grado d'aqui.

Cuidou-s'el que mi fazia mui forte
pesar de s'ir, porque lhi non falei,

pero ben sabe Deus ca non ousei,
 mais seria-lh'oje melhor a morte,
 porque se foi sen meu grado d'aqui.

Tan crua mente lh'o cuid'a vedar
 que ben mil vezes no seu coraçon
 rogu'el a Deus que lhi dê meu perdon
 ou sa morte, se lh'eu non perdoar,
 porque se foi sen meu grado d'aqui.

D. João Soares Coelho, *Ibidem*, n.ºs 280 e 678.

CXII

Foi-s'o meu amigo d'aqui noutro dia
 coitad'e sanhud'e non soub'eu ca s'ia,
 mais, já que o sei, e por santa Maria
 e que farei eu, louçãa?

Quis el falar migu'e non ouve guisado
 e foi-s'el d'aqui sanhud'e mui coitado
 e nunca depois vi el nen seu mandado,
 e que farei [eu], louçãa?

Quen lh'ora dissesse quan trist'oj'eu seja
 e quant'oj'eu, mui fremosa, desejo
 falar lh'e vee-l'e, pois que o non vejo,
 e que farei [eu], louçãa?

Idem, Ibidem, n.ºs 281 e 679.

CXIII

Amigo, queixum'avedes
de mi, que non falo vosco,
e, quant'eu de vós conhosco,
nulha parte non sabedes
de quam muito mal, amigo,
sofro, se falardes migo,

Nen de com'ameaçada
fui un dia pola ida
que a vós fui e ferida;
non sabedes vós en nada
de quam muito mal, amigo,
sofro, se falardes migo.

Dés que souberdes mandado
do mal muit'e mui sobejo
que mi fazem, se vos vejo,
enton mi averedes grado
de quam muito mal, amigo,
sofro, se falardes migo

E pero, se vós quiserdes
que vós fal'e que vos veja,

sol non cuidedes que seja,
se vós ante non souberdes
de quam muito mal, amigo,
sofro, se falardes migo

Idem, Ibidem, n.º 282 e 680.

CXIV

Ai, madr', o que eu quero ben
non lh'ous'eu ante vós falar
e á end'el tan gram pesar
que dizem que morre por en,
e, se assi morrer por mi,
ai madre, perderei eu i.

Gran sazón á que me serviu
e non mi o leixastes veer
e veeron-mi ora dizer
ca morre, por que me non viu,
e, se assi morrer por mi,
ai, madre, perderei eu i.

Se por mi morrer, perda mi é
e pesar-mi-á, se o non vir,
pois per al non pode guarir,
ben vos juro, per bõa fé,

e, se assi morrer por mi,
ai madre, perderei eu i.

Idem, Ibidem, n.ºs 283 e 681.

CXV

Oje quer'eu meu amigo veer;
por que mi diz que o non ousarei
veer mia madre, de pram vee-lo-ei
e quero tod'en ventura meter,
e dés i saia per u Deus quiser.

Por en qual coita mi mia madre ten
que o non veja, no meu coraçon
ei oj'eu posto, se Deus mi perdon,
que o veja e que lhi faça ben,
e dés i saia per u Deus quiser.

Pero mi-o ela non quer outorgar,
i-lo-ei veer ali u m'el mandou
e por quanta coita per mi levou
farei-lh'eu est'e quanto m'al rogar,
e dés i saia per u Deus quiser

Ca diz o vervo ca non sêmeou
milho quen passarinhas receou

Idem, Ibidem, n.ºs 284 e 682.

CXVI

Falei un dia, por me baralhar
con meu amigo, con outr',u m'el visse
e direi-vos que lhi dix',u m'el disse
porque lhi fezera tan gram pesar:
se vos i, meu amigo, pesar fiz,
non foi por al, se non porque me quix.

Por baralhar con el e por al non
falei con outr',en tal que o provasse,
e pesou-lhi mais ca se o matasse
e preguntou-m'e dixi-lh'eu enton:
se vos i, meu amigo, pesar fiz,
non foi por al, se non porque me quix.

Ali u eu con outr'ant'el falei
preguntou-m'ele porque lhi fazia
tan gran pesar ou se o entendia
e direi-vos como me lhi salvei:
se vos i, meu amigo, pesar fiz,
non foi por al, se non porque me quix.

Idem, Ibidem, n.ºs 285 e 683.

CXVII

Amigo, pois me vos aqui
ora mostrou Nostro Senhor,
darei-vos quant'á que sabor

non ar ouve d'al nen de mi,
per bõa fé, meu amigo,
dés que non falastes migo.

E ar direi-vos outra ren:
nunca eu ar pudi saber
que x'era pesar nen prazer,
nen que x'era mal nen que ben,
per bõa fé, meu amigo,
dés que non falastes migo.

Nen nunca o meu coraçon
nen os meus olhos ar quitei
de chorar e tanto chorei
que perdi o sen dés enton,
per bõa fé, meu amigo,
dés que non falastes migo.

Idem, Ibidem, n.ºs 286 e 684.

CXVIII

Amigas, por Nostro Senhor,
andade ledas migo,
ca puj'antre mia madr'amor
e antr'o meu migo,
e por aquest'ando leda;
gram dereit'ei [d']andar led[a]
e andade migo ledas.

Pero mia madre non foss'i,
mandou-mi que o visse;
nunca tan bon man[da]d'oi,
come quando mi-o disse,
e por aquest'ando leda;
gran dereit'ei [d']andar leda
e andade migo ledas.

E mando[u]-o migo falar;
vedes que ben mi-á feito,
e venho-mi vos en loar,
ca pugi já assi o preito
e por aquest'ando leda;
gran dereit'ei [d']andar leda
e andade migo ledas.

Idem, Ibidem, n.ºs 287 e 685.

CXIX

Vedês, amigas, meu amigo ven
e enviou-mi dizer e roguar
que lh'aguis'eu de comigo falar,
e de tal preito non sei end'eu ren,
e pesa-mi que m'enviou dizer
que lhi faça o que non sei fazer.

Ca, pero m'end'eu gran sabor ouver
e mui gram coita no meu coração

110 CANTIGAS D'AMIGO

de lho [a]guisar, se Deus mi perdon,
non lho [a]guisarei, pois non souber,
e pesa-mi que m'enviou dizer
que lhi faça o que non sei fazer.

Ca eu nunca con nullo ome falei,
tanto me non valha Nostro Senhor,
dés que naci, nen ar foi sabedor
de tal fala, nen a fiz, nen a sei,
e pesa-mi que m'enviou dizer
que lhi faça o que non sei fazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 288 e 686.

CXX

— Filha, direi-vos ũa ren
que de voss'amigu'entendi
e filhad' algun conselh'i:
digo-vos que vos non quer ben.

— Madre, creer-vos ei eu d'al

E non d'esso, per bõa fé,
ca sei que mui melhor ca si
me quer, nen que meu quero mi.

— Mal mi venha, se assi é.

— Madre, creer-vos-ei eu d'al,

Mais non d'esso, c'assí lhe praz
de me veer que, pois naci,
nunca tal prazer d'ome vi.

— Filha, sei eu que o non faz.

— Madre, creer-vos-ei eu d'al,

Mais non vos creerei per ren
que no mundo á que queira tan gran ben

Idem, Ibidem, n.ºs 289 e 687.

CXXI

Ai, meu amigo, se [vós] vejades
prazer de quanto no mund'amades,
levade-me vosc', amigo.

Por non leixardes mi, ben talhada,
viver com'oj'eu vivo coitada,
leva-de-me vosc', amigo.

Por Deus, fihe-xi-vos de min doo;
melhor iredes migo ca soo,
levade-me vosc', amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 290 e 688.

CXXII

Fui eu, madre, lavar meus cabelos
a la fonte e paguei-m'eu d'elos
e de mi, louçãa.

Fui eu, madre, lavar mias garcetas
a la fonte e paguei-m'eu d'elas
e de mi, louçãa.

A la fonte [e] paguei-m'eu d'eles,
aló achei, madr', o senhor d'eles
e de mi, louçãa.

Ante que m[e] eu d'ali partisse,
fui pagada do que m[e] el disse
e de mi, louçãa.

Idem, Ibidem, n.ºs 291 e 689

CXXIII

Ai, Deus a vó-lo digo:
foi-s'or' o meu amigo:
e se o verei, velida!

Quen m'end'ora soubesse
verdad'e mi dissesse :
e se o verei, velida!

Foi-s'el mui sen meu grado
e non sei eu mandado :
e se o verei, velida!

Que fremosa que sejo,
morrendo con desejo :
e se o verei, velida.

Idem, Ibidem, n.ºs 292 e 690.

CXXIV

Fremosas, a Deus louvado
con tan muito ben como oj'ei,
e do que são mais leda,
ca todo quant'eu desejei
vi, quando vi meu amigo.

Agora me foi mia madre melhor
ca me nunca foi, des quando naci ;
Nostro Senhor lho gradesca por mi ;
e ora é mia madr'e e mia senhor,
ca me mandou que falasse migo
quant'el quisesse o meu amigo.

Sempre lh'eu madr'e senhor chamarei
 e puinharei de lhe fazer prazer
 por quanto me non quis leixar morrer,
 e morrera, mais já non morrerei,
 ca me mandou que falasse migo
 quant'el quisesse o meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 293 e 691 e 692.

CXXV

Amigo, se ben ajades,
 rogo-vos que mi digades:
 por que non vivedes migo,
 meu conselh'e meu amigo;
 por que non vivedes migo?

Se mi vós tal ben queredes,
 amigo, qual mi dizedes,
 por que non vivedes migo,
 meu conselh'e meu amigo;
 por que non vivedes migo?

Pois eu nada non desejo
 se non vós, u vos non vejo,
 por que non vivedes migo,
 meu conselh'e meu amigo;
 por que non vivedes migo?

Pois non desejei al nada
 se non vós d'esta vegada,
 por que non vivedes migo,
 meu conselh'è meu amigo;
 por que non vivedes migo?

ESTEVAM REIMONDO, *Ibidem*, n.^{os} 294 e 693.

CXXVI

Anda [mui] triste [o] meu amigo,
 mia madr',e á de mi gram despeito,
 por que non pôde falar comigo
 e non por al, e faz gram dereito
 d'andar [mui] triste o meu amigo,
 por que non pôde falar [co]migo.

Anda [mui] trist[e] o meu amigo,
 mia madr',e tenho que seja morto,
 por que non pôde falar comigo
 e non por al, e ñon faz gran torto
 d'andar [mui] trist[e] o meu amigo,
 por que non pôde falar comigo.

Anda [mui] trist[e] o meu amigo,
 mia madr',e anda por en coitado,
 por que non pôde falar comigo
 e non por al, e faz mui guisado

d'andar [mui] trist[e] o meu amigo,
por que non pôde falar comigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 295 e 694

CXXVII

Oí ora dizer que ven
meu amigo, de que eu ei
mui gran queixum'e averei,
se m'el mentir por ũa ren:
 como pôd'aquesto fazer,
 poder sen mi tanto morar,
 u mi non podesse falar?

Non cuidei que tan gran sazón
el podesse per ren guarir
sen mi e, pois que o eu vir,
se mi non disser logu'enton:
 como pôd'aquesto fazer,
 poder sen mi tanto morar,
 u mi non podesse falar?

Perder-m'á, se o non souber,
que terra foi a que achou,
u el sen min tanto morou,
se mi verdade non disser:
 como pôd'aquesto fazer,

poder sen mi tanto morar,
u mi non podesse falar?

JOAN LOPES D'ULHOA, *Ibidem*, n.^{os} 296 e 695.

CXXVIII

Ai Deus, u é meu amigo
que non m'envia mandado?
ca preit' avia comigo,
ergo se fosse coitado
de morte, que se veesse
o mais cedo que podesse.

Quando s'el de mi partia,
chorando, fez-mi tal preito
e disse quand' e qual dia,
ergo se fosse mal treito
de morte, que se veesse
o mais cedo que podesse.

E já o praz' é passado
que m'el disse que verria
e que mi avia jurado,
sen gran coita todavia
de morte, que se veesse
o mais cedo que podesse,

E, se eu end'al soubesse,
que nunca lhi ben quisesse.

Idem, Ibidem, n.^{os} 297 e 696

CXXIX

Que trist'oj'eu and' e faço gran razon:
foi-s'o meu amigu' e o meu coraçon,
donas, per bõa fé alá est u el é.

Con [a]tan gran coita perderei o sen:
foi-s'o meu amigu' e todo [o] meu ben
donas, per bõa fé, alá est u el é.

Perderei o sen, donas, ou morrerei:
foi-s'o meu amigu' e quanto ben [eu] ei
donas, per bõa fé, alá est u el é.

Que adur quitou de meus olhos [os] seus:
foi-s'o meu amigu' e o lume dos olhos meus
donas, per bõa fé alá est u el é.

Idem, Ibidem, n.ºs 298 e 697.

CXXX

Eu fiz mal sen, qual nunca fez molher,
pero cuidei que fazia bon sen
do meu amigo, que mi quer gram ben,
e mal sen foi, pois m'el tan gran ben quer,
que o tive sempr'en desden e non
pôd'el saber ren do meu coraçon.

Ca nunca de mi pôd' entender al
e con essa coita se foi d'aqui
e fiz mal se[n], nunca tan mal sen vi,
por que o fiz, e acho-m' ende mal,
que o tive sempr'en desden e non
pôd'el saber ren do meu coraçon.

Por lhi dar coita, por sabe-lo seu
coraçon ben, que eu sabia já,
m'encobri de mais; sempre já será
mal pera mi, ca mal o per fiz eu,
que o tive sempr'en desden e non
pôd'el saber ren do meu coraçon.

Idem, Ibidem, n.º 299 e 698.

CXXXI

Já sempre, mentre viva for,
[eu] viverei mui coitada,
por que se foi meu amigo,
e fui eu i muit' errada;
por quanto lhi fui sanhuda,
quando se de mi partia;
par Deus, se ora chegasse,
co el mui leda seria.

E tenho que lhi fiz torto
de me lh'assanhar doado,

pois que mi-o non merecera,
e foi-se por en coitado;
por quanto lhi fui sanhuda,
quando se de mi partia;
par Deus, se ora chegasse,
co el mui leda seria.

El de pran que esto cuida,
que est [co]migo perdudo,
ca se non, logo verria,
mais por esto m'é sanhudo;
por quanto lhi fui sanhuda,
quando se de mi partia;
par Deus, se ora chegasse,
co el mui leda seria.

Idem, Ibidem, n.ºs 300 e 699

CXXXII

Eu nunca dórmió nada,
cuidand'en meu amigo;
el que tam muito tarda,
se outr'amor á sigo,
ergo o meu, queria
morrer o'este dia.

E cuid'en esto sempre;
non sei que de mi seja;

el que tan muito tarda,
se outro ben deseja,
ergo o meu, queria
morrer oj'este dia.

Se o faz, faz-mi torto
e, par Deus, mal me mata
el que tan muito tarda,
se rostro outro lho cata,
ergo o meu, queria
morrer oj'este dia.

Ca meu dano seria
de viver mais un dia.

Idem, Ibidem, n.ºs 301 e 700.

CXXXIII

Que mi queredes, ai madr'e senhor?
ca non ei eu no mund'outro sabor
se non catar ali per u á viir
meu amigo, por que moiro d'amor,
e non poss'end'eu os olhos partir.

Já me feristes cen vezes, por en;
eu, mia madre, non ei [oj]'outro ben
se non catar ali per u á viir
meu amigo, por que perço o sen,
e non poss'end'eu os olhos partir.

Por aquel[e] Deus que vos fez nacer
leixade-me que non poss'al fazer
se non catar ali per u á viir
meu amigo, por que quero morrer,
e non poss'end'eu os olhos partir.

Idem, Ibidem, n.ºs 302 e 701.

CXXXIV

Amigu,'e non vos nembrades
de mi e torto fazedes,
mais nunca per mi creades,
se mui cedo non veedes
ca sodes mal conselhado
de mi sair de mandado.

Non dades agora nada
por mi e, pois vos partirdes
d'aqui, mais mui bem vingada
serei de vós, quando virdes
ca sodes mal conselhado
de mi sair de mandado.

Non queredes viver migo
e moiro [eu] con soidade,
mais veredes, [meu] amigo,
pois que vos digu' en verdade,
ca sodes mal conselhado
de mi sair de mandado.

D. FERNAN FERNANDEZ COGOMINHO, *Ibidem*, n.ºs 303 e 702.

CXXXV

Ir quer'oj'eu, madre, se vos pro[u]guer
u é meu amigu'e, se o poder veer,
veerei mui gram prazer.

Gran sazón á, madre, que o non vi,
mais, pois mi Deus guisa de o ir veer,
veerei mui gran prazer.

Idem, Ibidem, n.º 304 e 03.

CXXXVI

Amiga, muit'á que non sei,
nen mi ar veestes vós dizer
novas, que querria saber,
dos que ora son con el-rei:
se se veen ou se x'estam
ou a que tempo se verram.

Enquanto falades migo,
dizede, se vos venha ben,
se vos disse novas alguen
dos que el-rei levou sigo:
se se veen ou se x'estam
ou a que tempo se verram.

Daria mui de coraçon
que quer que aver podesse
a quen mi novas dissesse
del-rei e dos que con el son:
se se veen ou se x'estam
ou a que tempo se verran.

Mais ben sei [eu] o que faran:
por que mi pesa, tardaran.

Idem, Ibidem, n.ºs 305 e 704.

CXXXVII

Meu amigo, se vejades
de quant'amades prazer,
quant'alhur muito morades,
que non podedes saber,
amigo, de mi mandado,
se sodes enton coitado?

Dizede-mi-o, meu amigo,
e, por Deus, non mi-o neguedes,
quando non sodes comigo
e muit'á que non sabedes,
amigo, de mi mandado,
se sodes enton coitado?

Ca, se faz que vós andades,
quando vos de mi partides

gran tempo que non tornades,
enton quando non oídes,
amigo, de mi mandado,
se sodes enton coitado?

Idem, Ibidem, n.ºs 306 e 705.

CXXXVIII

Que leda que oj'eu seja,
por que mi enviou dizer
ca non ven con gran desejo
coitado d'u foi viver
ai, dona',lo meu amigo
se non por falar comigo;
nen ven por al meu amigo,
se non por falar comigo.

Enviou-mi seu mandado
dizer, qual eu creo ben,
ca non ven por al coitado
de tan longi com' el ven,
ai, dona'lo meu amigo
se non por falar comigo;
nen ven por al meu amigo
se non por falar comigo.

Nulha coita non avia,
tanto creede por mi,

outro nen el non envia;
mais por que verria aqui,
 ai, dona'lo meu amigo
se non por falar comigo?
nen ven por al meu amigo,
se non por falar comigo.

GONÇALO EANES DO VINHAL, *Ibidem*, n.ºs 307 e 706.

CXXXIX

Par Deus, amiga, quant'eu receei
do meu amigo todo m'oj'aven,
cá receei de mi querer gram ben,
como m'el quer polo que vos direi:
eu, pois fui nada, nunca ouv'amor,
nen quij'amigu'en tal razon aver,
e el filhou-m'á força por senhor,
a meu pesar, e morrerá por en.

E non se pod'alongar, eu o sei,
dos que migo falan, nen encobrir
que lhis non fale en al, pera oír
en mi falar, e já me lhi ensanhei,
por que o fez, e nunca el maior
pesar oíu, mais non pôd'al fazer;
mais esso pouco que el vivo fôr
farei-vo-lh'eu o que m'el faz sentir.

E sabe Deus o pesar que end'ei,
mais non se pode de mui gram pesar
guardar senon quen xe d'el quer guardar,
mais sempre m'eu d'atal preito guardei
o mais que pud'e non ouv'i sabor,
mais el me mata, porque quer morrer
por mi de pran e do que m'é peor
non pod'en já o coraçon quitar.

E á tan gram coita de me veer
que lh'averam este preit'a saber.

Idem, Ibidem, n.ºs 3-8 e 707.

CXL

Quand'eu sobi nas torres sobe-lo mar
e vi onde soia a bafordar
o meu amig,'amigas, tam gram pesar
ouv'eu enton por ele no coraçon,
quand'eu vi estes outros per i andar,
que a morrer ouvera por el enton.

Quand'eu catei das torres derredor
e non vi meu amigo e meu senhor,
que oj'el por mi vive tan sen sabor,
ouv'eu enton tal coita no coraçon,
quando me nembrei d'el e do seu amor,
que a morrer ouvera por el enton.

Quand'eu vi esta cinta que m'el leixou,
chorando con gran coita, e me membrou
a corda da camisa que m'el filhou,
ouvi por el tal coita no coraçon,
pois me nembra fremosa u m'enmentou,
que a morrer ouvera por el enton.

Nunca molher tal coita ouv'a sofrer
com'eu, quando me nembra o gran prazer
que lh'eu fiz, u mi a cinta vëo a cinger;
creceu-mi tal coita [e]no coraçon,
quand'eu sobi nas torres po'lo veer,
que a morrer ouvera por el enton.

Idem, Ibidem, n.ºs 309 e 708.

CXLI

O meu amigo, que me quer gram bem,
nunca de min pôde aver senon mal
e morrerá, u non pod'aver al,
e a mi praz, amiga, de[l] morrer
por aquesto que vos quero dizer:
leix'a coidar no mal qui lhi en ven
e coida sempre [em] meu boom parecer.

E a tal om,'amigas, que farei,
que assi morr'e assi quer morrer

por aquel ben que nunca pôd'aver,
nen averá, ca já se lho partiu?
por que me assi demanda u saiu?
leix'a coidar no mal que lhi eu dei
e coida'en mi fremosa que m'el viu.

E amores tantas coitas lhi dan
por min que já a morte mui preto está,
e sei eu d'el que cedo morrerá
e, se morrer, non me faz i pesar,
ca se non soube da morte guardar;
leix'a a coidar eno seu grande afam
e coida sempre em meu bom semelhar.

Idem, Ibidem, n.ºs 310 e 709.

CXLII

Amiga, por Deus vos venh'ora rogar
que mi non queirades fazer perdoar
ao meu amigo, que mi fez pesar,
e non mi-o roguedes, ca o non farei,
atá que el venha ante mi chorar;
porque s'assanhou, non lhi perdoarei.

Por quanto sabedes que mi quer servir
mais que outra rem quero-lho [eu] gracir
mais eu non lho quero por em consentir,

e non mi-o roguedes, ca o non farei,
atá que el venha mercee pedir;
porqué s'assanhou, non lhi perdoarei

Gran pesar lhi farei, non vistes maior,
porque non guardou mi, nen o meu amor
e em filhar sanha ouve gram sabor,
e non mi-o roguedes, ca o non farei,
atá que el senç'a ira dẽ senhor;
porqué s'assanhou, non lhi perdoarei.

E, porque sei ben que non pode viver
u el non poder os meus olhos veer,
farei-lh'eu que veja qual é meu poder,
e non mi-o roguedes, ca o non farei,
atá que eu veja que já quer morrer:
porqué s'assanhou, non lhi perdoarei.

Mais, pois que el tod'aquesto fezer, farei
eu por vós quanto [a] fazer oer,
mais ante por ren non lhi perdoarei.

Idem, Ibidem, n.ºs 311 e 710.

CXLIII

O meu amigo que[i]xa-se de mi,
amiga, porque lhi nom faço ben

e diz que perdeu já por mi o sen
e que o pos[s]eu desensandecer
e non sei eu se el diz verdad'i,
mais non quer'eu por el meu mal fazer.

Queixa-s'el muito, porque lhi non fiz,
amiga, bem e diz que á pavor
de m'estar mal, se por min morto for,
poi-lo poss'eu de morte guarecer,
e non sei eu se el verdade diz,
mais non quer'eu por el meu mal fazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 312 e 711.

CXLIV

Meu amigu'é d'aquend'ido,
amiga, mui meu amigo;
dizen-mi, ben vo-lo digo
que é já de mi partido:
mais que preito tan desguisado!

Pero vistes que chorava
quando se de min partia,
disseron-mi que morria
por outra a quen amava:
mais que preito tan desguisado!

Ô que sei de pran que morre
por min, o que non faz torto

dizen-m'ora que é morto
si, se lh'outra non acorre,
mais que preito tan desguisado!

Idem, Ibidem, n.ºs 313 e 712.

CXLV

Amigas, eu oí dizer
que lidaron os de Mouron
con aquestes d'el-rei e non
poss'end'a verdade saber:
se é viv'o meu amigo,
que troux'a mia touca sigo.

Se me mal non estevesse
ou non fosse por enfinta
daria esta mia cinta
a quem m'as novas dissesse:
se é viv'o meu amigo,
que troux'a mia touca sigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 999 (1) e 1390.

(1) Em C. V. ha a mais a rubrica seguinte: Esta cantiga fez don Gonçal[o] Eanes do Vinhal a don Anrique en nome da rein[h]a dona Joana, sa madrastra, porque dizian que era seu entendedor, quando lidou en Mouron con don Nuno e con don Rodrigo Afor so que tragia o pode[r] del-rei.

CXLVI

Sei eu, donas, que deitad'é d'aqui
do reino já meu amigu'e non sei
como lhi vai, mais quer'ir a el-rei,
chorar-lh'ei muito e direi lh'assi:
por Deus, senhor, que vos tan bon rei fez,
perdoad'a meu amigu'esta vez.

Porque o amo tan de coração,
como nunc'amou amigo molher,
irei ali u el rei estiver,
chorando dos olhos, direi lh'enton:
por Deus senhor, que vos tan bon rei fez,
perdoad'a meu amigu'esta vez.

E, pois que me non val rogar a Deus,
nen os santos non me queren oir, .
irei a [e]l-rei mercee pedir
e direi, chorando dos olhos meus:
por Deus, senhor, que vos tan bon rei fez,
perdoad'a meu amigu'esta vez,

E por Deus, que vos deu onr'e bondade,
a don Anriqu'esta vez [perdoade].

Idem, Ibidem, n.º 1008 (1).

(1) Diz C. V.: Esta cantiga fez don Gonçalo

CXLVII

O meu amig,'ai amiga,
a que muita prol buscastes,
quando me por el rogastes,
pero vos outra vez diga
que me vós por el roguedes,
nunca me por el roguedes.

El verrá, ben o sabiades,
dizer-vos que é coitado,
mais sol non seja pensado,
pero o morrer vejades,
que me vós por el roguedes;
nunca me por el roguedes.

Quanto quiser tanto more
meu amigo en outra terra
e ande comigo a guerra,
mais, pero ante vos chore
que me vós por el roguedes,
nunca me por el roguedes.

ROI QUEIMADO, C. V. n.º 314 e C. B. n.º 713.

[E]anes do Vinhal ao infante don Anrique por que dizian que era entendedor da rainha dona Joana, sa madrastra, e esto foi quando o elrei don Afonso pôs fora da terra.

CXLVIII

Quando meu amigo souber
que m'assanhei por el tardar
tam muito, quand'aqui chegar
e que lh'eu falar non quiser,
muito terrá que baratou
mal, por que tam muito tardou.

Non tem agora el en rem
mui gram sanha que eu d'el ei;
quando el veer, com'eu serei
sanhuda, parecendo bem,
muito terrá que baratou
mal, por que tan muito tardou.

E, quand'el vir os olhos meus
e vir o meu bom semelhar
e o eu non quiser catar,
nen m'ousar el catar dos seus,
muito terrá que baratou
mal, porque tan muito tardou.

Quando m'el vir ben parecer,
com'oj'eu sei que m'el verá,
e da coita que por min á
non m'ousar nulha ren dizer,

muita terrá que baratou
mal, porque tan muito tardou.

Idem, Ibidem, n.ºs 315 e 714.

CXLIX

Dizen-mi ora que non verrá
o meu amigo, por que quer
mui gram bem a outra molher,
mais esto quem no creerá,
que nunca el de coraçon
molher muit'ame se min non?

Pode meu amigo dizer
que ama outrem mais ca si,
nen que outra rem, nen ca mi,
mais esto non é de creer,
que nunca el de coraçon
molher muit'ame se min non.

Enfinta faz el, eu o sei,
que morre por outra d'amor
e que non á min por senhor,
mais eu esto non creerei,
que nunca el de coraçon
molher muit'ame se min non.

Idem, Ibidem, n.ºs 316 e 715.

CL

O, meu amigo, que me mui gran ben,
quer, assanhou-s' un dia contra mi
muit'endoado, mais el que s'assi
a min assanha, sei eu ãa ren:

se soubess'el quan pouq[u]'eu daria
por sa sanha, non s'assanharia.

E, por que non quij' eu con el falar,
quand'el quisera, nen se mi aguisou,
assanhou-s'el, mais de pran ben cuidou
que me matava, mais, a meu cuidar,
se soubess'el quan pouq[u]'eu daria
por sa sanha, non s'assanharia.

Por que me quer ben de coraçon
assanhou-s'el e cuidou-mi a fazer
mui gran pesar, mais deveades creer
d'el que s'assanha, se Deus me perdon,
se soubess'el quan pouq[u]'eu daria
por sa sanha, non s'assanharia.

Idem, C. B. n.º 265 e C. A. n.º 413.

CLI

Pois que vos eu quero mui gran ben,
amigu',e quero por vós fazer

quanto me vós rogades, dizer
vos quer'eu e rogar ãa ren:
que nunca vós, amig,'ajades
amiga [a] que o digades,
nen eu non quer'aver amiga,
meu amig[o], a que o diga.

Quanto me vós quiserdes mandar
que por vós faça, ben sabede
que o farei e vós fazedo
por mi o que vos quero rogar:
que nunca vós, amig,'ajades
amiga [a] que o digades,
nen eu non quer'aver amiga,
meu amig[o], a que o diga.

Pois vos eu faço tan grand'amor
que non quero ao meu catar,
quero-vos ante muito rogar,
meu amigo, por Nostro Senhor:
que nunca vós, amig,'ajades
amiga [a] que o digades,
nen eu non quer'aver amiga,
meu amig[o] a que o diga.

CLII

— Amigo, pois mi dizedes
ca mi queredes mui gram ben,
quand'ora vos fordes d'aquen,
dizede-mi: que faredes?

— Senhor fremosa, eu vo-lo direi:
tornar-m'ei ced'ou morrerei.

Se Nostro Senhor vos perdon,
pois aqui sodes coitado,
quando fordes alongado,
por Deus, que faredes enton?

— Senhor fremosa, eu vo-lo dizei:
tornar-m'ei ced'ou morrerei.

Idem, Ibidem, n.ºs 318 e 717.

CLIII

Ir-vos queredes, amigo, d'aquem
e dizedes-mi vós que vos guis'eu
que faledes ante comigu'e, meu
amigo, dizede ora ãa ren:

como farei eu tan gran[de] prazer
a quen mi tan gran pesar quer fazer?

Rogades-me vós mui de coração
que fale vosqu'e al non aja i,
e queredes-vos, amigu',ir d'aqui,
mais dized'ora, se Deus vos perdon,
 como farei eu tan grand[de] prazer
a quem mi tan gran pesar que fazer?

Queredes que vos fale, se poder,
e dizedes que vos queredes ir,
mais, se Deus vos leixe cedo viir,
dized,'amigo, se o eu fezer,
 como farei eu tan gran[de] prazer
a quen mi tan gran pesar quer fazer?

Idem, Ibidem, n.º 13 (1) ou 319 e 718 e C. A. n.º 152.

CLIV

Quiso-m'oj'un cavaleiro dizer,
amigas, ca me queria gram ben,
e defendi-lho eu, e ùa ren
sei, per quant'eu i d'el pud'aprender,
 tornou mui trist'e eu ben lh'entendi
que lhi pesou por que lho defendi.

(1) O n.º 13 de C. V. contém apenas a 1.ª estrofe.

Quis m'el dizer, assi Deus mi perdon,
o ben que mi quer a mui gram pavor
e quiso-me logo chamar senhor
e defendi-lho eu e el enton

tornou mui trist'e eu ben lh'entendi
que lhi pesou porque lho defendi.

Falava migu'e quiso-me falar
no mui gram ben que m'el diz ca mi quer
e dixi-lh'eu que non lh'era mester
de falar i, e el con gran pesar

tornou mui trist'e eu ben lh'entendi
que lhe pesou porque lho defendi.

E tenho que desmesura fiz i,
por que lh'end'algũa ren non tornei i.

Idem, Ibidem, n.ºs 320 e 719.

CLV

Sedia la fremosa seu sirgo torcendo,
sa voz manselinha fremoso dizendo
cantigas d'amigo.

Sedia la fremosa seu sirgo lavrando,
sa voz manselinha fremoso cantando
cantigas d'amigo.

— Par Deus de Cruz, dona, sei eu que avedes
amor mui coitado que tan ben dizedes
cantigas d'amigo.

Par Deus de Cruz, dona, sei [eu] que andades
d'amor mui coitada que tan ben cantades
cantigas d'amigo.

— Avuitor comestes, que adevinhades.

ESTEVAM COELHO, *Ibidem*, n.ºs 321 e 720.

CLVI

Se oj'o meu amigo
soubess, iria migo:
eu al rio me vou banhar.

Se oj'el este dia
soubesse, migo iria:
eu al rio me vou banhar.

Quem lhi dissess'atanto,
ca já filhei o manto:
eu al rio me vou banhar.

Idem, Ibidem, n.ºs 322 e 721.

CLVII

Por Deus, amiga, que preguntedes
por meu amigo que aqui non ven,
e sempre vos eu por en querrei ben,
por Deus, amiga, se o fazedes,
ca non ous'oj'eu por el preguntar
con medo de mi dizerem pesar.

Logo já, 'miga, polo meu amor
preguntad'os que aqui chegaron
com'ou de qual guisa o leixaron
e dizede-mi-o por Nostro Senhor,
ca non ous'oj'eu por el preguntar
con medo de mi dizerem pesar.

Preguntade vó-lo voss'amigo,
ca sei eu mui ben ca vo-lo dirá,
se era mort'ou viv'o[u] que fará,
e falade-o, [amiga], comigo
ca non ous'oj'eu por el preguntar
con medo de mi dizerem pesar.

ESTEVAN TRAVANCA, *Ibidem*, n.ºs 323 e 722.

CLVIII

Amigas, quando se quitou
meu amig'un dia d'aqui,

pero mi-o eu coitado vi
e m'el ante muito rogou
que lhi perdoasse, non quix
e fiz mal, por que o non fiz.

E pavor ei de s'alongar
d'aqui, assi Deus me perdon,
e fará-o con gram razon,
ca me veo ante rogar
que lhi perdoasse, non quix,
e fiz mal, porque o non fiz.

Chamava-m'el lume dos seus
olhos e seu ben e seu mal,
poi-lo non fazia por al,
que o fizesse [eu] por Deus,
que lhi perdoasse, non quix,
e fiz mal, porque o non fiz.

E, se o por en perdud'ei,
nunca maior dereito vi,
ca vëo chorar ante mi
e disse-mi o que vos direi,
que lhi perdoasse, non quix,
e fiz mal, porque o non fiz.

E sempre m'en mal acharei,
por que lh'enton non perdoei,

ca, se lh'eu perdoass'ali,
nunca s'el partira d'aqui;
que lhi perdoasse, non quix,
e fiz mal, por que o non fiz

Idem, Ibidem, n.ºs 324 e 723.

CLIX

Se eu a meu amigo dissesse
quant'eu já por el quisera fazer
ũa vez, quando m'el veo veer,
des que end'el verdade soubesse,
non averia queixume de mi,
com'oj'el á, nen s'iria d'aqui.

E, se soubesse quan sen meu grado
non fiz por el quant'eu quiser'enton
fazer, amiga, se Deus mi perdon,
per com'eu cuid'e cuid'aguisado,
non averia queixume de mi,
com'oj'el á, ren s'iria d'aqui

Idem, Ibidem, n.ºs 325 e 724.

CLX

Dizen-mi, amiga, se non fazer bem
a meu amigo, que el prenderá,

morte por mi e, pero que el á
por min gran coita e me quer gran ben,
mais lhe valrria, pera non morrer,
non lhe fazer ben ca de lho fazer.

Mais, amiga, ũa cousa [eu], sei
de meu amigo, que el averá
morte mui cedo, se meu ben non á,
e, per quant'eu de mia fazenda sei,
mais lhe valrria, pera non morrer,
non lhe fazer ben ca de lho fazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 326 e 725

CLXI

O voss'amig',amiga, foi sazón
que desejava no seu coração
outra molher, mais en vossa prison
está quite por vós d[e] outra ren
e, pois al non deseja se vós non,
ben seria de lhi fazerdes ben.

El outra dona soia querer
gran ben, amiga, e foi-vos veer
e ora já non pod'aver prazer
de si, nen d'al, se lhi por vós non ven,
e, pois assi é no vosso poder,
ben seria de lhi fazerdes ben.

El outra dona avia por senhor
e ora Deus, por lhi fazer maior
coita sofrer, já mentre vivo fôr,
mostrou-lhi vós, por que el perd'o sen,
e, poi-lo assi força voss'amor,
ben seria de lhi fazerdes ben.

RODRIGO EANES DE VASCONCELOS, *Ibidem*, n.ºs 327 e 726.

CLXII

Se eu, amiga, quero fazer ben
a meu amigo, que ben non quer al
se non a mi, dizem-[mi] que é mal
mias amigas e que faço mal sen,
mais non as creo, ca sei ùa ren:
pois meu amigo morre por morrer
por mi, meu ben é de lhi ben fazer.

Elas non sabem qual sabor eu ei
de lhi fazer ben no meu coraçon
e posso-lho fazer mui con razon,
mais dizem logo que mal sen farei
mias amigas, mais ùa cousa sei:
pois meu amigo morre por morrer
por mi, meu ben é do lhi ben fazer.

Eu lhi farei ben e elas verran
preguntar-m'ante vós por que o fiz,
e direi eu qual est a que o diz

e, pois moir[o] en, outorgar-mi-o an,
ca lhis direi: mias amigas, de pran,
pois meu amigo morre por morrer
por mi, meu ben é de lhi ben fazer.

E ante lhi quer'algum ben fazer
ca o leixar, como morre, morrer;
por lhi fazer ben ou polo veer,
non lhi quer'eu leixar morte prender.

Idem, Ibidem, n.ºs 328 e 727.

CLXIII

O meu amigo non á de mi al
se non gram coita, que lhi nunca fal,
e, amiga, o coraçon lhi sal
por me veer, e dized'ũa ren,
pois m'el ben quer, e[n]que lh'eu faça mal,
que faria, se lh'eu fizesse ben?

Des que naci, nunca lhi fiz prazer
e o mais mal que lh'eu pudi fazer
lhi fiz, amiga, e quero saber
de vós, pois este mal por mal non ten,
e lh'eu mal faç'e por mi quer morrer,
que faria, se lh'eu fizesse ben?

El é quite por mi d'outra senhor
e faço-lh'eu cada dia peor,

pero, amiga, a min quer melhor
ca a si nen al, e, pois lh'assi aven,
que lh'eu mal faç'e m'el á tal amor,
que faria, se lh'eu fezesse ben?

Idem, Ibidem, n.º 329 e 728.

CLXIV

Fals'amigo, per boa fé,
m'eu sei que queredes gran ben
outra molher e por mi ren
non dades, mais, pois assi é,
oimais fazede des aqui
capa d'outra ca non de mi.

Ca noutro dia vos achei
falar no voss'e non en al
con outra e foi-m'ende mal,
mais, pois que a verdade sei,
oimais fazede des aqui
capa d'outra ca mon de mi.

E, quando vos eu vi falar
con outra, logu'i ben vi eu
que seu erades, ca non meu,
mais quero-vos eu desenganar,
oimais fazede des aqui
capa d'outra ca non de mi.

AFONSO MENDES DE BEESTEIROs, *Ibidem*, n.º 330 e 729.

CLXV

Mia madre, venho-vos rogar
como roga filh'a senhor:
o que morre por mi d'amor
leixade-m'ir co[n] el falar;
 quanta coita el sigo ten
 sei que toda lhi por mi ven.

E sodes desmesurada,
que vos non queredes doer
do meu amigo, que morrer
vejo e and'eu coitada;
 quanta coita el sigo ten
 sei que toda lhi por mi ven.

Vee-lo ei eu, per bõa fé,
e direi-lhi tan gran prazer
por que el deva agradecer,
poí-lo seu mal cedo meu é;
 quanta coita el sigo ten
 sei que toda lhi por mi ven:
 oje se part'o coraçon!

Idem, Ibidem, n.ºs 331 e 730.

CLXVI

Amiga, quero-vos eu já dizer
o que mi diss[e] o meu amigo:

que morre, quando non é comigo,
cuidando sempre no meu parecer,
 mais eu non cuido, se el cuidasse
 en mi, que tanto sen mi morasse.

Nunca lhi já creerei nulha ren,
pois tanto tarda, se Deus mi perdon,
e diz ca morre d'esto, ca d'al non,
cuidand'en quanto mi Deus fez de bem,
 mais eu non cuido, se el cuidasse
 en mi, que tanto sen mi morasse.

Porque tan muito tarda d'esta vez,
seu pouqu'e pouco se vai perdendo
comigu'e diz el que jaz morrendo,
cuidand'en quan fremosa me Deus fez,
 mais eu non cuido, se el culdasse
 en mi, que tanto sen mi morasse

E non sei ren por que el ficasse
que non veesse, se lh'eu nembrasse.

PERO GOMES BARROSO, *Ibidem*, n.ºs 333 e 732.

CLXVII

O meu amigo, que é con el-rei
[faça-lhi quanto ben quiser], (1) ben sei

(1) São de Teófilo Braga as palavras entre colchetes: cf. *Can. ptg. da Vat.* pag. 64.

ca nunca ben no mundo pod'aver.
pois eu, fremosa, tan muito ben ei,
se non viver migu,'enquant'eu viver.

Punh'el-rei ora de lhi fazer ben
e quanto x'el quiser tanto lhi den,
ca nunca ben no mundo pod'aver,
se Deus mi valha, que lhi valha ren,
se non viver migu,'enquant'eu viver.

Façan-lh'ora quanto el quiser e non
more comigo, se Deus mi perdon,
ca nunca ben no mundo pod'aver,
nen gran prazer eno seu coração,
se non viver migu,'enquant'eu viver,

Nen gran pesar quantos no mundo son
non lho faran, se lh'eu fezer prazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 334 e 733.

CLXVIII

Direi verdade, se Deus mi perdon:
o meu amigo, se mi quer gran ben
non lho gradesco e mais d'outra ren
gradesc'a Deus eno meu coração
que m'el fremosa fez; tanto mi deu
tanto de ben quanto lhi pedi eu.

Se m'el quer ben, como diz ca mi quer,
el faz guisad'[e] eu, polo fazer,
non lho gradesco e ei que agradecer
a Deus já sempr'o mais que poder,
que m'el fremosa fez; tanto mi deu
tanto de ben quanto lhi pedi eu.

Se m'el quer ben, non lhi quer'eu nen mal,
nen a[ve]rei que lhi gradesca i,
ma[i]s quant'oj'eu no meu espelho vi
gradesc'a Deus muit'e gradesco-lh'al,
que m'el fremosa fez; tanto mi deu
tanto de ben quanto lhi pedi eu.

Idem, Ibidem, n.ºs 335 e 734.

CLXIX

Pois nossas madres vam a San Simon
de Val de Prados candeas queimar,
nós, as meninas, punhemos d'andar
con nossas madres, e elas enton
queimen candeas por nós e por si
e nós, meninas, bailaremos i.

Nossos amigos todos lá iram
por nos veer e andaremos nós
bailand'ant'eles, fremosas, en cós,
e nossas madres, pois que alá van,

queimen candeas por nós e por si
e nós, meninas, bailaremos i.

Nossos amigos iran por cousir
como bailamos e poden veer
bailar moças de [mui] bon parecer,
e nossas madres, pois lá queren ir,
queimen candeas por nós e por si
e nós, meninas, bailaremos i.

PERO VIVIAEZ, *Ibidem*, n.ºs 336 e 735.

CLXX

Por Deus, amiga, punhad'en partir
o meu amigo de mi querer ben;
non mi-o digades, ca vos non val ren,
nen mi mandedes a ess'alá ir,
ca tanta prol mi ten de lhi falar,
per boa fé, come de me calar.

Dizede-lh'ora que se parta já
do meu amor, onde sempr'[o]uve mal;
leixemos ess'e falemos en al;
muito cofonda Deus quen lho dirá,
ca tanta prol mi ten de lhi falar,
per boa fé, come de me calar.

Dizede-lh'ora que non pod'aver
nunca meu ben e que non cuid'i sol;

non mi-o digades, ca vos non ten prol,
cotonda Deus a que lho vai dizer,
ca tanta prol mi ten de lhi falar,
per boa fé, come de me calar.

Idem, Ibidem, n.º 337 e 36.

CLXXI

Pero que eu meu amigo roguei
que se non fosse, sol non se leixou
por mi de s'ir, e, quand'aqui chegou,
por quant'el viu que me lh'eu assanhei,
chorou tan muit'e tan de coração
que chorei eu con doo d'el enton.

Eu lhi roguei que mais non chorasse,
ca lhi parcia que nunca por en
lhi mal quisesse, nen por outra ren,
e, ante que lh'eu esto rogasse,
chorou tan muit' e tan de coração
que chorei eu con doo d'el enton.

El mi jurou que se non cuidava
que end'ouvess'[eu] atan gram pesar,
ca, se non, fora ben de se matar,
e, quand'el viu que mi lh'assanhava,
chorou tan muit' e tan de coração
que chorei eu con doo d'el enton.

FERNAN GONÇALVES DE SEAVRA, *Ibidem*, n.º 338, 737.

CLXXII

Fui eu, fremosa, fazer oraçon,
non por mia alma, mais que viss'eu i
o meu amigo, e, poi-lo non vi,
vedes, amigas, se Deus mi perdon,
gram dereit' é de lazerar por en,
pois el non vëo, nen aver meu ben.

Ca fui eu chorar [destes] olhos meus,
mias amigas, e candeas queimar,
non por mia alma, mais polo achar,
e, pois non vëo, nen o dusse Deus,
gran dereit' é de lazerar por en,
pois el non vëo, nen aver meu ben.

Fui eu rogar muit'a Nostro Senhor,
non por mia alma candeas queimar,
mais por veer o que eu muit' amei
sempr', e non vëo o meu traedor;
gran dereit' é de lazerar por en,
pois el non vëo, nen aver meu ben.

D. AFONSO LOPEZ DE BALAN, *Ibidem*, n.ºs 339 e 738.

CLXXIII

Madre, des que se foi d'aqui
meu amigo, non vi prazer;

nen mi-o queredes [vós] creer
e moir'e, se non é assi,
non vejades de mi prazer
que desejades a veer.

Des que s'el foi, per bõa fé,
chorei, madre, dos olhos meus
con gram coita, sab' oje Deus,
e moir' e, se assi non é,
non vejades de mi prazer
que desejades a veer.

De mia mort' ei mui gram pavor,
mia madre, se cedo non ven,
e al non dovidedes en,
ca, se assi non é, senhor,
non vejades de mi prazer
que desejades a veer.

Idem, Idem, n.ºs 340 e 738.

CLXXIV

Ir quer'oj'eu, fremosa, de coração,
por fazer romaria e oraçon
a Santa Maria das Leiras,
pois meu amigo i ven.

Des que s'el d'aqui foi, nunca vi prazer,
e quer'oj'ir, fremosa, polo veer,

a Santa Maria das Leiras,
pois meu amigo i ven.

Nunca serei leda, se o [eu] non vir,
e por esto, fremosa, quer' ora ir
a Santa Maria das Leiras,
pois meu amigo i ven.

Idem, Ibidem, n.ºs 341 e 739.

CLXXV

Disseron-mi ũas novas de que m'é mui gran ben,
ca chegou meu amigo, e, se el ali ven,
a Santa Maria das Leiras,
irei, velida, se i ven meu amigo.

Disseron-mi ũas novas de que ei gran sabor,
ca chegou meu amigo, e, se el ali fôr,
a Santa Maria das Leiras,
irei, velida, se i ven meu amigo.

Disseron-mi ũas novas de que ei gram prazer,
ca chegou meu amigo, mais eu, polo veer,
a Santa Maria das Leiras,
irei, velida, se i ven meu amigo.

Nunca con taes novas tan leda foi molher
com'eu sôo con estas, e, se [el] i veer,

a Santa Maria das Leiras,
irei, velida, se i ven meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 342 e 740.

CLXXVI

Treides todas, ai amigas, comigo
veer un ome muito namorado
que aqui jaz cabo nós mal chagado
e, per'oj'á muitas coitas consigo,
non quer morrer, por non pesar d'el alguen
que lh'amor á, mais el muit'ama alguen.

Ja x'ora el das chagas morreria,
se non foss' o grand'amor verdadeiro;
preçade sempr'amor de cavaleiro,
ca el de pran sobr' aquesto perfia,
non quer morrer, por non pesar d'el alguen
que lh'amor á, mais el muit'ama alguen.

Lealment'ama Joan de Guilhade
e de nós todas lhi seja loado
e Deus lhi dê da por que o faz grado,
ca el de pran con mui gran lealdade,
non quer morrer, por non pesar d'el alguen
que lh'amor á, mais el muit'ama alguen.

JOAN DE GUILHADE, *Ibidem, n.ºs 343 e 741.*

CLXXVII

Por Deus, amigas, que será,
pois [que] o mundo non é ren,
nen quer amig'a senhor ben?
e este mundo que é já
pois i amor non á poder?
que presta seu bon parecer
nen seu bon talh'a quen o á?

Vedes por que o dig'assi,
porque non á no mundo rei
que viss'o talho que eu ei
que xe non morresse por mi,
siquer meus olhos verdes son,
e meu amig' agora non
me viu e passou per aqui.

Mais dona que amig' ouver
des oje mais (crea per Deus)
non s'esforç'en os olhos seus,
ca des oimais non lh'é mester,
ca já meus olhos viu alguen
e meu bon talh'e ora ven
e vai-se tanto que s'ir quer.

E, pois que non á de valer
bon talho, nen bon parecer,
parescamos já como quer.

CLXXVIII

Quer'eu, amigas, o mundo loar
por quanto ben mi nostro Senhor fez:
fez-me fremosa e de mui bon prez,
ar faz-mi meu amigo mui'tamar:
 aqueste mundo x'est a melhor ren
 das que Deus fez a quen el i faz ben.

O paraiso bõo x'é' de pran,
ca o fez Deus, e non digu'eu de non,
mai-los amigos, que no mundo son,
[e] amigas mui'tambos lezer an:
 aqueste mundo x'est a melhor ren
 das que Deus fez a quen el i faz ben.

Querria-m'eu o parais' aver,
des que morresse, ben come quen quer,
mais, poi-la dona seu amig' oer
e con el pode no mundo viver,
 aqueste mundo x'est a melhor ren
 das que Deus fez a quen el i faz ben.

[E] quem aquesto non tener por ben
[já] nunca lhi Deus dê en ele ren

Idem, Ibidem, n.ºs 345 e 743.

CLXXIX

Sanhud' and[ad]es, amigo,
por que non faço meu dano
vosqu' e, per fé sen engano,
ora vos jur' e vos digo
ca nunca já esse [preito]
mig', amigo, será feito.

De pran non são tan louca
que já esse preito faça,
mais dou-vos esta baraça,
guardad' a cint' e a touca,
ca nunca já esse [preito]
mig', amigo, será feito.

Ai don Joan de Guilhade,
sempre vos eu fui amiga
e queredes que vos diga?
en outro preito falade,
ca nunca já esse preito
mig', amigo, será feito.

Idem, Ibidem, n.ºs 346 e 744.

CLXXX

Amigas, o meu amigo
dizedes que faz enfinta

en cas del rei da mia cinta,
e vede-lo que vos digo:
 mando-me-lh'eu que s'enfinga
 da mia cinta e x'a cinga.

De pran todas vós sabedes
que lhi dei eu de mias d'õas
e que mi-as dá el mui bõas,
mais d'esso que mi dizedes
 mando-me-lh'eu que s'enfinga
 da mia cinta e x'a cinga.

Se s'el enfing', é ca x'ousa,
e direi-vos que façades:
jamais nunca mi-o digades;
e direi-vos ãa cousa:
 mando-me-lh'eu que s'enfinga
 da mia cinta e x'a cinga.

Idem, Ibidem, n.ºs 347 e 745.

CLXXXI

Vistes, mias donas, quando noutro dia
o meu amigo comigo falou,
foi mui queixos'e, pero se queixou,
dei-lh'eu enton a cinta que tragia,
mais el demanda-m'[or'] outra folia.

E vistes (que nunca, nunca tal visse!)
por s'ir queixar, mias donas, tan sen guisa,
fez-mi tirar a corda da camisa
e dei-lh'eu d'ela ben quanta m'el disse,
mais el demanda-mi al, que non pedisse.

Sempr'[a]verá don Joan de Guilhade,
mentr'el quiser, amigas, das mias d'õas,
ca já m'end'el muitas deu e mui boas,
des i terrei-lhi sempre lealdade,
mais el demanda-m'outra torpidade.

Idem, Ibidem, n.ºs 348 e 746.

CLXXXII

Amigas, tamanha coita
nunca sofri, pois foi nada,
e direi-vo-la gram coita
con que eu seja coitada:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

Nunca vós vejades coita,
amigas, qual m'oj'eu vejo,
e direi-vos a mia coita
con que eu coitada seja:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

Sej' eu morrendo con coita,
tamanha coita me filha,
e direi mia coit' e coita
que tragu'e qu'é maravilha:
amigas, ten meu amigo
amiga na terra sigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 349 e 747.

CLXXXIII

Par Deus, amigas, já me non quer ben
o meu amigo, pois ora ficou
onde m'eu vin e outra o mandou,
e direi-vos, amigas, ãa ren:
se m'el quisesse como soia,
j'agora, amigas, migo seria.

E já cobrad[o] é seu coração
[de me querer mui ben, eu o sei] (1)
pois el ficou u lh' a mia cinta dei,
e, mias amigas, se Deus mi perdon,
se m'el quisesse como soia,
j'agora, amigas, migo seria.

Fez-m'el chorar muito dos olhos meus
con gram pesar que m'oje fez prender,
quand' eu dixi: Outro m'o [o]uvira dizer!

(1) Restituição de O. Nobiling.

ai mias amigas, se mi valha Deus,
se m'el quisesse como soia,
j'agora, amigas, migo seria.

Idem, Ibidem, n.ºs 350 e 748.

CLXXXIV

Amigas, que Deus vos valha!
quando veer meu amigo,
falade sempr' ũas outras,
enquant' el falar comigo,
ca muitas cousas diremos,
que ante vós non diremos.

Sei eu que por falar migo
chegará el mui coitado
e vós ide-vos chegando
lá todas per'ess'estrado,
ca muitas cousas diremos,
que ante vós non diremos.

Idem, Ibidem, n.ºs 352 e 749.

CLXXXV

Morr' o meu amigo d'amor
e eu non no lhi creo ben,
e el mi diz logo por en

ca verrá morrer u eu fôr,
e a mi praz de coração,
por veer se morre, se non.

Enviou-m'el assi dizer:
que el por mesura de mi
que o leixasse morrer aqui
e o veja, quando morrer,
e a mi praz de coração
por veer se morre, se non.

Mais nunca já crea molher
que por ela morren assi,
ca nunca eu esse tal vi,
e el moira, se lhi prouguer,
e a mi praz de coração,
por veer se morre, se non.

Idem, Ibidem, n.ºs 353 e 750.

CLXXXVI

Diss'ai, amigas, don Jam Garcia
que, por mi non pesar, non morria;
mal baratou, porque o dizia,
e por est' o faço morrer por mi,
e vistes vós o que s'enfengia:
demo lev'o conselho que á de si.

El disse já que por mi trovava,
ar enmentou-me, quando lidava;

seu dano fez que se non calava,
e por est' o faço morrer por mi:
sabedes vós o que se gabava:
demo lev'o conselho que á de si.

El andou por mi muito trobando
e quant'avía por mi o dando,
enas lides me ia enmentando,
e por est' o faço morrer por mi,
pero se muito andava gabando:
demo lev'o conselho que á de si.

Idem, ibidem, n.ºs 354 e 751.

CLXXXVII

Fostes, amig', oje vencer
na voda en bafordar ben
todo-los outros e praz-m'en;
ar direi-vos outro prazer:
a leva do parecer da voda,
per boa fé, eu mi-a levo toda.

E, poi-los vencedes assi,
nunca devian a lançar
vosc', amigo, nen bafordar;
ar falemos logo de mi:
a leva do parecer da voda;
per boa fé, eu mi-a levo toda.

E muito mi praz do que sei,
que vosso bon prez verdad' é,
meu amigo, e, per bõa fé,
outro gran prazer vos direi:
a leva do parecer da voda,
per boa fé, eu mi-a levo toda.

A toda-las donas pesou,
quando me viron sigo estar,
e punharon de s'afeitar,
mais praza-vos de como en vou:
a leva do parecer da voda,
per boa fé, en mi a levo toda.

Idem, Ibidem, n.ºs 355 e 752.

CLXXXVIII

Chus mi tarda, mias donas, meu amigo
que el migo posera
e crece-m'end' ãa coita tan fera
que non ei o cor migo
e jurei já que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

Quand'el ouv' a fazer a romaria,
pos-m'un dia talhado
que veesse e non ven, mal pecado!
oje se compre o dia.

e jurei já que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

Aquel dia que foi de mi partido
el mi jurou chorando
que verria, e pos-mi praz'e quando;
já o praz' é saído,
e jurei já que, atá que o visse,
que nunca ren dormisse.

Idem, Ibidem, n.ºs 356 e 753.

CLXXXIX

Cada que ven o meu amig' aqui
diz-m', aí amigas, que perd[e] o sen
por mi e diz que morre por meu ben,
mais eu ben cuido que non est assi,
ca nunca lh'eu vejo morte prender,
nen o ar vejo nunca ensandecer.

El chora muito e filha-s'a jurar
que é sandeu e quer-me fazer fis,
que por mi morr'e, pois morrer non quis,
mui ben sei eu que á ele vagar,
ca nunca lh'eu vejo morte prender,
nen o ar vejo nunca ensandecer.

Ora vejamos o que nos dirá,
pois veer viv'e pois sandeu non for;

ar direi-lh'eu: «Non morrestes d'amor?»
mais ben se quite de meu preito já,
ca nunca lh'eu vejo morte prender,
nen o ar vejo nunca ensandecer.

E ja mais nunca mi fará creer
que por mi morre, ergo se morrer.

Idem, Ibidem, n.º 357 e 754.

CXC

Per boa fé, meu amigo,
mui ben sei eu que m'ouvestes
grand'amor e estevestes
mui gram sazon bem comigo,
mais vede-lo que vos digo:
já çafou.

Os grandes nossos amores,
que mi e vós sempr'ouvemos,
nunca lhi cima fizemos,
coma Brancafrol e Flores,
mais tempo de jogadores
já çafou.

Já eu falei en folia
con vosqu'[e] en gran cordura
e en sen e en loucura

quanto durava o dia,
mais est',ai don Jam Garçia,
já çafou.

E d'essa folia toda
já çafou!
já çaf[u] de pan de voda,
já çafou.

Idem, Ibidem, n.ºs 358 e 755.

CXCI

Estas donzelas que aqui demandam
os seus amigos que lhis façam ben
querrei, amigas, saber ũa ren:
que [é] aquelo que lh'e[le]s demandam,
ca un amigo que eu sempr'amei
pediu-mi-[a] cinta e já lha er dei,
mais eles cuido que a[l] lhis demandam.

O meu seria perdudo comigo
por sempr', amigas, se mi pediss'al,
mais pedir cinta non é nulho mal,
e por aquesto non se perdeu migo,
mais, se m'el outra demanda fizesse,
Deus me cofonda, se lh'eu cinta desse,
e perder-s'ia já sempre [co]migo.

Mai-la donzela que muit'á servida
o seu amigo, esto lh'é mester,
dê-lhi sa cinta, se lhi dar quiser,
se entender que a muito á servida,
mais, se x'el quer outro preito maior,
maldita seja quen lh'amiga for
e quen se d'el tener por [ben] servida.

E de tal preito non sei end'eu ren,
mais, se o ela por amigo ten,
non lhi trag'el lealdade comprida.

Idem, Ibiđem, n.ºs 359 e 776.

CXCII

Fez meu amigo gram pesar a mi
e, pero m'el fez tamanho pesar,
fezestes-me-lh', amigas, perdoar
e chegou oj' e dixi-lh'eu assi:
viinde já, ca já vos perdoei,
mais pero nunca vos já ben querrei.

Perdoei-lh'eu, mais non já con sabor
que [eu] ouvesse de lhi ben fazer,
e el quis oj' os seus olhos merger,
e dixi-lh'eu: Olhos de traedor,
viinde já, ca já vos perdoei,
mais pero nunca vos já ben querrei.

Este perdon foi de guisa, de pran,
que já mais nunca mig'ouvess' amor,
e non ousava viir con pavor,
e dixi-lh' eu: Ai cabeça de can,
viinde já, ca já vos perdoei,
mais pero nunca vos já ben querrei.

Idem, Ibidem, n.ºs 360 e 777.

CXCIH

Fez meu amig', amigas seu cantar,
per boa fé, en mui bõa razon
e sen enfinta, e fez-lhi bon son,
e ùa dona lh'o quiso filhar,
mais sei eu ben por quen s'o cantar fez
e o cantar já valrria ùa vez.

Tanto que lh'eu este cantar oi,
logo lh'eu foi na cima da razon
por quen foi feit'e ben sei por que[n] non
e ùa dona o quer pera si,
mais sei eu ben por quen s'o cantar fez
e o cantar já valrria ùa vez.

Eno cantar mui ben entendi eu
como foi feit' e ben como por quen
e o cantar é guardado mui ben,
e ùa [dona] o teve por seu,

mais sei eu ben por quen s'o cantar fez
e o cantar já valrria ũa vez.

Idem, Ibidem, n.º 361 e 778.

CXCIV

— Foi-s'ora d'aquí sanhud[o],
amiga, o voss'amigo.

— Amiga, perdud' é migo,
e, pero migu' é perdido,
o traedor conhecido

acá verrá,

cá verrá,

acá verrá.

— Amiga, deseparado
era de vós e morria.

— Sodes, amiga, sandia;
non foi en[d'el] mui coitado,
mais ele, mao seu grado,

acá verrá,

cá verrá,

acá verrá.

— Amiga, con lealdade,
dizen que anda morrendo.

— Vó-lo andades dizendo,

amiga, est' é verdade,
mai-lo que chufan Guilhade
 acá verrá,
 cá verrá,
 acá verrá.

Idem, Ibidem, n.ºs 369 e 785.

CXCX

Ai, amigas, perdud' an conhocer
quantos trobadores no reino son
de Portugal; já non an coraçon
de dizer ben que soiam dizer
[de nós] e sol non falam en amor
e al fazem, de que m'ar é peor,
non querem já loar bõn parecer.

Eles, amigas, perderon sabor
de nos veerem; ar direi-vos al:
os trobadores já van pera mal;
non á i tal que já servia senhor
nen [que] sol trobe por ùa molher:
• maldita sej'a que nunca disser
a quen non troba que é trobador.

Mais, amigas, conselho á d'aver
dona que prez e parecer amar:
atender temp[o] e non se queixar
e leixar já a vo-lo tempo perder,

ca ben cuid'eu que cedo verrá alguen
que se paga da que parece ben,
e veeredes ced'amor valer.

E os que já deseparados son
de no[s] servir sabud'é quaes son;
leixe-os Deus maa morte prender.

Idem, Ibidem, n.ºs 370 e 786.

CXCVI

Veestes-me, amigas, rogar
que fale con meu amigo
e que o avenha migo,
mais quero-m'eu d'ele quitar,
ca, se con el algũa ren falar,
quant'eu falar con cabeça de can
logo o todas saberam.

Cabeça de can perdido
é, pois non á lealdade;
con outra fala en; Guilhade,
é traedor conhoçudo
e por est', amigas, [sei que (1)] tudo
quant'eu falar con cabeça de can
logo o todos saberam.

(1) Restituição de Nobiling.

E, se lh'eu mias dōas desse,
amigas, como soía,
a toda-lo el diria
e al quanto lh'eu dissesse
e fala, se a con el fezesse:
quant'eu falar con cabeça de can
logo o todos saberan.

Idem, ibidem, n.ºs 371 e 787.

CXC VII

— A voss'amig', amiga, que prol tem
servir-vos sempre mui de coração,
sen bem que aja de vós, se mal non?

— E com', amiga? non ten el por bem
entender de min que lhi consent'eu
de me servir e se chamar por meu?

— Que prol ten el ou que talan lhe dá
de vos servir e amar mais que al,
sen ben que aja de vós, se non mal?

— E non ten el, amiga, que ben á
entender de min que lhi consent'eu
de me servir e se chamar por meu?

— A Deus, amiga, que nos ceos se[e],
pero sei ben que me ten en poder,
non o servirei, se non por ben fazer.

— E com', amiga? e ten el que pouqué
entender de min que lhi consent'eu
de me servir e se chamar por meu?

ESTEVEAN DA GUARDA, *Ibidem*, n.^{os} 362 e 779.

CXCVIII

Avedes vós, amiga, guisado
de falar vosc'oj'o meu amigo,
que vem aqui, e[u] bem vo-lo [digo],
por falar vosqu', e traz-vos recado
de rog', amiga, do voss'amigo
que façades o meu falar migo.

E, u eu moro, já el non mora,
ca lhe defendi que non morasse
i, e porem caçou quen rogasse
e recado sei que vos traz'ora
de rog', amiga, do voss'amigo
que façades o meu falar migo.

Gran sazon á que meu ben demanda
e nunca pôde co[n] migo falar
e ven agora voss'amigo rogar
e ora recado sei que vos manda
de rog', amiga, do voss'amigo
que façades o meu falar migo.

PERO D'ORNELAS, *Ibidem*, n.^{os} 363 e 364 e 780.

CXCIX

Quand', amiga, meu amigo veer,
enquanto lh'eu preguntar u tardou,
falade vós nas donzelas enton
e no sembrant', amiga, que fezer,
veeremos ben se ten no coraçom
a donzela por que sempre trobou.

D. AFONSO SANCHES, *Ibidem*, n.^{os} 367 e 783.

CC

Dizia la fremosinha:

« ai, Deus, val!

Com'estou d'amor ferida!

ai, Deus, val!

Com'estou d'amor ferida! »

Dizia la ben talhada:

« ai, Deus, val!

Com'estou d'amor coitada!

ai, Deus, val!

Com'estou d'amor ferida! »

« Com'estou d'amor ferida!

ai, Deus, val!

Non ven o que ben queria!
ai, Deus, val!
Com'estou d'amor ferida!»

« Com'estou d'amor coitada!
ai, Deus, val!
Non ven o que muit'amava!
ai, Deus val!
Com'estou d'amor ferida!»

Idem, Ibidem, n.ºs 368 e 784.

CCI

Disseron-mi que avia de mi
o meu amigo queixum'e pesar
e en tal que me non sei conselhar;
e, amiga, se lh'eu mal mereci,
rogu'eu a Deus que o ben que m'el quer
que o queira ced'a outra molher.

E, se el queixume quiser perder,
que de min con coit'á, gracír-lho-ei,
e, amiga, verdade vos direi:
se lh'oj'eu queria mal merecer,
rogu'eu a Deus que o ben que m'el quer
que o queira ced'a outra molher.

E fará meu amigo mui melhor
en perder queixume que de min á
e, par Deus, amiga, ben lh'estará,
ca, se lh'eu fui de mal merecedor,
 rogu'eu a Deus que o ben que m'el quer
 que o queira ced'a outra molher.

E, se lho el per ventura quiser,
mal dia eu naci, se o souber.

JOAN VAASQUZS DE TALAVEIRA, *Ibidem*, n.º 372 e 788.

CCII

O meu amigo, que [eu] sempr'amei
d[e-l]o primeiro dia que o vi,
ouv'el un dia queixume de mi,
non sei porquê, mais logo lh'eu guisei
 que lhi fiz de mi queixume perder;
 sei-m'eu com'e non o quero dizer.

Porque ouv[e] el queixume, os meus
olhos choraron muito con pesar
que eu ouv'en, poi-lo vi assaanhar
escontra mi, mais guisei eu, par Deus,
 que lhi fiz de mi queixume perder;
 sei-m'eu com'e non o quero dizer.

Ouv'el de mi queixum'e ũa ren
vos direi que mi avêo des enton:
ouv'en tal coita no meu coraçon
que nunca dormi e guisei por en
que lhi fiz de mi quixume perder;
sei-m'eu com'e non o quero dizer.

E quen esto non souber entender
nunca en mais por mi pode saber.

Idem, Ibidem, n.ºs 373 e 789.

CCIII

Quando se foi meu amigo d'aqui,
darei-vos quant'eu d'el pud'aprender:
pesou-lhi muit'en se partir de mi,
e or', amiga, moiro por saber
se é mort'ou se guarriu do pesar
grande que ouv'en se de mi quitar.

Sei eu ca lhi pesou de coraçon
de s'ir, pero non pudi outra ren
fazer, se Nostro Senhor mi perdon,
e moir', amiga, por saber d'alguen
se é mort'ou se guarriu do pesar
grande que ouv'en se de mi quitar.

Mui ben vej'eu quam muito lhi pesou
a meu amigu'en se d'aqui partir
e todo foi por quanto se quitou
de mi, e moir', amiga, por oir
se é mort'ou se guariu do pesar
grande que ouv'en se de mi quitar.

E, amiga, quen alguen sab'amar
mal pecado sempr'end'á o pesar.

Idem, Ibidem, n.ºs 374 e 790.

CCIV

Conselhou-mi ũa mia amiga
que quisess'eu a meu amigo mal
e ar dix'eu, pois m'en parti: Atal
rogu'eu a Deus que el me maldiga,
se eu nunca por amiga tener
a que mi a mi atal conselho der

Qual mi a mi deu aquela que os meus
olhos logo os enton fez chorar;
por aquel conselho que mi foi dar
vos jur'eu que nunca mi valha Deus,
se eu nunca por amiga tener
a que mi a mi atal conselho der

Qual mi a mi deu aquela que poder
non á de si nen d'outra conselhar,
e Deu-la leixe d'esto mal achar
e a min nunca mi mostre prazer,
se eu nunca por amiga tener
a que mi a mi atal censelho der.

A que mi a mi tal conselho der
filhe-xo pera si, se o quiser.

Idem, Ibidem, n.ºs 375 e 791.

CCV

Do meu amig'a que eu defendi
que non fosse d'aqui per nulha ren
alhur morar, ca mi pesava en,
vedes, amiga, o que aprendi:
que est aqui e quer migo falar,
ma[i]s ante pôd'aqui muito morar.

Do que [vós] vistes que me preguntou,
quando s'el ouve d'aqui a partir,
se mi seria ben, se mal de s'ir,
ai, amiga, mandado mi chegou:
que est aqui e quer migo falar,
ma[i]s ante pôd'aqui muito morar.

Do que vós vistes mui sen meu prazer
partir d'aqui, quando s'end'el partiu
e non me falou enton, nen me viu,
ai, amiga, veeron-mi dizer :

que est aqui e quer migo falar,
ma[i]s ante pôd'aqui muito morar.

Que migo fal'e verá do pesar
que m'el fez que mi poss'eu ben negar.

Idem, Ibidem, n.º 376 e 792.

CCVI

Vistes vós, amiga, meu amigo,
que jurava que sempre fizesse
todo por mi quanto lh'eu dissesse?
foi-se d'aqui e non falou migo
e, pero lh'eu dixi, quando s'ia,
que sol non se fosse, foi sa via.

E per u foi irá perjurado,
amiga, de quant' el a min disse,
ca mi jurou que se non partisse
d'aqui e foi-se sen meu mandado,
e, pero lh'eu dixi, quando s'ia,
que sol non se fosse, foi sa via.

E non poss'eu estar que non diga
o [mui] gram torto que m'el á feito,
ca, pero mi fezera gram preito,
foi-se d'aqui sen meu grad', amiga,
e, pero lh'eu dixi, quando s'ia'
que sol non se fosse, foi sa via.

E, se m'el mui gram torto fazia,
julgue-me con el Santa Maria.

Idem, Ibidem, n.º 377 e 793.

CCVII

O meu amigo, que mi gram ben quer,
punha sempr', amiga, de me veer
e punh'eu logo de lhi ben fazer,
mais vedes que ventura de molher:
quando lh'eu poderia fazer ben,
el non ven i e, u non poss'eu, ven.

E non fica per mi, per bõa fé,
d'aver meu ben e de lho guisar eu;
non sei se x'é meu pecado, se seu,
mais mia ventura tal foi e tal é:
quando lh'eu poderia fazer ben,
el non ven i e, u non poss'eu, ven.

E, per bõa fé, non fica per mi
quant'eu poss', amiga, de lho guisar,
nen per el sempre de mi-o demandar,
mais a ventura no-lo part'assi:
quando lh'eu poderia fazer ben,
el non ven i e, u non poss'eu, ven.

E tal ventura era perá quen
non quer amigo, nen dá por el ren.

Idem, Ibidem, n.ºs 378 e 817 e 794.

CCVIII

Quero-vos ora mui ben conselhar,
aí meu amig', assi me venha ben:
se virdes que me vos quer'assanhar,
mia sanha-nom tenhades em desdem,
ca, se non for, mui ben sei que será:
se m'assanhar, alguen se queixará.

Se m'assanhar, non façades i al
e sofred'a sanha no coração,
pois vos eu posso fazer ben e mal;
de a sofrerdes faredes rason,
ca, se non for, mui ben sei que será:
se m'assanhar, alguen se queixará.

E, pois eu ei em vós tan gram poder
e averei, enquant'eu viva for,
já non podedes per rem ben aver,
se non fordes de sanha sofredor,
ca, se non for, mui ben sei que será:
se m'assanhar, alguen se queixará.

Idem, Ibidem, n.ºs 379 e 795.

CCIX

Madre, disseron-mi ora que ven
o meu amigo, e seja-vos ben
e non façades vós end'outra ren,
ca morr'agora já por me veer,
e a vós, madre, ben dev'a prazer
de s'atal ome por mi non perder.

Ben m'é con este mandado que ei
de meu amigu', e non o negarei,
de que se ven, e ora, por que sei
ca morr'agora já por me veer
e a vós, madre, ben dev'a prazer
de s'atal homem por mi non perder.

Muit'and'eu leda no meu coraçon
con meu amigu'e faço gram rason
de que se ven, assi Deus mi perdon,

ca morr'agora já por me veer
e a vós, madre, ben dev'a prazer
de s'atal homén por mi non perder.

NUNO PEREZ SANDEU. *Ibidem*, n.ºs 380 e 796.

CCX

Ai, mia madre, sempre vos eu roguei
por meu amigu'e pero non mi val
ren contra vós e queredes-lhi mal,
e direi-vos que vos por en farei:
pois mal queredes meu lum'e meu ben,
mal vos querrei eu, mia madre, por en.

Vós catade per qual guisa será,
ca non ei eu já mais vosc'a viver;
pois vós a meu amigu'ides querer
mal, direi-vos que vos end'averrá:
pois mal queredes meu lum'e meu ben,
mal vos querrei eu, mia madre, por en.

Idem, Ibidem, n.ºs 381 e 797.

CCXI

Porque vos quer'eu mui gran ben,
amig', anda-mi sanhuda
mia madr'e são perduda
agora con ela por en,

mais guisarei, meu amigo,
como faledes comigo.

Pola coita que mi destes
foi ferida e mal treita,
e ben o sábia mia madre
que aquesta será feita,
mais guisarei meu amigo
como faledes comigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 382 e 798.

CCXII

Deus, por que faz meu amig'outra ren
se non quanto sabe que praz a mi?
per boa fé, mal conselhad'é i,
ca en mi ten quant'oj'el á de ben,
e en mi ten a coita e o lezer
e o pesar e quant'á de prazer.

E, pois lhi Deus atal ventura dá,
[el] encontra mi barata mui mal,
se nunca já de meu mandado sal,
ca en mi ten quanto ben no mund'á,
e en mi ten a coita e o lezer
e o pesar e quant'á de prazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 383 e 799.

CCXIII

— Ai, filha, o que vos ben queria
aqui o jurou noutro dia

e pero non xe vos vëo veer.

— Ai, madre, de vós se temia,
que me soedes por el mal trager.

— O que por vós coitad'andava
ben aqui na vila estava

e pero non xe vos vëo veer.

— Ai, madre, de vós se catava,
que me soedes por el mal trager.

O que por vós era coitado
aqui foi oj'o perjurado

e pero non xe vos vëo veer.

— Madre, por vós non foi ousado,
que me soedes por el mal trager.

Idem, Ibidem, n.ºs 384 e 800.

CCXIV

Madre, pois non posso veer
meu amig', atanto sei ben,
que morrerei cedo por en

e queria de vós saber:

se vos eu morrer, que será
do meu amig'ou que fará?

E, pois aquestes olhos meus
por el perderan o dormir
e non poss'end[e] eu partir
e coração, madre, por Deus,
se vos eu morrer, que será
do meu amig'ou que fará?

E a min era mui mester
ũa morte que ei d'aver
ante que tal coita sofrer,
e pesar-mi-á, se non souber:
se vos eu morrer, que será
do meu amig'ou que fará!

Idem, Ibidem, n.ºs 385 e 801.

CCXV

Ai, amiga, per bõa fé,
nunca cuidei, des que naci,
viver tanto como vivi
aqui u meu amigo é,
non o veer nen lhi falar
e ave-lo eu muit'a desejar!

E, se non, Deus non mi perdon,
se m'end'eu podesse partir;
tanto punha de me servir
o senhor do meu coraçon,
meu amigo, que est aqui,
a que quix ben, des que o ví,

E querrei já, mentr'eu viver,
esso que eu de viver ei;
de meu amigo [mui] ben sei
que non sab[e] al ben querer
se non mi, e mais vos direi:
sempre lh'eu por en mais querrei

Ca lhi quer[o] e Deus poder
mi dê de [já] con el viver.

MEEN VAASQUEZ DE FOLHETE, *Ibidem*, n.º 386, 802.

CCXVI

Juravades-mi vós, amigo,
que mi queriades mui gran ben,
mais eu non o creo per ren,
porque morastes, vos digo,
mui longi de min
e mui sen meu grado.

Muitas vezes mi jurastes
e sei ca vos perjurades,
mais, poi-lo tanto jurades,
dizede por que morastes
mui longi de min
e mui sen meu grado.

Muito per podedes jurar,
que já, enquanto vivades,
que nunca de min ajades
amor, por que fostes morar
mui longi de min
e mui sen meu grado.

Esto podedes ben creer,
que já, enquant'eu viva fôr,
non ajades de min amor,
pois morada fostes fazer
mui longi de min
e mui sen meu grado.

FERNAN FROJAZ, *Ibidem*, n.ºs 388 e 804.

CCXVII

Que trist'anda meu amigo,
por que me queren levar
d'aqui, e, se el falar

non poder ante comigo,
nunca já ledo será
e, se m'el non vir, morrerá.

Que trist'oje que eu seja!
e, par Deus, que pod'e val,
morrerá, u non jaz al;
se m'eu for e o non vejo,
nunca já ledo será
e, se m'el non vir, morrerá.

E, pero sôo guardada,
se soubess'ia morrer,
i-lo-ei ante veer,
ca ben sei d'esta vegada
nunca já ledo será
e, se m'el non vir, morrerá.

E, se m'el visse, guarido
seria logo por en,
mais quite será de ben;
pois el fôr de min partido,
nunca já ledo será
e, se m'el non vir, morrerá.

CCXVIII

— Amigo, preguntar-vos-ei:
en que andades cuidando
pois que andades chorando?
— Mia senhor, eu vo-lo direi:
ei amor e quem amor á,
mal que lhi pês, de cuidar á.

Idem, Ibidem, n.ºs 390 e 806.

CCXIX

Porque se foi d'aqui meu amigo
sen meu mandad'e non mi-o fez saber,
quand'el veer por falar comigo,
assanhar-m'ei e farei-lh'entender
que outra vez non se vaia d'aqui
per nulha ren sen mandado de mi.

Quand'el veer e me sanhuda vir,
sei que será mui coitado por em
e jurar-mi-á e querra-me mentir,
e eu logu'i falar-lh'ei en desdem
que outra vez non se vaia d'aqui
per nulha ren sen mandado de mi.

E já meu amigo nunca salrrá
de meu mandado, nen de meu poder
e, se se el fôr, ante me jurará
quant'eu quiser e tod'a meu prazer
que outra vez non se vaia d'aqui
per nulha ren sen mandado de mi.

Idem, Ibidem, n.ºs 391 e 807.

CCXX

As frores do meu amigo
briosas van no navio
E van-s[e] as frores
d'aqui ben con meus amores!
Idas son as frores
d'aqui ben con meus amores.

As frores do meu amado
briosas van [e]no barco!
E van-s[e] as frores
d'aqui ben con meus amores!
Idas son as frores
d'aqui ben con meus amores!

Briosas van no navio
pera chegar ao ferido.
E van-s[e] as frores
d'aqui ben con meus amores!

Idas son as frores
d'aqui ben con meus amores!

Briosas van eno barco
pera chegar ao fossado.
E van-s[e] as frores
d'aqui ben con meus amores!
Idas son as frores
d'aqui ben con meus amores!

Pera chegar ao ferido,
servir mi, corpo velido.
E van-s[e] as frores
d'aqui ben con meus amores!
Idas son as frores
d'aqui ben con meus amores!

Pera chegar ao fossado,
servir mi, corpo loado.
E van-s[e] as frores
d'aqui ben con meus amores!
Idas son as frores
d'aqui ben con meus amores!

PAI GOMES CHARINHO, *Ibidem*, n.^{os} 401 e 817.

CCXXI

Disseron-m'oj', ai amiga, que non
é meu amig'almirante do mar

e meu coraçon já pode folgar
e dormir já, e por esta razon
o que do mar meu amigo sacou
saque-o Deus de coitas qu[e] afogou.

Mui ben é a mi, ca já non andarei
triste por vento que veja fazer,
nen por tormenta non ei de perder
o sono, amiga, mais, se foi el-rei
o que do mar meu amigo sacou,
saque-o Deus de coitas qu[e] afogou.

Mui ben é a mi, ca já cada que vir
algun ome de fronteira chegar,
non ei medo que me diga pesar,
mais, porque m'el fez ben, sen lho pedir,
o que do mar meu amigo sacou
saque-o Deus de coitas qu[e] afogou.

Idem, Ibidem, n.ºs 424 e 438.

CCXXII

Que muitas vezes eu cuido no ben
que meu amigo mi quer e no mal
que lhi por mi de muitas guisas ven!
mais, quand'aquesto cuido, cuid'eu al:
se mi quer ben, que lho quer'eu maior,
e, se lhi ven mal, que é por senhor.

E, pois assi [é, eu] razon diria:
porque non sofra mal non á razon,
e, u eu cuido que non poderia,
tan gram ben mi quer, cuido logu'enton
se mi quer ben, que lho quer eu melhor
e, se lhi ven mal, que é por senhor.

E por tod'esto dev'el a sofrer
tod'aquel mal que lh'oje ven por mi,
pero cuido "que non pode viver,
tan gram ben mi quer, mais [cuido] logu'i,
se mi quer ben, que lho quer'eu melhor
e, se lhi ven mal, que é por senhor.

Idem, Ibidem, n.ºs 425 e 839.

CCXXIII

• Mia filha, non ei eu prazer
de que parecedes tam ben,
ca voss'amigo falar ven
convosqu',e ven[ho]-vos dizer
que nulha ren non creades
que vos diga, que sabiades

Filha, ca perderedes i
e pesar-mi-á de coração
e já Deus nunca mi perdon,
se menç', e digo-vos assi,

que nulha ren non creades
que vos diga, que sabiades

Filha, ca perderedes i,
e vedes que vos averrá:
des quand'eu quiser, non será;
ora vos defend[o] aqui
que nulha ren no creades
que vos diga, que sabiades

Filha, ca perde[re]des i
no voss', ende mais pes'a mi.

Idem, Ibidem, n.ºs 426 e 840.

CCXXIV

— Voss'amigo, que vos sempre serviu,
dized', amiga, que vos mereceu,
pois que s'agora convosco perdeu?
se por vossa culpa foi, non foi ben.
— Non sei, amiga; dizem que oíu
dizer non sei quê e morre por en.

--- Non sei, amiga, que foi ou que é
ou que será, cá sabemos que non
vos errou nunca voss'amigu'e son
maravilhados todos end'aqui.

— Non sei, amiga; el cada u é
aprende novas con que morr'assi.

— Vós, amiga non podedes partir
que non tenham por cousa desigual
servir-vos sempr'e fazedes-lhi mal;
e que diredes de s'assi perder?

— Non sei, amiga; el quer sempr'oír
novas de pouca prol pera morrer.

Idem, Ibidem, n.ºs 427 e 841.

CCXXV

Ai, Sant' Iago, padron sabido,
vós mi-adugades o meu amigo!
sobre mar ven quen frores d'amor ten:
mirarei, madre, as torres de Geen.

Ai, Sant' Iago, padron provado,
vós mi-adugades o meu amado!
sobre mar ven quen frores d'amor ten!
mirarei, madre, as torres de Geen.

Idem, Ibidem, n.ºs 429 e 843.

CCXXVI

Vedes, amigo, [o] que oj'oi
dizer de vós, assi Deus mi perdon:
que amades já outra e mi non;

mais, se ver Paid' , vingar-m'ei assi:
punharei j  de vos non querer ben
e pesar-mi-  en mais que outra ren.

O  dizer, por me fazer pesar,
amades v s outra, meu traedor,
e, se ver Paid' , par Nostro Senhor,
direi-vos como me cuid'a vingar:
punharei j  de vos non querer ben
e pesar-mi-  en mais que outra ren.

E, se eu esto por verdade sei
que mi dizem, meu amigo, par Deus,
chorarei muito destes olhos meus
e direi-vos como me vingarei:
punharei j  de vos non querer ben
e pesar-mi-  en mais que outra ren.

FERNAM VELHO, *Ibidem*, n.  403 e 819.

CCXXVII

— Amigo, que cuidades a fazer,
quando vos ora partirdes d'aqui
e vos nembrar alg a vez de mi?

— Par Deus, senhor, quero-vo-lo dizer:
chorar muit[o] e nunca fazer al
se non cuidar como mi faz Deus mal

En me partir de nunca já saber
vosso mandado nen hũa sazon,
nen vos falar, se per ventura non,
mais este conforto cuid'a prender:
chorar muit[o] e nunca fazer al
se non cuidar como mi faz Deus mal

En me partir de vosso parecer
e du soía convosc'a falar,
ca mi valera mais de me matar,
mais este conselho cuid' i aver:
chorar muit[o] e nunca fazer al
se non cuidar como mi faz Deus mal.

VAASCO PEREZ PARDAL, *Ibidem*, n.ºs 405 e 820

CCXXVIII

Coitada seja no meu coração,
por [que] meu amigo diz ca se quer
ir d'aquí e se ora [o] fezer,
pesar-mi-á muito, se Deus mi perdon,
porque sei ben que as gentes diram
que, se morrer, por mi morre de pram.

E[n] que me non pesass'a mi por al,
pesar-mi-á [en] muito por ũa ren,
por que mi diz ca mi quer mui gran ben,

mais vedes ora de que m'é gran mal,
por que sei ben que as gentes diram
que, se morrer, por mi morre de pram.

Ca pola gran coita que sofr[o] i
non dou eu ren, ca, se eu coita sofrer,
des que s'el for, non poderei viver,
mais temo já qual pesar averê'i,
por que sei ben que as gentes diram
que, se morrer, por mi morre de pram.

Idem, Ibidem, n.ºs 406 e 821.

CCXXIX

— Par Deus, amiga, provad'un dia
a voss'amigo de vo'lh'assanhar
e veredes ome coitad'andar.

— Ai, amiga, que mal conselh'ess'é,
ca sei eu aquesto, per boa fé,
mui ben, que logu'el morto seria.

— Amiga, ben vos conselharia
dizerdes que non dades por el ren
e veredes [sa gran] coita por en.

— Non mi-o digades, se Deus vos perdon,
ca sei eu já pelo seu coraçon
mui ben que logu'el morto seria.

— Amiga, nunca lhi mal verria
de lhi dizerdes atanto por mi,
que non dades por el ren des aqui.
— Par Deus, amiga, non vos creerei,
nem vós nunca mi-o digades, ca sei
mui ben que logu'el morto seria.

Idem, Ibidem, n.ºs 407 e 822.

CCXXX

Amigo, vós ides dizer
que vos non quer'eu fazer ben,
pero sei-m'eu d'est'ũa ren:
que dizedes vosso prazer,
ca ben é de vos sofrer eu
de dizerdes ca sodes meu.

Mais non se sabe conhocer
algum ome a que ben Deus dá,
nen ten por ben esso que á,
mais eu vos farei entender
ca ben é de vos sofrer eu
de dizerdes ca sodes meu.

Mais, des que vos eu entender
que non venhades u eu for,
non me tenhades por senhor,

des i poderedes saber
ca ben é de vos sofrer eu
de dizerdes ca sodes meu.

Idem, Ibidem, n.ºs 408 e 823.

CCXXXI

Amiga, ben cuid'eu do meu amigo
que é morto, ca muit'á gram sazon
que anda triste o meu coração,
e direi-vo-lo mais por que o digo:
por que á gran sazon que non oi
nen hun cantar que fizesse por mi,
nen que non ouvi seu mandado migo.

E sei eu d'el mui ben que é coitado,
se oj[e] el viv'en poder d'amor
mais por meu mal me filhou por senhor
e por aquest'ei eu maior cuidado:
por que á gram sazon que non oi
nen hun cantar que fizesse por mi
nen que non ouvi seu mandado migo.

E cuid'eu ben d'el que se non partisse
de trobar por mi sen mort'ou sen al,
mais por esto sei eu que non est al,

pero que mi-o [a mi] nen hun non disse:
porque á gram sazón que non oí
nen hun cantar que fizesse por mi,
nen que non ouvi seu mandado migo.

Idem, Ibidem, n.ºs 409 e 824

CCXXXII

— Ai, meu amigu'e meu lum'e meu ben,
vejo-vos ora mui triste, por en
queria saber de vós ou d'alguen
que est aquest'ou porque o fazedes.

— Par Deus, senhor, direi-vos ùa ren.
mal estou eu, se o vós non sabedes.

— Mui trist'andades, á mui gran sazón,
e non sei eu por quê, nen por que non,
dizede-mi ora, se Deus vos perdon,
que est aquest'ou porque o fazedes

— Par Deus, ai coita do meu coração,
mal estou eu, se o vós non sabedes.

— Vós trist'andades [e] eu sen sabor
ando, porque non são sabedor
se vo-lo faz fazer coita d'amor
ou que [est] est' ou por que o fazedes.

— Par Deus, ai mui fremosa mia senhor,
mal estou eu, se o vós non sabedes.

— Mui trist[e] andades e non sei eu
o por que é, poi-lo non [vejo eu];
dizede-mi-o, e non vos seja greu,
que est aquest'ou por que o fazedes.

— Par Deus, senhor, ó mia coita e meu
mal estou eu, se o vós non sabedes.

AFONSO EANES DO COTON, *Ibidem*, n.^{os} 411 e 825.

CCXXXIII

Se gradoedes, amigo,
de mi, que gram ben queredes,
falad' agora comigo,
por Deus, e non mi-o neguedes :
amigo, por que andades
tan trist' ou por que chorades ?

Pois eu non sei com'entenda
porque andades coitado ;
se Deus me de mal defenda,
queria saber de grado ;
amigo, por que andades
tan trist' ou por que chorades ?

Todos andan trebelhando
estes con que vós soedes
trebelhar e vós chorando;
por Deus, e que dem'avedes?
amigo, por que andades
tan trist' ou por que chorades?

Idem, Ibidem, n.ºs 412 e 826.

CCXXXIV

Quando se foi meu amigo,
jurou que cedo verria,
mais, pois non ven falar migo,
por en, por Santa Maria,
nunca mi por el roguedes,
ai donas, fé que devedes.

Quando se foi, fez-mi preito
que se verria mui cedo,
e mentiu-mi, tort' á feito,
e, pois de mi non á medo,
nunca mi por el roguedes,
ai donas, fé que devedes.

O que vistes que dizia
que andava namorado,
pois que non veo o dia

que lh'eu avia mandado,
nunca mi por el roguedes,
ai donas, fé que devedes.

Idem, Ibidem, n.ºs 413 e 827.

CCXXXV

Dizia la ben talhada:
agora viss'eu, penada,
ond'eu amor ei

A ben talhada dizia:
penada, viss'eu un dia
ond'eu amor ei.

Ca, se o viss'eu, penada,
non seria tan coitada,
ond'eu amor ei.

Penada, se o eu visse,
non á mal que eu sentisse,
ond'eu amor ei.

Quen lh'oje por mi dissesse
que non tardass'e viesse
ond'eu amor ei!

Quen lh'oje por mi rogasse
que non tardass'e chegasse
ond'eu amor ei.

PEDR[O E]JANES SOLAZ, *Ibidem*, n.^{os} 414 e 828.

CCXXXVI

Eu velida non dormia,
lelia doura,
e meu amigo venia,
edoi lelia doura.

Non dormia e cuidava,
lelia doura,
e meu amigo chegava,
edoi lelia doura.

E meu amigo venia,
lelia doura,
e d'amor tan ben dizia
edoi lelia doura.

E meu amigo chegava,
lelia doura,
e d'amor tan ben cantava,
edoi lelia doura.

Muito desejei amigo,
lelia doura
que vos tevesse comigo,
edoi lelia doura.

Muito desejei amado,
lelia doura,
que vos tevesse a meu lado,
edoi lelia doura.

Leli leli, par Deus, leli,
lelia doura,
ben sei eu que[n] non diz leli,
edoi lelia doura.

Ben sei eu que[n] non diz leli,
lelia doura,
demo x'é quen non diz lelia,
edoi lelia doura.

Idem, Ibidem, n.ºs 415 e 829.

CCXXXVII

Jurava-m'oje o meu amigo,
por tal, madre, que lhi perdoasse
que nunca já mais se mi assanhasse,

mais preit'é já que non porrá migo;
vedes porquê: ca já s'el perjurou
per muitas vezes que m'esto jurou.

El me cuidava tal preit'a trager
per sas juras, que lho foss'eu parcir
e, pois que vi que m'avi'a mentir,
non lho parci, nen quis sol [en] saber;
vedes porquê: ca já s'el perjurou
per muitas vezes que m'esto jurou.

E mais de cen vezes lhi perdoei
per sas juras e achei-m'end'eu mal,
e por aquesto já lhi ren non val
de me jurar, pois que me lh'assanhei;
vedes porquê: ca já s'el perjurou
per muitas vezes que m'esto jurou.

Idem, Ibidem, n.º 416 e 830.

CCXXXVIII

— Vistes, madr', o escudeiro
que m'ouver' a levar sigo?
menti-lhe, vai-mi sanhudo;
mia madre, ben vo'lo digo:
madre, namorada me leixou,
madre, namorada mi á leixada
madre, namorada me leixou.

Madre, vós que me mandastes
que mentiss' a meu amigo,
que conselho mi daredes
ora, poi-lo non ei migo?
madre, namorada me leixou,
madre, namorada mi-á leixada,
madre, namorada me leixou.

— Filha, dou-vos por conselho
que, tanto que vos el veja,
que toda ren lhi façades,
que vosso pagado seja :
madre, namorada me leixou
madre, namorada mi-á leixada,
madre, namorada me leixou

Pois escusar non podedes,
mia filha, seu gasalhado,
des oi mais eu vos castigo
que lh'andedes a mandado :
madre, namorada me leixou,
madre, namorada mi-á leixada,
madre, namorada me leixou

PERO DA PONTE, *Ibidem*, n.^{os} 417 e 831.

CCXXXIX

Vistes, madr', o que dizia
que por mi era coitado?

pois mandado non m'envia,
entend'eu do perjurado
que já non teme mia ira,
ca, se non, noite nen dia,
a meos de meu mandado,
nunca s'el d'aqui partira.

E vistes, u s'el partia
de mi mui sen o meu grado
e jurando que avia
por mi penas e cuidado?
tod'andava con mentira,
ca, se non, noite nen dia,
a meos de meu mandado,
nunca s'el d'aqui partira.

E já qual molher devia
creer per nulh'ome nado,
pois o que assi morria
polo meu bon gasalhado
já xi por outra sospira?
ca, se non, noite nen dia,
a meos de meu mandado
nunca s'el d'aqui partira.

Mais, Deus, quen no cuidaria
d'el viver tan alongado
du el os meus olhos vira?

CCXL

Mia madre, pois se foi d'aqui
o meu amigu' e o non vi,
nunca fui leda, nen dormi,
ben vo-lo juro, des enton :
 madre, el por mi outro si;
 tan coitad' é seu coraçon!

Mia madre, como viverei,
ca non dórmio, nen dormirei,
pois meu amigu'en cas del-rei
me tard' á tan longa sazon?
 madre, el por mi outrosi;
 tan coitad' é seu coraçon!

Pois sab'el ca lhi quer'eu ben,
melhor ca mi, nen outra ren;
por que mi tarda e non ven,
faz sobre mi mui gran traíçon:
 madre, el por mi outrosi;
 tan coitad' é seu coraçon!

E direi-vos que nos aven:
eu perço por el[e] o sen
e el por mi o coraçon

CCXLI

Foi-s' o meu amigo d'aqui
na oste, por el-rei servir,
e nunca eu depois dormir
pudi, mais ben tinh'eu assi:
 que, pois m'el tarda e non ven,
 el-rei o faz que mi-o deten.

E gran coita non perderei
per ren, meos de o veer,
ca non á o meu cor lezer,
pero tanto de conort'ei:
 que, pois m'el tarda e non ven,
 el-rei o faz que mi-o deten.

E ben se devia nembrar
das juras que m'enton jurou,
u m'el mui fremosa leixou,
mais, donas, podedes jurar
 que, pois m'el tarda e non ven,
 el-rei o faz que mi-o deten.

CCXLII

Pois vos ides d'aqui, ai meu amigo,
conselhar-vos-ei ben, se mi creverdes:
tornade-vos mais cedo que poderdes
e guisarei como faledes migo:
e, pois, amigo, comigo falardes,
atal mi venha qual mi vós orardes.

Non mi tardedes com' outra vegada
mi tardastes; muit[o] ei en gram medo,
mais punhade de vos viirdes cedo,
ca nossa fala muit' é ben parada:
e, pois, amigo, comigo falardes,
atal mi venha qual mi vós orardes.

E, se vós queredes meu gasalhado,
venha-vos en mente o que vos rogo,
pois vos ides, de vos viirdes logo
e falarei convosco mui de grado:
e, pois, amigo, comigo falardes,
atal mi venha qual mi vos orardes.

CCXLIII

Por Deus, amigu', e que será de mi,
pois me vós ides con el-rei morar?
a como me vós soedes tardar,
outro conselh', amigo, non sei i
se non morrer, e pois non averei
a gran coita que ora por vós ei.

Ides-vos vós ora e tan grand' afan
leixades-mi eno meu coraçon
que mi non jaz i al se morte non,
ca bon conselho non sei i de pran
se non morrer, e pois non averei
a gran coita que ora por vós ei.

Pois me vos ides, vedes que será,
meu amigo, des que vos eu non vir:
os meus olhos non poderam dormir,
nen ben d'este mundo non mi valrrá
se non morrer, e pois non averei
a gran coita que ora por vos ei.

Aquesta ida tan sen meu prazer,
por Deus, amigo, será, quando fôr,
mais, pois vos ides, amigu' e senhor,

non vos poss' eu outra guerra fazer
se non morrer, e pois non averei
a gran coita que ora por vós ei.

Idem, Ibidem, n.ºs 422 e 836.

CCXLIV

— Ai madr', o que me namorou
foi-se noutro dia d'aqui
e por Deus, que faremos i,
ca namorada me leixou?

— Filha, fazed' end'o melhor;
pois vos seu amor enganou,
que o engane voss' amor.

— Ca me non sei conselhar,
mia madre, se Deus mi perdon.

— Dized'ai, filha, por que non?
quero-me vo-lo eu mostrar:
filha, fazed'end'o melhor;
pois vos seu amor enganou,
que o engane voss' amor.

Que o recebades mui ben,
filha, quand'ante vós veer,
e todo quanto vos disser
outorgade-lho e por en,

filha, fazed' end'o melhor :
pois vos seu amor enganou,
que o engane voss' amor.

Idem, Ibidem, n.ºs 423 e 837.

CCXLV

Donas, fezeron ir d'aqui
o meu amig', a meu pesar
e quen m'este mal fui buscar
guise-lhi Deus por end'assi :
 que lhi venha, com'a mi ven,
 pesar onde desejar ben,

E veja-s' en poder d'amor
que ren non lhi possa valer
e quen este mal foi fazer
guise-lh'assi Nostro Senhor :
 que lhi venha, com'a mi ven,
 pesar onde desejar ben,

Ca o fezerom ir por mal
de mi e d'estes olhos meus,
e quen m'este pesar fez Deus
lhi mostre cedo pesar tal
 que lhi venha, com'a mi ven,
 pesar onde desejar ben.

[E] venha lhi pesar por en
de Deus ou de mi ou d'alguen

JOAN GARCIA, SOBRINHO DE NUNO ANES, *Ibidem*, n.^{os} 431 e 845.

CCXLVI

A meu amigo, que eu sempr'amei,
des que o vi, mui mais ca min nen al
foi outra dona veer por meu mal,
mais eu, sandia, quando m'acordei,
non soub'eu al en que me d'el vengar,
se non chorar quanto m'eu quis chorar.

Mai-lo amei ca min nen outra ren,
des que o vi, e foi m'ora fazer
tan gran pesar que ouver'a morrer,
mais eu, sandia, que lhe fiz por en?
non soub'eu al en que me d'el vengar,
se non chorar quanto m'eu quis chorar.

Sab'ora Deus que no meu coraçon
nunca ren tiv'eu [e]no seu lugar
e foi-mi ora fazer tan gran pesar,
mais eu, sandia, que lhe fiz enton?
non soub'eu al en que me d'el vengar,
se non chorar quanto m'eu quis chorar.

Idem, Ibidem, n.^{os} 472 e 846.

CCXLVII

Foste'-vos vós, meu amigo, d'aqui
noutro dia, sen vo-lo eu mandar
e ei vo-l'ora ja de perdoar,
porque veestes chorar ante mi?
e, quant'ê esto, pass' agor' assi,
 mais outra vez non engueedes em.

Meu talan era de vos non parcir,
porque vos fostes sen meu grad'entom,
e ora sodes cobrad'en perdom,
porque me veestes mercee pedir,
e non quer'ora mais de pós est'ir,
 mais outra vez non engueedes em.

Ca, se vos ora fui perdoador,
mesura foi que mi-o fezo fazer,
ca me vëestes chorand'e dizer:
« por Deus, mercee, mercee, senhor, »
e, quant'ê, ora serei sofredor,
 mais outra vez non engueedes em.

REIMON GONÇALVEZ, *Ibidem*, n.ºs 433 e 847.

CCXLVIII

— Filha, do voss' amigo m'é gram ben,
que vos non viu, quando se foi d'aquen.

— Eu [mi]-o fiz, madre, que lho defendi:
se m'el non viu, quando se foi d'aqui,
eu mi-o fiz, madre, que lho defendi.

— Nunca lhi ben devedes a querer,
porque se foi e vos non quis veer.

— Eu mi-o fiz, madre, que lho defendi:
se m'el non viu, quando se foi d'aqui,
eu mi-o fiz, madre, que lho defendi.

— Gran prazer ei [e]no meu coração,
por que se foi e vos non viu enton.

— Eu mi-o fiz, madre, que lho defendi:
se m'el non viu, quando se foi d'aqui,
eu mi-o fiz madre que lho defendi:

GARCIA SOAREZ, irmão de MARTIN SOAREZ, *Ibidem*, n.ºs 434 e 848.

CCXLIX

Madre, se meu amigo veesse,
demandar lh'ia, se vos prouguesse,
que se veesse veer comigo:
se veer, madre, o meu amigo,
demandar-lh'ei que se veja migo.

Se vos prouguer, mia madre velida,
quando veer o que mi-á servida,
demandar-lh'ei que se veja migo:
se veer, madre, o meu amigo,
demandar-lh'ei que se veja migo.

Sol que el venha, se Deus m'ajude,
assi Deus mi-o mostre con saude,
demandar-lh'ei que se veja migo:
se veer, madre, o meu amigo,
demandar-lh'ei que se veja migo.

Por que mi-o referistes ogano,
que me non viu per fé sen engano,
demandar-lh'ei que se veja migo:
se veer, madre, o meu amigo,
demandar-lh'ei que se veja migo:

Non sejades d'est[o] enfadada;
se veer o que mi-á namorada,
demandar-lh'ei que se veja migo:
se veer, madre, o meu amigo,
demandar-lh'ei que se veja migo.

Idem, Ibidem, n.ºs 435 e 849.

CCL

Quanto durou este dia,
mia madre, mal me trouxestes

e muito mal mi fezestes,
mais sobr' aquesta perfia
será oj' aqui con migo
mandado do meu amigo.

Mal me trouxestes sen falha
e non á ren que detenha
meu amigo que non venha;
mia madre, se Deus mi valha,
será oj' aqui con migo
mandado do meu amigo.

Será migo seu mandado
e praz-mi que veeredes
por quanto mal mi fazedes,
mia madre, sen vosso grado
será oj' aqui con migo
mandado do meu amigo.

VAASCO RODRIGUEZ DE CALVELO, *Ibidem*, n.ºs 436 e 850.

CCLI

Roguei-vos eu, madre, ai gran sazón,
por meu amig' a que quero gram ben
que o viss'eu e a vós non prougu'en,
mais, poi-lo eu já vi, de coraçón
gradesc'a Deus que mi-o fezo veer
e que non ei a vós que agradecer.

Gran sazon á, madre, que vos roguei
que o leixassedes migo falar
e non quisestes vós esto outorgar
mais, poi-lo eu ja vi [e lhi falei],
gradesc'a Deus que mi-o fezo veer
e que non ei a vós que agradecer.

Vós non quisestes que el veess' aqui,
o meu amig', ond'avía sabor
de o veer e quis Nostro Senhor,
que o eu visse, mais, poi-lo eu já vi,
gradesc'a Deus que mi-o fezo veer
e que non ei a vós que agradecer.

Mostrou-mi-o Deus e fez-me gran prazer,
sen aver eu a vós que agradecer.

Idem, Ibidem, n.ºs 437 e 851.

CCLII

Sedia-m'eu na ermida de San Simion
e cercaron-mi as ondas, que grandes son:
eu atendend'o meu amigo,
eu atendend'o meu amigo!

Estando na ermida ant'o altar,
[e] cercaron-mi as ondas grandes do mar:
eu atendend'o meu amigo!
eu atendend'o meu amigo!

E cercaron-mi as ondas, que grandes son,
non ei [i] barqueiro, nen remador:
eu atendend'o meu amigo!
eu atendend'o meu amigo!

E cercaron-mi as ondas do alto mar,
non ei [i] barqueiro, nen sei remar:
eu atendend'o meu amigo!
eu atendend'o meu amigo!

Non ei i barqueiro, nen remador,
morrerei fremosa no mar maior:
eu atendend'o meu amigo!
eu atendend'o meu amigo!

Non ei [i] barqueiro, nen sei remar
morrerei fremosa no alto mar:
eu atendend'o meu amigo!
eu atendend'o meu amigo!

MEENDINHO, *Ibidem*, n.^{os} 438 e 85a.

CCLIII

Amiga, ben sei que non á
voss'amigo nen hun poder
de vos falar, nen vos veer
e vedes por que o sei já:
por que vos vej'ambos andar
mui tristes e sempre chorar.

Encobride'-vos sobejo
de min e já o feito eu sei
e poridade vos terrei,
mais vedes por que o vejo:
por que vos vej'ambos andar
mui tristes e sempre chorar.

Como se fosse o feito meu,
vos guardarei quant'eu poder
e negár-me non á mester,
ca vedes por que o sei eu:
por que vos vej'ambos andar
mui tristes e sempre chorar.

Non choredes, ca o pesar
sol Deus tost'en prazer tornar,

D. JOAN MENDEZ DE BRITEIROS, *Ibidem*, n.ºs 450 e 804.

CCLIV

Deus, que leda que m'esta noite ví,
amiga, en un sonho que sonhei,
ca sonhava eu como vos direi:
que me dizia meu amig'assi:
— Falade mig', ai meu lum'e meu ben!

Non foi no mundo tan leda molher
en sonho, nen no podia seer,
ca sonhei que me veera dizer
aquele que me milhor que a si quer:
—Falade mig', ai meu lum'e meu ben!

Des que m'espertei, òuvi gran pesar,
ca em tal sonho avia gran sabor,
como rogar-me por Nostro Senhor
o que me sabe mais que si amar:
—Falade mig', ai meu lum'e meu ben!

E, pois m'espertei, foi a Deus rogar
que me sacass' a queste sonh'a ben.

Idem, Ibidem, n.ºs 451 e 865.

CCLV

Ora vej'eu que non á verdade
en sonh', amiga, se Deus me perdon,
e quero-vos logo mostrar rason,
e vedes como, par caridade:
sonhei, muit'á, que veera meu bem
e meu amigu'e non veo, nen vem.

Ca non á verdade nemigalha
em sonho, nen sol non é ben nen mal,
e eu nunca ende creerei al,

por que, amiga, se Deus me valha,
sonhei, muit'á, que veera meu bem
e meu amigu'e e non veo, nen vem.

Per min, amiga, entend'eu ben qu'assi [é]:
sonho non pode verdade seer,
nen ar m'el pode bem nen mal fazer,
por que, amiga, se Deus ben mi dé,
sonhei, muit'á, que veera meu bem
a meu amigu'e non veo, nen vem.

E, pois se foi meu amigu'e non vem,
meu sonh', amiga, non é mal nen bem.

Idem, Ibidem, n.ºs 452 e 866.

CCLVI

Oi' oj'eu ũa pastor cantar,
du cavalgava per ũa ribeira,
e a pastor estava [i] senlheira,
e ascondi-me pola ascuitar
e dizia mui bem este cantar:
« So lo ramo verde frolido
vodas fazem a meu amigo
e choran clhos d'amor. »

E a pastor parecia mui ben
e chorava e estava cantando
e eu mui passo fui-mi achegando

pola oi'r e sol non falei rem,
e dizia este cantar mui bem:
« Ai estorninho do avelanado
cantades vós e moir[o] eu e pen[o]:
e d'amores ei mal, »

E eu oi'-a sospirar enton,
e queixava-s'estando con amores
e fazi' [ũ]a guirlanda de flores,
des i chorava mui de coraçon
e dizia este cantar enton:
« Que coita ei tan grande de sofrer:
amar amigu'e non 'ousar veer!
e pousarei so l'avelanal. »

Pois que a guirlanda fez a pastor,
foi-se cantand', indo-s'en manselinho,
e tornei-m'eu logo a meu caminho,
ca de a nojar non ouve sabor,
e dizia este cantar ben a pastor:
« Pela ribeira do rio cantando
ia la virgo d'amor: quen amores
á como dormirá, ai bela frol! ».

AIRAS NUNES, *Ibidem*, n. os 454 e 463, 469 e 870.

CCLVII

A Santiagu' en romaria ven
el-rei, madr', e praz-me de coraçon

por duas cousas, se Deus me perdom,
en que tenho que me faz Deus gram bem:
ca verê' i el-rei que nunca vi
e meu amigo, que ven con el i.

Idem, Ibidem, n.ºs 458 e 874.

CCLVIII

Bailemos nós já todas tres, ai amigas,
so aquestas avelaneiras frolidas
e quen fôr velida, como nós, velidas,
se amig'amar,
so aquestas avelaneiras frolidas
verrá bailar.

Bailemos nós já todas tres, ai irmãas,
so aqueste ramo d'estas avelãas
e quen fôr louçãa, como nós, louçãas
se amig'amar,
so aqueste ramo d'estas avelãas
verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos,
so aqueste ramo frolido bailemos
e quen ben parecer, como nós parecemos,
se amig'amar,
so aqueste ramo so l[o] que nós bailemos
verrá bailar.

Idem, Ibidem, n.ºs 462 e 879.

CCLIX

— Bailad'oj', ai filha, que prazer vejades,
ant'o voss'amigo, que vós muit'amades.
— Bailarei eu, madre, pois mi-o vos mandades
mais pero entendo de vós ãa ren:
de viver el pouco muito vos pagades,
pois me vós mandades que bail'ant'el bem.

— Rogo vos, ai filha, por Deus, que bailedes
ant'o voss'amigo, que ben parecedes.
— Bailarei eu, madre, pois mi-o vós dizedes,
mais pero entendo de vós ãa ren:
de viver el pouco gram sabor avedes
pois me vós mandades que bail'ant'el bem.

— Por Deus, ai mia filha, fazed'a bailada
ant'o voss'amigo de so a milgranada.
— Bailarei eu, madre, d'aquesta vegada,
mai[s pero] entendo de vós ãa ren:
de viver el pouco sodes mui pagada,
pois me vós mandades que bail'ant'el bem.

— Bailade oj', ai filha, por santa Maria
ant'o voss'amigo que vos ben queria.
— Bailarei eu, madre, por vós todavia,

mais pero entendo de vós ãa ren:
de viver el pouco tomades perfia,
pois me vós mandades que bail'ant'el bem.

Idem, Ibidem, n.ºs 464 e 881.

CCLX

Par Deus, coitada vivo:
pois non ven meu amigo:
pois non vem, que farei?
meus cabelos, con sirgo
eu non vos liarei.

Pois non ven de Castela,
non é viv', ai mesela,
ou mi-o detem el-rei:
mias toucas da Estela,
eu non vos tragerei.

Pero m'eu leda semelho,
non me sei dar conselho;
amigas, que farei?
en vós, ai meu espelho,
eu non me veerei.

Estas dõas mui belas
el mi-as deu, ai donzelas,

non vo-las negarei:
mias cintas das fivelas,
eu non vos cingerei

PERO GONÇALVES PORTO CARREIRO, *Ibidem*,
n.^{os} 505 e 918.

CCLXI

Meu amigo quando s'ia,
preguntei-o se verria;
disse-m'el: verrei mui cedo.
De tardar mais ca soia,
madr', ei em eu mui gram medo.

Idem, Ibidem, n.^{os} 506 e 919.

CCLXII

O anel do meu amigo
perdi-o so lo verde pinho
e chor'eu, bela!

O anel do meu amado
perdio so lo verde ramo
e chor'eu, bela!

Perdio so lo verde pinho;
por en chor'eu, dona-virgo,
e chor'eu, bela!

Perdio so lo verde ramo,
por en chor'eu, dona d'algo,
e chor'eu, bela!

Idem, Ibidem, n.ºs 507 e 920.

CCLXIII

Ai meu amigu'e e meu senhor
e lume d'estes olhos meus,
por que non quer agora Deus
que non ajades tal sabor
de viver migo, qual eu ouv'i
de viver vosco, des que vos vi?

E terria por gram razon,
pois que vos eu tal amor ei,
d' averdes oje qual eu ei
coita no vosso coraçon
de viver migo, qual eu ouv'i
de viver vosco, des que vos vi.

O que me aquesta coita deu
por vós — á, foi Deus que me fez —
e[s]se me guis' algũa vez
que tal coita vos veja eu
de viver migo qual eu ouv'i
de viver vosco, des que vos vi.

Idem, Ibidem, n.ºs 508 e 920.

CCLXIV

Diz meu amigo que me serve bem
e que ren non lhe nembra senon mi,
perol foi-s'el noutro dia d'aqui
sen meu grado, mais farei-lh'eu por en,
por quant'andou alá sen meu prazer,
que and' ãu tempo sen meu bem fazer.

El tem ora que logo s'averrá
comigo, sol que veer e me vir,
e el querrá, como me sol, servir,
se m'eu quiser, mais farei-lhesto já:
por quant'andou alá sen meu prazer,
que ande un tempo sen meu bemfazer.

Por que se foi e o ante non vi,
sen mi-o dizer, a cas del-rei morar,
quando veer e me quiser falar,
pois que o fez, eu lhi farei assi:
por quant'andou alá sen meu prazer,
que ande un tempo sen meu bemfazer.

DON GOMEZ GARCIA, abade de Valadolide,
Ibidem, n.ºs 513 e 925.

CCLXV

Conhosco-me, meu amigo,
que sempre vos fiz pesar,
mais, se agor' amigar
quisessedes vós comigo,
a vós eu nunca faria
pesar, nen vo-lo diria.

Quen quer que vos end'al diga
non lho queirades creer,
ca, se podess'eu seer,
amigo, com vosc'amiga,
a vós eu nunca faria
pesar, nen vo-lo diria.

Se eu por amig' ouvesse
vós, a que eu por meu mal
fiz pesar, u non jaz al,
pero me de vós veesse,
a vós eu nunca faria
pesar, nen vo-lo diria.

ROY FERNANDEZ, clérigo, *Ibidem*, n.^{os} 514 e 926.

CCLXVI

Se vos non pesar ende,
madr', irei u m'atende
meu amigo, no monte.

Irei, se Deus vos valha,
por non meter en falha
meu amigo, no monte.

E filhe-xi-vos doo
como m'atende soo
meu amigo, no monte

Idem, Ibidem, n.ºs 515 e 927.

CCLXVII

Id'é meu amigo d'aqui
e non me quis ante veer
e Deus mi tolha parecer
e quanto de ben á en mi,
se el ven e m'eu non vingar,
quand'el quiser migo falar.

E cuida — s'el que lhi querrei
por esto que m'el fez melhor,
mais logu'el seja o senhor
e eu sua (que non seerei),
se el ven e m'eu non vingar,
quand'el quiser migo falar.

Que viss'eu que non dava ren
el por mi, non se m'espeditu,
quando se da terra partiu,
mais logo me lhe'eu queira ben,
se el ven e m'eu non vingar,
quand'el quiser migo falar.

E veerá mui bem o meu
amigo quant'el ora fez
a que lhi salrrá esta vez,
ca en seu poder seja eu,
se el ven e m'eu non vingar,
quand'el quiser migo falar.

Ca lhi non querrei ascuitar
nulha ren do que m'el rogar.

CCLXVIII

— Ai, madre, que queixum'ei
que non veo meu amigo
u el falasse comigo!
e, pero lhi fale, ben sei
ca non ei nen hun poder
de o por amig' aver,
vel falasse comigo.

— Non vos leixedes en por mi,
filha, que lhi non faledes,
se vós en sabor avedes.

— Ai madre, non tenho prol i,
ca non ei nen hun poder
de o por amig' aver,
vel falasse comigo.

— Filha, polo desassanhar,
falaredes per meu grado,
pois lhi assi ei demandado.

— Que prol á, madr', en lhi falar?
ca non ei nen hun poder
de o por amig' aver,
vel falasse comigo.

CCLXIX

Madre, pois amor ei migo,
tal que non posso sofrer
que non veja meu amigo,
ma[ndade mi-o ir veer,
senon irei sen mandado]
veel'e sen vosso grado.

Gram coita me faz ousada
de vo-lo assi dizer
e, pois eu vivo coitada,
mandade-mi-o ir veer,
se non irei sen mandado
vee-l'e sen vosso grado.

E, já que per mi sabedes
o ben que lh'eu sei querer,
por quanto ben mi queredes,
mandade-mi-o ir veer
se non irei sen mandado
vee-l'e sen vosso grado.

Idem, Ibidem, n.ºs 508 e 930.

CCLXX

Ora non dev'eu preçar parecer
nen palavra que eu aja, nen sen,

nen cousa que en mi seja de ben,
pois vos eu tanto non posso dizer
que vos queirades, amigo, partir.

Outra senhor vos conven a buscar,
ca nunca vos eu mais por meu terrei,
pois ides mais ca por mi por el-rei
fazer, nen vos po[sso] tanto rogar
que vos queirades, amigo, partir.

Nunca vos mais paredes ante mi,
se vos, en algũa sazón, d'alá
con meus desejos veerdes acá,
pois m'eu tanto non poss'aficar i
que vos queirades, amigo, partir.

Idem, Ibidem, n.º 519 e 931.

CCLXXI

—Madre, quer'oj'eu ir veer
meu amigo que se quer ir
a Sevilha el-rei servir;
ai madre, ir-lo-ei veer.

—Filha, ide; eu vosqu'irei.

—Faredes-me atan prazer!
ca non sei quando mi-o verei.

— Ben o sabe Nostro Senhor
que me pesa, pois que s'ir quer,
e veer-lo-ei, se vos prouguer,
por Deus, mia madr'e mia senhor.

— Filha, ide; eu vosqu'irei.

— Madre, faredes mi amor,
ca non sei quando mi-o verei.

— A Sevilha se vai d'aqui
meu amigo, por fazer ben,
e i-lo-ei veer por en,
madre, se vos prouguer d'ir i.

— Filha, ide, eu vosqu'irei.

— Madre, faredes-me ben i,
ca non sei quando mi-o verei.

Idem, Ibidem, n.ºs 520 e 932.

CCLXXII

Vedes que gram desmesura,
amiga, do meu amigo:
non veo falar comigo,
nen quis Deus, nen mia ventura
que foss'el aqui o dia
que pôs migo, quando s'ia.

Como eu tevera guisado
de fazer quant'el quisesse,
amiga, sol que veesse,

non quis Deus, nen meu pecado
que foss'el aqui o día
que pôs migo, quando s'ia.

E and'end'eu mui coitada,
como quer que vos al diga,
por que non quis Deus, amiga,
nen mia ventura minguada
que foss'el aqui o día
que pôs migo, quando s'ia.

PAE de CANA, clérigo, *Ibidem* n.ºs 521 e 933.

CCLXXIII

Amiga, o voss'amigo
soub'eu que non mentiria,
pois que ô jurad'avia
que veesse, mais vos digo :
que á de vós mui gram medo,
por que non veo mais cedo.

E rogou-m'el que vos visse
e vos dissesse mandado,
que non era perjurado,
e vedes al que mi disse :
que á de vós mui gram medo,
por que non veo mais cedo.

E rogo-vos, ai amiga,
que bõa ventur'ajades,
que muito lho gradescades,
pois m'el roga que vos diga:
que á de vós mui gran medo,
porque non veo mais cedo

Idem, Ibidem, n.º 522 e 934.

CCLXXIV

Amiga, ben sei do meu amigo
que é mort'ou quer outra dona ben,
ca non m'envia mandado, nen ven,
e, quando se foi, posera migo
que se veesse logo a seu grado,
senon, que m'enviasse mandado.

A mim pesou muito, quando s'ia,
e comecei-lhi enton a preguntar:
cuidades muit', amig', alá morar?
e jurou-mi par Santa Maria
que se veesse logo a seu grado,
senon, que m'enviasse mandado.

U estava con migo falando,
dixi-lh'eu: que farei, se vos non vir
ou se vosso mandado non oir

ced'? enton jurou-me el chorando
que se veesse logo a seu grado,
se non, que m'enviasse mandado.

SANCHO SANCHEZ, clérigo, *Ibidem*, n.ºs 524 e 936.

CCLXXV

Amiga, do meu amigo
[o]í eu oje recado;
que é viv'e namorado
d'outra dona ben vos digo,
mais jur'a Deus que quisera
oir ante que mort'era.

Eu era maravilhada
por que tan muito tardava,
pero sempr'esto cuidava,
se eu d'el seja vingada,
mais jur'a Deus que quisera
oir ante que mort'era.

Mui coitada per via,
mais ora non sei que seja
de min, pois outra deseja
e leixou min que servia,
mais jur'a Deus que quisera
oir ante que mort'era.

E a el mui melhor era
e a min mais mi prouguera.

Idem, Ibidem, n.ºs 525 e 937.

CCLXXVI

Ir-vos queredes, amigo, [d'aqui],
e pesa-me end,'assi me valha Deus,
e pesa-mi por estes olhos meus
e por que sei que viverei assi
 como vive quen á coita d'amor
 e non á de si, nen de ren sabor.

Des u vos vós fordes, i al non á,
por Deus, amigo, mais eu que farei?
ca outro conselh'eu de mim non sei,
se non viver, enquanto viver já,
 como vive quen á coita d'amor
 e non á de si, nen de ren sabor.

Esta [i]d',amigo, tan grave m'é
que vo-lo non saberia dizer,
mais pois end'al já non pode seer,
se viver, viverei, per bõa fé
 como vive quen á coita d'amor
 e non á de si, nen de ren sabor.

Idem, Ibidem, n.ºs 526 e 938.

CCLXXVII

Que mui gran torto mi fez, amiga,
meu amigo, quando se foi d'aqui
a meu pesar, pois que lho defendi
mais pero (queredes que vos diga?)
se veess'en já, lh'eu perdoaria.

Tanto mi fez gran pesar sobejo
en s'ir d'aqui que ouve de jurar,
mentre vivesse, de lhi non falar,
mais, por que tan muito [o] desejo,
se veess'en já, lh'eu perdoaria.

Ben vos dig,'amiga, eu verdade,
que jurei de nunca lhi fazer ben
ant,'e non se leixou de s'ir por en,
mais, porque ei d'el gran soidade,
se veess'en já, lh'eu perdoaria.

Idem, Ibidem, n.ºs 527 e 939.

CCLXXVIII

En outro dia, en San Salvador,
vi meu amigo, que mi gram ben quer,
e nunca mais coitada foi molher

do que eu i fui, segundo meu sen,
cuidand,'amiga, qual era melhor:
de o matar ou de lhi fazer ben.

El é por mi tan coitado d'amor
que morrerá, se meu ben non ouver,
e vi-o eu ali e, como quer
que vos diga, ouvi a morrer por en,
cuidand,'amiga, qual era melhor:
de o matar ou de lhi fazer ben.

Meu é o poder, que são senhor
de fazer d'el o que m'a mi prouguer,
mais foi i tan coitado que mester
non me fora, pois que o vi, per ren,
cuidand,'amiga, qual era melhor:
de o matar ou de lhi fazer ben.

Idem, Ibidem, n.ºs 528 e 940.

CCLXXIX

Todalas cousas eu vejo partir
do mod'en como soiam seer
e vej'as gentes partir de fazer
ben que soiam (tal tempo nos ven!)
mais non se pod'o coraçon partir
do meu amigo de mi querer ben.

Pero que ome part'o coraçon
das cousas, que ama, per bõa fé,
e parte-s'ome da terra ond'é,
e parte-s'ome du [mui] gran prol ten,
non se pode parti-lo coraçon
do meu amigo de mi querer ben.

Todalas cousas eu vejo mudar:
mudan-s'os tempos e muda-s'o al,
muda-s'a gente en fazer ben ou mal,
mudan-s'os ventos e tod'outra ren,
mais non se pod'o coraçon mudar
do meu amigo de mi querer ben.

JOAN AIRAS, burg[uj]ês de Santiago, *Ibidem*, nºs 550 e 963.

CCLXXX

Pelo souto de Crexente
ũa pastor vi andar
muit'alongada da gente,
alçando voz a cantar,
apertando-se na saia,
quando saia la raia
do sol nas ribas do Sar.

E as aves que voavan,
quando saia l'alvor,
todas d'amores cantavan

pelos ramos d'arredor,
mais non sei tal qu'i'stevesse
que en al cuidar podesse
senon todo en amor.

Ali 'stivi eu mui queda,
quis falar e non ousei,
empero dix'a gran medo:
— Mia senhor, falar-vos-ei
um pouco, se mi — ascuitardes
e ir-m'ei, quando mandardes,
mais aqui non 'starei.

— Senhor, por Santa Maria,
non estedes mais aqui,
mais ide-vos vossa via;
faredes mesura i,
ca os que aqui chegaren,
pois que vos aqui acharen,
ben diran que mais ouv'i.

Idem, Ibidem, n.ºs 554 e 967.

CCLXXXI

Dizen, amigo, que outra senhor
queredes vós sen meu grado filhar,
por mi fazerdes con ela pesar,

mais, a la fé, non ei end'eu pavor,
ca já todas sabem que sodes meu
e nen hũa nos vos querrá por seu.

E fariades-mi vós de coraçon
este pesar, mais non sei oj'eu quen
me vos filhasse; já vos non val ren,
ai meu amigo, vedes por que non:
ca já todas sabem que sodes meu
e nen hũa non vos querrá por seu.

E quen vos a vós esto conselhou
mui ben sei [eu] ca vos conselhou mal
e con tod'esso já vos ren non va[l],
ai meu amigo, tardi vos nembrou,
ca já todas saben que sodes meu
e nen hũa non vos querrá por seu.

Cofonda Deus a que filhar o meu
amigu'e min, se eu filhar o seu.

Idem, Ibidem, n.º 594.

CCLXXXII

O que soía, mia filha, morrer
por vós dizem que já non morr'assi
e moir'eu, filha, por que o oí,

mais, se o queredes veer morrer,
dizede que morre por vós alguen
e veredes ome morrer por en.

O que morria, mia filha, por vós,
como nunca vi morrer por molher
ome no mundo, já morrer non quer,
mais, se queredes que moira por vós,
dizede que morre por vós alguen
e veredes ome morrer por en.

O que morria, mia filha, d'amor
por vós non morre, nen quer i cuidar,
e moir'end'eu, mia filha, con pesar,
mais, se queredes que moira d'amor,
dizede que morre por vós alguen
e veredes ome morrer por en.

Ca, se souber que por vós morr'alguen,
morrerá, filha, querendo vos ben.

Idem, Ibidem, n.º 595.

CCLXXXIII

Par Deus, mia madr, 'o que mi gran bem quer
diz que deseja comig' a falar
mais d'outra ren que omen pod' osmar

e ũa vez, se a vós aprouguer,
fale migo, pois end' á tal prazer,
e saberemo-lo que quer dizer.

De falar migo non perç'eu bon prez,
ca de sa prol i ren non falarei,
e el dirá e eu ascuitarei
e, ante que moira já ũa vez,
fale migo, pois end'á tal prazer,
e saberemo-lo que quer dizer.

Se vos prouguer, venha falar aqui
con mig', ai madre, pois en sabor á,
e direi-vos pois quanto m'el dirá
e ũa vez, ante que moir'assi,
fale migo, pois end' á tal prazer,
e saberemo-lo que quer dizer.

Quiçá quer-mi ora tal cousa dizer
que lha poss' eu sen meu dano fazer.

Idem, Ibidem, n.º 596

CCLXXXIV

O meu amigo novas sabe já
d'aquestas côrtes que s'ora fara[n];
ricas e nobres dizen que seram

e meu amigo ben sei que fará
un cantar en que dirá de mi ben,
ou [o] fará, ou já o feito ten.

Loar-mi-á muito e chamar-mi-á senhor,
ca muit'á gram sabor de me loar;
a muitas donas fará gram pesar,
mais el fará, come mui trobador,
un cantar en que dirá de mi ben,
ou [o] fará, ou já o feito ten.

En aquestas cortes que faz el-rei
loará min e meu [bon] parecer
e dirá quanto ben poder dizer
de min, amigas, e fará, ben sei,
un cantar en que dirá de min ben,
ou [o] fará ou já o feito ten.

Ca o viron cuidar e sei eu ben
que non cuidava já en outra ren.

Idem, Ibidem, n.º 597

CCLXXXV

Amigo, quando me levou
mia madr,' [a] meu pesar, d'aqui,
non soubestes novas de mi

e por maravilha tenho,
por non saberdes quando vou,
nen saberdes quando venho.

Pero que vos chamades meu
amigo, non soubestes ren,
quando me levaron d'aquen,
e maravilho-me ende,
por non saberdes quando m'eu
venh' ou quando vou d'aquende.

Catei por vós, quand' a partir
m'ouve d'aqui, e pero non
vos vi, nen veestes enton,
e mui queixosa vos ando,
por non saberdes quando m'ir
quer' ou se verrei já quando.

E por amigo non tenho
o que non sabe quando vou,
nen sabe quando me venho.

Idem, Ibidem, n.º 598

CCLXXXVI

Ai mia filha, por Deus guisade vós
que vos veja [e]sse fustan trager
voss'amigu,' e tod'a vosso poder

veja-vos ben con el estar en cos,
 ca, se vos vir, sei eu ca morrerá
 por vós, filha, ca mui ben vos está.

Se vo-lo fustan estevesse mal,
 non vos mandaria ir ant'os seus
 olhos, mais guisade cedo por Deus
 que vos veja, non façades end'al,
 ca, se vos vir, sei eu ca morrerá
 por vós, filha ca mui ben vos está.

E, como quer que [a] vós el seja
 sanhudo, pois que vo-lo fustan vir,
 averá gran sabor de vos cousir,
 e guisade vós como vos veja,
 ca, se vos vir, sei eu ca morrerá
 por vós, filha, ca mui ben vos está.

Idem, Ibidem, n.º 599.

CCLXXXVII

O meu amigo non pod' aver ben
 de mi, amigas, vedes por que non :
 el non mi-o diz, assi Deus mi perdon,
 nen lho digu'eu, e assi nos aven :
 el con pavor non mi-o ous'a mentar,
 eu, amiga, non o posso rogar.

E gran sazon á já, per bõa fé,
que el [o] meu ben podera aver
e jamais nunca mi-o ousou dizer
e o preito direi-vos eu com'é:
el con pavor non mi-o ous'a mentar,
eu, amiga, non o posso rogar.

E gran temp'á [já] que lh'eu entendi,
que mi-o disseron, mais òuvi pavor
de mi pesar e, par Nostro Senhor,
p[ro]uguera-m'end'e [e]stamos assi:
el con pavor non mi-o ous'a mentar,
eu, amiga, non o posso rogar.

E o preito guisad'en se chegar
era, mais con o quiso começar.

Idem, Ibidem, n.º 600.

CCLXXXVIII

Meu amigo, vós morredes,
por que vos non leixam migo
falar e moir'eu, amigo,
por vós e, fé que devedes,
algun conselh'i ajamos,
ante que assi moiramos.

Ambos morremos, sen falha,
por quanto nos non podemos

falar e, pois que morremos,
amigo, se Deus vos valha,
 algun conselh' i ajamos,
ante que assi moiramos.

De mia madr'ei gram queixume,
por que nos anda guardando,
e morremos i cuidando;
ai meu amigu' e meu lume,
 algun conselh'i ajamos,
ante que assi moiramos.

E por que o non guisamos,
pois nós tant'o desejamos?

Idem, Ibidem, n.ºs 602 e 1012.

CCLXXXIX

Entend'eu, amiga, per bõa fé,
que avedes quixum,'u al non á,
de voss'amigo, que aqui está,
e el á de vós, non sei porque é,
 mais quero-vos ora ben conselhar:
 fazed'i ambos o que eu mandar.

E, amiga, de pran, u non jaz al,
este preito deve-se de fazer,
ca vos vejo d'el gran queixum'aver

e el de vós, e tenho que é mal,
mais quero-vos ora ben conselhar:
fazed'i ambos o que eu mandar.

Sanha d'amigos é, non será ben,
e sei que faredes end'o melhor,
pero vejo-vos aver desamor
d'el, amiga, e esto vos convem,
mais quero-vos ora ben conselhar:
fazed'i ambos o que eu mandar.

E mal [l]h'en venh'a quen non outorgar
antre vós ambos o que eu mandar.

Idem, Ibidem, n.ºs 603 e 1013.

CCXC

O meu amigo, que xi m'assanhou
e que non quer já comigo falar,
se cuidou el que o foss'eu rogar,
se lh'eu souber que o assi cuidou,
farei que en tal coita o tenha
por mi amor que rogar me venha.

E, pois que o meu amigo souber
que lh'esto farei, non atenderá
que o eu rogue, mais logo verrá

el rogar a mi, e, se end'al fazer,
farei que em tal coita o tenha
por mi amor que rogar me venha.

Nen averá meu amigo poder
de nulha sanha filhar contra mi
mais que eu non quiser que sej'assi,
ca, se d'outra guisa quiser fazer,
farei que em tal coita o tenha
por mi amor que rogar me venha.

Idem, Ibidem, n.ºs 601 e 1014.

CCXCI

O voss' amig' á' de vós gram pavor,
ca sab'el que vos fazen entender
que foi, amiga, de vós mal dizer,
mais voss' amigo diz end' o melhor:
que de quanto disse de vós e diz
vó-lo julgad'assi come senhor,
ca diz que non quer i outro juiz.

Queixades vos d'el, mais, se Deus quiser,
saberedes a pouca de sazón
que nunca disse de vós se ben non,
nen dirá, mais diz quant' i á mester:
que de quanto disse de vós e diz
vó-lo julgad' assi como vos prouguer,
ca diz que non quer i outro juiz.

Rogou-m'el muito que vos jurass'eu
que nunca disse de vós se non ben,
nen o dirá, e ar diz outra ren,
e non á mais que diga, cuido-m'eu:
que de quanto disse de vós e diz
vós julgad'i o voss[o] e o seu,
ca diz que non quer i outro juiz.

Filhad' o seu preito, como [el] diz,
sobre vós e conselho-vo-lo eu
e non ponhades i outro juiz.

Idem, Ibidem, n.ºs 605 e 1015.

CCXCII

- Meu amigo, quero-vos préguntar.
- Preguntade, senhor, ca [é] meu ben.
- Non vos á mester de mi ren negar.
- Nunca vos eu, senhor, negarei ren.
- Tantos cantares por que fazedes?
- Senhor, ca nunca m'escaecedes.

- Preguntar-vos quero, per bõa fé.
- Preguntade, ca ei en gram sabor.
- Non mi neguedes ren, pois assi é.
- Nunca vos ren negarei, mia senhor.
- Tantos cantares por que fazedes?
- Senhor, ca nunca m'escaecedes.

- Non vos pês de qual pergunta fezer.
- Non, senhor, ante vo-lo gracirei.
- Non m'ar neguedes o que vos disser.
- Nunca vos eu, senhor, ren negarei.
- Tantos cantares por que fazedes?
- Senhor, ca nunca m'escaecedes.

- Este ben por mi [vó-l]o fazedes?
- Por vós, mia senhor, que o valedes

Idem, Ibidem, n.ºs 606 e 1016.

CCXCIII

Par Deus, amigo, non sei eu que é,
mais muit'á já que vos vejo partir
de trobar por mi e de me servir,
mais ùa d'estas é, per boa fé:
ou é per mi, que vos non faço ben,
ou é sinal de morte que vos ven.

Mui gran temp'á, e tenho que é mal,
que vos non cí já cantar fazer,
nen loar mi, nen meu bon parecer,
mais ùa d'estas [é], u non ja[z] al:
ou é per mi que vos non faço ben,
ou é sinal de morte que vos ven.

Já m'eu do tempo acordar non sei
que vos oísse fazer un cantar,
como soiades, por me loar,
mais ãa d'estas é que vos direi:
ou é per mi que vos non faço ben,
ou é sinal de morte que vos ven.

Se é per mi, que vos non faço ben,
dizede-mi-o e já quê farei en.

Idem, Ibidem, n.ºs 607 e 1017.

CCXCIV

Par Deus, mia madr, 'ouvestes gran prazer,
quando se foi meu amigo d'aqui,
e ora ven e praz en muit'a mi,
mais ãas novas vos quero dizer:
se vos pesar, sofrede-o mui ben,
c'assi fig'eu, quando se foi d'aquen.

Ca fostes vós mui leda do meu mal,
quando s'el foi, e querrei-vos eu já
mal por end, 'e dizen-mi que verrá
mui ced'e quero-vos eu dizer al:
se vos pesar, sofrede-o mui ben,
c'assi fig'eu, quando se foi d'aquen.

Idem, Ibidem, n.ºs 608 e 1018.

CCXCV

Que mui leda que eu mia madre vi,
quando se foi meu amigo d'aqui,
e eu nunca fui leda, nen dormi,
amiga, depois que s'el foi d'aquen,
e ora já dizen-mi d'el que ven
e mal grad'aja mia madre por en.

Ela foi leda, poi-lo viu ir,
e eu mui triste, poi-lo vi partir
de mi, ca nunca mais pudi dormir,
amiga, depois que s'el foi d'aquen,
e ora já dizen-mi d'el que ven
e mal grad'aja mia madre por en.

De[s] quando s'el foi d'aqui a [e]l-rei,
foi mia madre mui led,'eu [ben] o sei,
[e] eu fui [mui] triste sempr'e chorei,
amiga, depois que s'el foi d'aquen,
e ora já dizen mi d'el que ven
e mal grad'aja mia madre por en.

Idem, Ibidem, n.ºs 609 e 1019.

CCXCVI

Vai-s,'amiga, meu amigo d'aqui
triste, ca diz que nunca lhi fiz ben,

mais, se o virdes ou ante vós ven,
dizede-lhi ca lhi digu'eu assi:
que se venha mui ced'e, se veer
cedo, que será como Deus quiser.

Per bõa fé, non lhi poss'eu fazer
ben, e vai triste no seu coraçon
mais, se o virdes, se Deus vos perdon,
dizede-lhi que lhi mand'eu dizer:
que se venha mui ced'e, se veer
cedo, que será como Deus quiser.

Queixa-s'el e diz que sempre foi meu
e diz gram dereito, per bõa fé,
que non lhi fiz ben e ten que mal é,
mais dizede-lhi vós que lhi digu' eu:
que se venha mui ced'e, se veer
cedo, que será como Deus quiser.

E non se queixe, ca non lh'á mester,
e filhe o ben, quando lho Deus der.

Idem, Ibidem, n.º 610 e 1020.

CCXCVII

Queixos' andades, amigo, d'amor
e de mi, que vos non posso fazer
ben, ca non ei, sen meu dan,'en poder

e por en guise-mi-o Nostro Senhor
que vos faça eu ben en guisa tal
que seja vosso ben e non meu mal.

Queixades-vos que sempre fostes meu
amigu' e vos leixo por mi morrer,
mais dizede-mi como vos valer
possa sen meu dan'e guisa-lo eu,
que vos faça eu ben en guisa tal
que seja vosso ben e non meu mal.

São guardada como outra molher
non foi, amigo, nen á de seer,
ca vos non ous'a falar, nen veer,
e por en guise-mi-o Deus, se quiser,
que vos faça eu ben en guisa tal
que seja vosso ben e non meu mal.

Idem, Ibidem, n.ºs 611 e 1021.

CCXCVIII

A meu amigo mandad' enviei
a Toled,' amiga, per boa fé,
e mui ben creo que já co[n] el é;
preguntad'e e agradecer-vo-lo ei:
en quantos dias poderá chegar
aqui de Toledo quen ben andar.

Ca do mandadeiro sei eu mui ben
que, depois que lho mandado disser,
que se verrá mais cedo que poder
e, amiga, sabede vós d'alguen:

en quantos dias poderá chegar
aqui de Toledo quen ben andar.

E sempre catan estes olhos meus
per u eu cuido que á de viir
o mandadeir'e moiro por oir
novas d'el, e preguntade, por Deus,
en quantos dias poderá chegar
aqui de Toledo quen ben andar.

Idem, Ibidem, n.ºs 612 e 1022

CCXCIX

Queredes ir, meu amigu,' eu o sei,
buscar outro conselh'e non o meu;
porque sabedes que vos desejeu,
queredes-vos ir morar con el-rei,
mais id'ora quanto quiserdes ir,
ca pois a mi avedes a viir.

Ides-vos vós e fico eu aqui
que vos ei sempre muit'a desejar,
e vós queredes con el-rei morar,

por que cuidades mais valer per i,
mais id'ora quanto quiserdes ir,
ca pois a mi avedes a viir.

Sabor avedes, a vosso dizer,
de me servir, amigu,' e pero non
leixades d'ir al-rei; por tal razon
non podeades el-rei e min aver,
mais id'ora quanto quiserdes ir,
ca pois a mi avedes a viir.

E, amigo, queredo-lo oir?
non podeades dous senhores servir
que ambos ajan rem que vos gracicr.

Idem, Ibidem, n.ºs 613 e 639 e 1023 e 1049.

CCC

Diz meu amigo tanto ben de mi
quant'el mais pod'e de meu parecer,
e os que saben que o diz assi
teen que ei eu que lhi agradecer:
en quant'el diz non lhi gradesqu'eu ren,
ca mi sei eu que mi paresco ben.

Diz-mi fremosa e diz-mi senhor,
e fremosa mi dirá quen me vir,
e te[e]n que mi faz mui grand'amor

e que ei [eu] muito que lhi gracir:
en quant'el diz non lhi gradesqu'eu ren,
ca mi sei eu que mi paresco ben.

Diz muito ben de min en seu trobar
con gram dereit,'e al vos eu direi:
teen ben quantos me lh'oen loar
que eu muito que [lhi] agradecer ei:
en quant'el diz non lhi gradesqu'eu ren,
ca mi sei eu que mi paresco ben.

Ca, se eu non parecesse mui ben,
de quant[o] el diz non diria ren.

Idem, Ibidem, n.ºs 614 e 1024.

CCCI

— Ai mia filha, de vós saber quer'eu
por que fezestes quanto vos mandou
voss'amigo, que vos non ar falou?

— Par Deus, mia madre, direi-vo-lo eu:
cuid[ava-m'] eu melhor aver per i
e semelha-mi que non est assi.

— Por que fezestes, se Deus vos dê ben,
filha, quanto vos el vëo rogar,
ca des enton non vos ar quis falar?

— Direi-vo-l[o] eu, se Deus mi dê ben:
cuid[ava-m'] eu melhor aver per i
e semelha-mi que non est assi.

— Por que fezeistes, se Deus vos perdon,
filha, quanto vos el vëo dizer,
ca des enton non vos ar quis veer?

— Direi-vo-l[ô] eu, se Deus mi perdon:
cuid[ava-m'] eu melhor aver per i
e semelha-mi que non est assi.

Bon dia naceu, com[o] eu oi',
quen se d'outro castiga e non de si.

Idem, Ibidem, n.ºs 615 e 1025.

CCCII

Quand'eu fui un dia vosco falar,
meu amigo, figi-o eu por ben
e enfengestes-vos de mim por en,
mais, se vos eu outra vez ar falar,
logo vós diredes ca fezeistes
comigo quanto fazer quisestes.

Ca, meu amigo, falei hũa vez
con vosco, por vos de morte guarir
e fostes-vos vós de min enfingir,

mais, se vos eu [ar] falar outra vez
logo vós diredes ca fezestes
comigo quanto fazer quisestes.

Ca mui ben sei eu que non fezestes
o meio de quanto vós dissestes.

Idem, Ibidem, n.ºs 616 e 1026.

CCCCIII

Amigo, veestes-m'un dia 'qui
rogar d'un preit'e non vos fig'en ren,
porque cuidava que non era ben,
mais, pois vos já tant'aficades i,
faze-lo quer' e non farei end'al,
mais vós guardade mi e vós de mal.

Vós dizedes que o que meu mal for
non queredes, e ben pode seer,
pero non quix vosso rogo fazer,
mais, pois end'avedes tan gram sabor,
faze-lo quer' e non farei end'al,
mais vós guardade mi e vós de mal.

Ben sabedes como falamos nós
e me vós rogastes o que m'eu sei,
e non o fiz, mais con pavor que ei

de perder eu amigo contra vós,
faze-lo quer' e non farei end'al,
mais vós guardade mi e vós de mal.

E, se vós fordes amigo leal,
guardaredes vossa senhor de mal.

Idem, Ibidem, n.ºs 617 e 1027.

CCCI

Non vos sabedes, amigo, guardar
de vos saberem, por vosso mal sen,
como me vós sabedes muit'amar,
nen a gram coita que vos por mi ven,
e quero-vos end'eu desenganar:
se souberen que mi queredes ben,
quite sodes de nunca mi falar.

Per nulha ren non me posso quitar
de falar vosqu', e sempre mi temi
de mi-o saberem, ca m'an d'alongar
de vós, se o souberem, des ali,
e quero-vos end'eu desenganar:
se souberen que mi queredes ben,
quite sodes de nunca mi falar.

Do que me guarda tal é seu cuidar:
que amades, amig', outra senhor,
e, se a verdade poder osmar,
nunca ver[r]edes já mais u eu for,
e quero-vos end'eu desenganar
se souberen que mi queredes ben,
quite sodes de nunca mi falar.

E, se avedes gran coita d'amor,
ave-la-edes [pois] per min maior,
ca de longi mi vos faran catar.

Idem, Ibidem, n.ºs 618 e 1028.

CCCV

Non ei eu poder do meu amigo
partir, amigas, de mi querer ben
e, pero m'eu queixo, prol non mi ten
e, quando lh'eu rogo muit'e digo
que se parta de mi tal ben querer,
tanto mi val come non lho dizer.

Se mi quer falar, digo-lh'eu logo
que mi non fale, ca mi ven gram mal
de sa fala, mais mui pouco mi val,

e, quando lh'eu digo muit'e rogo
que se parta de mi tal ben querer,
tanto mi val come non lho dizer.

Sempre mi pesa con sa companha,
por que ei medo de mi crescer prez
con el, com'outra vegada ja fez,
e, pero lhi digu'en mui gram sanha
que se parta de mi tal ben querer,
tanto mi val come non lho dizer.

Idem, Ibidem, n.ºs 619 e 1029.

CCCVI

Mia madre, pois [a]tal é vosso sen,
que eu que[i]ra mal a quen mi quer ben
e me vós rogades muito por en,
dized'ora, por Deus, que pod'e val:
pois ei mal querer a quen mi quer ben,
se querrei ben a quen mi quiser mal?

Dizedes-mi que, se eu mal quiser
a meu amigo, que mi gram ben quer,
que faredes sempre quant'eu quiser,
mais venh'ora, que mi digades al:
pois ei querer mal a quen mi ben quer,
se querrei ben a quen mi quiser mal?

Muito mi será grave de sofrer
d'aver quen mi quer ben mal a querer,
e vós, madre, mandades-mi-o fazer,
mais faço-vos ûa pergunta tal:
pois quen mi quer ben ei mal a fazer,
se querrei ben a quen mi quiser mal?

Se assi for, por mi podem dizer
que eu fui a que semeou o sal.

Idem, Ibidem, n.º 206 e 1300.

CCCVII

Diz meu amigo que, u non jaz al,
morre, ca non pod'aver ben de mi,
e queixa-se-me muit'e diz assi:
que o mat'eu e que faço mui mal:
mais onde ten el que o mato eu,
se el morre, por lh'eu non dar o meu?

Ten guisad'en muitas vezes morrer;
se el morrer, cada que lh'eu non der
do meu ren, se non quando m'eu quiser,
e diz que o mato a mal fazer:
mais onde ten el que o mato eu,
se el morre por lh'eu non dar o meu?

Diz que tan muito é coitado d'amor
que ren de morte non o tornará,
porque non ouve ben de min, nen á
e diz-m'el: matades-me, [mia] senhor:
 mais onde ten el que o mato eu,
 se el morre por lh'eu non dar o meu?

E assanha-xi-m'el, mais ben sei eu
que a sanha toda é sobre lo meu.

Idem, Ibidem, n.ºs 621 e 1031.

CCCVIII

Voss'amigo quer-vos sas dōas dar,
amiga, e quero-vos dizer al:
dizen-mi que lh'as queredes filhar
e dized'ora por Deus ũa ren:
se lhi filhardes sas dōas ou al,
 que diredes por lhi non fazer ben?

Vós non seredes tan sen conhocer,
se lhi filhardes nulha ren do seu,
que lhi non ajades ben a fazer
e venh'ora preguntar-vos por en:
se lhi filhardes nulha ren do seu,
 que diredes por lhi non fazer ben?

El punhará muit' e fará razon
de lh'as filhardes, quando vo-las der,
e vós ou lh'as filharedes ou non,
e dized'ora qual é vosso sen:
se lhi filhardes quanto vos el der,
que diredes por lhi non fazer ben?

Ou ben filhade quanto vos el der
e fazed ben quanto x'el quiser,
ou non fazedes con sen nulha ren,
non lhi façades nunca nen hun ben.

Idem, Ibidem, n.ºs 622 e 1031.

CCCIX

O meu amigo forçad'é d'amor,
pois agora comigo quer viver
ũa sazon; se o poder fazer,
non dórmia ja, mentre comigo for,
ca d'aquel tempo que migo guarir
atanto perderá quanto dormir.

E quen [mui] ben quer seu tempo passar,
u é con sa senhor, non dorme ren,
e meu amigo, pois pera min ven,
non dórmia já, mentre migo morar,
ca d'aquel tempo que migo guarir
atanto perderá quanto dormir.

E, se lh'aprouguer de dormir alá
u el é, prazer-mi-á per bõa fé,
pero dormir tempo perdud[o] é,
mais per meu grad'aqui non dormirá,
ca d'aquel tempo que migo guarir
atanto perderá quanto dormir.

E, depois que s[e] el de min partir,
tanto dórmia quanto quiser dormir.

Idem, Ibidem, n.ºs 623 e 1033.

CCCX

Quer meu amigo de mi un preito
que el já muitas vezes quisera:
que lhi faça ben, e já temp'era,
ma[i]s, como quer que seja meu feito,
farei-lh'eu ben, por Santa Maria,
mais non tan cedo com'el querria.

E digan-lhi por mi que non tenha
que lho eu vou por mal demorando,
ca el anda-se de min queixando,
mais, como quer que depois [a]venha,
farei-lh'eu ben, par Santa Maria,
mais non tan cedo com'el querria.

El é por mi atan namorado
e meu amor o traj'assi louco
que se non pod'atender un pouco,
mais, tanto que eu aja guisado,
farei-lh'eu ben, par Santa Maria,
mais non tan cedo com'el querria.

E, como quer que foss', el querria
aver já ben de min todavia.

E ben sei d'el que non cataria
o que m'end'a min depois verria.

Idem, Ibidem, n.ºs 624 e 1034

CCCXI

Diz, amiga, o que mi gram ben quer
que nunca mais mi ren demandará,
sol que lh'ouça quanto dizer quiser,
e, mentre viver, que me servirá,
e vedes ora com'é sabedor,
que, pois que lh'eu tod'este ben fezer,
logu'el querrá que lhi faça melhor.

Mui ben cuid'eu que con mentira ven,
pero jura que mi non quer mentir,
mais diz que fale comigu'e por en,

mentre viver, non mi quer al pedir,
e vedes ora com'é sabedor,
que, pois que lh'eu tod'este ben fezer,
logu'el querrá que lhi faça melhor.

Gran pavor ei non me queir'enganar,
pero diz el que non quer al de mi
se non falar migu'e mais demandar,
mentre [já] viver, non quer des ali,
e vedes ora com'é sabedor,
que, pois que lh'eu tod'este ben fezer,
logu'el querrá que lhi faça melhor.

E esto será, mentr'o mundo for:
quant'ome mais ouver ou acabar
tanto d'aver mais averá sabor.

Mais id',amiga, vós, por meu amor
comig'ali u m'el quiser falar,
ca mal mi venha, se lh'eu soa for.

Idem, Ibidem, n.ºs 625 e 1035.

CCCCXII

Que mui de grad'eu faria
prazer ao meu amigo,
amiga, ben volo digo,

mais logu'en aquel dia
non leixará el, amiga,
nulh'ome a que o non diga.

Faria-lho mui de grado,
porque sei que me deseja,
mais, se guisar u me veja
e lhi fazer seu mandado,
non leixará el, amiga,
nulh'ome a que o non diga.

Tam coitado por mi anda
que non á par, nen mesura,
pero, se eu per ventura
fezer todo quant'el manda,
non leixará el, amiga,
nulh'ome a que o non diga.

Dizedor é de nemiga
e dirá-o log', amiga.

Idem, Ibidem, n.ºs 626 e 1036.

CCCXIII

Vedes, amigo, ond'ei gram pesar:
sei muitas donas que saben amar
seus amigos e soen-lhis falar

e non lho saben, assi lhis aven,
e nós, sol que o queiramos provar,
logu'ê sabud' e non sei eu per quen.

Tal dona sei eu, quando quer veer
seu amigo, a que sabe ben querer,
que lho non pode per ren entender
o que cuida que a guarda mui ben,
e, nós sol que o queiramos fazer,
logu'ê sabud'e non sei eu per quen.

Com'eu querria, non se guis'assi
falar vosco, que morredes por mi,
com'outras donas falan, e des i
nunca lhis mais poden entender ren
e nós, [sol] ante que chegemos i,
logu'ê sabud'e non sei eu per quen.

Coita lhi venha qual ora a nós ven
per quem nos a nós tod'este mal ven.

Idem, Ibidem, n.^{os} 627 e 1037.

CCCXIV

Morreredes, se vos non fezer ben,
por min, amigu', e non sei que vos i
faça, pero muitas vezes cuid'i,

e d'este preito vedes que mi-aven:
é-mi mui grave de vos ben fazer
e mui grave de vos leixar morrer.

Ben non vos pode de morte guardar
e sei ben que morreredes por min,
se non ouverdes algun ben de min,
e, quant'eu ei en tod'est'a cuidar:
é-mi mui grave de vos ben fazer
e mui grave de vos leixar morrer.

Se vos non fezer ben, por mi amor
vos matará, ben sei que será assi,
mais ben vos jur'e digo-vos assi,
se Deus mi leix'en fazer o melhor:
é-mi mui grave de vos ben fazer
e mui grave de vos leixar morrer.

E rog'a Deus, que á end'o poder,
que el me leix'end'o melhor fazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 628 e 1038.

CCCXV

Alguen vos diss', amigu', e sei-o eu,
por mi mizcrar con vosco, que falei
con outr'omen, mais nunca o cuidei,

e, meu amigo, direi-vo-l[o] eu:
de mentira non me poss'eu guardar,
mais guardar-m'ei de vos fazer pesar.

Alguen sabe que me queredes ben
e pesa-lh'end'e non pod'al fazer
se non que mi quer mentira pōer,
[ai] meu amigu'e meu lum'e meu ben:
de mentira non me poss'eu guardar,
mais guardar-m'ei de vos fazer pesar.

E ben sei de quen tan gran sabor á
de mentir e non teme Deus nen al,
que mi-assaca tal mentira e al,
[ai] meu amigo, vedes quant'i á:
de mentira non me poss'eu guardar,
mais guardar-m'ei de vos fazer pesar.

De fazer mentira sei-m'eu guardar,
mais non de quem me mal quer assacar.

Idem, Ibidem, n.ºs 629 e 1039.

CCCXVI

Amigas, o que mi quer ben
dizen-mi ora muitos que ven,

pero non o posso creer,
ca tal sabor ei de o veer
que [eu] o non posso creer.

O que eu amo mais ca mi
dizen que cedo será aqui,
pero non o posso creer,
ca tal sabor ei de o veer
que [eu] o non posso creer.

O que se foi d'aqui muit'á
dizen-mi que cedo verrá,
pero non o posso creer,
ca tal sabor ei de o veer
que [eu] o non posso creer.

E nunca mi-o farán creer,
se mi-o non fezeren veer.

Idem, lbidem, n.ºs 63o e 104

CCCXVII

— O voss'amigo, que s'a cas del-rei
foi, amiga, mui cedo vos verrá
e partide ben dōas que vos dará.
— Amiga, verdade ben vos direi:
fará-mi Deus ben, se mi-o adusser,
e sas dōas dê-as a quen quiser.

— Disseron-mi ora, se Deus mi perdon,
que vos trage dōas de Portugal
e, amiga, non as partades mal.

— Direi-vos, amiga, meu coraçon:
fará-mi Deus ben, se mi-o adusser,
e sas dōas dê-as a quen quiser.

— Dizen, amiga, que non ven o meu
amigo, mai-lo vosso cedo ven
e partid'as dōas que trage ben.

— Direi-vos, amiga, o que digu'eu:
fará-mi Deus ben, se mi-o adusser,
e sas dōas dê-as a quen quiser.

E ben sei eu [que], des que el veer,
averei dōas e quant'al quiser.

Idem, Ibidem, n.ºs 631 e 1041.

CCCXVIII

Vai meu amigo con el-rei morar
e non mi-o disse, nen lh[o] outorguei
e faz mal sen de mi faz[er] pesar,
mais eu perça bon parecer que ei,
se nunca lh'el-rei tanto ben fezer
quanto lh'eu farei, quando mi quiser.

E quer [el] muito con el-rei viver
e mia sanha non a ten [el] en ren
e el-rei pode quanto quer poder,
ma[i]s mal mi venha onde ven o ben,
se nunca lh'el-rei tanto ben fezer
quanto lh'eu farei, quando mi quiser.

E el punhou [já] muit'en me servir
e a [e]l-rei nunca serviço fez,
por end'el-rei non á que lhi gracir,
mais eu perça bon parecer e prez,
se nunca lh'el-rei tanto ben fezer
quanto lh'eu farei, quando mi quiser.

Ca mais [lhi] valrrá, se lh'eu [ben] quiser
que quanto ben lh'el-rei fazer poder.

Idem, Ibidem, n.ºs 632 e 1042.

CCCXIX

Amigo, queredes-vos ir?
e ben sei eu que mi averrá:
em mentre morardes alá,
a quantos end'eu vir viir
a todos eu preguntarei
como vos vai en cas d'el-rei.

Non vos poderia dizer
quant'ei de vos irdes [pesar],
mais a quantos eu vir chegar
du ides con el-rei viver
a todos eu preguntarei
como vos vai en cas d'el-rei.

Coitada ficarei d'amor,
tá que mi vos Deus adusser,
mais a quantos eu já souber
que veeren du el-rei for,
a todos eu preguntarei
como vos vai en cas d'elrei.

Se disseren ben, loarei
Deus e graci-lo-ei al-rei.

Idem, Ibidem, n.º 633 e 1043.

CCCCXX

Foi-s'o meu amigo a cas d'el-rei
e, amigas, con grand'amor que lh'ei,
quand'el veer, já eu morta serei,
mais non lhe digan que morri assi,
ca, se souber com'eu por el morri,
será mui pouca sa vida des i.

Por nulha ren non me posso guardar
que non moira ced'e con gran pesar,
e, amigas, quand'el aqui chegar,
non sábia per vós qual mort'eu premdi,
ca, se souber com'eu por el morri,
será mui pouca sa vida des i.

Eu morrerei cedo, se Deus quiser,
e, amigas, quand'el aqui veer,
desmesura fará quen lhi disser
qual mort'eu filhei, des que o non vi,
ca, se souber com'eu por el morri,
será mui pouca sa vida des i.

Já non posso de morte guarecer,
mais, quando s'el tornar por me veer,
non lhi digan como m'el fez morrer
ante tempo, por que se foi d'aqui,
ca, se souber com'eu por el morri,
será mui pouca sa vida des i.

Idem, Ibidem, n.ºs 634 e 638 e 1044 e 1048.

CCCXXI

Amei-vos sempr', amigo,
e fiz-vos lealdade;
se preguntar quiserdes,
en vossa puridade

saberedes, amigo,
que vos digo verdade,
ou se falar ouverdes
con algun maldizente
e vos quiser, amigo,
fazer al entendente
dizede-lhi que mente,
dizede-lhi que mente.

Idem, Ibidem, n.º 635 e 1045.

CCCXXII

Meu amigu'e meu ben e meu amor,
disseron-vos que me viron falar
con outr'ome, por vos fazer pesar,
e por en rogu'eu a Nostro Senhor
que confonda quen vo-lo foi dizer
e vós, se o assi fostes creer,
e min, se end'eu foi merecedor.

Já vos disseron por mi que falei
con outr'ome, que vos non tiv'en ren,
e, se o fiz, nunca mi venha ben,
mais rog'a Deus sempr' e roga-lo-ei
que confonda quen vo-lo diss'assi
e vós, se tan gran mentira de mi
crevestes, e min, se o eu cuidei.

Sei que vos disserom, per bõa fé,
que falei con outr'om'e non foi al
se non que vo-lo disserom por mal,
mais rog'a Deus, que no ceo se[e],
que confonda quen vos atal razon
diss'e vós, se a crevestes enton,
e que co[n]fonda min, se verdad'é.

E confonda quen á tan gran sabor
d'antre min e vós meter desamor,
ca maior amor no mundo [non] é.

Idem, Ibidem, n.ºs 636 e 1046.

CCCXXIII

A que mi a mi meu amigo filhou
mui sen meu grad'e non me tev'en ren
que me servi[u] e mi queria ben,
e non mi-o disse, nen mi-o preguntou
ma[l] lhi será, quando lho eu filhar
mui sen seu grad'e non a preguntar.

E, se m'ela mui gram torto fez i,
Deus mi leixe dereito d'ela aver,
ca o levou de min sen meu prazer
e ora ten que o levará assi:
ma[l] lhi será, quando lho eu filhar
mui sen seu grad'e non a preguntar.

E ben sei eu d'ela [o] que dirá:
que non fiz eu por el quant'ela fez,
mais quiçai mi-o fezera outra vez,
e pero ten ben que o averá:
 ma[l] lhi será, quando lho eu filhar
 mui sen seu grad'e non a preguntar.

Enton ve[e]redes molher andar
pós min chorand'e non lho querei dar.

Idem, Ibidem, n.ºs 637 e 1047.

CCCXXIV

Ir-vos queredes e non ei poder,
par Deus, amigo, de vos en tolher
e, se ficardes, vos quero dizer,
meu amigo, que vos por en farei:
os dias que vós a vosso prazer
 non passastes eu vó-los cobrarei.

Se vos fordes, sofrerei a maior
coita que sofreu molher por senhor
e, se ficardes polo meu amor,
direi-vo-lo que vos por en farei:
os dias que vós a vosso sabor
 non passastes eu vó-los cobrarei.

Ides-vos e teendes-m'en desdem
e fico eu mui coitada por en,
e ficade por mi, ca vos conven,
e direi-vos que vos por en farei:
os dias que vós non passastes ben,
ai meu amigu', eu vo'-los cobrareí.

Idem, Ibidem, n.ºs 640 e 1050.

CCCXXV

Ir-vos queredes, amigo,
d'aqui, por me fazer pesar,
e, pois vos queredes quitar
d'aqui, vedes que vos digo:
quitade ben o coraçon
de min e ide-vos enton.

E, pois vos ides, sabiades
que nunca maior pesar vi
e, pois vos queredes d'aqui
partir, vedes que façades:
quitade ben o coraçon
de min e ide-vos enton.

Idem, Ibidem, n.ºs 641 e 1051.

CCCXXVI

Ai amiga, tenh'eu por de bon sen
tod'omen que sa senhor gran ben quer
que lho non entendem per nulha ren,
se non a quen no el dizer quiser;
Rodrigu'Eanes d'Alvares é tal:
quer-me milhor ca quis om'a molher,
mais non sabem se me quer ben se mal.

Maravilho-me como non perdeu
o corpo per quantas terras andou
por min ou como non ensandeceu,
por qual vos digo que a min chegou:
Rodrigu'Eanes d'Alvares é tal:
des que me viu, nunca ren tant'amou,
mais non sabem se me quer ben, se mal.

Non vistes omen tan gran coit'aver
com'el por min á, assi Deus mi perdon,
nen por senhor tan gran coita sofrer
com'el sofre, á mui longa sazon;
Rodrigu'Eanes d'Alvares é tal:
nunca de min part'o seu coração,
mais non sabem se me quer ben, se mal.

CCCXXVII

Oimais, amiga, quer'eu já falar
con meu amigo quanto x'el quiser,
vedes porque: ca tan gran ben mi quer
que ben vos digu'eu, quant'é semelhar,
quant'eu [d'el] sei, que non ei de cuidar
non querria meu dano, por saber
que podía per i meu ben aver.

Falarei con el, que non m'estará
mal nulha ren, e mesura farei
de lhi falar, ca, per quant'eu d'el sei
que mi quer ben e sempre mi-o querrá,
que vejades o grand'amor que mi-á
non querria meu dano, por saber
que podia per i meu ben aver.

Falarei [eu] con el, pois est assi,
par Deus, amiga, ca sempre punhou
de me servir, des i nunca m'errou,
des que m'eu fui, por quant'eu aprendi,
e mais vos direi que d'el entendi:
non querria meu dano por saber
que podia per i meu ben aver.

E, pois m'el quer, com'oídes dizer,
de sa fala non ei ren que temer.

ROY MARTINZ, *Ibidem*, n.^{os} 589 e 1000.

CCCXXVIII

— Un' á que diz que morrerá d'amor
o voss'amigo, se vo-lo veer
non faço, filha, mais quer'eu saber
que perç'eu i, se por vós morto for?
— Direi-vos, madr',as perdas que á i:
perder-s'á el e poss'eu [i] perder
o corp'e vós, madr',o vosso por mi.

— Ai minha filh',entenderá quén quer
que vos tēedes por el sa razon,
mais dized'ora, se Deus vos perdon,
que perç'eu i, se x'el morrer quiser?
— Direi-vos, madre, quant'eu entend'i:
perder-s'á el e perderei enton
o corp'e vós, madr',o vosso por mi.

Idem, *Ibidem*, n.^{os} 590 e 1001.

CCCXXIX

Ai, madr',o meu amigo morr'assi
come quen morre de coítas que á
grandes d'amor, e non queredes já

que o veja e el morr', eu o sei,
por mi d'amor, mais eu morta serei,
pois el morrer por mi, por el logu'i.

E amores tantas coitas lhi dan
por mi, madre, que non pode guarir,
pero sei eu que guarrá, se me vir,
e jaz morrend'assi por mi d'amor,
mais eu morrerei, madr'e mia senhor,
pois el morrer por mi, por el de pram.

Idem, Ibidem, n.º 591.

CCCXXX

Quand'eu un dia fui en Compostela
en romaria, vi ãa pastor
que, pois fui nado, nunca vi tan bela,
nen vi outra que falasse melhor
e demandei-lhi logo seu amor
e fiz por ela esta pastorela.

Dix[i-lh]'eu logo: «Fremosa poncela,
queredes vós min por entendedor,
que vos darei boas toucas d'Estela
e boas cintas de Rocamador
e d'outras dõas, a vosso sabor
e fremoso pano pera gonela?»

E ela disse: « Eu non vos queria
por entendedor, ca nunca vos vi,
se non agora, nen vos filharia
dõas, que sei que non som pera mi,
pero cuid'eu, se as filhass'assi,
que tal á no mundo a que pesaria.

E, se veess'outra, que lhi diria,
se me dissesse « ca per vós perdi
meu amigu'e dõas que me tragia »?
Eu non sei rem que lhi dissess'ali;
se non foss'esto de que me temi,
non vos dig'ora que o non faria. »

Dix'eu: « Pastor, sodes bem razoada,
e pero creede, se vos non pesar,
que non est oj'outra no mundo nada,
se vós non sodes, que eu sábia amar,
e por aquesto vos venho rogar
que eu seja voss'ome esta vegada. »

E diss'ela, come bem ensinada:
« Por entendedor vos quero filhar
e, pois fôr a romaria acabada,
aqui, du sôo natural, do Sar,
cuido-[m'eu], se me queredes levar,
ir m'ei vosqu'e fico vossa pagada. »

CCCXXXI

Disseron-vos, meu amigo,
que, por vos fazer pesar,
fui eu con outrem falar,
mais non faledes vós migo,
se o poderdes saber
por alguem ou entender.

E ben vos per vingaredes
de mi, se eu con alguen
falei, por vos pesar en
mais vós nunca mi faledes
se o podesdes saber
por alguen ou entender.

Se vós por verdad'achardes,
meu amigo, que é assi,
confonda Deus logu'i mi
muit'e vós, se mi falardes,
se o poderdes saber
por alguen ou entender.

Idem, Ibidem, n.ºs 813 e 1208.

CCCXXXII

Amiga, muit'amigos son
muitos no mundo por filhar
amigas, polas muit'amar,
mais já Deus nunca mi perdon,
se nunca eu vi tan amigo
d'amiga, come meu amigo.

Pode voss'amigo dizer,
amiga, ca vos quer gram ben,
e quer-vo-lo, mais eu por en
nunca veja do meu prazer,
se nunca eu vi tan amigo
d'amiga, come meu amigo.

Vi eu con estes olhos meus
amigo d'amiga, que lh'é
muit'amigo, per bõa fé,
mais non mi valha nunca Deus,
se nunca eu vi tan amigo
d'amiga, come meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 814 e 1209.

CCCXXXIII

— Amiga, vistes amigo
d'amiga que tant'amasse,
que tanta coita levasse
quanta leva meu amigo?

— Non o vi, des que fui nada,
mais vej'eu vós mais coitada.

— Amiga, vistes amigo
que por amiga morresse,
que tanto pesar sofresse
[quanto sofre meu amigo]?

— Non o vi, des que fui nada,
mais vej'eu vós mais coitada.

— Amiga, vistes amigo
que tan muito mal ouvesse
d'amiga, que ben quisesse,
quant'á por mi meu amigo?

— Non o vi, des que fui nada,
mais vej'eu vós mais coitada,

Que mui maior mal avedes
ca el, que morrer veedes.

CCCXXXIV

Moir', amiga, desejando
meu amigu'e vós no vosso
mi falades e non posso
estar sempr' en esto falando,
 mais queredes falar migo?
 falemos no meu amigo.

Queredes que todavia
eno voss'amigo fale
vosqu'e, se non, que me cale,
e non poss'eu cada dia,
 mais queredes falar migo?
 falemos no meu amigo.

Amiga, sempre queredes
que fale vosqu'e falades
no voss'amigu'e cuidades
que poss'eu; non o cuidedes,
 mais queredes falar migo?
 falemos no meu amigo.

Non avedes d'al cuidado,
sol que eu vosco ben diga
do voss'amigu'e, amiga,

non poss'eu, nen é guisado,
mais queredes falar migo?
falemos no meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 816 e 1211.

CCCXXXV

Por meu amig', amiga, preguntar
vos quer'eu ora, ca se foi d'aqui
mui meu sanhud'e nunca o ar vi;
se sabe já ca mi quer outro ben,
par Deus, amiga, sab[ed': o] pesar
que oj'el á non é por outra ren.

Amiga, pesa-mi de coração
por que o sabe, ca de o perder
ei mui gram med', e ide-lhe dizer
que lhi non pês, ca nunca lh'en verrá
mal e, pois el souber esta razon,
sei eu que log'aqui migo será.

E dize-de-lhi ca poder non ei
de me partir, se me gram ben quiser,
que mi-o non queira, ca non sei molher
que se d'el[e] possa partir per al
se non per esto que mentr'eu farei:
non fazer ren que mi tenham por mal.

E, pois veer meu amigo, ben sei
que nunca pode per mi saber al.

Idem, Ibidem, n.ºs 818 e 1213.

CCCCXXXVI

Un cantar novo d'amigo
querrei agora aprender
que fez ora meu amigo
e cuido logu'entender,
no cantar que diz que fez
por mi, se o por min fez.

Un cantar d'amig'á feito
e, se mi-o disser alguen
dereito, como el é feito,
cuid'eu entender mui ben,
no cantar que diz que fez
por mi, se o por min fez.

O cantar est'é mui dito,
pero que o eu non sei,
mais, pois mi-o ouveren dito,
cuid'eu que entend[er]ei,
no cantar que diz que fez
por mi, se o por min fez.

Idem, Ibidem, n.ºs 819 e 1214.

CCCXXXVII

— Amiga, voss'amigo vi falar
oje con outra, mais non sei en qual
razon falavam, assi Deus m'empár,
nen se falavam por ben, se por mal.
— Amiga, fale con quen x'el quiser,
enquant'eu d'el, com'estou, estever,

C'assi tenh'eu meu amigu'en poder
que quantas donas eno mundo son
punhen ora de lhi fazer prazer
non mi-o tolheran se [per] morte non.
— Amiga, med'ei de prenderdes i
pesar, ca já m'eu vi quen fez assi.

E vós faredes, pois en voss'amor
[vós] vos esforçades tanto no seu,
[qu]e vós vos acharedes en peor
ca vós cuidades e digo-vo-l'eu.
— Amiga, non, ca mi quer mui gram ben
e sei que[n] tenh'e[n] el e el que[n] ten

En min, ca nunca nos partirán já;
se non per morte nos podem partir
e, pois eu esto sei, u al non á,

mando-me-lh'eu falar com quantas vir
— Con voss'esforç', amiga, pavor ei
de perderdes voss'amigo, ca sei,

Per bõa fé, outras donas que an
falad'en como vo'lo tolherám.

— Amiga, non, ca o poder non é
seu, nen d'elas, mais meu, per bõa fé.

Idem, Ibidem, n.ºs 820 e 1215.

CCCXXXVIII

— Par Deus, amiga, podedes saber
como podesse mandad'enviar
a meu amigo, que non á poder
de falar migu'e morr'en con pesar?
e, ben vos digo, se el morr'assi,
que non viverei [já mais] des ali.

Amiga, sei [ben] que non pod'aver
meu amig'arte de migo falar
e ouv'eu art'e figi-lhe fazer
por outra dona um mui bon cantar
e, pois por aquela dona trobou,
cada [que] quis, sempre migo falou.

O meu amigo non é trobador,
pero tan grand'é o ben que m'el quer

que filhará outra entendedor
e trobará, pois que lho eu disser,
mais, amiga, per quen o saberá
que lho eu mando ou quen lho dirá?

— Eu, amiga, o farei sabedor
que, tanto que el un cantar fezer
por outra dona e pois por seu fôr,
que falará vosco, quando quiser,
mais á mester de lho fazer el ben
creent'e vós non o ceardes en.

— Amiga, per ceos e quant'eu ei
de mal, mais nunca o já cearei.

— Mester vos é, cá vo-lo entenderan
[e], se o ceardes, guardar-vos-am.

Idem, Ibidem, n.ºs 821 e 1216.

CCCXXXIX

Sei eu, donas, que non quer tan gram ben
om'outra dona, com'a mi o meu
amigo quer, ca, por que lhi diss'eu
«non me veredes já mais des aqui»,
desmaio[u] logo ben ali por en
e ouve logu'i a morrer por mi.

Porque lhi dixi que nunca veer
me poderia, quis por en morrer,
e fui alá e achei-o jazer
sem fala já e ouv'en gram pesar
e falei-lh'[e] ouve-mi a conhocer
e diss' «ouvi ùa dona falar».

Dix'eu «oístes?» já polo guarir
e guareceu, mai-la que vos disser
que ama tant'om[e] outra molher
mentir-vos-á, ca já xo el provou
con quantas viu e achou-as partir
todas d'amor e assi as leixou.

E ben vos poss'eu en salvo jurar
que outr'ome vivo non sab'amar
dereitamente, ca, por me provar,
veeron outros en min entender,
se poderiam de min gaanhar,
mais non poderom de min ren aver.

Mais aquel que [mi] tan de coraçon
quer ben, par Deus, mal seria, se non
o guarisse, pois por mi quis morrer.

CCCXL

— Dizede, madre, por que me metestes
en tal prison e por que mi tolhestes
que non possa meu amigo veer?

— Por que, filha, des que o vós conhocestes
nunca punhou ergu'en mi vos tolher.

E sei, filha, que vos trag'enganada
con seus cantares, que non valen nada,
que lhi podia quen quer desfazer.

— Non dizen, madr', ess'en cada pousada
os que trovar saben ben entender.

Sacade-me, madre, d'estas paredes
e ve[e]rei meu amigu'e veredes
que logo me met'en vosso poder.

— [Non vos sacarei d'aquestas paredes],
nen m'ar venhades tal preito mover,

Ca sei eu ben qual preito vos el trage
e sodes vós, filha, de tal linhage
que devia vosso servo seer.

— Coidades vós, madre, que é tan sage
que podess'el comigu'esso poer?

Sacade-me, madre, d'estas prijoës,
ca non avedes de que vos temer.

— Filha, ben sei eu vossos coraçõs,
ca non queren gram pesar atender.

Idem, Ibidem, n.ºs 823 e 1218.

CCCXLI

Dizen pela terra, senhor, ca vos amei
e de toda-las coitas a vossa maior ei!
e sempr'eu, namorado,
ei a viver coitado!

Dizen pela terra ca vos amei [senhor],
e de toda-las coitas a vossa ei maior!
e sempr'eu, namorado,
ei a viver coitado!

E de toda-las coitas a vossa maior ei,
e non dórmio a noit'e o dia peor ei!
e sempr'eu, namorado,
ei a viver coitado.

E de toda-las coitas a vossa ei maior
e non dórmio a noit'e o dia ei peor!
e sempr'eu, namorado,
ei a viver coitado.

AIRAS PAEZ, Ibidem, n.ºs 691 e 1100.

CCCXLII

Quer'ir a Santa Maria de Reça
e, irmãas, treides migo,
e verrá o namorado
de bon grado falar migo:
quer'ir a Santa Maria de Reça,
u non fui á mui gram peça.

Se alá foss', irmãa[s], ben sei
que meu amigu'i verria,
por me veer e falar migo,
ca o non vi noutro dia:
quer'ir a Santa Maria de Reça,
u non fui á mui gram peça.

Idem, Ibidem, n.ºs 891 e 1285.

CCCXLIII

Por vee-lo namorado
que muit'á que eu non vi,
irmãa, treides comigo,
ca me dizen que ven i,
a Santa Maria de Reça.

Por que sei ca mi quer ben
e por que ven i cuitado,

irmãa, treides comigo,
ca sei que ven i de grado,
a Santa Maria de Reça.

Por vee-lo namorado,
que por mi gram mal levou,
treides comig', ai irmãa,
ca mi dizen que chegou
a Santa Maria de Reça.

Idem, Ibidem, n.ºs 892 e 1286 e 1287.

CCCXLIV

Sanhudo m'ê meu amigu'e non sei,
Deu-lo sabe, porque xi m'assanhou,
ca toda ren que m'el a mi mandou
fazer fig'eu e nunca lh[i] errei
e por aquesto non tenh'eu en ren
sanha que sei onde mi verrá ben.

Tan sanhudo non m'ê, se m'eu quiser,
que muit'alhur sen mi possa viver
e en sobervia lho quer'eu meter
que o faça, se o fazer poder:
e por aquesto non tenh'eu en ren
sanha que sei onde mi verrá ben,

E, des que eu de mandado sair,
non se pode meu amigo guardar
que me non aja pois muit'a rogar
polo que m'ag'ora non quer gracir,
e por aquesto non tenh'eu en ren
sanha que sei onde mi verrá ben.

Quando m'el vir em Santa Marta estar
mui fremosa, meu amigo ben lleu
querrá falar migo e non querreí eu;
enton me cuido ben d'el a vingar,
e por aquesto non tenh'eü en ren
sanha que sei onde verrá ben.

PERO D'ARDIA, *Ibidem*, n.^{os} 709 e 1118.

CCCXLV

Jurava-mi o meu amigo,
quand'el falava comigo,
que nunc'alhur viveria
sen mi, e non me queria
tam gran ben como dizia.

Foi um dia po-lo veer
a Santa Marta e maer
u m'el jurou que morria
por mi, mais non mi queria
tan gram ben como dizia.

Se m'el desejasse tanto
como dizia, logo ant'o
tempo que disse verria,
mais sei que me non queria
tan gram ben como dizia.

Pod'el tardar quanto quiser,
mais por jurar, quando veer,
ja o lh'eu non creeria,
ca sei que mi non queria
tam gram ben como dizia.

Ai fals'ê, porque mentia,
quando mi ben non queria.

Idem, Ibidem, n.ºs 710 e 1119.

CCCXLVI

Deu-lo sabe, coitada
vivo mais ca soia,
ca se foi meu amigo,
e ben vi, quando s'ia,
ca se perderia migo.

E dissera-lh'eu, ante
que se de min quitasse,
que se veesse cedo
e, se alá tardasse,
ca se perderia migo.

E dissera-lh'eu, ante
que se de min partisse,
que, se muito quisesse
viver u me non visse,
ca se perderia migo.

Idem, Ibidem, n.ºs 711 e 1120.

CCCXLVII

Assanhou-s'o meu amigo
a mi, por que non guisei
como falasse comigo;
Deu-lo sabe, non ousei,
e por en, se quiser, ande
sanhud'e non mi-o demande;
quant'el quiser atant'ande
sanhud'e non mi-o demande.

Enviar quer'eu, velida,
a meu amigo que seja
en Santa Marta na ermida
migo led'e i mi veja,
se quiser, e, se non, ande
sanhud'e non mi-o demande;
quant'el quiser atant'ande
sanhud'e non mi-o demande.

Depoi-lo tiv'eu guisado
que s'el foi d'aqui sanhudo

e atendi seu mandado
e non o vi e perdudo
é comigu'e alá x'ande
 sanhud'e non mi-o demande;
 quant'el quiser atant'ande
 sanhud'e e non me demande.

Sei que non sab'a mia manha,
pois que m'enviar non quer
mandad'e re-xi-m' assanha;
ca verrá, se m'eu quiser,
mais non quer'eu, e el ande
 sanhude e non mi-o demande;
 quant'el quiser atant'ande
 sanhud'e non me demande.

Idem, Ibidem, n.ºs 712 e 1120.

CCCXLVIII

Foi-s'o meu amigo d'aqui
sanhudo, por que o non vi,
e pesar-mi-á [en], mais oi
un verv'antigo, de mi ben
verdadeir'é, ca diz assi:
«quen leve vai leve x'ar ven».

Per uno soilo prazer
pesares vi já mais de mil.

Idem, Ibidem, n.ºs 713 e 1121.

CCCXLIX

Irei a lo mar vee-lo meu amigo;
pregunta-lo-ei se querrá viver migo:
e vou-m'eu namorada.

Irei a lo mar vee-lo meu amado;
pregunta-lo-ei se fará meu mandado:
e vou-m'eu namorada.

Pregunta-lo-ei por que non vive migo
e direi-lh'a coita'n que por el vivo,
e vou-m'eu namorada.

Pregunta-lo-ei por que m'á despagado,
e se mi-assanhou; á tort'endóado,
e vou-m'eu namorada.

NUNO PORCO, *Ibidem*, n.^{os} 719 e 1127.

CCCL

Ai Deus, que doo que eu de mi ei,
por que se foi meu amigu'e fiquei
pequena e d'el namorada.

Quando 's'el ouve de Julhan a ir,
fiquei, fremosa, por vos non mentir,
pequena e d'el namorada.

Ali ouv'eu de mia morte pavor
u eu fiquei mui coitada pastor,
pequena e d'el namorada.

PERO DE VEER, *Ibidem*, n.ºs 720 e 1128.

CCCLI

Assanhei-me-vos, amigo, noutro dia,
mais [mui] ben o sab'ora Santa Maria
que, [se eu mi-o fiz], non foi por vosso mal,
per boa fé, meu amigo, foi por al.

Idem, Ibidem, n.ºs 721 e 1129.

CCCLII

A Santa Maria fiz ir meu amigo
e non lh'atendi o que pôs comigo:
con el me perdi,
por que lhi menti.

Fiz ir meu amigo a Santa Maria
e non foi eu i con el aquel dia:
con el me perdi,
por que lhi menti.

Idem, Ibidem, n.ºs 722 e 1130.

CCCLIII

Do meu amig,'a que eu quero ben,
guardan-me d'el e non ousó per ren
a Santa Maria ir,
pois [mi non leixan ir].

Guardan-me d'el e que o non veja
e non me leixan, per ren que seja,
a Santa Maria ir,
pois [mi non leixam ir].

Que o non visse, macar quisesse;
por en guisaron que non podesse
a Santa Maria ir,
pois [mi non leixan ir].

Nen o viss'eu, nen o tant'amasse,
pois mi Deus deu quen me non leixasse
a Santa Maria ir,
pois [mi non leixan ir].

Des que o vi en Julhan un día,
já me non leixan, como soia,
a Santa Maria ir,
pois [mi non leixan ir].

CCCLIV

Assanhei-me vos, amigo,
per boa fé, con sandece,
como se molher assanha
a quen lho nunca merece;
mais, se mi vos assanhei,
desassanhar-mi-vos ei.

Idem, Ibidem, n.ºs 724 e 1133.

CCCLV

— Vejo-vos, filha, tan de coraçõ
chorar tan muito que ei en pesar
e venho-vos por esto preguntar,
que me digades, se Deus vos perdon,
por que mi-andades tan trist'e chorando.
— Non poss'eu, madre, sempr'andar cantando.

— Non vos vej'eu, filha, sempre cantar,
mais chorar muit'e tenho que por en
algun amigo queredes gram ben,
e dized'ora, se Deus [vos] ampar
por que mi-andades tan trist'e chorando.
— Non poss'eu, madre, sempr'andar cantando.

Idem, Ibidem, n.ºs 725 e 1134.

CCCLVI

Fremosas, a Deus grado,
tan bon dia comigo!
ca novas mi disseron,
ca ven o meu amigo,
ca ven o meu amigo:
tan bon dia [co]migo!

Tan bon dia comigo!
fremosas, a Deus grado,
ca novas mi disseron,
ca ven o meu amado,
ca ven o meu amado,
fremosas, a Deus grado.

Ca novas mi disseron,
ca ven o meu amigo,
e and'end'eu mui leda,
pois tal mandad'ei migo,
pois tal mandad'ei migo,
ca ven o meu amigo.

Ca novas mi disseron
ca ven o meu amado
e and'[end']eu mui leda,

pois migu'e[i] tal mandado,
pois migu'e[i] tal mandado,
ca ven o meu amado.

BERNAL DE BONAVAL, *Ibidem*, n.^{os} 726 e 1135.

CCCLVII

Quero-vos eu, mia irmãa, roguar
por meu amigu'e quero-vos dizer
que vos non pês de m'el viir veer,
e ar quero-vos d'al desenganar:
se vos prouguer con el, gracir-vo-lo-ei,
e, se vos pesar, non o leixarei.

Se veer meu amigu'e vos for ben
con el, fiar-m'ei mais en voss'amor
e sempre m'end'averedes melhor,
e ar quero-vos dizer outra ren:
se vos prouguer con el, gracir-vo-lo-ei,
e, se vos pesar, non o leixarei.

Quando veer meu amigo, cousir
vos ei, se me queredes ben, se mal,
e, mia irmãa, direi-vos logu'al,
ca non vos quero meu cor encobrir:
se vos prouguer con el, gracir-vo-lo'ei,
e, se vos pesar, non o leixarei.

Idem, Ibidem, n.^{os} 727 e 1136.

CCCLVIII

— Ai, fremosinha, se ben ajades,
longi de vila quen asperades?

— Vin atender meu amigo.

— Ai fremosinha, se gradoedes,
longi de vila quen atendedes?

— Vin atender meu amigo.

— Longi de vila quen asperades?

— Direi-vo-l'eu, pois me preguntades:
Vin atender meu amigo.

— Longi de vila quen atendedes?

— Direi-vo-l'eu, poi-lo non sabedes:
Vin atender meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 728 e 1137.

CCCLIX

Pois mi dizedes, amigo,
ca mi queredes vós melhor
de quantas eno mundo son,
dizede, por Nostro Senhor:
se mi vós queredes gram ben,
ir como podedes d'aquen?

E, pois dizedes ca poder
non avedes d'al tant'amar
come min, ai meu amigo,
dizede, se Deus vos ampar:
se mi vós queredes gram ben,
ir como podedes d'aquen?

E, pois vos eu ouço dizer
ca non amades tan muit'al
come mi, dized', amigo,
se Deus vos lev'a Bonaval:
se mi vós queredes gram ben,
ir como podedes d'aquen?

Por que oi sempre dizer
du ome muit'amou molher
que se non podia end'ir,
pesar-mi-á, se eu non souber:
se mi vós queredes gram ben,
ir como podedes d'aquen?

Idem, Ibidem, n.ºs 729 e 1138.

CCCLX

Se veess'o meu amigo
a Bonaval e me visse,
vedes como lh'eu diria
ante que m'eu d'el partisse:

se vos fordes, non tardedes
tan muito, como soedes;
diria-lh'eu: non tardedes,
amigo, como soedes.

Diria-lh'eu: meu amigo,
se vós a min muit'amades,
fazedo por mi atanto,
que bõa ventur'ajades:
se vos fordes, non tardedes
tan muito, como soedes;
diria-lh'eu: non tardedes,
amigo, como soedes.

Que leda que eu seria
se veess'el falar migo,
e, ao partir da fala,
diria-lh'eu: meu amigo,
se vos fordes, non tardedes
tan muito, como soedes;
diria-lh'eu: non tardedes,
amigo, como soedes.

Idem, Ibidem, n.ºs 730 e 1139.

CCCLXI

Diss'a fremosa en Bonaval assi:
«ai Deus, u é meu amigo d'aqui,
de Bonaval?

Cuid'eu, coitad'é no seu coração,
por que non foi migo na sagraçon
de Bonaval.

Pois eu migo seu mandado non ei,
já m'eu leda partir non poderei
de Bonaval.

Pois m'aqui seu mandado non chegou,
muito vim eu mais leda ca me vou
de Bonaval».

Idem, Ibidem, n.ºs 731 e 1140.

CCCLXII

Rogar-vos quer[o] eu, mia madr'e mia senhor,
que mi non digades oje mal,
se eu for a Bonaval,
pois meu amigu'i ven.

Se vos non pesar, mia madre, rogar-vos-ei
por Deus que mi non digades mal
e irei a Bonaval,
pois meu amigu'i ven:

Idem, Ibidem, n.ºs 732 e 1141.

CCCLXIII

Filha fremosa, vedes que vos digo:
que non faledes ao voss'amigo
sen mi, ai filha fremosa.

E, se vós, filha, meu amor queredes,
rogo-vos eu que nunca lhi faledes
sen mi, ai filha fremosa.

E al á i de que vos non guardades:
perdedes i de quanto lhi falades
sen mi, ai filha fremosa.

Idem, Ibidem, n.ºs 733 e 1142.

CCCLXIV

Quand'eu a San Servando
fui un dia d'aqui
faze-la romaria,
e meu amigu'i vi,
direi-vos con verdade
quant'eu d'el entendi:
muito venho pagada,
por quanto lhi falei;
mais á m'el namorada,
que nunca lhi guarrei.

Que bõa romaria
con meu amigo fiz,
ca lhi dix', a Deus grado,
quanto lh'eu dizer quix
e dixi-lh'o gram torto
que sempre d'ele prix:
 muito venho pagada,
 por quanto lhi falei;
 mais á m'el namorada,
 que nunca lhi guarrei.

U el falou comigo,
disse-m' esta razon:
por Deus, que lhi faria?
e dixi-lh'eu enton:
averei de vós doo
[e]no meu coração:
 muito venho pagada,
 por quanto lhi falei;
 mais á m'el namorada,
 que nunca lhi guarrei.

Nunca meu d'esta ida
acharei senon ben,
ca dix'a meu amigo
a coita'n que me ten
o seu amor e cuido
que vai ledo por en:

muito venho pagada,
por quanto lhi falei,
mais á m'el namorada,
que nunca lhi guarrei.

João SERVANDO, *Ibidem*, n.^{os} 734 e 1142.

CCCLXV

Ir-se quer o meu amigo,
non me sei eu d'el vingar,
e, pero mal está migo,
se me lh'eu ant'assanhar,
quando m'el sanhuda vir,
non s'ousará d'aquend'ir.

Ir-se quer el d'aqui cedo,
por mi non fazer companhia,
mais, pero que non á medo
de lhi mal fazer mia sanha,
quando m'el sanhuda vir,
non s'ousará d'aquend'ir.

Foi el fazer noutro dia
oraçon a San Servando,
por s'ir já d'aqui sa via,
mais, se m'eu for assanhando,
quando m'el sanhuda vir,
non s'ousará d'aquend'ir.

Idem, Ibidem, n.^{os} 735 e 1143.

CCCLXVI

A San Servand'en oraçon
foi meu amigu'e, por que non
foi e[u], chorarom des enton
estes meus olhos con pesar,
e non os poss'end'eu quitar
estes meus olhos de chorar.

Pois que s'agora foi d'aqui
o meu amigu'e o non vi,
filharon-s'a chorar des i
estes meus olhos con pesar
e non os poss'end'eu quitar
estes meus olhos de chorar.

Idem, Ibidem, n.ºs 736 e 1144.

CCCLXVII

A San Servando foi meu amigo
e, por que non veo falar migo,
direi-o a Deus
e chorarei dos olhos meus.

Se o vir, madre, serei cobrada
e, por que me teendes guardada,
direi-o a Deus
e chorarei dos olhos meus.

Se m'el non vir, será por mi morto,
mais, por que m'el fez [a]tan gram torto,
direi-o a Deus
e chorarei dos olhos meus.

Idem, Ibidem, n.ºs 737 e 1145.

CCCLXVIII

Ora van a San Servando
donas fazer romaria
e non me leixan con elas
ir, ca log'alá iria,
por que ven i meu amigo.

Se eu foss'en tal companhia
de donas, fora guarida,
mais non quis oje mia madre
que fezess'end'eu a ida,
por que ven i meu amigo.

Tal romaria de donas
vai alá, que non á par,
e fora ojeu con elas,
mais non me queren leixar,
por que ven i meu amigo.

Nunca me mia madre veja,
se d'ela non for vingada,

por que oj'a San Servando
non vou e me ten guardada,
por que ven i meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 738 e 749 e 1146 (bis)

CCCLXIX

A San Servand',u ora van todas orar,
madre velida, por Deus vin vo-lo roguar
que me leixedes alá ir,
a San Servand', e se o meu amigo vir,
leda serei, por non mentir.

Pois mi dizen do meu amigo ca i ven,
madre velida e senhor, faredes ben
que me leixedes alá ir,
a San Servand', e, se o meu amigo vir,
leda serei, por non mentir.

Pois todas i van de grado oraçon fazer,
madre velida, por Deus venho-vo-lo dizer,
que me leixedes alá ir,
a San Servand', e se o meu amigo vir,
leda serei, por non mentir.

Idem, Ibidem, n.ºs 739 e 1147.

CCCLXX

Se meu amig'a San Servando for
e lho Deus aguisa, polo seu amor
i-lo quer'eu, madre, veer.

E, se el for, como me demandou,
a San Servand',u m'outra vez buscou,
i-lo quer'eu, madre, veer.

O meu amigo, que mi vós tolhedes,
pero m'agora por el mal dizedes,
i-lo quer'eu, madre, veer.

Idem, Ibidem, n.ºs 740 e 1148.

CCCLXXI

Mia madre velida, e non me guardedes
d'ir a San Servando, ca, se o fazedes,
morrerei d'amores.

E non me guardedes, se vós ben ajades,
d'ir a San Servando, ca, se me guardades,
morrerei d'amores.

E, se me vós guardades d'atal perfia,
d'ir a San Servando fazer romaria,
morrerei d'amores.

E, se me vós guardades, eu ben vo-lo digo,
d'ir a San Servando veer meu amigo,
morrerei d'amores.

Idem, Ibidem, n.ºs 741 e 1149.

CCCLXXII

Trist'and'eu, velida, e ben vo-lo digo,
por que mi non leixam veer meu amigo:
poden-m'agora guardar,
mais non me partirám de o amar.

Pero me feriron por el noutro dia,
fui a San Servando se o veria:
poden-m'agora guardar,
mais non me partirám de o amar.

E, pero m'aguardan que o non veja,
esto non pode seer per ren que seja:
poden-m'agora guardar,
mais non me partirám de o amar.

E muito me poden guardar,
e non me partirám d'o amar

Idem, Ibidem, n.ºs 742 e 1149.

CCCLXXIII

Foi-s'agora meu amigu'e por en
á-mi jurado que polo meu ben
me quis e quer mui melhor d'outra ren,
mais eu ben creo que non est assi,
ante cuid'eu que moira el por mi
e eu por el, en tal ora o vi.

Quando se foi, viu-me trist'e cuidar,
e logo disse, por me non pesar,
que por meu ben me soube tant'amar,
mais eu ben creo que non est assi,
ante cuid'eu que moira el por mi
e eu por el, en tal ora o vi.

Aquel dia que se foi mi jurou
que por meu ben me sempre tant'amou
e amarâ, pois migo começou,
mais eu ben creo que non est assi,
ante cuid'eu que moira el por mi
e eu por el, en tal ora o vi.

Par San Servando, sei que será assi:
de morrer eu por el e el por mi.

CCCLXXIV

Fui eu a San Servando
por veer meu amigo
e non o vi na ermida,
nen falou el comigo,
namorada!

Disseron-mi mandado
do que muito desejo,
ca verria a San Servando,
e pois eu non o vejo,
namorada!

Idem, Ibidem, n.ºs 744 e 1151.

CCCLXXV

Diz meu amigo que lhi faça ben,
mais non mi diz o ben que quer de min;
eu por ben tenho de que lh'aqui vin
polo veer, mais el assi non ten,
mais, se soubess'eu qual ben el quèria
aver de mi, assi lho guisaria.

Pede-m'el ben, quant'á que o eu vi,
e non mi diz o ben que quer aver
de min e tenh'eu que d[e] o veer

é mui gram ben e el non ten assi,
mais, se soubess'eu qual ben el queria
aver de mi, assi lho guisaria.

Pede-m'el ben, non sei en qual rason,
pero non mi diz o ben que querrá
de min e tenh'eu de que o vi já
que lhe [é] gram ben e el ten que non,
mais, se soubess'eu qual ben el queria
aver de mi, assi lho guisaria.

Par [San] Servand,'assanhar-m'ei um dia,
se m'el non diz qual ben de min queria.

Idem, Ibidem, n.ºs 745 e 1152.

CCCLXXVI

Filha, o que queredes ben
partiu-s'agora d'aquen
e non vos quiso veer ;
e ides vós ben querer
a quen vos non quer veer?

Filha, que mal baratades
que o sen meu grad' amades,
pois que vos non quer veer ;
e ides vós ben querer
a quen vos non quer veer?

Por esto lhi quer'eu mal,
mia filha, e non por al,
porque vos non quis veer ;
e ides vós ben querer
a quen vos non quer veer ?

Andades por el chorando,
e foi ora a San Servando
e non vos quiso veer ;
e ides vós ben querer
a quen vos non quer veer ?

Idem, Ibidem, n.ºs 745 e 1143

CCCLXXVII

Disseron-mi ca se queria ir
o meu amigo, por que me ferir
quiso mia madre ; se m'ante non vir,
achar-s'á end'el mal, se eu poder,
se ora fôr sen meu grad'u ir quer ;
achar-s'á end'el mal, se eu poder.

Torto mi fez, que m'agora mentiu ;
a veer-m'ouve, pero non me viu,
e, por que m'el de mandado saiu,
achar-s'á end'el mal, se eu poder,
se ora fôr, sen meu grad'u ir quer ;
achar-s'á end'el mal, se eu poder.

El me rogou que lhi quisesse ben
e rogo a Deus que lh[i] dia por en
coítas d'amor e, pois s'el vai d'aquen,
achar-s'á end'el mal, se eu poder,
se ora fôr sen meu grad'u ir quer;
achar-s'á end'el mal, se eu poder.

A San Servando foi en oraçon
eu, que o viss,'e non foi el enton,
e por atanto, se Deus mi perdon,
achar-s'á end'el mal, se eu poder,
se ora fôr sen meu grad'u ir quer;
achar-s'á end'el mal, se eu poder.

Idem, Ibidem, n.ºs 747 e 1144.

CCCLXXVIII

O meu amigo, que me faz viver
trist'e coitada, des que o eu vi,
esto sei ben, que morrerá por mi,
e, pois eu logo por el ar morrer,
maravilhar-s'am todos d'atal fin,
quand'eu morrer por el e el por min.

Vivo coitada, par nostro Senhor,
por meu amigo, que me non quer já
valer, e sei [mui ben] que morrerá,

mais, pois eu logo por el morta fôr,
maravilhar s'am todos d'atal fin,
quand'eu morrer por el e el por min.

Sabe mui ben que non á de guarir
o meu amigo, que mi faz pesar;
ca morrerá non o met'en cuidar
por mi e, pois m'eu por el morrer vir,
maravilhar s'am todos d'atal fin,
quand'eu morrer por el e el por min.

Por San Servando, que eu rogar vin,
non morrerá meu amigo por min.

Idem, Ibidem, n.ºs 748 e 1115.

CCCLXXIX

Ir-vos queredes, amigo,
e ei end'eu mui gran pesar,
ca me fazedes trist'andar
por vós, eu ben vo-lo digo,
ca non ei, sen vós, a veer,
amigo, ond'eu aja prazer;
e com'ei, sen vós, a veer
ond'eu aja nen ùu prazer?

E ar direi-vos outra ren,
pois que vós vos queredes ir,
meu ami[gu], 'e de mi partir;

perdud'ei eu todo meu ben,
ca non ei, sen vós a veer,
amigo, ond'eu aja prazer,
e com'ei, sen vós a veer
ond'eu aja nen ũu prazer?

Chorarán estes olhos meus,
pois vos ides sen meu grado;
por que mi andades irado?
mais ficade migo par Deus,
ca non ei, sen vós, a veer,
amigo, ond'eu aja prazer;
e com'ei, sen vós, a veer
ond'eu aja nen ũu prazer?

A San Servand'irei dizer
que me mostre de vós prazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 750 e 1147.

CCCLXXX

Quem visse andar fremosinha,
com'eu vi, d'amor coitada
e tan muito namorada
que, chorando assi dizia:
« ai amor, leixedes m'oje
de so lo ramo folgar
e depois treide-vos migo
meu amigo demandar ».

Quem vis[s]e andar a fremosa,
com'eu vi, d'amor chorando
e dizendo e rogando,
por amo[res mui queixosa]:
« ai amor, leixedes-m'oje
de so lo ramo folgar
e depois treides-vos migo
meu amigo demandar ».

Quen lhi visse andar fazendo
queixumes d'amor d'amigo,
que am[or] á sempre sigo,
e chorando, assi dizendo:
« ai amor, leixedes m'oje
de so lo ramo folgar
e depois treides vos migo
meu amigo demandar ».

JOAN ZORRO, *Ibidem*, n.ºs 751 e 1148

CCCLXXXI

— Os meus olhos e o meu coração
e o meu lume foi-se con el-rei!

— Quen est, ai filha, se Deus vos perden?
que mi-o digades grácir-vo-lo-ei

— Direi-vo-l'eu e, pois que o disser,
non vos pês madre, quand'aqui veer,

— Que coita á ora el-rei de me levar
quanto ben avia, nen ei d'aver!

— Non vos ten prol, filha, de mi-o negar,
ante vo-lo terrá de mi-o dizer.

— Direi-vo-l'eu e, pois que o disser,
non vos pês, madre, quand'aquí veer.

Idem, Ibidem, n.º 752 e 1149.

CCCLXXXII

Per ribeira do rio
vi remar o navio,
e sabor ei da ribeira

Per ribeira do alto
vi remar o barco,
e sabor ei da ribeira.

Vi remar o navio;
i vai o meu amigo,
e sabor ei da ribeira.

Vi remar o barco;
i vai o meu amado,
e sabor ei da ribeira.

I vai o meu amigo,
quer-me levar consigo,
e sabor ei da ribeira,

I vai o meu amado,
quer-me levar de grado,
e sabor ei da ribeira.

Idem, Ibidem, n.ºs 753 e 1150.

CCCLXXXIII

En Lixboa, sobre lo mar
barcas novas mandei lavar,
ai mia senhor velida!

En Lixboa, sobre lo ler,
barcas novas mandei fazer,
ai mia senhor velida!

[B]arcas novas mandei lavar
e no mar as mandei deitar,
ai mia senhor velida!

[B]arcas novas mandei fazer
e no mar as mandei meter,
ai mia senhor velida!

Idem, Ibidem, n.ºs 754, 1151 e 1152.

CCCLXXXIV

El-rei de Portugale
barcas mandou lavrare
e lá irá nas barcas migo,
mia filha, o voss'amigo.

El-rei portug[u]eese
barcas mandou fazere,
e lá irá nas barcas migo,
mia filha, o voss'amigo.

Barcas mandou lavrare
e no mar as deitare,
e lá irá nas barcas migo,
mia filha, o voss'amigo.

Barcas mandou fazere
e no mar as metere,
e lá irá nas barcas migo,
mia filha, o voss'amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 755 e 1153.

CCCLXXXV

— Cabelos, los meus cabelos,
el-rei m'enviou por ellos;
 madre, que lhis farei?
— Filha, dade-os a el-rei.

— Garcetas, las mias garcetas,
el-rei m'enviou por elas;
 madre, que lhis farei?
— Filha, dade-as a el-rei.

Idem, Ibidem, n.ºs 756 e 1154.

CCCLXXXVI

Pela ribeira do rio
cantando ia la dona virgo
 d'amor:
« Venhan nas barcas polo rio
 a sabor ».

Pela ribeira do alto
cantando ia la dona d'algo
 d'amor:
« Venhan nas barcas polo rio
 a sabor ».

Idem, Ibidem, n.ºs 757 e 1155.

CCCLXXXVII

Mete el-rei barcas no rio forte;
quem amigo á que Deus lho amostre:
alá vai, madre, ond' ei suidade.

Mete el-rei, barcas na Estremadura:
quem amig[o] á que Deus lho aduga:
alá vai, madre, ond' ei suidade.

Idem, Ibidem, n.ºs 758 e 1156.

CCCLXXXVIII

Jus'a lo mar é o rio;
eu, namorada, irei
u el-rei arma navio;
Amores, convusco m'irei.

Jus'a lo mar é o alto;
eu, namorada, irei
u el-rei arma o barco;
Amores, convusco m'irei.

U el-rei arma navio
eu, namorada, irei,
pera levar a virgo;
Amores, convusco m'irei.

U el-rei arma o barco
eu, namorada, irei,
pera levar a d'algo,
Amores, convusco m'irei.

Idem, Ibidem, n.ºs 759 e 1157.

CCCLXXXIX

Pela ribeira do rio salido
trebelhei, madre, con meu amigo:
amor ei migo, que non ouvesse;
fiz por amigo que non fizesse!

Pela ribeira do rio levado
trebelhei, madre, con meu amado:
amor ei migo que non ouvesse,
fiz por amigo que non fizesse.

Idem, Ibidem, n.ºs 760 e 1158.

CCCXC

Bailemos agora, por Deus, ai velidas,
so aquestas avelaneiras frolidas
e quem fôr velida como nós, velidas,
se amigo amar,
so aquestas avelaneiras frolidas
verrá bailar.

Bailemos agora, por Deus, ai loadas,
so aquestas avelaneiras granadas
e quem fôr loada como nós, loadas,
se amigo amar.
so aquestas avelaneiras granadas
verrá bailar.

Idem, Ibidem, n.ºs 761 e 1158.

CCCXCI

— Dized[e], amigo, se prazer vejades,
vossa morte se a dessejades,
pois non podeades falar comigo.
— Dessejo, senhor, ben no creades.
— Dessejades? tam bom dia migo,
pois que os meus dessejos dessejades.

— Dizede, amigo, se vos prazeria
con a vossa morte todavia,
pois vivedes de min alongado.
— Prazer, senhor, par santa Maria,
prazeria. — Deus aja bem grado,
pois vos do meu prazer prazeria,

— Dizede, amigo, se gradoedes,
a vossa morte se a queredes,
pois que vivedes de mim tan longe.

— Quero, mia senhor, nom duvidedes.
--- Queredes? pois tam bom dia oje,
pois o que eu quero vós queredes.

ROI MARTINS DO CASAL, *Ibidem*, n.ºs 764 e 1161.

CCCXCII

Rogo-te, ai Amor, que queiras migo morar
tod'este tempo, en quanto vai andar
a Granada meu amigo.

Rogo-te, ai Amor, que queiras migo seer
tod'este tempo, en quanto vai viver
a Granada meu amigo.

Tod'este tempo, en quanto vai andar,
lidar con mouros e muitos matar
a Granada meu amigo.

Tod'este tempo, en quanto vai viver,
lidar con mouros e muitos prender,
a Granada meu amigo.

Idem, *Ibidem*, n.ºs 765 e 1162.

CCCXCIII

Muit'ei, ai Amor, que te gradescer,
por que quiseste comigo morar
e nom me quiseste desemparrar

atá que vem meu lum'e meu prazer,
o meu amigo, que se foi andar
a Granada, por meu amor lidar.

Amor, gradesco-[te] mais doutra rem,
des que se foi meu amigo d'aqui,
que te non quiseste partir de mi,
atá que veo meu lum'e meu ben,
o meu amigo, que se foi andar
a Granada por meu amor lidar.

Nunca prenderei de ti queixume,
ca nunca fuste de min partido,
pois meu amigo foi d'aquend'ido,
atá que vem meu ben e meu lume,
o meu amigo, que se foi andar
a Granada, por meu amor lidar.

Pois me quisestes tan bem aguardar,
por Deus, non me leixes sen ti morar.

Idem, Ibidem, n.ºs 766 e 1163.

CCCXCIV

Sen meu amigo manh'eu senlheira
e sol non dormen estes olhos meus
e, quant'eu posso, peç'a luz a Deus
e non mi-a dá per nulha maneira,
mais, se masesse con meu amigo,
a luz agora seria migo.

Quand'eu con meu amigo dormia,
a noite non durava nulha ren,
e ora dur'a noit'e vai e ven,
non ven [a] luz, nen parec'o dia,
 mais, se masesse con meu amigo,
a luz agora seria migo.

E, segundo, com'a mi parece,
comigo man meu lum'e meu senhór,
ven log'a luz, de que non ei sabor,
e ora vai [a] noit'e ven e cresce,
 mais se masesse con meu amigo,
a luz agora seria migo.

Pater nostrus rez'eu mais de cento
por aquel que morreu na vera cruz,
que el mi mostre mui ced[o] a luz,
mais mostra-mi as noites d'avento,
 mais, se masesse con meu amigo,
a luz agora seria migo.

JUAN BOLSEIRO, *Ibidem*, n.^{os} 771 e 1165.

CCCXCV

Da noite d'eire poderam fazer
grandes tres noites, segundo meu sen,
mais na d'oje mi vëo muito ben,

ca vëo meu amigo,
e, ante que lh'enviasse dizer ren,
vëo a luz e foi logo comigo.

E, pois m'eu eire senlheira deitei,
a noite foi e vëo e durou,
mais a d'oje pouco a semelhou,
ca vëo meu amigo;
e, tanto que mi a falar começou,
vëo a luz e foi logo comigo.

E comecei eu eire de cuidar
[e] começou a noite de crecer,
mai-la d'oje non quis assi fazer,
ca vëo meu amigo
e, faland'eu con el a gram prazer,
vëo a luz e foi logo comigo.

Idem, Ibidem, n.º 772 e 1166.

CCCXCVI

Fui o'eu, madre, veer meu amigo,
que [m'] envio[u] muito rogar por en,
porque sei eu ca mi quer mui gran ben,
mais vedes, madre, pois m'el vïo consigo,
foi el tan ledo que, des que naci,
nunca tam led'ome con molher vi,

Quand'eu cheguei, estava el chorando
e non folgava o seu coração,
cuidand'en mi, se iria, se non,
mais, pois m'el viu u m'estava asperando,
foi el tan ledo que, des que naci,
nunca tan led'ome con molher vi.

E, pois Deus quis que eu fosse u m'el visse,
diss'el, mia madre, como vos direi:
« vej'eu viir quanto ben no mund'ei »
e vedes, madre, quand'el esto disse,
foi el tan ledo que, des que naci,
nunca tan led'ome con molher vi.

Item, Ibidem, n.º 773 e 1167.

CCCXCVII

Nas barcas novas foi-s'o meu amigo d'aqui
e vej'eu viir barcas e tenho que ven i,
mia madre, o meu amigo.

Atendamos, ai madre, sempre vos querrei ben,
ca vejo viir barcas e tenho que i ven,
mia madre, o meu amigo.

Non faç'eu desaguisado, mia madr'eno cuidar,
ca non podia muito sen mi alhur morar,
mia madre, o meu amigo.

Idem, Ibidem, n.º 774 e 1168.

CCCXCVIII

— Vej'eu, mia filha, quant'é meu cuidar,
as barcas novas viir pelo mar
 en que se foi voss'amigo d'aqui.

— Non vos pês, madre, se Deus vos empar,
 irei veer se ven meu amigu'i.

— Cuid'eu, mia filha, no meu coraçon
das barcas novas que aquelas son
 en que se foi voss'amigo d'aqui.

— Non vos pês, madre, se Deus vos empar,
 irei veer se ven meu amigu'i.

— Filha fremosa, por vos non mentir,
vej'eu as barcas pelo mar viir
 en que se foi voss'amigo d'aqui.

— Non vos pês, madre, se Deus vos empar,
 irei veer se ven meu amigu'i.

— Non vos pês, madre, quant'eu poder ir,
 irei veer se ven meu amigu'i.

CCCXCIX

Que olhos son que vergonha non am!
dized,'amigo d'outra ca meu non,
e dized'ora, se Deus vos perdon,
pois que vos já con outra preço dam,
com'ousastes [vós] viir ant'os meus
olhos, amigo, por amor de Deus?

C'a vós ben vos devia [a] nembrar
en qual coita vos eu já por mi vi,
fals',e nembra[r]-vos qual vos fui eu i,
mais, pois con outra fostes começar,
com'ousastes [vós] viir ant'os meus
olhos, amigo, por amor de Deus?

Par Deus, falso, mal se mi agradeceu,
quando vós ouverades de morrer,
se eu non fosse, que vos fui veer,
mais, pois vos outra já de min venceu,
com'ousaste [vós] viir ant'os meus
olhos, amigo, por amor de Deus?

Non mi-á mais vosso preito mester
e ide-vos já, por nostro Senhor,
e non venhades nunca u eu for,

pois começastes con outra molher,
com'ousastes [vós] viir ant'os meus
olhos, amigo, por amor de Deus

Idem, Ibidem, n.ºs 776 e 1170.

CCCC

Mal me tragedes, ai filha,
porque quer'aver amigo
e pois eu con vosso medo
non o ei, nen é comigo,
non ajade-la mia graça
e dê-vos Deus, ai mia filha,
filha que vos assi faça,
filha que vos assi faça,

Sabedes ca sen amigo
nunca foi molher viçosa,
e, porque mi-o non leixades
aver, mia filha fremosa,
non ajade-la mia graça
e dê-vos Deus, ai mia filha,
filha que vos assi faça,
filha que vos assi faça.

Pois eu non ei meu amigo,
non ei ren do que desejo,
mais, pois que mi por vós vëo
mia filha, que o non vejo,

non ajade la mia graça
e dê-vos Deus, ai mia filha.
filha que vos assi faça,
filha que vos assi faça.

Per vós perdi meu amigo,
por que gram coita padesco,
e, pois que mi-o vós tolhestes
e melhor ca vós paresco,
non ajade-la mia graça
e dê-vos Deus, ai mia filha,
filha que vos assi faça,
filha que vos assi faça.

Idem, Ibidem, n. 68 777 e 1171.

CCCCI

Buscastes-m,'ai amigo, muito mal,
ali u vos enfengistes de mi,
e rog'a Deus que mi perçades i,
e dized'ora, falso, desleal,
se vos eu fiz no mund'algun prazer,
que coita ouvestes vós de o dizer?

E non vos presta, fals,'en mi-o negar,
nen mi-o neguedes, ca vos non ten prol,
nen juredes. ca sempr'o falso sol
jurar muit,'e dizede sen jurar

se vos eu fiz no mund'algum prazer,
que coita ouvestes vós de o dizer?

O que dissestes, se vos eu ar vir
por mi coitado, como vos vi já,
vedes falsa coor ar xi vos á,
mais dized'ora, sen todo mentir,
se vos eu fiz no mund'algum prazer,
que coita ouvestes vós de o dizer?

Idem, ibidem, n.ºs 778 e 1172.

CCCCII

Fex ũa cantiga d'amor
ora meu amigo por mi,
que nunca melhor feita vi,
mais, como x'é mui trobador,
fez ũas liras no son
que mi sacam o coração,

Muito ben se soube buscar,
por mi ali quando a fez,
en loar-mi muit'e meu prez,
mais de pran, por xe mi matar,
fez ũas liras no son
que mi saçan o coração.

Per bõa fé ben baratou
de a por mi bõa fazer
e muito lho sei agradecer,
mais vedes de que me matou,
fez ãas liras no son
que mi saçan o coração

Idem, Ibidem, n.ºs 779 e 1173.

CCCCIII

Ai madre, nunca mal sentiu,
nen soubi que x'era pesar
a que seu amigo non viu,
com'oj'eu vi o meu, falar
con outra, mais, poi-lo eu vi,
con pesar ouvi a morrer i

E, se molher ouve d'aver
sabor d'amig'ou lho Deus deu,
sei eu que lho non fez veer,
com'a mi fez vee-lo meu,
con outra, mais, poi-lo eu vi,
con pesar ouvi a morrer i.

Idem, Ibidem, n.ºs 780 e 1174.

CCCCIV

Ai meu amigo, meu, per bõa fé,
e non d'outra, per bõa fé, mais meu,
rogu'eu a Deus, que mi vos oje deu,
que vos faça tan ledo seer migo
quam leda fui oj'eu, quando vos vi,
ca nunca foi tan leda, pois naci.

Bon dia vejo, pois vos vej'aqui,
meu amigo, meu a la fé sen al,
faça-vos Deus ledo, que pod'e val,
seer migo, meu ben e meu desejo,
quam leda fui oj'eu, quando vos vi,
ca nunca foi tan leda, pois naci.

Meu gasalhado, se mi valha Deus,
e amigo meu e meu coraçon,
faça-vos Deus en algũa sazõ,
seer migo tan led'e tan pagado
quam leda fui oj'eu, quando vos vi,
ca nunca foi tan leda, pois naci.

Idem, Ibidem, n.ºs 781 e 1175.

CCCCV

Aquestas noites tan longas
que Deus fez en grave dia
por mi, porque as non dórmio,
e por que as non fazia
no tempo que meu amigo
soia falar comigo?

Porque as fez Deus tan grandes
non posso eu dormir, coitada!
e, de como som sobejas,
quisera-m'outra vegada
no tempo que meu amigo
soia falar comigo.

Porque as Deus fez tan grandes
sen mesura desiguaaes
e as eu dormir non posso,
porque as non fez ataaes
no tempo que meu amigo
soia falar comigo?

Idem, ibidem, n.ºs 782 e 1176.

CCCCVI

Ai meu amigo, avedes vós por mi
afam e coit'e deseje non al,
e o meu ben é todo vosso mal,
mais pois vos eu non posso valer i,
pesa-mi a mi, por que paresco ben,
pois end'a vós, meu amigo, mal ven.

E sei, amigo, d'estes olhos meus
e sei do meu fremoso parecer
que vos fazem [en] gram coita viver,
mais, meu amigo, se mi valha Deus,
pesa-mi a mi, por que paresco ben,
pois end'a vós, meu amigo, mal ven.

Idem, Ibidem, n.ºs 763 e 1178.

CCCCVII

Partir quer migo mia madr'oj'aqui
quant'á no mundo, outra ren non jaz;
de vós, amig,'ũa parte mi faz
e faz-m'outra de quant'á e de si
e, pois faz esto, manda-m'escolher:
que mi mandades, amigo, fazer?

Partir quer migo, como vos direi:
de vós faz mi[a madr']ũa parte já
e faz-m' outra de si e de quant' á
e de quantos outros parentes ei;
e, pois faz esto, manda-m' escolher:
que mi mandades, amigo, fazer?

E de qual guisa migo partir quer,
a partiçon, ai meu amigu', é tal:
ũa me faz senon de vós sem al,
outra de si e de quant' al ouver
e, pois faz esto, manda-m' escolher:
que mi mandades, amigo, fazer?

De vós me fazũa parte, ai senhor
e meu amigu' e meu lum' e meu ben,
e faz-m' outra de grand' algo que tem
e pon-me de mais i o seu amor,
e, pois faz esto, manda-m' escolher:
que mi mandades, amigo, fazer?

E, poi-lo ela part' a meu prazer,
en vós quer'eu, meu amigu', escolher

Idem, Ibidem, n.ºs 784 e 1179.

CCCCVIII

Non perdi eu, meu amigo,
des que me de vós parti,

do meu coraçon gram coita
nem gram pesar, mais perdi
quanto tempo, meu amigo,
vós non vivestes comigo.

Nen perderon os olhos meus
chorar nunca, nen eu mal,
des que vos vós d'aqui fostes,
mais vedes que perdi al,
quanto tempo, meu amigo,
vós non vivestes comigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 785 e 1180.

CCCCIX

O meu amig', amiga, vej' andar
trist' e cuidando e non poss' entender
por que trist' anda, si veja prazer,
pero direi-vos quanto é meu cuidar:
anda cuidand' en se d'aqui partir
e non s'atreve sen mi a guarir.

Anda tan triste que nunca mais vi
andar nulh' omen e en saber punhei
o porque era, pero non o sei,
pero direi-vos quant' end' aprendi:
anda cuidand' en se d'aqui partir
e non s'atreve sen mi a guarir.

Atan trist' anda que nunca vi quem
tan trist' andasse no seu coraçon
e non sei por quê, nen por qual razón,
pero direi-vos quant' aprendi en:
anda cuidand' en se d'aqui partir
e non s' atreve sen mi a guarir.

MARTIN CAMPINA, *Ibidem*, n.^{os} 787 e 1182.

CCCCX

Diz meu amigo que eu o mandei
ir, amiga, quando s'el foi d'aqui,
e, se lho sol dixi, nen se o vi,
non veja prazer do pesar que ei,
e, se m'el ten torto en mi-o dizer,
veja-s' el ced' aqui en meu poder.

E vedes, amiga, do que m' é mal:
dizen os que o viron, com'el diz,
que o mandei ir, e, se o eu fiz,
nunca d'el aja dereito nen d'al,
e se m'el tem torto en mi-o dizer,
veja-s'el ced'aqui en meu poder.

E que gram torto que m'agora ten
en dizer, amiga, per bõa fé,
que o mandei ir! e, se assi é,

como m'el busca mal, busque-lhe eu ben,
e, se m'el ten torto en mi-o dizer,
veja-s'el ced' aqui em meu poder.

E, se el ven aqui a meu poder,
preguntar-lh'ei quen lho mandou dizer.

Idem, Ibidem, n.ºs 788 e 1183.

CCCCXI

A meu amig',a que preito talhei,
con vosso medo, madre, mentir-lh'ei,
e, se non fôr, assanhar-s'á.

Talhei-lh'eu preito do o ir veer
ena fonte u os cervos van beber,
e, se non fôr, assanhar-s'á.

E non ei eu de lhi mentir sabor,
mais mentir-lh[i]-ei con vosso pavor,
e, se non fôr, assanhar-s'á.

De lhi mentir nenhum sabor non ei,
con vosso med' a mentir-lh'averei,
e, se non fôr, assanhar-s'á.

PERO MEOGO, Ibidem, n.ºs 789 e 1184.

CCCCXII

Por mui fremosa sanhuda estou
a meu amigo, que me demandou
que o foss'eu veer
a la font'u os cervos van beber.

Non faç'eu torto de mi lh'assanhar,
por s' atrever el de me demandar
que o foss'eu veer
a la font'u os cervos van beber.

Afeito me ten já por sandia,
que el [oje] non ven, ma[i]s envia
que o foss'eu veer
a la font'u os cervos van beber.

Idem, Ibidem, n.ºs 790 e 1185

CCCCXIII

— Tal vai o meu amigo
con amor que lh'eu dei
come cervo ferido
de monteiro del-rei.

Tal vai o meu amigo,
madre, con meu amor
come cervo ferido
de monteiro maior.

E, se el vai ferido,
irá morrer al mar;
si fará meu amigo,
se eu d'el non pensar.

— E guardade-vos, filha,
cá já um atal vi
que sê fez [mui] coitado,
por guaanhhar de mi.

E guardade-vos filha,
ca já um vi atal
que se fez [mui] coitado
por de min guaanhhar.

Idem, Ibidem, n.ºs 791 e 1186.

CCCCXIV

Ai cervas do monte, vin vos preguntar:
foi-s'o meu amigu' e, se alá tardar,
que farei, velidas?

Ai cervas do monte, vin vo-lo dizer:
foi-s'o meu amigu' e querria saber
que farei, velidas.

Idem, Ibidem, n.ºs 792 e 1187.

CCCCXV

[Levou-s'a louçana],
levou-s'a velida;
vai lavar cabelos
na fontana fria,
leda dos amores,
dos amores leda.

[Levou-s'a velida],
levou-s'a louçana;
vai lavar cabelos
na fria fontana,
leda dos amores,
dos amores leda.

Vai lavar cabelos
na fontana fria;
passa seu amigo,
que lhi ben queria,
leda dos amores,
dos amores leda.

Vai lavar cabelos
na fria fontana,
passa seu amigo
que a muit'ama,
leda dos amores,
dos amores leda.

Passa seu amigo,
que lhi ben quera;
o cervo do monte
a augua volvia,
leda dos amores,
dos amores leda.

Passa seu amigo
que a muit'ama;
o cervo do monte
volvia a augua,
leda dos amores
dos amores leda.

Idem, Ibidem, n.^{os} 793 e 1188.

CCCCXVI

Enas verdes ervas
vi anda-las cervas,
meu amigo.

Enos verdes prados
vi os cervos bravos,
meu amigo.

E con sabor d'elas
lavei mias garcetas,
meu amigo.

E con sabor d'elos
lavei meus cabelos,
meu amigo.

Des que los lavei,
d'ouro los liei,
meu amigo.

Des que las lavara,
d'ouro las liara,
meu amigo.

D'ouro los liei
e vos aspereï,
meu amigo.

D'ouro las liara
e vos asperara,
meu amigo.

CCCCXVII

Preguntar-vos quer'eu madre,
que mi digades verdade:
se ousará meu amigo
ante vós falar comigo.

Pois eu migu'ei seu mandado,
querria saber de grado
se ousará meu amigo
ante vós falar comigo.

Irei, mia madre, a la fonte
u van os cervos do monte!
se ousará meu amigo
ante vós falar comigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 795 e 1190.

CCCCXVIII

Fostes, filha, eno bailar
e rompestes i o brial:
poil-o cervo i ven,
esta fonte seguide-a ben,
poil-o cervo i ven.

Fostes, filha, eno loir
e rompestes i o vestir:

poi-lo cervo i ven,
esta fonte seguide a ben,
poi-lo cervo i ven.

E rompestes i o brial
que fezestes ao meu pesar:
poi-lo cervo i ven,
esta fonte seguide-a ben,
poi-lo cervo i ven.

E rompestes i o vestir
que fezestes apesar de min:
poi-lo cervo i ven,
esta fonte seguide-a ben,
poi-lo cervo i ven.

Idem, Ibidem, n.ºs 796 e 1191.

CCCCXIX

— Digades, filha, mia filha velida:
porque tardastes na fontana fria?
os amores ei

Digades, filha, mia filha louçana:
porque tardastes na fria fontana?
os amores ei.

— Tardei, mia madre, na fontana fria,
cervos do monte a augua volvian:
os amores ei.

Tardei, mia madre, na fria fontana,
cervos do monte volvian a augua:
os amores ei.

— Mentir, mia filha, mentir por amigo;
nunca vi cervo que volvess'o rio:
os amores ei

Mentir, mia filha, mentir por amado;
nunca vi cervo que volvess'o alto:
os amores ei

Idem, Ibidem, n.ºs 797 e 1192.

CCCCXX

Per quaes novas oj'eu aprendi,
cras me verrá meu amigo veer
e oje cuida quanto mi á dizer,
mais do que cuida non será assi,
ca lhi cuid'eu a parecer tam ben
que lhe non nembre do que cuida ren.

MARTIN DE CALDAS, n.ºs 798 e 1193.

CCCCXXI

Madr'e senhor, leixade-m'ir veer
aquele que eu por meu mal-dia vi
e el viu-mi en mal dia por si,

ca morr'el, madr', e eu quero morrer,
se o non vir, mais, se o vir, guarrei
e el guarrá, pois me vir, eu o sei.

O que mi Deus non ouver'a mostrar
vee-lo-ei, madre, se vos prouguer en,
e tal non me lhi mostrou por seu ben,
ca morr'el e moir'eu, se Deus m'ampar,
se o non vir, mais, se o vir, guarrei
e el guarrá, pois me vir, eu o sei.

Aquel que Deus fez nacer por meu mal,
madre, leixade-mi-o veer por Deus;
eu naci por [gran] mal dos olhos seus,
ca morr'el e moir'eu, u non jaz al,
se o non vir, mais, se o vir, guarrei
e el guarrá, pois me vir, eu o sei.

Idem, Ibidem, n.ºs 799 e 1194.

CCCCXXII

Mandad'ei migo qual eu desejei,
gram sazón á, madre, per bõa fé,
e direi-vo-lo mandado qual é,
que nulha ren non vos eu negarei:
o meu amigo será oj' aqui,
e nunca eu tan bõn mandad'oi.

E, pois mi Deus fez tal mandad'aver
qual desejava o meu coração,
madr'e senhora, se Deus mi perdon,
que vos quer'eu [o] mandado dizer:
o meu amigo será oj'aqui,
e nunca eu tan bon mandad'oi.

E por en sei ca mi quer ben fazer
Nostro Senhor, a que eu fui rogar
por bon mandad'e fez-mi-o el chegar
qual poderedes, mia madre, saber:
o meu amigo será oj'aqui
e nunca eu tan bon mandad'oi.

Melhor mandado nunca já per ren
d'aqueste, madre, non poss'eu oir
e por en non me quer'eu encobrir
de vós, ca sei que vos praz do meu ben:
o meu amigo será oj'aqui
e nunca eu tan bon mandad'oi.

Idem, Ibidem, n.ºs 800 e 1195.

CCCCXXIII

Foi-s' un dia meu amigo d'aqui
trist'e cuitad'e mui' a seu pesar,
por que me quis d'el mia madre guardar,

mais eu, fremosa, des que o non vi,
non vi depois prazer de nulha ren,
nen veerei ja mais, se m'el non ven.

Quando s'el ouve de mi a partir,
chorou muito dos seus olhos enton
e foi coitado no seu coraçon,
mais eu, fremosa, por vos non mentir,
non vi depois prazer de nulha ren
nen veerei já mais, se m'el non ven.

Idem, Ibidem, n.ºs 801 e 1195.

CCCCXXIV

Ai meu amigu'e lume d'estes meus
olhos e coita do meu coraçon,
por que tardastes á mui gran sazón?
no mi-o neguedes, se vos valha Deus,
ca eu quer'end'a verdade saber,
pero mi a vós non ousades dizer.

Dizede-mi quen mi vos fez tardar,
ai meu amigu',e agradecer-vo-lo-ei,
ca já m'endeu o mais do preito sei
e non vos é mester de mi-o negar,
ca eu quer'end'a verdade saber,
pero mi a vós non ousades dizer.

Per bõa fé, non vos conselhou ben
quem vos esta tardada fazer fez
e, se mi vós negardes esta vez,
perder-vos-edes comigo por en,
ca eu quer'end'a verdade saber,
pero mi a vós non ousades dizer.

Idem, Ibidem, n.ºs 802 e 1197.

CCCCXXV

Nostro Senhor, e como poderei
guardar de morte meu amigu'e mi,
ca mi dizen que se quer ir d'aqui?
e, se s'el fôr, logu'eu morta serei
e el morto será, se me non vir,
mais quero-m'eu esta morte partir.

Ir-m'ei con el, que sempre falarán
d'esta morte, que se[n] ventura fôr,
ca se quer ir meu lum'e meu senhor,
e, se s'e[l] fôr, serei morta de pram
e el morto será, se me non vir,
mais quero-m'eu esta morte partir.

Irei co[n] el mui de grado, ca non
me sei conselho, se mi-o Deus non der,
ca se quer ir o que mi gram ben quer

e, se s'el for, serei morta enton
e el morto será, se me non vir,
mais quero-m'eu esta morte partir

Idem, Ibidem, n.ºs 803 e 1198.

CCCCXXVI

Vedes qual preit'eu querria trager,
irmãa, se o eu podesse guisar:
que fezess'a meu amigo prazer
e non fezess'a mia madre pesar,
e, se mi Deus esto guisar, ben sei
de mi que logu'eu mui leda serei.

E atal preito m'era mui mester,
se mi Deus aguisar de o aver
e quanto o meu amigo quiser
e que mi-o mande mia madre fazer,
e, se mi Deus esto guisar, ben sei
de mi que logu'eu mui leda serei.

E, se mi a mi guisar Nostro Senhor
aqueste preito, será meu gran ben,
com'eu faça a meu amig'amor
e me rogou mia madre ante por en,
e, se mi Deus esto guisar, ben sei
de mi que logu'eu mui leda serei.

Idem, Ibidem, n.ºs 804 e 1199.

CCCCXXVII

Des quando vos fostes d'aqui,
meu amigo, sen meu prazer,
ouv'eu tan gram coita des i,
qual vos ora quero dizer:
 que non fezeron des enton
 os meus olhos se chorar non,
 nen ar quis o meu coraçon
 que fezessen se chorar non.

E, des que m'eu sen vós achei,
sol non me soubi conselhar
e mui triste por en fiquei
e con coita grand' e pesar:
 que non fezeron des enton
 os meus olhos se chorar non,
 nen ar quis o meu coraçon
 que fezessen se chorar non

E fui eu fazer oraçon
a San Clemenç' e non vos vi
e ben des aquela sazon,
meu amig', avêo-m'assi:
 que non fezeron des enton
 os meus olhos se chorar non,

nem ar quis o meu coraçon
que fezessem se chorar non,

NUNO PEREZ (ou FERNANDEZ) *Idem, Ibidem*, n.ºs 805 e 1200.

CCCCXXVIII

San Clemenço do mar,
se mi d'el non vingar,
non dormirei

San Clemenço senhor,
se vingada non fôr,
non dormirei.

[Se mi d'el non vingar,
do fals'e desleal,
non dormirei.]

Se vingada non fôr
do fals'e traedor,
non dormirei.

Idem, Ibidem, n.ºs 806 e 1201.

CCCCXXIX

Non vou eu a San Clemenço
orar e faço gram razon,

ca el non mi tolhe a coita
que trago no meu coraçon,
nen mi aduz o meu amigo,
pero lho rogu'e lho digo.

Non vou eu a San Clemenço,
nen el non se nembra de mi,
nen mi aduz o meu amigo,
que sempr'amei, des que o vi,
nen mi aduz o meu amigo,
pero lho rogu'e lho digo.

Ca, se el m[e] adussesse
o que me faz penad'andar,
nunca tantos estadaes
arderan ant'o seu altar,
nen mi aduz o meu amigo,
pero lho rogu'e lho digo.

Ca, se el m[e] adussesse
o por que eu moiro d'amor,
nunca tantos estadaes
arderan ant'o meu senhor,
non mi aduz o meu amigo,
pero lho rogu'e lho digo.

Pois eu e[n] mia voontade
de o non veer son ben fis;
que porrei par caridade

ant'el candeas de Paris?
non mi aduz o meu amigo,
pero lho rogu'e lho digo.

En mi tolher meu amigo
filhou comigo perfia,
por end'arderá, vos digo,
ant'el lume de bogia,
nen mi aduz o meu amigo,
pero lho rogu'e lho digo

Idem, Ibidem, n.ºs 807 e 1202.

CCCCXXX

Estava-m'en San Clemenço,
u fôra fazer oraçon,
e disse-mi o mandadeiro,
que mi prougue de coraçon:
« agora verrá 'qui voss'amigo »

Estava-m'en San Clemenço,
u fôra candeas queimar,
e disse-mi o mandadeiro:
« fremosa de bon semelhar,
agora verrá'qui voss'amigo »

Estava-m'en San Clemenço,
u fôra oraçon fazer,
e disse-mi o mandadeiro:
«fremosa de bon parecer,
agora verrá'qui voss'amigo »

E disse-mi o mandadeiro
que mi prougue de coraçon,
por que viu que mi prazia
ar disse-m'outra vez enton:
« agora verrá'qui voss'amigo »

E disse-mi o mandadeiro:
«fremosa de bon semelhar »;
porque viu que mi prazia,
ar começou-m[e] a falar:
« agora verrá'qui voss'amigo »

E disse-mi o mandadeiro:
«fremosa de bon parecer »;
por que viu que mi prazia,
ar começou-me a dizer
« agora verrá'qui voss'amigo ».

Idem, lbidem, n.ºs 808 e 1203.

CCCCXXXI

Sej'eu, fremosa, con mui gran pesar
e mui coitada no meu coraçon,
e choro muit'e faço gran rason,

par Deus, mia madre, de muito chorar
por meu amigu'e meu lum'e meu ben,
que se foi d'aqui, ai madr', e non ven.

E ben sei [eu] de pram que por meu mal
me fez Deus [a]tan fremosa nacer,
pois m'ora faz, como moiro, morrer,
ca moiro, madre, se Deus mi non val,
por meu amigu'e meu lum'e meu ben,
que se foi d'aqui, ai madr',e non ven.

E fez-mi Deus nacer, per bõa fé,
polo meu mal [e] ar fez-me logu'i
mais fremosa de quantas donas vi,
e moiro, madre; vedes por que é,
por meu amigu'e meu lum'e meu ben,
que se foi d'aqui, ai madr',e non ven.

E, pois Deus quer que eu moira por en,
sábian que moiro, querendo-lhi ben.

PERO d'ARMEA, *Idem*, *Ibidem*, n.ºs 809 e 1204.

CCCCXXXII

Amiga, grand'engan'ouv'a prender
do que mi fez creer mui gran sazon
que mi queria ben de coraçon,

tan grande que non podia guarir,
e tod'aquest'era por encobrir
outra que queria gran ben enton.

E dizia que perdia o sen
por mi, de mais chamava-me senhor
e dizia que morria d'amor
por mi e que non podia guarir,
e tod'aquest'era por encobrir
outra que queria gran ben enton

E, quand'el migo queria falar,
chorava muit'e jurava logu'i
que non sabia conselho de si
por mi e que non podia guarir,
e tod'aquest'era por encobrir
outra que queria gran ben enton

Idem, Ibidem, n.ºs 810 e 1205.

CCCCXXXIII

Mias amigas, quero-m' eu des aqui
querer a meu amigo mui gran ben,
ca [en]o dia que s'el foi d'aquen
viu-me chorar e con doo de mi,
u chorava, começou-m'a catar,
viu-me chorar e filhou-s'a chorar.

E, per bõa fé, sempre lh'eu querei
o maior ben de pram que eu poder,
ca fez el por mi o que vos disser,
mias amigas, que vos non mentirei;
u chorava, começou-m'a catar,
viu-me chorar e filhou-s'a chorar.

Ouv'el gran coita no seu coração,
mias amigas, u se de min partiu,
viu-me chorar e, depois que me viu
chorar, direi-vo-lo que fez enton:
u chorava, começou-m'a catar,
viu-me chorar e filhou-s'a chorar.

Idem, Ibidem, n.º 811 e 1205.

CCCCXXXIV

— Amigo, mando-vos migo falar,
cada que vós end'ouverdes sabor.
— Nostro Senhor, fremosa mia senhor,
vos dê grado, que vô-lo pode dar,
[de tod'este ben que mi dizedes]
e de quant'outro ben mi fazedes.

— Pois vós sodes por mi tan coitado,
quando quiserdes, falade migo.
— Ai mia senhor, vedes que vos digo:

Nostro Senhor vos dê [mui] bon grado
de tod'este ben que mi dizedes
e de quant'outro ben me fazedes.

— Por que sei que mi queredes [gran] ben,
falade migo, ca ben é e prez.

— Nostro Senhor, que [fremosa] vos fez
vos dê sempre mui bon grado por en,
de tod'este ben que mi dizedes
e de quant'outro ben me fazedes.

Idem, Ibidem, n.ºs 812 e 1207.

CCCCXXXV

Amiga, dizem que meu amig'á
por mi tal coita que non á poder
per nulha guisa d'un dia viver,
se per mi non é; vedes quant'i á:
se por mi morre, fiqu'end'eu mui mal;
se lh'ar faç' [eu] algun ben, outro tal.

E tan coitad'é, com'aprendi eu,
que o non pode guarir nulha ren
de morte já, se lh'eu non faço ben,
mais vedes ora com'estou end'eu:
se por mi morre, fiqu'end'eu mui mal;
se lh'ar faç' [eu] algun ben, outro tal-

Dizen que é por mi coitad'assi
que quantas cousas eno mundo son
non lhi poden dar vida, se eu non,
e este preito cae-m'ora assi:

se por mi morre, fiqu'end'eu mui mal;
se lh'ar faç' [eu] algun ben, outro tal.

E, amiga, por Deus, conselho tal
mi dade vós que non fiqu'end'eu mal.

JOAN BAYECA, *Ibidem*, n.^{os} 8:7 e 12.2.

CCCCXXXVI

— Por Deus, amiga, preguntar-vos-ei
do voss'amigo, que vos quer gram ben,
se ouve nunca de vós algun ben;
que mi-o digades e gracir-vo-l'ei.

— Par Deus, amiga, eu vo-lo direi:
serviu-me muit'e, eu por lhi fazer
ben, el foi outra molher ben querer.

— Amiga, vós non fezestes razon
de que perdestes voss'amig'assi;
quando vos el amava mais ca si,
porque lhi non fezestes ben enton?

— Eu vos direi, amiga, porque non:
serviu-me muit'e, eu por lhi fazer
ben, el foi outra molher ben querer.

— Vedes, amiga, meu sen est atal:
que, pois Deus vos amigo dar quiser
que vos muit'am'e vos gram ben quiser,
ben lhi deveades fazer e non mal.

— Amiga, non lhi pud'eu fazer al:
serviu-me muit'e, eu por lhi fazer
ben, el foi outra molher ben querer

Idem, Ibidem, n.ºs 828 e 1223.

CCCCXXXVII

— Ai amiga, oje falou comigo
o voss'amigu'e vi-o tam coitado
por vós que nunca vi tant'ome nado,
e morto será, se lhi non valedes
— Amiga, quand'eu vir que é guisado,
valer-lh'ei, mais non vos maravilhedes
d'andar por mi coitado meu amigo.

— Per boa fé, amiga, ben vos digo
que, u estava migu'en vós falando,
esmoreceu, e ben, assi andando,
morrerá, se vos d'el doo non filha,
— Si filhará, ai amiga, já quando,
mais non tenhades vós por maravilha
d'andar por mi coitado meu amigo.

— Amiga, tal coita d'amor á sigo
que já nunca dorme noite nen dia,

coidand'en vós e, par Santa Maria,
sen vosso ben, non o guarirá nada.
— Guarirei-o eu, amiga, todavia,
mais non vos façades maravilhada
d'andar por mi coitado meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 829 e 1224.

CCCCXXXVIII

Amigo, sei que á mui gram razon
que trobastes sempre d'amor por mi
e ora vejo que vos travam i,
mais nunca Deus aja parte comigo,
se vos eu des aqui non dou razon
per que façades cantigas d'amigo.

E, pois vos eles teen por melhor
de vos enfengir de quen vos non fez
ben, pois naceu, nunca nen hũa vez
e por en, des aqui vos [jur'e] digo (1)
que eu vos quero dar razon d'amor
per que façades cantigas d'amigo

E sabe Deus que d'esto nulha ren
vos non cuidava eu ora fazer,
mais, pois vos cuidan o trobar tolher,

(1) Leitura de O. Nobiling.

ora vedes o poder que am sigo (1),
ca de tal guisa vos farei eu ben,
per que façades cantigas d'amigo

Idem, Ibidem, n.ºs 830 e 1225.

CCCCXXXIX

Pesa-mi, amiga, por vos non mentir,
d'ũa novas que de mi e do meu
amig'oi e direi-vo-las eu:
dizen que lh'entendem o grand'amor
que á comigu'e, se verdade fôr,
por maravilha pod'a ben sair.

E ben vos digo que, des que oi
aquestas novas, sempre trist'andei,
ca ben entend'e ben vej'e ben sei
o mal que nos d'este preit'averrá,
pois lh'entenderem, 'ca posto x'é já
de morrer eu por el e el por mi.

Ca, poi-lo souberem, el partid'é
de nunca jamais viir a logar
u me veja, tanto m'an de guardar;
vede-lo morto por esta razon,
pois ben sabedes vós de mi que non
poss'eu sen el viver, per boã fé.

(1) Cf. nota precedente.

Mais Deus, que sab'o gram ben que m'el quer
e eu a el, quando nos fôr mester,
nos guarde de mal, se vir ca ben é.

Idem, Ibidem, n.ºs 831 e 1226.

CCCCXL

— Filha, de grado queria saber
de voss'amigu'e de vós ãa ren:
como vos vai ou como vos aven.

— Eu vo-lo quero, mia madre, dizer:
quero-lh'eu ben e que-lo el a mi,
e ben vos digo que non á mais i.

— Filha, non sei se á i mais, se non,
mais vejo-vos sempre con el falar
e vejo-vos chorar e el chorar.

— Non vos terrei, madre, i outra razón:
quero-lh'eu ben e que-lo el a mi,
e ben vos digo que non á mais i.

— Se mi-o negardes, filha, pesar-mi-á,
ca, se mais á i feit,'a como quer,
outro conselh'avemos i mester.

— Já vos eu dixi, madre, quant'i á:
quero-lh'eu ben e que-lo el a mi
e ben vos digo que non á mais i.

Idem, Ibidem, n.ºs 832 e 1227.

CCCCXLI

Voss'amêaç', amigo, non é ren,
ca de pram ouvestes toda sazón
a fazer quant'eu quisess'e al non
e por rogo, nen por mal, nen por ben,
sol non vos poss'esta ida partir.

Nunca vos já de ren ei a creer,
ca sempr' [o]uvestes a fazer por mi
quant'eu mandass'e mentides-m'assi,
e, pero faç'i todo meu poder,
sol non vos poss'esta ida partir.

Que non ouvess'antre nós qual preit'á
per qual [a] vós [vos] foi sempre mester,
deviades por mi a fazer que quer,
e, pero vos mil vezes roguei já,
sol non vos poss'esta ida partir.

Idem, Ibidem, n.ºs 833 e 1228.

CCCCXLII

Amigu', entendo que non ouvestes
poder d'alhur viver e veestes
a mia misura e non vos val ren,
ca tamanho pesar mi fezestes,
que jurei de vos nunca fazer ben.

Quisera-m'eu non aver jurado,
tanto vos vejo viir coitado
a mia mesura, ma[i]s que prol vos ten?
ca, u vos fostes sen meu mandado,
jurei que nunca vos fizesse ben.

Por sempre sodes de mi partido
e non vos á prol de seer viido
a mia mesura, e gram mal m'é en,
ca jurei, tanto que fostes ido,
que nunca jamais vos fizesse ben.

Idem, Ibidem, n.º 834 e 1229.

CCCCXLIII

— Como cuidades, amiga, fazer
das grandes juras que vos vi jurar,
de nunc'a voss'amigo perdoar?
ca vos direi de qual guisa o vi,
que sen vosso ben (creede per mi)
que lhi non pode ren morte tolher.

— Tod'ess', amiga, ben pode seer,
mais punharei eu já de me vingar
do que m'el fez e, se vos en pesar,
que non façades ao voss'assi,
ca ben vistes quanto lhi defendi
que se non foss'e non me quis creer.

— Par Deus, amiga, vinga tan sen sen
nunca vós faredes, se Deus quiser
a meu poder, nen vos era mester
de a fazer, cá vedes quant'i á:
se voss'amigo morrer, morrerá
por ben que fez e non por outra ren.

— Amiga, non poss'eu teer por ben
o que m'el faz e a que o tener
por ben tal aja d'aquel que ben quer,
ma[i]s sen mort', e nunca lhi mal verrá;
per bõa fé que mi non prazera,
pero d'el morrer mi prazera en.

Idem, Ibidem, n.ºs 835 e 1236.

CCCCXLIV

Amigo, vós non queredes catar
a nulha ren, se ao vosso non,
e non catades tempo nen sazón
a que venhades comigo falar:
e non que[i]rades, amigo, fazer
per vossa culpa mi e vós morrer.

Ca noutro dia chegastes aqui
a tal sazón que ouv'en tal pavor
que, por seer d'este mundo senhor,

non quisera que veessedes i:
e non que[i]rades, amigo, fazer
per vossa culpa mi e vós morrer.

E quen molher de coraçon quer ben,
a meu cuidar, punha de s'encobrir
e cata temp'e sazón pera ir
u ela est e a vós non aven:
e non que[i]rades, amigo, fazer
per vossa culpa mi e vós morrer.

Vós non catades a ben, nen a mal,
nen do que nos pois d'aquest'averrá,
senon que pass'o vosso ùa vez já,
mais en tal feito muit'á mester al,
e non queirades, amigo, fazer
per vossa culpa mi e vós morrer.

Idem, Ibidem, n.º 836 e 1231.

CCCCXLV

Madr', o que sei que mi quer mui gran ben
e que sempre fez quanto lh'eu mandei
e nunca lhi d'esto galardón dei,
mia madre, ven e el quer já morrer
por mi d'amor e, se vos prouguer en,
vós catad'i o que devo fazer.

Ca non pode guarir se per min non,
ca o am'eu, e el, des que me viu,
quanto pôd'e soube, me serviu,
mais, pois lh'eu poss'a tal coita valer,
come de morte, se Deus vos perdon,
vós catad'i o que devo fazer.

Ca d'el morrer, madre, per bõa fé
mi pesaria quanto mi pesar
mais podesse, ca en todo logar
me serviu sempr'a todo seu poder
e, pois veedes com'este preit'é,
vós catad'i o que devo fazer.

Idem, Ibidem, n.ºs 837 e 1232.

CCCCXLVI

Ora veerei, amiga, que fará
o meu amigo, que non quis creer
o que lh'eu dix'e soube-me perder,
ca de tal guisa me guardam d'el já
que non ei eu poder de fazer ren
por el, mais esto buscou el mui ben.

El quis comprir sempre seu coraçon
e soub'assi sa fazenda trager
que tod'ome nos podia'ntender,

e pois aquestas guardas tantas son
que non ei [eu] poder de fazer ren
por el, mais esto buscou el mui ben.

E, pero lh'eu já queira des aqui
o maior ben que lhi possa querer,
por non poder, non lhi farei prazer,
e digo-vos que me guardan assi
que non ei eu poder de fazer ren
por el, mais esto buscou el mui bem.

E, vedes vós, assi conteç'a quen
non sab'andar en tal preito con sen.

Idem, Ibidem, n.º 838 e 1233.

CCCCXLVII

Amigo, mal soubestes encobrir
meu feit'e voss'e perdestes per i
mi e eu vós e oimais quen nos vir
de tal se guard'e, se molher amar,
filh'aquel ben que lhi Deus quiser dar
e leix'o mais e pass'o temp'assi.

Ca vós quisestes aver aquel ben
de min que vos non podia fazer
sen meu gram dan'e perdeste por en

quanto vos ant'eu fazia d'amor
e assi faz quen non é sabedor
de saber ben, pois lho Deus dá, a sofrer.

E ben sabedes camanho temp'á
que m'eu d'aquest', amigo, receei
en que somos e, pois que o ben já
non soubestes sofrer, sofred'o mal
ca, [pero] m'end'eu queira fazer al,
o demo lev'o poder que end'ei.

Idem, Ibidem, n.ºs 839 e 1234.

CCCCXLVIII

Ai meu amigo, pero vós andades
jurando sempre que mi non queredes
ben ant'as donas, quando as veedes,
entendem elas ca vós pe[r]jurades
e que queredes a mi tan gram ben
com'elas querem os que querem ben.

E, pero vós ant'elas jurar ides
que non fazedes quanto vos eu mando,
quanto lhis mais ides en min falando
atant'en[ten]dem mais que lhis mentides
e que queredes a mi tan gram bem
com'elas querem os que querem ben.

E andad'ora de camanho preito
vos vós quiserdes andar toda via,
ca o cantar vosso de maestria
entenden elas que por mi foi feito
e que queredes a mi tan gram ben
com'elas queren os que queren ben.

PERO D'AMBROA, n.ºs 840 e 1235.

CCCCXLIX

Foi-s'ο namorado,
madr' e non o vejo:
e viv'eu coitado
e moiro con desejo:
torto mi ten ora
o meu namorado,
que tant'alhur mora
e sen meu mandado.

Foi-s'el con perfia,
por mi fazer guerra;
nembrar-se devia
de que muito m'erra:
torto mi ten ora
o meu namorado,
que tant'alhur mora
e sen meu mandado.

De pran con mentira
mi andava sen falha,
ca se foi con ira,
mais, se Deus mi valha,
torto mi ten ora
o meu namorado,
que tant'alhur mora
e sen meu mandado.

Non quis meter guarda
de min que seria
e quant'alá tarda
é por seu mal dia;
torto mi ten ora
o meu namorado,
que tant'alhur mora
e sen meu mandado.

PAI CALVO, *Ibidem*, n.^{os} 841 e 1236.

CCCCL

Foi-s[e] o meu perjurado
e non m'envia mandado;
deseja-lo-ei.

Ai madr', o que ben queria
foi-s'ora d'aqui sa via;
deseja-lo-ei.

E non m'enviou mandado;
de Deus lhi seja buscado;
deseja-lo-ei.

Pois mandado non m'envia,
busque-lho Santa Maria;
deseja-lo-ei.

Idem, Ibidem, n.ºs 842 e 1237.

CCCCLI

Eu, louçana, enquant'eu viva fôr,
nunca ja mais creerei per amor,
pois [que] me mentiu o que namorei,
nunca já mais per amor creerei,
pois que mi mentiu o que namorei.

E, pois m'el foi a seu grado mentir,
des oimais me quer'eu d'amor partir,
pois [que] me mentiu o que namorei.
nunca já mais per amor creerei,
pois que me mentiu o que namorei.

E direi-vos que lhi farei por en:
d'amor non quero seu mal, nen seu ben,
pois [que] me mentiu o que namorei
nunca já mais per amor creerei,
pois que me mentiu o que namorei.

MARTIM [DE] PADROZELOS, n.ºs 843 e 1238.

CCCCCLII

Gran sazon á, meu amigo,
que vos vós de mi partistes
en Valongu'e non m'ar vistes,
nen ar ouv'eu depois migo
de nulha ren gasalhado,
mais nunca tan desejado.
d'amiga fostes, amigo.

Nen vos dirá nunca molher
que verdade queira dizer,
nen vós non podeades saber
nunca per outrem, se Deus quer
ou se eu verdad'ei migo,
que nunca vistes amigo
tan desejado de molher.

Pero ouvestes amiga
a que quisestes mui gram ben,
a min vos tornade por en,
se achardes quen vos diga,
se non assi com'eu digo,
que nunca vissem amigo
tan desejado d'amiga.

CCCCLIII

— Amig', avia queixume
de vós e quero-mi-o perder,
pois veestes a meu poder.
— Ai mia senhor e meu lume,
se de mi queixum'avedes,
por Deus que o melhoredes.

— Tant'era vossa queixosa
que jurei en San Salvador
que nunca vos fezess'amor.
— Ai mia senhor mui fremosa,
se de mi queixum'avedes,
por Deus que o melhoredes.

— Amigu', en poder sodes meu,
se m'eu de vós quiser vingar,
mais quero-mi vos perdoar.
— Ai senhor, por al vos rogu'eu,
se de mi queixum'avedes,
por Deus que o melhoredes,

De min, que mal dia naci,
senhor, se vo-lo mereci.

CCCCCLIV

Madr', enviou-vo-lo meu amigo
[o]je dizer que vos veeria,
se ousasse, par Santa Maria,
se o vós ante falardes migo;
se el vir vós nen mi per meu grado,
San Salvador mi seja irado.

De Valongo, pero sospeitada
son de vós ca lhi quero [eu] gram ben,
nunca lho quix, pois naci, e por en
se [o] creverdes, [mia] madre loada,
se el vir vós, nen mi per meu grado,
San Salvador mi seja irado.

De Valongo, ca se foi el d'aqui
sen meu mandad'e non me quis veer,
e ora manda-vos preito trager
que vos veja, por tal que veja mi;
se el vir vós, nen mi per meu grado,
San Salvador mi seja irado.

E sei ben que non é tan ousado
que vos el veja sen vosso grado.

CCCCLV

Ai meu amigo, coita a
vivo, por que vos non vejo
e, pois vos tanto desejo,
en grave dia foi nada,
se vos cedo, meu amigo,
non faço prazer e digo.

Pois que o cendal vençi
de parecer en Valongo,
se m'ora de vós alongo,
en grave dia naci,
se vos cedo, meu amigo,
non faço prazer e digo.

Por quantas vezes pesar
vos fiz, de[s] que vos amei,
algũa vez vos farei
prazer e Deus non m'ampar,
se vos cedo meu amigo
non faço prazer e digo.

Idem, Ibidem, n.ºs 847 e 1242.

CCCCLVI

Por Deus que vos non pês,
mia madr'e mia senhor,

d'ir a Sam Salvador,
ca, se oj'i van tres
fremosas, eu serei
a ũa, ben o sei.

Por fazer oraçon,
quer'oj'eu alá ir,
e, por vos non mentir,
se oj'i duas son
fremosas, eu serei
a ũa, ben o sei.

I é meu amig', ai
madr', e i-lo-ei veer,
por lhi fazer prazer;
se oj'i ũa vai
fremosa, eu serei
a ũa, ben o sei.

Idem, Ibidem, n.ºs 848 e 1243.

CCCCLVII

Amigas, sejo cuidando
no meu amigo por que non
ven, e sal-m'este coraçon
e estes olhos chorando,
que me non pode guarir ren
de morte, se cedo non ven.

E ando maravilhada
por que tanto tarda, se é
viv'e sabe, per bõa fé,
ca viv'oj'eu tan coitada
que me non pode guarir ren
de morte, se cedo non ven.

Idem, Ibidem, n.ºs 849 e 1244.

CCCCLVIII

Fostes-vos vós, meu amigo, d'aqui
sen meu mandad'e nulha ren falar
mi non quisestes, mais oj'ao entrar,
se por mesura non fosse de mi,
se vos eu vira, non mi venha ben
nunca de Deus, nen donde m'oje ven.

Ca vos fostes sen meu mandad'e sei
que mi pesava mui de coraçon
e, meu amigo, Deus non mi perdon,
se por mesura non fosse que ei,
se vos eu vira, non mi venha ben
nunca de Deus, nen donde m'oje ven.

San Salvador sabe que assi é,
ca vos fostes mui sen o meu prazer,
e, quando m'oje veestes veer,
se por mesura non foss', a la fé,

se vos eu vira, non mi venha ben
nunca de Deus, nen donde m'oje ven.

Idem, Ibidem, n.ºs 850 e 1245.

CCCCLIX

Id'oj', ai meu amigo, led'a San Salvador;
eu vosco irei leda, e, pois eu vosco fôr,
mui leda irei, amigo,
e vós ledo comigo.

Pero sō[o] guardada, todavia quer'ir
con vosc', ai meu amigo, se mi-a guarda non vir;
mui leda irei, amigo,
e vós ledo comigo.

Pero sōo guardada, todavia irei
con vosc', ai meu amigo, se a guarda non ei;
mui leda irei, amigo,
e vós ledo comigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 851 e 1246.

CCCCLX

Pois vós, meu amigo, morar
queredes en casa del-rei,
fazed'al'o que vos direi,

se Nostro Senhor vos empar:
doede-vos vós do meu mal,
que por vós lev'e non por al.

Loro, jogar, *Ibidem*, n.^{os} 853 1248.

CCCCCLXI

Polo meu [mui gran] mal filhou el-rei
de mar a mar, assi Deus mi perdon,
ca levou sigo o meu coraçon
e quanto ben oj[e] eu no mund'ei;
se o el-rei sigo non levásse,
mui ben creó que migo ficasse.

O meu amigu'e meu lum'e meu ben
non s'ouver'assi de mi a partir,
mais ante se mi ouver'a espedir,
e veed'ora qual é o meu sen;
se o el-rei sigo non levasse,
mui ben creó que migo ficasse.

O meu amigo pois con elrei é,
a mia coita é qual pode seer,
semelha-mi a mi já par de morrer;
esto vos dig'ora per boa fé
se o el-rei sigo non levasse,
mui ben creó que migo ficasse.

Idem, Ibidem, n.^{os} 854 e 1249

CCCCCLXII

And'ora triste, fremosa,
por que se foi meu amigo
con sanha, ben vo-lo digo,
mais eu sôo aleivosa,
se s'ele foi polo seu ben,
ca sei que ma[l] lhi verrá en.

E ben vo-lo juro, madre,
pois que s'el foi noutro dia
sanhud'e non mi-o dizia,
non fui filha de meu padre,
se s'el[e] foi polo seu ben,
ca sei que ma[l] lhi verrá en.

Pois que m'eu d'el muito queixo
e fui por el mal ferida
de vós, mia madre velida,
non logr'eu este meu soqueixo,
se s'el[e] foi polo seu ben,
ca sei que ma[l] lhi verrá en.

Idem, Ibidem, n.º 855 e 1:50.

CCCCLXIII

Por que se foi meu amigo
sen o meu grad'alhur viver
e se foi sen o meu prazer,
já non falará comigo
nen hũa ren que el veja
de quanto de mi deseja.

Por que se foi a meu pesar
e se foi sen o meu prazer,
esto lhi cuid'eu a fazer,
ca sei que non pod'acabar
nen hũa ren que el veja
de quanto de mi deseja.

Idem, Ibidem, n.º 856 e 1251.

CCCCLXIV

— Filha, se gradoedes,
dizede que avedes.
— Non mi dan amores vagar.

Filha, se ben ajades,
dizede, non mençades.
— Non mi dan amores vagar.

— Dizede, pois vos mando,
 por que ides chorando.
 — Non mi dan amores vagar.

— Par San Leuter vos digo:
 cuidand'en meu amigo,
 — Non mi dan amor~~es~~ vagar.

Idem, Ibidem, n.ºs 857 e 1252.

CCCCCLXV

Por Deus vos rogo, madre, que mi digades
 que vos mereçi, que mi tanto guardades
 d'ir a San Leuter falar con me[u] amigo.

Fazede-mi ora quanto mal poderdes,
 ca non me guardaredes, pero quiserdes,
 d'ir a San Leuter falar con me[u] amigo.

Nunca vos fiz ren que non deves's'a fazer
 e guardades-me tanto que non ei poder
 d'ir a San Leuter falar con me[u] amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 858 e 1259.

CCCCCLXVI

Disseron-m'agora do meu namorado
 que se foi sanhud'e sen o meu mandado:
 e porque s'assanhou agora o meu amigo?

Sabe-o San Leuter, a que eu muito roguei,
que non mereci por que o sanhud'ei:
e porque s'assanhou agora o meu amigo?

Non lho mereçi eu nunca, pois foi nada,
madr', e fui un dia por el mal julgada:
e porque s'assanhou agora o meu amigo?

Idem, Ibidem, n.ºs 859 e 1254.

CCCCLXVII

Assanhou-se, madr', o que mi quer gran ben
contra mi endoad'e foi s'ora d'aquen
e, se soubess'eu, madre, ca mi sanhud'ia,
desassanha-lo-ia.

Sabe-o San Leuter, a que o eu roguei
que o non mereçi, pero o sanhud'ei,
e, se soubess'eu, madre, ca mi sanhud'ia,
desassanha-lo-ia.

Assanhou-s'e foi-se sen o meu prazer
e, quando mi-o disseron, non o quis creer,
e, se soubess'eu, madre, ca mi sanhud'ia,
desassanha-lo-ia.

Idem, Ibidem, n.ºs 860 e 1255.

CCCCLXVIII

O voss'amigo foi-s'oje d'aqui
mui triste, amig', assi mi venha ben,
porque non ousou vosco falar ren
e manda-vos esto roguar per mi:
 que perça já de vós med'e pavor
 e falará vosc', amiga, melhor.

O voss'amigo non pode perder
pavor, amiga, se por esto non:
perdõardes-lhi [vós] de coração,
e manda-vos el rogar e dizer
 que perça já de vós med'e pavor
 e falará vosc', amiga, melhor.

Quando s'el foi, chorou muito dos seus
olhos, amiga, se mi venha ben,
pôrque non ousou vosco falar ren
e manda-vos esto rogar por Deus:
 que perça já de vós med'e pavor
 e falará vosc', amiga, melhor.

Veja-se vosqu'e perderá pavor
que á de vós e est'é o melhor.

CCCCLXIX

Meu amigo sei ca se foi d'aqui
trist', amiga[s], por que m'ante non viu
e nunca mais depois el ar dormiu,
nen eu, amiga[s], des que o non vi,
nunca depois dormi, per bõa fé,
des que s'el foi, por que non sei que é

D'el, amigas, e agora serei
morta por que o non posso saber,
nen mi sab'oje nulh'ome dizer
o que d'el est e mais vos en direi:
nunca depois dormi, per bõa fé,
des que s'el foi, por que non sei que é

D'el, amigas, e and'ora por en
tan triste que me non sei conselhar,
nen mi sab'ome oje recado dar
se verrá ced'e mais vos direi en:
nunca depois dormi, per bõa fé,
des que s'el foi, por que non sei que é

D'el, amigas, e, se el coitad'é
por mi, e eu por el, per bõa fé.

CCCCCLXX

— Por Deus, amiga, que pode seer
de voss'amigo que morre d'amor
e de morrer á já mui gran sabor,
pois que non pode vosso ben aver?

— Non o averá, enquant'eu viver,
ca já lhi diss'eu que se partiss'en
e, se á coita, que a sofra ben.

— Tenh'eu, amiga, que prol non vos á
de voss'amigo já morrer assi,
ante tenho que o perdedes i,
se per ventura vosso ben non á.

— Par Deus, amiga, non o averá
ca já lhi diss'eu que se partiss'en
e, se á coita, que a sofra ben.

— Ben sodes desmesurada molher,
se voss'amor non pod'aver de pran
e ben sei que por mal vo-lo terran,
amiga, se vosso ben non ouver.

— Nunca o averá, se Deus quiser,
ca já lhi diss'eù que se partiss'en
e, se á coita, que a sofra ben.

— Par Deus, amiga, mui guisado ten
de sofrer coit'e quer morrer por en.

— Se morrer, moira, ca non dou eu ren
d'assi morrer, ante mi praz muit'en.

— Por' ess', amiga, venha mal a quen
vos amar, pois tal preito per yós ven.

Idem, Ibidem, n.ºs 813 e 1258.

CCCCCLXXI

Dizen do meu amigo ca mi fez pesar,
pero vëo-m'ora el, amigas, rogar:
ca mi queria tanto prazer fazer
quanto o querria de mi receber.

Disseron-m', ai amigas, ca mi buscou mal,
pero vëo-m'ora [el] jurar jura tal:
ca mi queria tanto prazer fazer
quanto o querria de mi receber.

Soub'el estas novas e vëo ante mi,
chorando, ai amigas, e jurou-m'assi:
ca mi queria tanto prazer fazer
quanto o querria de mi receber.

Idem, Ibidem, n.ºs 864 e 1259.

CCCCCLXXII

— Ir-vos queredes, amigo,
mais viide-vos mui cedo.

— Ai mia senhor, ei gram medo
de tardar, ben vo-lo digo,
ca nunca tan cedo verrei
que eu non cuide que tardei.

— Amigo, rogo-vos aqui
que mui cedo vos venhades.
— Senhor, por que me rogades?
ca sei ben que será assi:
ca nunca tan cedo verrei
que eu non cuide que tardei?

- - Amigo, vossa prol será,
pois vos ides, de non tardar.
— Senhor, que prol mi-á de jurar?
ca sei ben quanto mi averrá:
ca nunca tan cedo verrei
que eu non cuide que tardei.

E, senhor, sempre cuidarei
que tardo muit'e que farei:

— Meu amigo, eu vo-lo direi:
se' assi for, gracir-vo-lo-ei.

LOURENÇO, jogar *Ibidem*, n.ºs 865 e 1260.

CCCCLXXIII

Ūa moça namorada
dizia un cantar d'amor,

e diss'ela: « Nostro Senhor,
o'eu foss'aventurada
que oíss'o meu amigo
com'eu este cantar digo ».

A moça ben parecia
e en sa voz manselinha
cantou e diss'a meninha:
« Prouguess'a Santa Maria
que oíss'o meu amigo
com'eu este cantar digo ».

Cantava mui de coração
e mui fremosa estava
e disse, quando cantava:
« Peç'eu a Deus por pediçon
que oíss'o meu amigo
com'eu este cantar digo ».

Idem, Ibidem, n.ºs 866 e 1261.

CCCCLXXIV

Tres moças cantavam d'amor,
mui fremosinhas pastores,
mui coitadas dos amores
e diss'end'ũa, mia senhor:
« dized', amigas, comigo
o cantar do meu amigo ».

Todas tres cantavan mui ben,
come moças namoradas
e dos amores coitadas,
e diss'a por que perç'o sen:
«dized', amigas comigo
o cantar do meu amigo».

Que gram sabor eu avia
de as oír cantar enton,
e prougue-mi de coraçon
quanto mia senhor dizia:
«dized', amigas comigo
o cantar do meu amigo».

E, se as eu mais oisse,
a que gran sabor estava
e que muito me pagava
de como mia senhor disse:
«dized', amigas, comigo
o cantar do meu amigo».

Idem, Ibidem, n.º 867 e 1232.

CCCCLXXV

Assaz é meu amigo trobador,
ca nunca s'ome defendeu melhor
[de] quanto[s] se torna[n or'] en trobar
do que s'el defende por meu amor
dos [muitos] que van con el entençar.

Pero o muitos veen cometer,
tan ben se sab'a todos defender,
en seu [bõo] trabar, per bõa fé
que [o] nunca o[s] trovadores vencer
poderon, tan [bon] trovador [el] é.

Muitos cantares á feitos por mi,
mais o que lh'eu sempre mais gradeçi
[foi] de como se [mui] ben defendeu
nas entenções que eu d'el oi,
[en que] sempre por meu amor venceu.

E aquesto non [o] sei eu per mi,
se non por que o diz quenquer assi
que o en trovar [muito] cometeu.

Idem, Ibidem, n.ºs 868 e 1263.

CCCCCLXXVI

Amiga, des que meu amigo vi,
el por mi morr'e eu ando des i
namorada.

Des que o vi, primeiro lhi falei,
el por mi morre e eu d'el fiquei
namorada.

Des que nos vimos, assi nos aven:
el por mi morr'e eu ando por en
namorada.

Des que nos vimos, vede-lo que faz:
el por mi morr'e eu and[o] assaz
namorada.

Idem, Ibidem, n.ºs 869 e 1264,

CCCCLXXVII

Já'gora meu amigo filharia
de mi o que el tiinha por pouco,
de falar migo, ca tant'era louco
contra mi que ainda mais querria,
e já filharia, se m'eu quisesse,
de falar migu', e nunca lh'al fezesse.

Tan muito mi dizem que é coitado
por mi, des quando non falou comigo,
que non dorme, nen á [o] sen consigo,
nen sabe de si parte, nen mandado:
e já filharia, se m'eu quisesse,
de falar migu'e, nunca lh'al fezesse.

Ca est'é l'ome que mais demandava
e non ar quis que comigo falasse
e ora jura que já se quitasse

da gran sandiç'en que m'ante falava
e já filharia, se m'eu quisesse,
de falar migu', e nunca lh'al fezesse.

E jura ben que nunca mi dissesse
de lh'eu fazer ren que mal m'estevesse.

En tal que comigo falar podesse,
já non á preito que mi non fezesse.

Idem, Ibidem, n.ºs 870 e 1265.

CCCCLXXVIII

Amiga[s], quero-m'ora cosecer
se ando mais leda por ũa ren,
por que dizen que meu amigo ven,
mais a quen me vir querrei parecer
triste, quando souber que el verrá,
mais meu coraçõ mui ledo seerá.

Querrei andar triste, por lhi mostrar
ca mi non praz, assi Deus mi perdon,
pero al mi tenho eu no coraçõ,
ma[i]s a quen me vir querrei semelhar
triste, quando souber que el verrá,
mais meu coraçõ mui ledo seerá.

Pero, amigas, sempre receei
d'andar triste, quand'o gram prazer vir,

mais ei-o de fazer, por m'encobrir,
 e á força de mi parecerei
 triste, quando souber que el verrá,
 mais meu coração mui ledo será.

Idem, Ibidem, n.ºs 871 e 1265.

CCCCLXXIX

Mal faç'eu, velida, que ora non vou
 veer meu amigo, pois que me mandou
 que foss'[o] eu con el ena sagraçon
 fazer oraçon
 a San Creeçon;
 d'ir ei coração
 a San Creeçon.

E non me devedes, mia madr', a guardar
 ca, se lá non fôr, morrerai con pesar,
 ca, u s'el ia, disse-m'esta rason:
 fazer oraçon
 a San Creeçon;
 d'ir ei coração
 a San Creeçon.

GOLPARRO, Idem, n.ºs 872 e 1266.

CCCCLXXX

En San Mamed'u sabedes
 que viste-lo meu amigo

oj'ouver'a seer migo;
mia madre, fé que deveades,
leixedes-mi-o ir veer.

O que vistes esse dia
andar por mi mui coitado
chegou-m'ora seu mandado;
madre, por Santa Maria
leixedes-mi-o ir veer.

Pois el foi d'atal ventura
que sofreu tan muito mal
por mi e ren non lhi val,
mia madre, e por mesura
leixedes-mi-o ir veer.

Eu serei por el coitada,
pois el é por mi coitado;
se de Deus ajades grado,
madre ben aventurada,
leixedes-mi-o ir veer.

JOAN DE CANGAS, *Ibidem*, n.º 873 1267.

CCCCLXXXI

Fui eu, madr', a San Mamed'u me cuidei
que veess'o meu amigu'e non foi i;
por mui fremosa que triste m'en parti

e dix'eu como vos agora direi:
pois [meu amigu'] i non ven, sei ũa ren:
por mi se perdeu, que nunca lhi fiz ben.

Quand'eu a San Mamede fui e non vi
meu amigo con que quisera falar,
a mui gram sabor, nas ribeiras do mar,
sospirei no coraçon e dix'assi:
pois [meu amigu'] i non ven, sei ũa ren:
por mi se perdeu, que nunca lhi fiz ben.

Depois que fiz na ermida oraçon
e non vi o que mi queria gram ben,
con gram pesar filhou-xi-me gram tristen
e dix[i] eu log'assi esta razon:
pois [meu amigu'] i non ven, sei ũa ren:
por mi se perdeu, que nunca lhi fiz ben.

Idem, Ibidem, n.ºs 874 e 1268.

CCCCCLXXXII

Amigo, se mi gram ben queredes,
id'a San Mamed'e veer-m' edes:
oje non mi mençades, amigo.

Pois mi aqui ren non podedes dizer,
id'u ajades comigo lezer:
oje non mi mençades, amigo.

Serei vosqu'en San Mamede do Mar,
na ermida, se mi-o Deus aguisar:
oje non mi mençades, amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 875 e 1269.

CCCCCLXXXIII

Como vivo coitada, madre, por meu amigo,
ca m'enviou mandado que se vai no ferido:
e por el vivo coitada!

Como vivo coitada, madre, por meu amado,
ca m'enviou mandado que se vai no fossado:
e por el vivo coitada!

Ca m'enviou mandado que se vai no ferido,
eu a Santa Cecilia de coraçon o digo.
e por el vivo coitada!

Ca m'enviou mandado que se vai no fossado,
eu a Santa Cecilia de coraçon o falo:
e por el vivo coitada!

MARTIN DE GINZO, n.ºs 876 e 1270.

CCCCCLXXXIV

Se vos prouguer, madr', oj'este dia
irei oj'eu fazer oraçon
e chorar muit'en Santa Cecilia

d'estes meus olhos e de coração,
ca moir'eu, madre, por meu amigo
e el morre por falar comigo.

Se vos prouguer, madre, d'esta guisa
irei alá mias candeas queimar,
eno meu mant'e na mia camisa,
a Santa Cecilia, ant'o seu altar,
ca moir'eu, madre, por meu amigo
e el morre por falar comigo.

Se me leixardes, mia madr', alá ir
direi-vos ora o que vos farei:
punharei sempre já de vos servir
e d'esta ida mui leda verrei,
ca moir'eu, madre, por meu amigo
e el morre por falar comigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 887 e 1271.

CCCCCLXXXV

Treides, ai mia madr', en romaria
orar u chamam Santa Cecilia:
e, louçana irei,
ca já i est'o que namorei,
e, louçana, irei.

E treides migo, madre, de grado,
ca meu amigu'é por mi coitado:

e, louçana, irei,
ca já i est'o que namorei,
e, louçana, irei.

Orar u chaman Santa Cecilia,
pois m'aduss'o que [eu] ben queria:
e, louçana, irei,
ca já i est'o que namorei,
e, louçana, irei.

Ca meu amigu'é por mi-coitado,
e, pois, eu non farei seu mandado?
e, louçana, irei,
ca já i est'o que namorei,
e, louçana, irei.

Idem, Ibidem, n.ºs 878 e 1272.

CCCCLXXXVI

Non poss'eu, madre, ir a Santa Cecilia
ca me guardades a noit'e o dia
do meu amigo.

Non poss'eu, madr', aver gasalhado,
ca me non leixades fazer mandado
do meu amigo

Ca me guardades a noit'e o dia;
morrer-vos ei con aquesta perfia
por meu amigo.

Ca me non leixades fazer mandado;
morrer-vos ei con aqueste cuidado
por meu amigo.

Morrer-vos ei con aquesta perfia,
e, se me leixassedes ir, guarria
con meu amigo.

Morrer-vos ei con aqueste cuidado,
e, se quiserdes, irei mui de grado
con meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 879 e 1273.

CCCCCLXXXVII

Ai vertudes de Santa Cecilia,
que sanhudo que se foi un dia
o meu amigu'e ten-se por morto
e, se s'assanha, non faz i torto
o meu amigu'e ten-se por morto.

Ai vertudes de santa ermida,
con gran pesar fez aquesta ida
o meu amigu'e ten-se por morto
e, se s'assanha, non faz i torto
o meu amigu'e ten-se por morto.

Idem, Ibidem, n.ºs 880 e 1274.

CCCCLXXXVIII

Non mi digades, madre, mal, [s]e irei
vee-lo sen verdade que namorei
na ermida do soveral
u m'el fez muitas vezes coitad'estar,
na ermida do soveral.

Non mi digades, madre, mal, se eu fôr
vee-lo sen verdad'e o mentidor
na ermida do soveral,
u m'el fez muitas vezes coitad'estar,
na ermida do soveral.

Se el non ven i, madre, sei que farei:
el será sen verdad'e eu morrerei
na ermida do soveral
u m'el fez muitas vezes coitad'estar
na ermida do soveral.

Rogu'eu Santa Cecilia e Nostro Senhor
que ach'oj'eu i, madr', o meu traedor
na ermida do soveral
u m'el fez muitas vezes coitad'estar
na ermida do soveral

CCCCCLXXXIX

Nunc'eu vi melhor ermida, nen mais santa :
o que se de mi enfinge e mi canta
disseron-mi que a sa coita sempr'avanta :
por mi Deus [dê] a vós grado ;
e dizen-mi qu'é coitado
por mi o [meu] perjurado

Idem, Ibidem, n.ºs 882 e 1276.

CCCCXC

A do mui bon parecer
mandou lo adufe tanger :
louçana, d'amores moir'eu.

A do mui bom semelhar
mandou lo adufe sôar :
louçana, d'amores moir'eu.

Mandou lo adufe tanger
e non lhi davan lezer ;
louçana, d'amores moir'eu.

Mandou lo adufe sôar
[e] non lhi davan vagar
louçana, d'amores moir'eu

Idem, Ibidem, n.ºs 883 e 1277.

CCCCXCI

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
e ai Deus, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
e ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
e ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amado
por que ei gram cuidado!
e ai Deus, se verrá cedo!

MARTIN CODAX II.^{os} 884 e 1278.

CCCCXCII

Mandad' ei comigo,
ca ven men amigo:
e irei, madr', a Vigo.

Comigu'ei mandado,
ca ven meu amado:
e irei, madr', a Vigo.

Ca ven meu amigo
e ven san'e vivo:
e irei, madr', a Vigo.

Ca ven meu amado
e ven viv'e e sano:
e irei, madr', a Vigo.

Ca ven san'e vivo
e d'el-rei, amigo:
e irei, madr', a Vigo.

Ca ven viv'e sano
e d'el-rei privado:
e irei, madr', a Vigo.

Idem, Ibidem n.ºs 885 e 1279.

CCCCXCIII

Mia irmãa fremosa, treides comigo
a la igreja de Vig', u é o mār salido,
e miraremo-las ondas.

Mia irmãa fremosa, treides de grado
a la igreja de Vig', u é o mar levado,
e miraremo-las ondas.

A la igreja de Vig', u é o mar salido,
e verrá i, mia madre, o meu amigo
e miraremo-las ondas.

A la igreja de Vig', u é o mar levado,
e verrá i, mia madre, o meu amado
e miraremo-las ondas

Idem, Ibidem, n.ºs 885 e 1280.

CCCCXCIV

Ai Deus, se sab' ora meu amigo
com'eu senlheira estou en Vigo
e vou amorada.

Ai Deus, se sab' ora meu amado
com'eu en Vigo senlheira manho
e vou namorada.

Com'eu senlheira estou em Vigo
e nulhas guardas non ei comigo
e vou namorada.

Com'eu en Vigo senlheira manho
e nulhas guardas migo non trago
e vou namorada.

E nulhas guardas non ei comigo,
ergas meus olhos que choran migo
e vou namorada.

E nulhas guardas migo non trago,
ergas meus olhos que choran ambos
e vou namorada.

Idem, Ibidem, n.ºs 887 e 1281.

CCCCXCV

Quantas sabedes amar amigo
treides comig'a lo mar de Vigo
e banhar-nos emos nas ondas.

Quantas sabedes amar amado
treides comig'a lo mar levado
e banhar-nos emos nas ondas.

Treides comig'a lo mar de Vigo
e veeremo-lo meu amigo
e banhar-nos emos nas ondas.

Treides comig'a lo mar levado
e veeremo-lo meu amado
e banhar-nos emos nas ondas.

Idem, Ibidem, n.ºs 888 e 1282.

CCCCXCVI

Eno sagrado, en Vigo,
bailava corpo velido:
amor ei!

En Vigo, [e]no sagrado,
bailava corpo delgado:
amor ei!

Bailava corpo velido,
que nunca ouver'amigo:
amor ei!

Bailava corpo delgado,
que nunca ouver'amado:
amor ei!

Que nunca ouver'amigo,
ergas no sagrad', en Vigo:
amor ei!

Que nunca ouver'amado,
ergu'en Vigo, no sagrado:
amor ei!

CCCCXCVII

Ai ondas que eu vin veer,
se me saberedes dizer
por que tarda meu amigo
sen mi!

Ai ondas que eu vin mirar,
se me saberedes contar
por que tarda meu amigo
sen mi!

Idem, Ibidem, n.ºs 890 e 1284.

CCCCXCVIII

D'ir a Santa Maria do Lagu'ei gram sabor
e pero non irei alá, se ant'i non fôr,
irmãa, o meu amigo.

D'ir a Santa Maria do Lagu'é-mi gran ben,
e pero non irei alá, se ant'i non ven,
irmãa, o meu amigo.

Gram sabor averia [e]no meu coração
d'ir a Santa Maria, se i achass'enton,
irmãa, o meu amigo.

Já jurei noutro dia, quando m'ende parti,
que non foss'a l'ermida, se ante non foss'i,
irmãa, o meu amigo.

FERNAN DO LAGO, *Ibidem*, n.^{os} 893 e 1288.

CCCCXCIX

Fui eu, madr', en romaria
a Faro con meu amigo
e venho d'el namorada
por quanto falou comigo,
ca mi jurou que morria
por mi; tal ben mi queria!

Leda venho da ermida
e d'esta vez leda serei,
ca falei con meu amigo,
que sempre [muito] desejei,
ca mi jurou que morria
por mi; tal ben mi queria!

Du m'eu vi con meu amigo
vin leda, se Deus mi perdon,
ca nunca lhi cuid'a mentir,
por quanto m'el diss'enton,
ca mi jurou que morria
por mi, tal ben mi queria.

JOAN DE REQUEIXO, *Ibidem*, n.^{os} 894 e 1289.

D

A Far'un dia irei,
[eu, mia] madre, se vos prouguer,
rogar se veerei
meu amigo, que mi ben quer,
e direi-lh'eu enton
a coita do meu coraçon.

Muito per deseij'eu
que veesse meu amigo
que m'estas penas deu
e que falasse comigo
e direi-lh'eu enton
a coita do meu coraçon.

Se s'el nembrar quiser
como fiquei namorada
e se cedo veer
e o vir eu, ben talhada,
e direi-lh'eu enton
a coita do meu coraçon.

Idem, Ibidem, n.ºs 895 e 1290.

DI

Pois vós, filha, queredes mui gram ben
voss'amigo, mando-vo-l'ir veer,
pero fazedo por mi ũa ren

que aja sempre que vos agradecer:
non vos entendam per ren que seja,
que vos eu mand'ir u vos el veja.

Mando-vos eu ir a Far'un dia,
filha fremosa, fazer oraçon,
u fale vosco, como soia,
o voss'amigu'e, se Deus vos perdon,
non vos entendam per ren que seja
que vos mand'ir u vos el veja.

E, pois lhi vós [mui] grar ben queredes,
direi-vos, filha, como façades:
irei convosqu'e vee-lo edes,
mais, por quanto vós comig'andades,
non vos entendam per ren que seja
que vos mand'ir u vos el veja.

Idem, Ibidem, n.ºs 896 e 1291.

DII

Atender quer'eu mandado,
que m'enviou mèu amigo,
que verrá en romaria
a Far'e veer-s'á migo,
e por en tenh'eu que venha;
como quer que outren tenha,
non tem'eu d'el que non venha.

Atende-lo quer'eu, madre,
pois m'enviou seu mandado,
ca mi diss'o mandadeiro
que é por mi mui coitado,
e por en tenh'eu que venha;
como quer que outren tenha,
non tem'eu d'el que non venha.

Atende-lo quer'eu, madre,
pois m'el mandad[o] envia,
que se verria veer migo
en Far', en Santa Maria,
e por en tenh'eu que venha,
como quer que outren tenha,
non tem'eu d'el que non venha.

Que el log'a mi non venha
non tenh'eu per ren que seja,
nen que muito viver possa
en logar u me non veja,
e por en tenh'eu que venha;
como quer que outren tenha,
non tem'eu d'el que non venha.

Idem, Ibidem, n.ºs 897 e 1292.

DIII

Amiga, quen oj'ouvesse
mandado do meu amigo
e lhi ben dizer podesse
que veesse falar migo
ali u sempre queria
falar migu'e non podia.

Se de mi ouver mandado,
non sei ren que o detenha,
amiga, pelo seu grado,
que el mui cedo non venha
ali u sempre queria
falar migu'e non podia.

U foi mig' outra vegada
atende-lo-ei, velida,
fremosa e ben talhada,
en Faro, ena ermida,
ali u sempre queria
falar migu'e non podia.

Idem, Ibidem, n.ºs 898 e 1273.

DIV

O voss'amigo, assi Deus m'empár,
vi, amiga, de vós muito queixar,

das grandes coitas que lhe fostes dar,
des que vos el vira.

[P]olo seu mal vos filhou por senhor
e, amiga, sodes d'el pecador,
e diz que morte lhe foi voss'amor,
des que vos el vira,

Polo seu mal, e queixou-se m'ende,
ca el morr'e de vós nunc'atende
se non coitas que sofre por ende,
des que vos el vira.

FERNAND'ESQUIO, *Ibidem*, n.^{os} 899 e 1295.

DV

O voss'amigo trist'e sem razom
vi eu, amiga, mui pouco per ei,
e perguntei-o porquê e non sei
d'el se non tanto, que me diss'entom :
des que el vira ãa sa senhor
ir du el era, fora sofredor
de grandes coitas no seu coraçom.

Tan trist'estava que ben entender
pode quen quer que o vir que trist'é
e perguntei-o, mais, per bõa fé

non pud'eu d'el mais de tant'aprender :
des que el vira ãa que quer bem
ir du el era, por dereito tem,
tá que a vir, de non tomar prazer.

Da sa tristeza ouv'eu tal pesar
que foi a el e preguntei-[o] assi
en que coidava, mais non aprendi
d'el se non tanto que lh'oi falar :
des que el vira quen lhi coitas deu
ir du el era, no coraçon seu,
tá que a vir, ledo non pod'andar.

E enton pode perder seu pesar,
du que[n] el vira ir veer tornar.

Idem, Ibidem, n.ºs 901 e 1297.

DVI

Vaiamos, irmãa, vaiamos dormir
[en] nas ribas do lago, u eu andar vi
a las aves meu amigo.

Vaiamos, irmãa, vaiamos folgar
[en] nas ribas do lago, u eu vi andar
a las aves meu amigo.

En nas ribas do lago, u eu andar ir,
seu arco na mão as aves ferir,
a las aves meu amigo.

En nas ribas do lago, u eu vi andar,
seu arco na mão a las aves tirar,
a las aves meu amigo.

Seu arco na mão as aves ferir,
a las que cantavan deixa-las guarir,
a las aves meu amigo.

Seu arco na mão as aves tirar,
a las que cantavam non nas quer matar,
a las aves meu amigo.

Idem, Ibidem, n.ºs 902 e 1298.

DVII

— Que adubastes, amigo,
alá en Lug'u andastes
ou qual é essa fremosa
de que vós vos namorastes?
— Direi-vo-lo eu, senhora,
pois me tan ben preguntastes:
o amor que eu levei
de Santiago a Lugo
esse m'aduss'e esse mi-adugo.

— Que adubastes, amigo,
u tardastes noutro dia,
ou qual é essa fremosa
que vos tan ben pareçia?

— Direi-vo-lo [eu], senhora,
pois i tomastes perfia:
o amor que eu levei
de Santiago a Lugo
esse m'aduss'e esse mi-adugo.

— Que adubastes, amigo,
lá u avedes tardado
ou qual é essa fremosa
de que sodes namorado?
— Direi-vo-lo eu, senhora,
pois m'avedes preguntado,
o amor que eu levei
de Santiago a Lugo
esse m'aduss'e esse mi-adugo.

Idem, Ibidem, n.ºs 903 e 1299.

DVIII

Diz meu amigo que lhi faça ben
e digo-lh'eu sempre que lho farei
e que m'atenda e guisa-lho-ei,
e, amiga, direi-vos que mi avem:
tantas vezes o mandeï atender
que lho non posso mais vezes dizer.

FERNAN FIGUEIRA DE LEMOS, C. B., n.º 47
e C. A., n.º 331.

DIX

De-lo día, ai amiga,
que nós nos de vós partimos,
fui-se nosco voss'amigo
e, per quanto nós oímos,
amiga, e per quanto vimos,
— queredes que vo-lo diga? —
nunca tan leal amigo
d'amiga vistes, amiga.

U nos partimos chorando,
vós e nós chorando vosco,
e el, mui sen o seu grado,
ouve-s'enton d'ir con nosco,
mais, per quanto eu d'el conhosco,
sempre serei de seu bando
que, enquanto vós chorastes,
nunca el quedou chorando,

Come vós, des i chorava
[de] ora s'apartar soo
e catava-mi el os panos
que eu tragia con doo;
porque chorava? negão,
mais a min non o negava
e por esto sãõ certa,
amiga, que por vós chorava.

DX

Ai amiga, sempr'avedes sabor
de me rogardes por meu amigo
que lhi faça bem, e bem vos digo
que me pesa, mais já por voss'amor
farei-lh'eu bem, mais de pran non farei
quant'el quiser, pero bem lhi farei.

Vós me rogastes mui de coração
que lhe fizesse ben algũa vez,
ca me seria misura [e] bon prez,
e por vos[s]o rogo e por al non
farei-lh'eu bem, mais de pran non farei
quant'el quiser, pero bem lhi farei.

Rogastes-mi, amiga, per bõa fé,
que lhi fizesse todavia ben
por vós, e, pois vós queredes, convem
que o faça, mais, pois que assi é,
farei-lh'eu bem, mais de pran non farei
quant'el quiser, pero bem lhi farei.

PERO MAFALDO, C. B., n.º 373, ou C. A., n.º 434.

DXI

O meu amig', amiga, que me gram ben fazia,
fez-me preit'e menage que ante me veria

que se fosse, e vai-s'ora de carreira sa via
e sempre mi assi ment'e non á de mi vergonha;
non me viu mais d'un dia e vai-s'a Catalonha.

Nunca vistes, amiga, quen tal amigo visse,
ca me jurou que nunca se já de mi partisse
e mais foron de cento mentiras que m'el disse
e sempre mi assi ment'e non á de mi vergonha;
non me viu mais d'un dia e vai-s'a Catalonha.

Non sabedes, amiga, como m'ouve jurado
que nunca se partisse de mi sen meu mandado,
e mentiu-me cen vezes e mais o perjurado
e sempre mi assi ment'e non á de mi vergonha;
non me viu mais d'un dia e vai-s'a Catalonha.

Idem, n.º 383, C. B., ou 444, C. A.

DXII

Ai eu coitada!
Como vivo en gram cuidado
por meu amigo
que ei alongado!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ai eu coitada!
Como vivo en gram desejo
por meu amigo

que tarda e non vejo!

Muito me tarda

o meu amigo na Guarda!

El-rei D. SANCHO I, C. B., n.º 456.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS AUTORES

Afonso Eanes do Coton. .	CCXXXII a CCXXXIV
Afonso Lopez de Baiam (D.)	CLXXII a CLXXV
Afonso Meendez de Bees- teiros (D.)	CLXIV e CLXV
Afonso Sanches (D.) . . .	CXCIX a CC
Airas Carpancho (ou Cor- pancho)	XC a XCVII
Airas Nunes de Santiago.	CCLVI a CCLIX
Airas Paez.	CCCXLI a CCCXLIII
Bernal de Bonaval	CCCLVI a CCCLXIII
Elrei D. Denis.	I a LV
Estevam Coelho	CLV e CLVI
Estevam Fernandez d'El- vas.	LVI a LIX
Estevam da Guarda. . . .	CXCVII
Estevam Reimondo. . . .	CXXV e CXXVI
Estevam Travanca	CLVII a CLX
Fernan Fernandez Cogo- minho (D.)	CXXXIV a CXXXVII
Fernan Figueira de Lemos	DVIII
Fernan Frojaz (ou Froian)	CCXVI a CCXIX
Fernan Gonçalvez de Sea- bra	CLXXI
Fernan do Lago.	CCCCXCIX

Fernan Rodriguez de Calheiros	LX a LXVII
Fernan Velho	CCXXVI
Fernando Esquio (ou Es- guio)	DIV a DVII
Galisteu Fernandez	CCCCLXVIII a CCCCLXXI
Garcia Soarez	CCXLVIII e CCXLIX
Golparro	CCCCLXXX
Gomez Garcia (D.)	CCLXIV
Gonçalo Eanes do Vi- nhal	CXXXVIII a CXLVI
Joam Airas de Santiago . .	CCLXXIX a CCCXXV
Joam d'Avoim (D.)	XCIX a CX
Joam Baveca	CCCCXXXV a CCCCXLVII
Joam de Cangas	CCCCLXXX a CCCCLXXXII
Joam Garcia	CCXLV e CCXLVI
Joam (Garcia) de Gui- lhade (D.)	CLXXVI a CXCVI
Joam Lopez d'Ulhoa (D.) .	CXXVII a CXXXIII
Joam Meendez de Britei- ros	CCLIII a CCLV
Joam Nunez Camanez . . .	LXXXV a LXXXIX
Joam de Requeixo	CCCCXCIX a DII
Joam Servando	CCCLXV a CCCLXXIX
Joam Soarez Coelho (D.) .	CXI a CXXIV
Joam Vaasquez de Tala- veira	CCI a CCVIII
Joam Zorro	CCCLXXX a CCCXC
Juão Bolseiro	CCCXCIV a CCCCVIII
Lopo	CCCCIX a CCCCXLVII
Lourenço	CCCCLXXII a CCCCLXXXIII
Martin de Caldas	CCCCXX a CCCCXXVI
Martin Campina	CCCCIX a CCCCX
Martin Codax	CCCCXCI a CCCCXCVII
Martin de Ginzo	CCCCLXXXIII a CCCXCX

Martin de Padrozelos . . .	CCCCLI a CCCCLIX
Meen Rodriguez Tenoiro .	CLI a CLIV
Meen Vaasquez dé Folhete	CCXV
Meendinho	CCLII
Nuno Fernandez Torneol.	LXXV a LXXXII
Nuno Perez (ou Fernandez).	CCCCXXVII a CCCCXIX
Nuno Perez Sandeu . . .	CCIX e CCXIV
Nuno Porco	CCCXLIX
Paio Calvo	CCCCXLIX e CCCCL
Paio de Cana	CCLXXII e CCLXXIII
Paio Gomez Charinho . .	CCXX a CCXXV
Paio Soares	LXXII a LXXIV
Pedro Amigo de Sevilha .	CCCXXX a CCCXL
Pedro Eanes Solaz . . .	CCXXXV a CCXXXVII
Pero d'Ambroa	CCCCLVIII
Pero d'Armea	CCCCXXXI a CCCCXXXIV
Pero de Dardia (ou Bardia)	CCCXLIV a CCCXLVIII
Pero Garcia Burgalês . .	LXXXIII e LXXXIV
Pero Gomez Barroso (D.).	CLXVI a CLXVIII
Pero Gonçalves Portocar-reiro.	CCLX a CCLXIII
Pero Mafaldo	DX e DXI
Pero Meogo	CCCCXI a CCCCXIX
Pero d'Ornelas	CXCVIII
Pero da Ponte	CCXXXVIII a CCXLIV
Pero de Veer	CCCLI a CCCLVI
Pero Viviaez	CLXIX e CLXX
Reimon Gonçalves . . .	CCXLVII
Rodrigo Eanes d'Alvarez .	CCCXXVI
Rodrigo Eanes Redondo .	DIX
Rodrigo Eanes de Vasconcelos	CLXI a CLXIII
Roi Fernandez	CCLXV a CCLXXI
Roi Martinz	CCCXXVII a CCCXXIX

Roi Martinz do Casal. . .	CCCXCI a CCCXCM
Roi Queimado	CXLVII a CL
Sancho I (El-rei D.). . . .	DXII
Sancho Sanchez.	CCLXXIV a CCLXXVIII
Vaasco Gil (D.).	XCVIII
Vaasco Perez Pardal. . .	CCXXVII a CCXXXI
Vaasco Praga de Sandin. .	LXVIII a LXXI
Vaasco Rodriguez de Cal- velo.	CCL e CCLI

ERRATAS E CORRECÇÕES

A pág. 5, verso 5.^o da 1.^a estrofe, ponha-se virgula entre *seed'e* *amigo*.

A pág. 7 e 8, versos 5 e 6 respectivamente, ponha-se virgula depois de *andar* e tire-se depois de *mandado*.

A pág. 10, verso 8, ponha-se ponto final depois de *podedes* e retire-se ponto e virgula em seguida a *fezestes*.

A pág. 13 anteponha-se virgula a *filha*, versos 10 e 12 da cantiga xiii.

A pág. 16 substitua-se por virgula o ponto de exclamação depois de *digo*, v. 8.

A pág. 28, substitua-se por ponto de exclamação a virgula que vem depois de *vir*, v. 7, da 1.^a estrofe da cantiga xxvii e ponha-se virgula em seguida a *por*, v. 3.^o da 3.^a estrofe.

A pág. 30, ponha-se virgula depois de *poss'*, *vejo* e *vivede*, versos 1.^o e 4.^o da 2.^a estrofe da cantiga xxix.

A pág. 31, verso 19, emende-se *assim* em *assi*.

A pág. 40, verso 2 da cantiga xxxix, leia-se: *se eu ousasse* e ponham-se pontos depois de *pesa[ria]* e *querria*, respectivamente finais das estrofes.

A pág. 42, corrija-se assim o v. 8: *bon grado, ca esto fará quen quer*.

A pág. 43 emende-se LXIII em XLIII.

A pág. 47, verso 9 da cantiga xlvii, leia-se *vós ata que ete*.

A pág. 52, linha 12, corrija-se *s'e* em *sé*.

A pág. 54, linha 3, corrija-se *vai-s'e* em *vai-se* [e].

A pág. 56, verso 2.º da cantiga LVII talvez seja preferível, ler...
ai madr', e tornad'e etc.

A pág. 59, elimine-se o D. que precede o nome do autor da cantiga LX.

A pág. 66, verso 5 da cantiga LXIX, leia-se *a mi*, em vez de *a ami*.

A pág. 69, ponha-se *ibidem* depois de *Pay Soares*.

A pág. 70, linha 2, corrija-se *veedes* em *vedes*.

A pág. 72, linha 8, corrija-se *banhanan* em *banhavan*.

A pág. 73, 2.º verso da cantiga LXXVII, ponha-se ponto e vírgula depois de *'qui*.

A pág. 78, ponha-se vírgula depois de *mais* na linha 5.

A pág. 79, versos 6, 12 e 18 da cant. LXXXV, corrija-se *iréi* em *iré i*, no verso 9, *diçede-mi ùa* em *diçede-m'ùa*, verso 14 *mort'a'i* em *mort'ái*, verso 15, *pois [alá] vou* em *pois eu vou [i]*.

A cantiga xc, a pág. 82, corrija-se d'este modo

Chegades, amiga, du é meu amigo
e con el falastes, mais eu ben vos digo
que falarei vosco tod'aqueste dia,
pois falastes con quen eu falar quera.

Du é meu amigo ben sei que chegades
e con el falastes, mais per min creades
que falarei vosco tod'aqueste dia,
pois falastes con quen eu falar quera.

Gran ben m'é con vós, pois muit'eí que vos diga;
pois con el falastes, creades, amiga
que falarei vosco tod'aqueste dia,
pois falastes con quen eu falar quera.

A pág. 85, façam-se as seguintes alterações na cantiga xciii:

ERRATAS E CORRECÇÕES 467

ponha-se ponto de interjeição em seguida a *sei*, *enton* e *valer* (versos 4, 10 e 16) e substitua-se por *quen* o *que* dos versos 7 e 13.

A pág. 88, linha 16, substitua-se o n.º 261 por 264 e logo a seguir cxvii por xcvi.

A pág. 95 deve corrigir-se *saberedes*, v. 3 da 1.ª estrofe, da Cantiga civ, em *sabedes*, ou antes suprimir a conj. e que procede; em *partides* o *parti[r]*des do v. 4 e em *Deus* (v. 15) a grafia *Deos*.

A pág. 102, versos 14 pôr aspas antes de *Deus*.

A pág. 105 v. 8 da Cantiga cxiv corrija-se em *mi-o* o *mi* o do texto.

A pág. 106 ponham-se pontos finais nos versos 15 e 17 da cantiga cxv.

A pág. 108, v. 4 da cantiga cxviii corrija-se *migo* em *amigo*.

A pág. 110 e 333, respectivamente verso 8 da cantiga cxx, e linha 21, corrija-se *meu* em *m'eu*. No verso 17 da mesma ponha-se ponto final.

A pág. 111, v. 6 e 7 da cantiga, cxxi emendem-se *leva-de-me* e *filhe* em *levade-me* e *filhe*.

A pág. 121, linha 6, ponha-se ponto e virgula depois de *mata*.

A pág. 122, v. 14, da cantiga cxxxiv, elimine-se [eu], que foi acrescentado indevidamente, e no v. 16 emende-se *en* em *eu*.

A pág. 126, cantiga cxxxix, ponha-se virgula depois de *quer*, verso 4, e corrija-se assim o 11: *que lhis eu non fale en al pera oir*.

A pág. 127, linha 11, leia-se n.ºs 308 etc.

A pág. 128, l. 2 emende-se *membrou* em *nembrou* e leia-se *ouvi* na l. 4.

A pág. 129, linha 11, corrija-se *leix'a* a em *leix'a*.

A pág. 133, v. 20 leia-se *Anrris* em vez de *Anriqu'*

A pág. 139, versos 5 e 11 corrija-se em *vos* o *vo-lo* do texto e em *direi* o *dizei* do verso 12.

A pág. 145, v. 1 da cantiga clx, corrija-se *fazer* em *fexer*.

A pág. 146, linha 5, tire-se a vírgula que vem depois de [eu] e no verso 7 da cantiga CLXI leia-se *soia*.

A pág. 148, linha 1, corrija-se *moir[o]* em *[el] morr'*.

A pág. 150, leia-se assim o v. 15 da cantiga CLXV *per que el dev'a guarecer* e corrija-se em *poi-lo o poi-lo* do imediato.

A pág. 157, cantiga CLXXIV, ponha-se vírgula em seguida a *ora-çon*, no verso 2.

A pág. 165, verso 15 da cantiga CLXXXIII, corrija-se *m'o[o]uvira* em *m'ouvira*.

A pág. 170, v. 8 da cantiga CLXXXIX, omita-se a vírgula que vem depois de *fis*.

A pág. 174, cantiga CXCI, verso 7, leia-se *oi*.

A pág. 176, cantiga CXCV, verso 11, leia-se *sêrvia*.

A pág. 182, v. 9 da cantiga CCII corrija-se *assaanhar* em *as-sanhar*.

A pág. 186, linha 8, entendo que se deve substituir o *negar* dos apógrafos por *uêgar*, isto é, *vengar*.

A pág. 188, ajunte-se a 794 o n.º 1212.

A pág. 193, verso 7, corrija-se o *e* em *o*.

A pág. 197, verso 2, ponha-se vírgula depois de *cuidando* e no verso 2 da cantiga seguinte emende-se *mandad'* em *mandado*.

A pág. 199, linha 21 corrija-se *Gomes* em *Gomeç*.

A pág. 201, linha 5.ª emende-se *quer* para *quer'*.

A pág. 203, linha 3, ponha-se vírgula depois de *amiga*.

A pág. 204, cantiga CCXXVII, ponha-se vírgula, a seguir ao refram, isto é, depois da palavra *mal*.

A pág. 205, cantiga CCXXVIII elimine-se [en], que se acrescentou sem necessidade.

A pág. 206, verso 2.º da cantiga CCXXIX troque-se o *a* em *o*.

ERRATAS E CORRECÇÕES 469

A pág. 207, cantiga CCXXX, versos 3 e 4, ponha-se virgula depois de *ren* e dois pontos em seguida a *prazer*.

A pág. 208, cantiga CCXXXI, ponha-se virgula depois de *amor*, no verso 9.

A pág. 211, por lapso, repetiu-se sob o n.º CCXXXIV, a cantiga que ficou atrás com o n.º LXXIV.

A pág. 224, linha 3 corrija-se *Nuno Anes* em *Nun' Eanes*.

A pág. 227, no verso 12, ponha-se virgula depois de *viu*; o mesmo, a pág. 231, no 3.º verso da cantiga CCLIV, em seguida a *eu*.

A pág. 233, n.º 1.º verso da cantiga CCLVI corrija-se *Oi* em *Oi, oi'r* em *oir* no verso 12, *l'* em *lo* no v. 24 e acrescente-se *clérigo* ao nome do trovador.

A pág. 235, verso 17 da cantiga CCLVIII, emende-se *so l[o]* em *sol*.

A pág. 237, cantiga CCLX, ponha-se virgula depois do 1.º verso e ponto e virgula, depois do 2.º.

A pág. 240, cantiga CCLXIV, corrija-se o 2.º verso do refram; após a 1.ª estrofe, como figura nas restantes e leia-se, no nome do trovador, *Valadolide* em vez de *Valadolid*.

A pág. 243, linha 10, corrija-se *lhe'eu* em *lhe'u* e linha 21 o n.º 156 em 516.

A pág. 245, v. 6 de cantiga CCLXIX, leia-se *vee-l'* e não *veel'*.

A pág. 255, linha 5, emende-se *queda* em *quedo*.

A pág. 257, v. 17 ponha-se traço entre *querendo e vos*.

A pág. 258, verso 7, passe-se a virgula que está depois de *veç* para trás de *moira*.

A pág. 262, verso 14 emende-se *con* em *non*.

A pág. 265, verso 1.º da cantiga CCXCI, corrija-se *á'* em *á* e ligue-se *vos* a *queixades* (isto é *queixades-vos*).

A pág. 275, verso 10, emende-se *oi* em *oi*.

A pág. 277, em vez de CCCI leia-se CCGIV.

A pág. 286, linha 9, corrija-se 206 em 220.

A pág. 290, linha 16, emende-se 104 em 1040.

A pág. 292, verso 2.º da cantiga CCCXIX, leia-se *mi-averrá*.

A pág. 293, verso 8, talvez seja preferível manter o *ata* do original.

A pág. 300, verso 18 da cantiga CCCXXVII, corrija-se *m'eu* em *meu*.

A pág. 301, verso 1.º da cantiga CCCXXVIII, leia-se *ũ ã*, isto é, *ũa ã*.

A pág. 304, ponham-se vírgulas depois de *eu* e *faledes*, versos 9 e 10, e corrija-se no verso a seguir *podesdes* em *poderdes*.

A pág. 310, verso 10 da cantiga CCCXXVII, leia-se *tolherân*.

A pág. 337, v. 2.º da cantiga CCCLXIX, ponha-se ponto e vírgula depois de *velida* e vírgula a seguir a *roguar*.

A pág. 339, cantiga CCCLXXII, versos 6 e 9, corrijam-se respectivamente, *veria* e *que o em ve[e]ria* e *que [eu] o*.

A pág. 354, cantiga CCCXCI, verso 11 emende-se bem em *boom* e troque-se por ponto a vírgula depois de *prazeria* (v. 12).

A pág. 356, linha 16, corrija-se *quisestes* em *quiseste*.

A pág. 357, verso 10, suprima-se *[a]*, que por descuido se acrescentou.

A pág. 362 ponha-se vírgula depois do *e*, 3.º verso da cant. CCCC; o mesmo se faça, depois de *mais* e *eu*, nos versos de 4 e 1 cant. CCCCXVII, depois de *mais* e *eu*, versos 4 e 1 das cantigas CCCCVI e CCCCXVII.

A pág. 373, o 1.º verso da cantiga CCCCXII deve ler-se assim: *Por mui fremosa que sanhuda estou*.

A pág. 376, versos 4 e 14, corrija-se *ama* em *amava*.

A pág. 380, deve omitir-se na cantiga CCCCXX a costumnda distinção entre a cantiga e o refram, pois do apografo não consta que, ela o tenha.

A pág. 383, v. 9 da cantiga CCCCXXIV, corrija-se *endeu* em *end'eu*

ERRATAS E CORRECÇÕES 471

A pág. 387, linha 3, suprima-se *idem*.

A pág. 397, linha 3, corrija-se *guarirei-o* em *guarrei-o* e no 1.º verso da cantiga seguinte *razon* em *saçon*.

A pág. 401, linha 7, leia-se *ṽido* e não *viido*.

A pág. 413, cantiga CCCCLV, verso 1 corrija-se *coila a* em *coitada*.

A pág. 416, cantiga CCCCLIX v. 6, emende-se *mi-a* em *mi a* e ponha-se entre colchetes o pronome *meu*, que vem no v. 10.

A pág. 425, verso 10 da cantiga CCCCLXXI, emende-se *chorando* em *chorand[o]* e no v. 2 da cantiga imediata *viide-vos* em *ṽide-vos*.

A pág. 426, linha 18, ponha-se ponto de interrogação depois de *farei*.

A pág. 428, linha 4, corrija-se, *perç' o* em *perço o*.

A pág. 429, emende-se na linha 3 *trabar* em *trobar*.

A pág. 435, v. 1 da Cantiga CCCCLXXXIV, ponha-se virgula depois de *día*.

Outras erratas de menos importância o leitor facilmente corrigirá.

THE [illegible] OF [illegible]

BY [illegible]

[illegible]

[illegible]

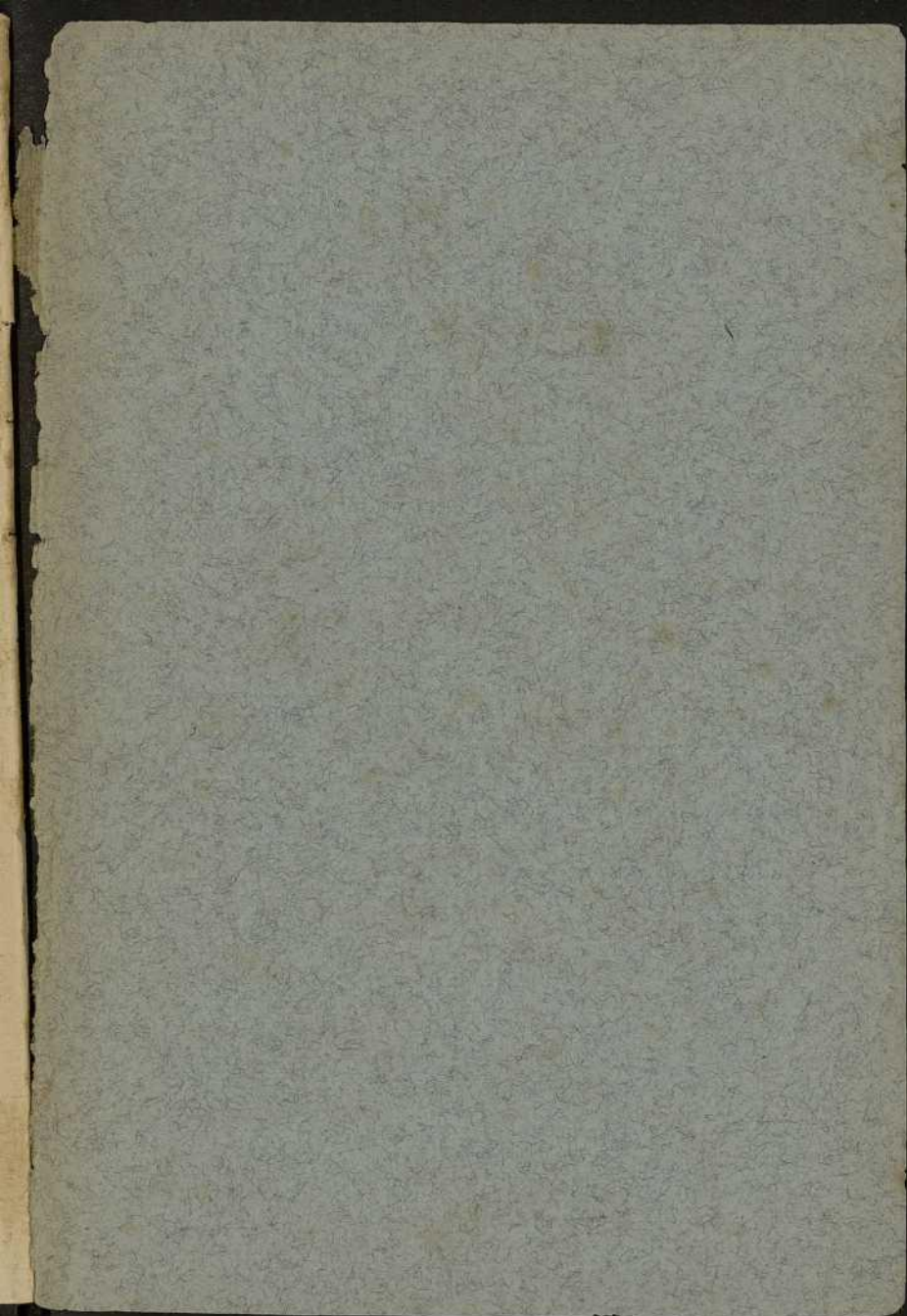
[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]



EDIÇÕES DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

(EXTRACTO DO CATÁLOGO)

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES

SÉRIE A)

Publicados:

BERNARDIM RIBEIRO e CRISTÓVÃO FALCÃO. — *Obras*. Conforme a ed. de Ferrara. Edição preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. 2 vols. Esgotado.

CANTIGAS D'AMIGO DOS TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES. — Ed. crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário, pelo Dr. José Joaquim Nunes. Vol. II (texto).

No prelo:

SILVIA DE LISARDO.

CANTIGAS D'AMIGO DOS TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES. — Ed. crítica, pelo Dr. José Joaquim Nunes. Vol. I e III.

Publicados:

SÉRIE C)

P. ANTÓNIO VIEIRA. — *CARTAS*. Coordenadas e anotadas pelo sr. J. Lúcio d'Azevedo. Tôm. I e II.

DISPERSOS, de Camilo Castelo Branco. Compilação e notas do Dr. Júlio Dias da Costa. Vols. I, II e III.

No prelo:

P. ANTÓNIO VIEIRA. — *CARTAS*. Coordenadas e anotadas pelo sr. J. Lúcio d'Azevedo. Tôm. III.

FR. HEITOR PINTO. — *Imagem da vida christã*. Rev. e pref. pelo Dr. Joaquim de Carvalho.

DISPERSOS, de Camilo Castelo Branco. Compilação e notas do Dr. Júlio Dias da Costa. Vol. IV.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS. — *Memorial das proezas da segunda Távola redonda*. Conforme a 1.^a ed. Rev. pelo Dr. Alberto Feio.

RODRIGUES LOBO. — *Élogas*. Rev. e anotada pelo Dr. José Tavares.

ELOI DE SA SOTO-MAIOR. — *Ribeiras do Mondego*. Conforme a 1.^a ed. Rev. pelo sr. Martinho da Fonseca.

Em preparação:

ALMEIDA GARRETT. — *Discursos parlamentares*.

RUY GONÇALVES. — *Dos privilégios e prerogativas que o genero feminino tem por direito comu e ordenações do reino mais que o genero masculino*.

BÁLTAZAR ESTAÇO. — *Sonetos, Canções e Élogas e outras Rimas*.

ESTEVAM RODRIGUES DE CASTRO. — *Rimas*.

JOSÉ JOAQUIM
NUNES

CANTIGAS
D'AMIGOS

DOS

TROVADORES
GALEGO-PORTUGUESES

VOL. II

(TEXTOS)

1926

49060

Biblioteca